

O Jardim Secreto

Frances Hodgson Brunett

CAPÍTULO 1.

NÃO SOBROU NINGUÉM

Quando Mary Lennox foi enviada para morar com seu tio na Mansão Misselthwaite,¹ todos disseram que era a criança com a aparência mais desagradável que já haviam conhecido. E o pior é que era verdade. Seu corpo e cabelos eram finos, e tinha uma expressão amarga no rosto. Ela toda tinha cor de palha porque havia nascido na Índia e estava sempre com alguma doença. Seu pai era funcionário do governo inglês, sempre ocupado e também doente, enquanto sua mãe, uma mulher belíssima, só se importava com grandes festas em companhia de pessoas joviais. Ela não queria uma menininha de jeito nenhum, e quando Mary nasceu, foi entregue aos cuidados de uma ama, instruída a manter a criança fora da vista o máximo possível, se quisesse agradar à sua Mem Sahib.² Assim, enquanto Mary era uma bebezinha doente, nervosa e feia, foi mantida afastada dos pais, e quando se tornou uma criancinha doente, nervosa e feia aprendendo a andar, continuou afastada. Suas únicas lembranças de infância eram os rostos morenos de sua ama e dos outros empregados nativos, e como sempre a obedeciam e a deixavam fazer o que bem quisesse — afinal, Mem Sahib ficaria irritada caso fosse perturbada com seu

choro —, quando fez seis anos já havia se tornado a pestinha mais mandona e egoísta que já se vira. A jovem tutora inglesa que veio ensiná-la a ler e a escrever a odiou tanto que desistiu do emprego em três meses, e quando outras tutoras vinham para ocupar seu lugar, cada uma ia embora mais rápido que a última. Por isso, se a própria Mary não tivesse decidido que realmente queria saber como é que se lia os livros, nunca teria aprendido a ler.

Numa manhã extremamente quente, quando já tinha quase nove anos, ela acordou sentindo-se muito indisposta, e ficou ainda mais indisposta quando viu que a empregada ao seu lado na cama não era a sua ama.

— Quem mandou você? — perguntou à desconhecida.
— Não quero você aqui. Vá chamar a minha ama.

A mulher ficou aterrorizada, mas se ateve a balbuciar que a ama não poderia vir. E quando Mary foi tomada por um acesso de raiva e a bateu e a chutou, a mulher ficou ainda mais aterrorizada, repetindo que não seria possível que a ama viesse atender Missie Sahib.

Havia algo de misterioso no ar daquela manhã. Nada estava sendo feito como de costume e vários dos empregados pareciam ter faltado — e mesmo aqueles que Mary encontrava pareciam fugir ou se apressar com seus rostos pálidos e assustados. Ninguém queria contar nada a ela e a ama não aparecia. Na verdade, se viu sozinha conforme a manhã foi passando e finalmente saiu para o jardim, para brincar debaixo de uma árvore perto da

varanda. Fingiu que fazia um canteiro de flores e espetou grandes brotos vermelhos de hibisco em montinhos de terra. Cada vez mais irritada, murmurava sozinha sobre o que pretendia falar e os nomes com que xingaria Saidie quando ela voltasse.

— Porca! Porca! Sua filha de uma porca! — repetia, porque chamar um nativo de porco é o pior insulto de todos.

Ela rangia os dentes repetindo essas palavras sem parar, quando ouviu sua mãe na varanda com outra pessoa. Estava acompanhada de um belo jovem e ficaram ali sussurrando com vozes estranhas. Mary conhecia o rapaz, que parecia um menino. Ela ouvira dizer que era um oficial muito jovem, recém-chegado da Inglaterra. A menina olhou para ele, mas olhava mais para sua mãe. Sempre fazia isso quando tinha a chance de vê-la, porque Mem Sahib — Mary costumava chamá-la assim mais do que de qualquer outro nome — era muito alta, magra e linda, e sempre vestia roupas encantadoras. Seus cabelos eram como seda desenrolada, tinha um narizinho delicado que parecia desdenhar das coisas e olhos grandes e iluminados. Todas as suas roupas eram finas e esvoaçantes, e Mary dizia que eram “enlaçadas”. Naquela manhã, mais do que em qualquer outra, suas roupas pareciam ainda mais cheias de laços, mas seus olhos não estavam nada sorridentes. Estavam saltados, arregalados e aterrorizados, e imploravam ao jovem oficial:

— Mas é muito ruim? Me diga! — Mary ouviu sua mãe dizer.

— Terrível — respondeu o jovem com a voz trêmula. — Terrível, sra. Lennox. Vocês deveriam ter ido para as colinas há duas semanas.

Mem Sahib apertou as mãos:

— Ah, eu sei que devíamos — exclamou. — Só fiquei para poder ir àquele jantar idiota. Que tola eu fui!

Naquele momento, um lamento alto vindo do alojamento dos empregados fez com que ela se agarrasse ao braço do jovem, e Mary se levantou, tremendo dos pés à cabeça. A lamentação ficava cada vez mais fora de controle:

— O que é isso? O que é isso? — perguntou a sra. Lennox, sobressaltada.

— Alguém morreu — respondeu o jovem oficial. — Você não sabia que os empregados já estavam contaminados?

— Eu não sabia! — gritou Mem Sahib. — Venha comigo! Venha! — disse, virando-se e correndo para a casa.

Depois disso, mais coisas assustadoras aconteceram e o clima misterioso daquela manhã foi explicado a Mary. Tratava-se de um surto de cólera do pior tipo e as pessoas morriam como moscas. A ama caíra de cama à noite e os lamentos vindos das cabanas dos empregados anunciavam a sua morte. Antes do dia seguinte, outros três empregados morreriam e outros fugiriam aterrorizados. O

pânico estava por todos os lados e havia cadáveres em todas as casas.

Durante a confusão e o completo espanto do segundo dia, Mary se escondeu em seu quarto e foi esquecida por todos. Ninguém pensou nela, ninguém a queria, e mais coisas estranhas aconteceram, para as quais ela não tinha explicação. Mary alternava entre chorar e dormir por horas a fio. Só sabia que as pessoas estavam doentes e ouvia sons misteriosos e assustadores. Em determinado momento, ela engatinhou até a sala de jantar, que estava vazia, embora com uma refeição pela metade sobre a mesa. As cadeiras estavam afastadas e os pratos pareciam ter sido empurrados para o centro da mesa, como se as pessoas tivessem fugido dali no meio da refeição. A criança comeu algumas frutas e biscoitos e, com sede, bebeu um copo de vinho quase cheio. Era um vinho doce e, sem que ela soubesse, muito forte. Em pouco tempo, sentiu-se muito zozna e voltou para o quarto, trancando-se outra vez, assustada com os gritos vindos das cabanas e pelo som de passos apressados. O vinho a deixou tão sonolenta que mal podia manter os olhos abertos. Deitou-se em sua cama e ficou alheia a tudo por um bom tempo.

Muitas coisas aconteceram durante as horas em que dormiu tão profundamente. Nem os lamentos e nem o som de coisas sendo carregadas para fora dos bangalôs a perturbaram.

Quando acordou, continuou deitada olhando para o teto. A casa estava em completo silêncio, nunca havia ficado assim antes. Não se ouvia mais nem as vozes, nem os passos, e Mary se perguntou se todos já haviam se curado da cólera, se o problema estava resolvido. Perguntou-se também quem tomaria conta dela agora que sua ama estava morta. Uma nova ama viria, que talvez soubesse algumas histórias novas. Mary já estava bem cansada das velhas. Ela não chorou pela morte de sua cuidadora. Não era uma criança carinhosa e toda aquela choradeira por causa da cólera a deixou com medo. Estava irritada porque ninguém parecia se lembrar que ela estava viva. Todos haviam ficado tão aterrorizados que se esqueceram da garotinha que não era querida por ninguém. Parece que, quando as pessoas pegam cólera, só pensam em si mesmas. Mas se agora todos já estavam curados, sem dúvida alguém se lembraria e viria ver como ela estava.

Mas ninguém veio e ela ficou deitada esperando enquanto a casa ficava mais e mais silenciosa. Ouviu algo rastejar sobre a colcha e, ao olhar para baixo, viu uma pequena cobra deslizando e olhando para ela com olhos de pedras preciosas. Não teve medo porque aquela coisinha parecia inofensiva, incapaz de feri-la. Parecia que estava apressada em sair do quarto, e passou por debaixo da porta sob o olhar da menina.

— Que silêncio esquisito — disse. — Parece que não tem mais ninguém no bangalô além de mim e da cobrinha.

Quase imediatamente ouviu passos do lado de fora e depois na varanda. Eram passos de homens, que entraram no bangalô e falavam baixo. Ninguém foi recebê-los ou falar com eles, e parecia que estavam abrindo as portas para olhar todos os quartos.

— Que tristeza! — Mary ouviu uma das vozes dizer.

— Uma mulher tão, tão bela! E acho que a criança também. Ouvi dizer que tinham uma filha, embora ninguém saiba dela.

Mary estava em pé no meio do quarto quando abriram a porta minutos depois. Era uma coisinha feia e malcuidada, sua testa estava franzida de fome e pela sensação de completo abandono. O primeiro homem a entrar era um grande oficial que ela já vira antes conversando com seu pai. Ele parecia cansado e confuso, mas quando a viu ficou tão surpreso que quase pulou para trás.

— Barney! — gritou. — Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Em um lugar como este! Misericórdia, quem será?

— Sou Mary Lennox — disse a menininha, se apurando.

Achou que era grosseria o homem chamar o bangalô de seu pai de “um lugar como este!”.

— Fiquei dormindo quando todos estavam com cólera e acabei de acordar. Por que ninguém veio aqui?

— É a criança que ninguém tinha visto! — exclamou o homem para seus amigos. — Ela ficou aqui, esquecida!

— Por que eu fui esquecida? — disse Mary, batendo o pé. — Por que ninguém tinha aparecido até agora?

O jovem, de nome Barney, olhou para ela com muita tristeza. Mary até achou tê-lo visto piscar os olhos, como quando alguém tenta segurar as lágrimas.

— Pobre pequenina — disse —, não sobrou ninguém.

Foi daquele modo estranho e repentino que Mary descobriu que não tinha mais nem pai nem mãe; que eles haviam morrido e sido levados durante a noite, e que os poucos empregados nativos que sobreviveram também haviam deixado a casa o mais rápido que puderam. Nenhum deles sequer se lembrou de que existia uma Missie Sahib. Por isso o lugar estava tão quieto. E era mesmo verdade que não havia ninguém mais no bangalô além dela e da cobrinha rastejante.

CAPÍTULO 2.

DONA MARY, SEMPRE IRRITADA

Mary gostava de olhar sua mãe de longe e a achava muito bonita, mas como sabia muito pouco sobre ela, mal podia pensar em amor ou em sentir muito a sua falta. Na verdade, não sentia nenhuma saudade e, por ser uma criança egoísta, todos os seus pensamentos eram somente para si, como sempre. Se fosse mais velha, sem dúvida estaria muito nervosa por estar sozinha no mundo, mas ainda era muito jovem. Sempre se arranjava sozinha e, por isso, achava que seria assim para sempre. Só o que se passava por sua cabeça é se agora seria encaminhada a pessoas gentis, que a tratariam bem e que a deixariam fazer o que bem entendesse, como sua ama e os outros empregados nativos.

Ela sabia que não ficaria por muito tempo na casa do padre inglês para onde a levaram. O padre era pobre e tinha cinco filhos, quase da mesma idade, que se vestiam com roupas puídas e viviam brigando e roubando brinquedos uns dos outros. Mary odiava aquele lugar desarrumado e era tão mal-educada com eles que, depois do primeiro ou segundo dia, ninguém mais queria brincar com ela. Já no segundo dia lhe deram um apelido que a deixou furiosa.

Foi Basil quem teve a ideia primeiro. Basil era um menininho de olhos azuis xeretas e nariz arrebitado. Mary o odiava. Ela estava brincando sozinha debaixo de uma árvore, exatamente como fazia quando ocorreu o surto de cólera. Fazia bolinhos de terra e desenhava no chão os caminhos de um jardim quando Basil chegou e parou perto dela. Ficou interessado na hora e já foi dando palpites:

— Por que você não faz uma pilha de pedras e coloca as flores entre elas? — sugeriu ele. — Assim, no meio... — e abaixou-se para explicar.

— Vá embora! — gritou Mary. — Não gosto de meninos. Suma!

Por um momento, Basil ficou furioso. Depois, passou a provocá-la. Ele sempre provocava suas irmãs. Começou a dançar em volta dela, fazendo caretas enquanto cantava e ria:

*Dona Mary, sempre tão irritada,
Em seu jardim não cresce nada,
Só flores-de-sino despetaladas
E flores-de-defunto enfileiradas.*

Cantou até que as outras crianças ouviram e riram junto. Quanto mais Mary se zangava, mais eles cantavam “Dona Mary, sempre tão irritada”. Pelo tempo em que Mary continuou com eles, era chamada de “Dona Mary, sempre tão irritada” quando falavam dela entre si e, às vezes, até quando falavam com ela.

— Vão te mandar pra casa neste final de semana — disse Basil. — A gente ficou bem feliz.

— Também fiquei feliz — respondeu Mary. — Onde fica essa tal casa?

— Ela não sabe onde fica a própria casa! — zombou Basil com seu sarcasmo de sete anos de idade. — Fica na Inglaterra, claro. Nossa avó mora lá e a Mabel, nossa irmã, foi morar com ela no ano passado. Mas você não vai ficar com a sua avó, nem avó você tem. Vai ficar com o seu tio. O nome dele é sr. Archibald Craven.

— Nunca ouvi falar — disparou Mary.

— Eu sei que não — respondeu Basil. — Você nunca sabe de nada mesmo. Meninas nunca sabem de nada. Ouvi meu pai e minha mãe falando dele. Ele mora em uma casa bonita, grande e longe, no interior, e ninguém chega perto dele. Ele é tão bravo que não deixa ninguém ir lá e, mesmo se deixasse, ninguém iria. Ele é corcunda e horroroso.

— Não acredito em você — disse Mary, dando as costas ao menino e metendo os dedos nas orelhas para não ouvir mais nada.

Mas depois Mary pensou muito naquilo. À noite, quando a sra. Crawford contou que dali a alguns dias ela pegaria um navio para a Inglaterra, para ficar na Mansão Misselthwaite com seu tio, o sr. Archibald Craven, a menina se esforçou tanto para parecer fria e desinteressada que deixou todos confusos. Tentaram ser gentis, mas ela virava o rosto quando a sra. Crawford

tentava beijá-la, e se encolhia toda quando o sr. Crawford fazia um carinho em seu ombro.

— Ela é uma criança tão sem graça — a sra. Crawford comentou mais tarde, consternada. — A mãe era uma mulher tão linda, tinha uma excelente educação. Mas Mary tem os modos mais repugnantes que já vi em uma criança. Os meninos a chamam de “Dona Mary, sempre irritada” e, embora seja errado da parte deles, até entendo a brincadeira.

— Talvez se a mãe tivesse levado sua beleza e sua educação com mais frequência ao quarto de Mary, a criança teria aprendido a ser uma pessoa melhor. É muito triste lembrar que muitas pessoas sequer sabiam que a mulher tinha uma filha.

— Acho que a mãe mal olhava para ela — suspirou a sra. Crawford. — Quando sua aia morreu, não sobrou ninguém para cuidar da coitadinha. Imagine os criados fugindo e abandonando a menina no bangalô deserto! O coronel McGrew contou que ficou completamente sem ação quando abriu a porta e a encontrou ali parada, no meio do quarto.

Mary fez uma longa viagem à Inglaterra, sob os cuidados da esposa do oficial, que levava os próprios filhos para um internato. A mulher dava muito mais atenção aos seu filho e filhinha, e estava mais que feliz em entregar Mary à criada que a encontraria em Londres a mando do sr. Archibald Craven. A criada se chamava sra. Medlock e era a

governanta na Mansão Misselthwaite. Tratava-se de uma mulher robusta, com bochechas bem vermelhas e olhos negros inquietos. Usava um vestido muito roxo, um xale de seda preto franjado e uma boina, também preta, com flores de veludo roxas que balançavam quando ela mexia a cabeça. Mary não gostou nem um pouco da governanta, mas, como quase nunca gostava de ninguém mesmo, não fazia muita diferença. E, além disso, estava bem claro que a opinião da sra. Medlock sobre ela também não era das melhores.

— Pelos céus, é mesmo uma coisinha ordinária! — espantou-se a governanta. — Parece que a filha não herdou muito da famosa beleza da mãe, não é mesmo, minha senhora?

— Talvez melhore com o tempo — disse a esposa do oficial em um tom otimista. — Se não fosse tão pálida e amuada, sua aparência já melhoraria bem. As crianças mudam rápido.

— Vai precisar mesmo mudar bastante — respondeu a sra. Medlock. — Mas, se quer saber, em Misselthwaite não existe muita coisa que melhore uma criança!

Ambas achavam que Mary, distante e olhando pela janela do hotel onde se hospedaram, não as podia ouvir. A menina observava os ônibus, os táxis e as pessoas, mas ouviu tudo muito bem e ficou curiosa sobre seu tio e o lugar em que moraria. Que tipo de lugar seria? Será que

iria gostar? Como era um corcunda? Ela nunca tinha visto um. Talvez não existissem corcundas na Índia.

Desde que fora morar na casa de outras pessoas e que ficara sem ama, Mary sentia-se sozinha. Pensamentos esquisitos e novos habitavam sua cabeça, e agora se perguntava por que nunca se sentira parte de nenhuma família, nem mesmo quando seus pais estavam vivos. As outras crianças pareciam ser queridas pelos pais, mas ela nunca se sentira a filhinha de ninguém. Tinha criados, comida e roupas, mas ninguém se importava muito com ela. Não sabia que a tratavam desse modo por ser tão rabugenta porque, claro, não percebia que era assim. Às vezes, ela achava isso de outras pessoas, mas nunca de si mesma.

Mary achou a sra. Medlock a pessoa mais rabugenta que já conhecera, com seu rosto sem graça, exageradamente corado e seu chapeuzinho ordinário. No dia seguinte, quando começaram a viagem até Yorkshire, a sra. Medlock caminhou pela estação até o vagão do trem com a cabeça empinada, tentando se manter o mais longe possível da menina, pois não queria dar a impressão que fosse sua filha. Ficaria furiosa só de imaginar alguém pensando isso.

A sra. Medlock não parecia nem de longe se preocupar com Mary ou com o que ela pensava. Era o tipo de mulher que “não admite criancices”. Pelo menos era isso o que ela diria se alguém perguntasse. Não queria ter ido para

Londres bem na época do casamento da filha de sua irmã Mary, mas tinha um bom salário como governanta na Mansão Misselthwaite, e o melhor jeito de mantê-lo era obedecer às ordens do sr. Archibald Craven sem questionar. Ela nunca ousou fazer sequer uma pergunta a ele.

— O capitão Lennox e sua esposa morreram de cólera — o sr. Craven anunciou com seu jeito frio e direto. — O capitão Lennox era irmão da minha esposa e eu sou o guardião de sua filha. A criança deve ser trazida para cá. Você deve ir pessoalmente até Londres e trazê-la.

E assim ela fez sua pequena mala e viajou até Londres.

Mary sentou-se no canto do vagão, com seu jeito sem graça e rabugento. Não tinha nada para ler, nem para olhar, e por isso ficou dobrando suas luvinhas finas no colo. Seu vestido preto a fazia parecer ainda mais amarelada e seu cabelo fino pendia por debaixo do chapéu preto de crepe.

“Nunca vi uma jovencinha mais encardida em toda a minha vida”, pensou a sra. Medlock.

(“Encardida” é uma palavra usada em Yorkshire para crianças mimadas e impertinentes.) Ela nunca conhecera uma criança que ficasse sentada sem fazer nada. Por fim, entediou-se de ficar só olhando e puxou conversa com sua voz áspera e aguda:

— Acho melhor contar a você alguma coisa sobre o lugar para onde estamos indo — disse. — Já sabe alguma coisa sobre o seu tio?

— Não — respondeu Mary.

— Nunca ouviu seu pai ou sua mãe falarem dele?

— Não — Mary franziu a testa.

Sua expressão era porque seus pais nunca haviam falado nada com ela. Eles nunca contavam nada a ela.

— Hunf — resmungou a sra. Medlock, encarando aquele rostinho esquisito e indiferente.

Ficou em silêncio por alguns momentos e começou novamente:

— Acho melhor já deixar você avisada. Você está indo para um lugar peculiar.

Mary continuou sem dizer nada e a sra. Medlock pareceu ainda mais frustrada com a aparente indiferença, mas, depois de respirar profundamente, continuou:

— É um lugar imponente, mas de um jeito triste, e o sr. Craven tem lá o seu orgulho por ele..., mas é realmente bem sombrio. A casa tem seiscentos anos e fica na beira de uma charneca. Tem quase cem cômodos, embora a maioria deles esteja fechado e trancado. E temos retratos e lindos móveis antigos e outras coisas que também estão por lá há séculos. Há também um grande gramado em volta e jardins e árvores com galhos que vão até o chão... algumas, pelo menos. — Fez uma pausa para respirar. — Mas é só isso — e parou de repente.

Mary ouvia mesmo sem querer. Tudo aquilo parecia muito diferente da Índia e qualquer coisa nova a deixava curiosa. Mas ela não queria parecer interessada. Esse era o seu jeito infeliz e rabugento. Por isso, continuou sentada e quieta.

— Bem — disse a sra. Medlock —, o que acha?

— Não acho nada — respondeu. — Não sei nada de lugares assim.

Aquilo fez com que a sra. Medlock soltasse uma espécie de risada:

— Eita! — disse ela. — Você parece uma velha. Você gosta de ser assim?

— Não faz diferença se eu gosto ou não — disse Mary.

— Você está é certa — disse a sra. Medlock. — Não faz diferença. Eu realmente não sei o motivo de você ir para a Mansão Misselthwaite, além de ser a solução mais óbvia. Ele não vai se preocupar com você, disso eu tenho certeza. Ele nunca se preocupa com ninguém, só com uma pessoa.

Parou de falar como se tivesse se lembrado de alguma coisa.

— Ele tem as costas curvadas — disse. — Foi isso que o deixou assim. Ele era um jovem amargurado, que não aproveitava nem sua fortuna, nem sua mansão, até se casar.

Os olhos de Mary se voltaram para a governanta, apesar de sua intenção em parecer que não se importava. Nunca imaginou que o corcunda tivesse se casado e ficou

um tanto impressionada. A sra. Medlock percebeu e, por ser uma mulher faladeira, continuou com interesse redobrado. Pelo menos, era um jeito de passar o tempo.

— Ela era uma menina bela e gentil, e ele cruzaria o mundo inteiro só para colher uma folha da planta que ela desejasse. Ninguém achou que ela se casaria com ele, mas casou. E as pessoas diziam que ela havia se casado por dinheiro. Mas não foi por isso... não, não foi por isso — disse ela categoricamente. — Quando ela morreu...

Mary deu um pulo sem nem perceber.

— Ah, ela morreu! — exclamou, também sem perceber.

E Mary lembrou-se de um conto de fadas que leu uma vez, chamado *Henrique, o topetudo*. Era sobre um corcunda e uma linda princesa, e isso imediatamente a fez ficar com dó do sr. Archibald Craven.

— Sim, morreu — continuou a sra. Medlock. — E então ele ficou ainda mais esquisito do que antes. Ele não liga mais para ninguém. Não quer ver ninguém. Viaja na maior parte do tempo e, quando está em Misselthwaite, fica trancado na ala oeste e não deixa ninguém além de Pitcher entrar. Pitcher é um velho amigo que cuidou dele quando criança e o conhece muito bem.

Aquilo se parecia com uma história de algum um livro e Mary se sentiu apreensiva. Uma casa ao lado de uma charneca — seja lá o que fosse uma charneca — cem quartos, quase todos fechados, as portas trancadas... era

tudo muito sinistro. Um homem com as costas curvadas que também vivia trancado! Ela olhou pela janela com os lábios apertados e pareceu muito natural que a chuva começasse a cair em cinzentas linhas diagonais, respingando e escorrendo pelos vidros da janela. Se a bela esposa ainda estivesse viva, talvez as coisas ficassem mais alegres, pois teria uma pessoa parecida com sua mãe, correndo para lá e para cá, indo às festas como ela fazia, usando tecidos “enlaçados”. Mas ela não estava mais lá.

— Não fique achando que vai se encontrar com ele porque há poucas chances disso acontecer — disse a sra. Medlock. — E não espere que as pessoas conversem com você. Vai ter de brincar e se virar sozinha. Vão te mostrar em quais quartos você pode entrar e de quais deverá se manter longe. Também temos muitos jardins. Mas quando você estiver em casa, não fique perambulando, nem xeretando. O sr. Craven não gosta nada disso.

— Talvez eu nem queira perambular e xeretar mesmo — disse a pequena e amargurada Mary. Ao mesmo tempo em que deixava de sentir pena do sr. Archibald Craven, não se sentia mais tão triste e nem achava que ele era asqueroso ao ponto de merecer tudo o que tinha lhe acontecido.

Então virou o rosto para os filetes de água que escorriam pelos vidros do vagão e contemplou a tempestade que parecia nunca mais acabar. Ficou olhando por tanto tempo sem desviar os olhos, que o cinza foi

ficando cada vez mais escuro à sua frente e ela caiu no sono.

CAPÍTULO 3.

PELA CHARNECA

Ela dormiu bastante e, quando acordou, a sra. Medlock já havia comprado uma refeição em uma das estações, com frango, carne desfiada, pão, manteiga e chá quente. Parecia que a chuva caíra ainda mais forte, pois todos na estação vestiam capas de chuva brilhantes e molhadas. O encarregado acendeu as luzes do vagão e a sra. Medlock se deliciou com o chá, o frango e a carne. Fez um belo lanche e, em seguida, foi sua vez de dormir. Mary ficou sentada observando sua boina escorregar para o lado até que acabou dormindo novamente, embalada pelos respingos da chuva. Já estava bem escuro quando acordou de novo. O trem havia parado na estação e a sra. Medlock a sacudia.

— Que sono pesado! — disse. — Hora de abrir os olhos! Chegamos na estação de Thwaite e ainda temos um bom caminho pela frente.

Mary ficou em pé e tentou manter os olhos abertos enquanto a sra. Medlock juntava as bagagens. A menina não ofereceu ajuda porque na Índia os criados sempre pegavam e carregavam as coisas, e ela achava normal esperar enquanto faziam isso.

Era uma estação pequena e parecia que ninguém além delas desceria do trem. O chefe da estação falou com a sra.

Medlock de um modo grosseiro, mas bem-humorado, pronunciando as palavras de maneira muito estranha, o que depois Mary descobriria ser o sotaque de Yorkshire.

— Tô veno que cê vortô — disse. — E que trôxe a minininha cocê.

— Sim, sinhô. É ela merma — respondeu a sra. Medlock com o mesmo sotaque e apontando para Mary com a cabeça. — Como que tá a patrôa?

— Tá boa. O carro tá esperano ocês lá fora.

Um brougham esperava na estrada em frente à pequena plataforma externa. Mary viu que tanto a carruagem como o carregador que a ajudou a subir eram bem elegantes. Sua longa capa de chuva e a cobertura à prova de água de seu chapéu estavam brilhantes e molhadas, assim como tudo ali, incluindo o corpulento chefe da estação.

O carregador colocou as malas ao lado do condutor, fechou a porta e a carruagem partiu. A menina se sentou em um canto confortável e estofado, mas não sentia mais sono. Ficou olhando pela janela, curiosa para ver alguma coisa na estrada que levava para o tal lugar melancólico que a sra. Medlock havia descrito. Ela não era uma criança medrosa e nem estava exatamente assustada, mas tinha o pressentimento de que era impossível saber o que aconteceria na tal casa de cem quartos (quase todos fechados)... uma casa que ficava na beira de uma charneca.

— O que é uma charneca? — perguntou, de repente, para a sra. Medlock.

— Fique olhando mais dez minutos pela janela e vai descobrir — respondeu a mulher. — São oito quilômetros pela charneca Missel até a mansão. Não dá para enxergar bem porque já é noite, mas dá para ver alguma coisa.

Mary não fez mais perguntas e esperou no seu canto escuro, sem tirar os olhos da janela. Os faróis da carruagem jogavam raios de luz um pouco adiante e ela via de relance as coisas que passavam. Depois de saírem da estação, passaram por um vilarejo onde ela viu chalés caiados e uma taberna iluminada. Depois, passaram por uma igreja e pela casa do padre, e pelo que pareceu a vitrine de uma lojinha de brinquedos, doces e outras bugigangas. Então tomaram a estrada principal e ela viu fileiras de arbustos e árvores. Depois disso, não viu mais nada de diferente por um bom tempo — ou, pelo menos, pareceu que tinha se passado um bom tempo.

Finalmente a carruagem passou a andar mais devagar, como se subissem uma colina, e as cercas vivas e as árvores pareciam ter sumido. Ela não via mais nada além de uma escuridão completa dos dois lados. Inclinou-se para encostar o rosto na janela bem quando o carro deu um solavanco.

— Veja! Agora sim, estamos na charneca — disse a sra. Medlock.

Os faróis banhavam de amarelo a estrada de cascalho que parecia ter sido aberta por entre os arbustos e outras plantas baixas, e para além havia uma grande vastidão escura que se espalhava por todos os lados. Um vento começou a soprar fazendo um som diferente, solitário, grave e apressado.

— Aqui não é o mar, é? — disse Mary, virando-se para sua acompanhante.

— Não, não é — respondeu a sra. Medlock. — Nem são pastos e nem montanhas, são apenas quilômetros e mais quilômetros de terra virgem onde nada cresce além de urzes, carqueja e giesta, e nada sobrevive além de pôneis selvagens e cabras.

— Achei que podia ser o mar, caso tivesse água aqui — disse Mary. — O som é igualzinho ao do mar.

— É o vento soprando nos arbustos — disse a sra. Medlock. — Para mim, é um lugar bem inóspito e sem graça, embora eu goste de algumas das plantas... principalmente quando as urzes dão flor.

E continuaram ainda pela escuridão. Mesmo com a chuva tendo parado, o vento soprava e assobiava sons estranhos. A estrada seguia, subindo e descendo, e várias vezes a carruagem passava por alguma pequena ponte sobre águas abundantes e barulhentas. Mary sentia que aquela viagem nunca acabaria e que a grande e bucólica charneca era um imenso mar negro que ela atravessava por uma faixa de terra seca.

— Não gosto daqui — falou para si mesma e apertou ainda mais os lábios.

Os cavalos venciam um trecho íngreme da estrada quando ela finalmente viu uma luz. A sra. Medlock também a viu logo em seguida e deu um longo suspiro de alívio.

— Ai, que bom ver aquela luzinha trêmula — exclamou. — É a luz da janela da guarita. Daqui a pouco vamos tomar uma boa xícara de chá quente, ah, se vamos.

Demorou mesmo um “pouco”, como ela disse, porque depois que a carruagem passou pelos portões da entrada, seguiram ainda por mais de três quilômetros pelo calçamento, e as árvores — que quase se tocavam lá em cima — pareciam formar um túnel longo e escuro.

Saíram do túnel para um lugar aberto e pararam diante de uma casa de dois andares, muito comprida, que parecia contornar todo o pátio de pedra. Primeiro, Mary pensou que as luzes de todas as janelas estavam apagadas, mas quando desceu do carro viu um brilho fraco em dos quartos na ponta do andar de cima.

A porta de entrada era enorme, feita de carvalho, pesada e de formas curiosas, decorada com grandes rebites e com fortes braços de ferro. Ela se abria para um saguão enorme, tão mal iluminado que Mary teve medo de olhar para os rostos nas pinturas das paredes e as armaduras de metal. Parada sobre o chão de pedra, ela parecia muito

pequena, uma coisinha sombria e indefinida, e sentiu-se muito frágil, perdida e insignificante.

Um homem elegante e magro se aproximou do criado que abriu a porta para elas.

— Leve-a para o quarto — disse, com uma voz rouca.

— Ele não quer vê-la. Amanhã cedo ele vai para Londres.

— Muito bem, sr. Pitcher — respondeu a sra. Medlock.

— Sempre que me dizem o que fazer, eu faço.

— O que se espera da senhora, sra. Medlock — continuou o sr. Pitcher —, é que se certifique de que ele não seja perturbado e de que não veja o que não quer ver.

E assim Mary Lennox foi levada por uma ampla escadaria e por um longo corredor, e depois por mais um lance de escada e por outro corredor, depois outro, até atravessar uma porta e chegar a um quarto com lareira e a mesa posta para o jantar.

A sra. Medlock disse sem cerimônia:

— Bem, veja você! Este e o quarto ao lado agora são a sua casa e você deve ficar dentro dela. Não se esqueça disso.

Foi assim que dona Mary chegou à Mansão Misselthwaite e talvez nunca tenha se sentido tão irritada em toda sua vida.

CAPÍTULO 4.

MARTHA

Ela abriu os olhos de manhã porque uma jovem empregada havia entrado no quarto para acender o fogo. A criada estava ajoelhada no tapete em frente à lareira, raspando as cinzas com um tremendo barulho. Ainda deitada, Mary observou a moça por algum tempo antes de começar a contemplar o resto do quarto. Nunca vira um quarto assim e achou tudo muito curioso e triste. As paredes eram cobertas de tapeçarias bordadas com cenas de florestas. Havia pessoas fantasticamente vestidas debaixo das árvores e, ao longe, apareciam difusas as torres de um castelo. Havia caçadores, cavalos, cães e damas. Mary sentiu como se estivesse no meio da floresta com eles. Uma enorme janela dava para uma grande extensão de terra em aclave, quase sem nenhuma árvore, que mais se parecia com um mar infinito, monótono e meio arroxeadado.

— O que é aquilo? — disse, apontando para a janela.

Martha, a jovem empregada, se levantou, olhou e apontou também:

— Aquilo ali? — perguntou ela.

— Sim.

— Aquilo lá é a charneca — e deu um sorriso bem-humorado. — Cê gosta?

— Não — respondeu Mary. — Odeio.

— É porque ocê ainda num se acostumou — disse Martha, voltando ao trabalho. — Cê vai achar que a charneca é muito grande e sem nada. Mas depois vai gostar.

— Você gosta? — perguntou Mary.

— Gosto sim — respondeu Martha esfregando a grade alegremente. — Eu mais é adoro. Num é vazio não. É cheio de brotinho nascendo e tem um perfume que é uma doçura. É muito lindo na primavera, e no verão as carqueja, as urze e as giesta dão flor. Fica tudo com cheiro de mel e o ar fica bem fresco... e o céu parece mais alto ainda e as abelha e as cotovia fazem um barulhão zunino e cantano. Ai! Num me mudo de perto da charneca por nada no mundo.

Mary ouviu a tudo aquilo com uma expressão séria e confusa. Os serviçais nativos com quem ela estava acostumada na Índia não eram nem um pouco parecidos com esta. Eram mais prestativos e servis e não ousavam conversar com seus patrões como se estivessem à mesma altura. Eles faziam reverências e chamavam os patrões de “protetores dos pobres” e coisas assim. Não se pede a um serviçal da Índia para que faça alguma coisa, ordena-se. Não era costume dizer “por favor” e “obrigado”, e Mary sempre batia na cara de sua aia quando estava brava. Tentou imaginar o que essa jovem faria se alguém lhe desse um tapa no rosto. Ela era uma criatura apresentável,

gorducha e rosada, e parecia bem-humorada, mas também tinha um jeito vigoroso que fez com que a srta. Mary se perguntasse se ela não seria capaz até de revidar, mesmo se quem batesse fosse uma simples garotinha.

— Você é uma criada estranha — disse, sem sair dos travesseiros, um tanto arrogante.

Martha sentou-se sobre os calcanhares com sua escova de fuligem na mão e sorriu, demonstrando o mesmo bom humor.

— Eita! E essa agora — disse ela. — Se tivesse uma dona que mandasse aqui em Misselthwaite, eu num teria nem chegado a empregada dos empregado. Eu queria ser copeira, mas num me deixam nem subir as escada! Eu sou muito simples e meu sotaque Yorkshire é muito carregado. Mas esta casa é engraçada porque tudo é grande demais. Parece que nem tem patrão nem patroa, só o sr. Pitcher e a sra. Medlock. O sr. Craven não liga pra nada quando vem pra cá, mas quase nunca está. A sra. Medlock me deu o emprego por caridade. Ela disse que num teria feito isso se Misselthwaite fosse igual às outras casas grande.

— Você será minha serva? — perguntou Mary, ainda em seu tom imperativo indiano.

Martha voltou a esfregar a grade.

— Eu sou contratada da sra. Medlock — disse resoluta. — E ela é funcionária do sr. Craven... e sou eu quem faz a arrumação aqui em cima e cuido um pouco de ocê. Mas cê não precisa ser muito cuidada.

— Quem é que vai me vestir? — demandou Mary.

Martha sentou-se nos calcanhares novamente e a fitou. Ficou tão afetada que soltou todo o seu sotaque Yorkshire:

— Mas cumé que num sabe si vestí sozinha? — disse.

— O que você disse? Não falo a sua língua — disse Mary.

— Eita! Me esqueci — desculpou-se. — A sra. Medlock me disse pra tomar cuidado senão ocê num ia me entender. Perguntei se ocê não sabe vestir a sua própria roupa.

— Não — disse Mary, muito indignada. — Nunca, em toda a minha vida. Quem me vestia era a minha aia, é claro.

— Bom — tornou Martha, claramente sem fazer ideia de que estava sendo descarada —, então tá na hora de aprender. Nunca é tarde. Vai ser bom cê aprender a se cuidar um pouco sozinha. A mãe sempre fala que não entende como os filho de gente importante não fica tudo tonto depois de crescido, porque são paparicado, lavado, vestido e levado pra passear como se fossem uns boneco de pau!

— Na Índia é diferente — afirmou a srta. Mary com desdém, ainda irritada.

Mas Martha não se alterou.

— Eita! Tô veno que é diferente mesmo — respondeu de maneira quase simpática. — Eu acho que é porque tem muito negro lá invês de gente branca de respeito. Quando

fiquei sabendo que cê vinha da Índia, até achei que cê era preta também.

Mary sentou-se furiosa na cama.

— Quê? — ela disse. — O quê? Você achou que eu era uma nativa? Ora... sua filha de uma porca!

Martha arregalou os olhos, assustada.

— Quem é que cê tá xingano? — exclamou. — Não precisa ficar tão ofendida. Isso num é jeito de uma jovem dama falar. Eu num tenho nada contra os preto. Quando a gente lê sobre eles nos livro, eles parece sempre muito temente a Deus. Sempre falam que os negro também são nossos irmão. Eu nunca vi um preto e fiquei bem alegre quando achei que ia ver uma de perto. Quando eu vim acender o seu fogo hoje cedo, fui de mansinho até a sua cama e puxei o cobertor devagarinho para olhar na sua cara. E ocê tava lá — disse, desapontada — nem um tiquinho mais morena que eu... só muito gritona mesmo.

Mary sequer tentou controlar sua raiva e humilhação.

— Você achou que eu era uma nativa! Como ousa? Você não sabe nada sobre eles! Eles não são gente, são servos que devem nos respeitar. Você não sabe nada sobre a Índia. Não sabe nada de nada!

Ela ficou tão furiosa e se sentiu tão desamparada diante do mero olhar da jovem que, de alguma forma, de repente se percebeu terrivelmente solitária e longe de tudo que entendia — e de tudo o que a entendia também. Jogou-se de bruços nos travesseiros e começou a soluçar

sem parar. Soluçava tanto que a afável Martha de Yorkshire se assustou e morreu de pena da menina. Foi até a cama e se curvou sobre ela.

— Eita! Num precisa chorar tanto assim! — pediu. — Não precisa mesmo. Eu não sabia que ocê ia ficar tão chateada. Eu não sei nada de nada mesmo, do jeito que ocê disse. Me desculpa, senhorita. Para de chorar.

Havia algo de reconfortante e realmente amistoso naquele estranho sotaque de Yorkshire, e seu jeito direto teve um bom efeito sobre Mary. Ela gradualmente parou de chorar e se calou. Martha ficou aliviada.

— Agora é hora de ocê se levantar — disse a criada. — A sra. Medlock disse pra eu levar o café da manhã, o lanche e o jantar pro quarto do lado. Foi transformado em um trocador pra ocê. Eu ajudo ocê a se vestir, se ocê sair da cama. Se tiver botão nas costas, não tem como ocê abotoar sozinha.

Quando Mary finalmente decidiu se levantar, as roupas que Martha tirou do guarda-roupa não eram as que ela usava quando chegara na noite anterior, acompanhada da sra. Medlock.

— Essas não são minhas — disse ela. — As minhas são pretas.

Ela olhou para o casaco e o vestido de lã branca grossa e acrescentou com fria aprovação:

— São melhores que as minhas.

— São essas que ocê vai vestir — respondeu Martha. — O sr. Craven mandou a sra. Medlock comprar em Londres. Ele disse: “Eu num quero uma criança vestida de preto vagando por aqui como uma alma perdida”, disse, sim. “Não quero este lugar mais triste do que já é. Ela vai usar roupas colorida!”. Minha mãe disse que entendeu o que ele quis dizer. A mãe sempre sabe das coisa. Ela mesma não gosta muito de preto, sabe?

— Eu odeio coisas pretas — disse Mary.

O processo de se vestir ensinou algo a ambas. Martha já havia “abotoado” suas irmãs e irmãos menores, mas nunca vira uma criança que ficasse parada e esperasse que outra pessoa fizesse coisas por ela como se não tivesse mãos ou pés.

— Por que ocê não calça os próprio sapato? — ela disse quando Mary silenciosamente estendeu o pé.

— Minha aia fazia isso — respondeu Mary com o olhar fixo. — Era o costume.

Ela dizia isso com frequência: “Era o costume”. Os servos nativos sempre diziam isso. Se alguém lhes dissesse para fazer algo que seus ancestrais não faziam há mil anos, então eles olhavam com brandura e diziam: “Não é o costume” e sabia-se que era o fim do assunto.

Não era o costume dona Mary fazer outra coisa além de ficar em pé e se permitir ser vestida como uma boneca. Porém, antes de estar pronta para o café da manhã, já suspeitava que sua vida na Mansão Misselthwaite a

ensinaria uma série de novidades — coisas como colocar seus próprios sapatos e meias e pegar objetos que deixasse cair. Se Martha fosse uma jovem criada bem treinada, teria sido mais subserviente e respeitosa e saberia que era sua função escovar seu cabelo e calçar suas botas, recolher as coisas e guardá-las. No entanto, ela não passava de uma serviçal rústica e inexperiente de Yorkshire, criada em um casebre na charneca com um enxame de irmãos e irmãs que nunca sonharam em fazer nada além cuidar uns dos outros, alguns deles bebês que mal sabiam andar.

Se Mary Lennox fosse uma criança mais familiarizada com brincadeiras, talvez se divertisse com a loquacidade de Martha, mas apenas a ouviu com frieza e se admirou com sua falta de preocupação com a etiqueta. A princípio, ela não pareceu nem um pouco interessada, mas aos poucos, à medida em que a garota tagarelava com seu jeito bem-humorado e amigável, Mary começou a entender melhor o que dizia.

— Eita! Cê devia conhecer todos ele — disse ela. — Somos em doze e meu pai ganha só dezesseis xelim^z por semana. Minha mãe consegue fazer o mingau render para todo mundo. Eles brinca na charneca o dia todo, e a mãe diz que o ar da charneca engorda. A mãe fala que acha que eles come grama igual aos pônei selvagem. Nosso Dickon tem doze ano e tem um potro de pônei só dele.

— Onde ele conseguiu um? — perguntou Mary.

— Encontrou na chameca, junto da mãe dele, ainda pequeno e começou a fazer amizade com ele e a dar uns pedaço de pão e cortar capim para ele. E ele começou a gostar do Dickon, então anda sempre junto e até deixa ele montar. Dickon é um rapaz gentil e os bicho gosta dele.

Mary nunca possuía um animal de estimação e sempre achou que gostaria de ter um. Então começou a sentir um leve interesse por Dickon, e como nunca havia se interessado por ninguém além de si mesma, aquele foi o nascimento de um sentimento saudável. Quando ela entrou no quarto que havia sido transformado para ela, viu que era bastante parecido com o outro em que dormira. Não era um quarto de criança, mas de adulto, com sombrios retratos antigos nas paredes e pesadas cadeiras de carvalho. Uma mesa no centro estava posta com um café da manhã reforçado. Mas como nunca teve muito apetite, olhou com pouco mais que indiferença para o primeiro prato que Martha colocou diante dela.

— Não quero comer — afirmou.

— Cê não quer o mingau? — Martha exclamou incrédula.

— Não.

— Cê não sabe o que é bom. Coloca um pouco de melado ou um pouco de açúcar.

— Eu não quero — repetiu Mary.

— Eita! — disse Martha. — Não tolero desperdício de comida da boa. Se as nossa criança estivesse nesta mesa, limpariam tudo em cinco minuto.

— Por quê? — perguntou Mary friamente.

— Por quê? — repetiu Martha. — Porque a barriga deles quase nunca fica cheia. Eles vive faminto igual os falcão e as raposa.

— Não sei o que é ter fome — observou Mary, com a indiferença da ignorância.

Martha ficou indignada.

— Bom, faria bem pra ocê experimentar. Te juro — disse sem rodeios. — Num tenho paciência com gente que fica sentada olhando prum naco de pão com carne. Verdade! Queria que o Dickon, o Phil, a Jane e o resto deles pudesse comer o que tá aqui debaixo desses pano.

— E por que você não dá para eles? — sugeriu Mary.

— Não é meu — respondeu Martha com firmeza. — E hoje não é minha folga. Eu tiro folga uma vez por mês, igual todo mundo. Então eu vou e limpo a casa para mãe ter o dia de folga dela.

Mary bebeu um gole de chá e comeu um pouco da torrada com geleia.

— Agora que terminou, corre lá fora brincar — disse Martha. — Vai ser bom pra abrir o seu apetite.

Mary foi até a janela. Havia jardins, calçadas e árvores grandes, mas tudo parecia sombrio e invernal.

— Lá fora? Por que eu sairia de casa em um dia como este?

— Bom, se ocê não vai sair, então vai ficar em casa. É isso o que cê quer fazer?

Mary olhou ao seu redor. Não havia nada para fazer. Quando a sra. Medlock preparou seu quarto, a diversão da menina não estava em sua mente. Talvez fosse mesmo melhor ir conhecer os jardins.

— Quem irá comigo? — ela perguntou.

Martha ficou olhando.

— Cê vai sozinha — respondeu. — Cê tem que aprender brincar como as outra criança faz quando não têm irmão nem irmã. O Dickon vai pra charneca sozinho e brinca lá por horas. Foi assim que ele fez amizade com o pônei. Tem as ovelha da charneca que conhece ele, e os pássaro vêm comer na mão dele. Por menos que a gente tenha de comida, ele sempre guarda um pouco do pão pra atrair seus bichinho.

Na verdade, foi a menção a Dickon que fez Mary decidir sair, embora ela não tenha percebido. Haveria pássaros lá fora, embora não houvesse pôneis ou ovelhas. Eles seriam diferentes dos pássaros da Índia e ela poderia se divertir olhando para eles.

Martha pegou um chapéu e um par de botinas reforçadas e desceu as escadas com a menina.

— Por ali é o caminho pros jardim — disse, apontando para um portão em uma mureta de arbustos. — Tem muita

flor no verão, mas agora num tem nada desabrochano. — Pareceu hesitar um segundo antes de acrescentar: — Um dos jardim tá trancado. Ninguém entra nele faz dez ano.

— Por quê? — perguntou Mary, instintivamente. Era mais uma porta trancada adicionada às outras cem daquela casa estranha.

— O sr. Craven mandou fechar quando sua esposa morreu tão de repente. Ele não deixa ninguém entrar. Era o jardim dela. Ele trancou a porta e enterrou a chave num buraco. Olha o sino da sra. Medlock tocando. Tenho que correr.

Depois que a criada se foi, Mary desceu a calçada que levava ao portão entre os arbustos. Não conseguia deixar de pensar no jardim que ninguém visitava há dez anos, como ele seria e se ainda haveria flores nele. Depois de passar pelo portão dos arbustos, ela se viu em grandes jardins com gramados largos e calçadas sinuosas de bordas recortadas. Havia árvores e canteiros de flores e sempre-vivas podadas em formas estranhas, e uma grande fonte com um velho chafariz em seu centro. Mas os canteiros de flores estavam vazios e ressecados e a fonte não estava ligada. Aquele não era o jardim que estava fechado. Como um jardim poderia ser fechado? As pessoas sempre deveriam poder entrar em um jardim.

Ela pensava nisso quando viu, ao final do caminho por onde ia, um longo muro escondido sob um manto de hera que crescera descontroladamente. Mary não era

familiarizada o suficiente com a Inglaterra para saber que ali ficavam as hortas onde cresciam os legumes e as verduras. Seguiu em direção ao muro e descobriu por entre a hera uma porta verde entreaberta. Aquele não era o jardim fechado, evidentemente, e ela poderia entrar ali.

Passou pela porta e descobriu que era um jardim cercado por muros, apenas um dos vários jardins murados que se comunicavam entre si. Ela viu outra porta verde aberta que revelava arbustos e calçadas por entre canteiros de vegetais de inverno. As árvores frutíferas se apoiavam contra a parede, e sobre alguns dos canteiros havia armações de vidro. O lugar estava muito vazio e feio, pensou Mary, ao levantar os olhos e olhar em volta. Talvez melhorasse no verão, quando as coisas ficassem verdes, mas naquele momento não havia nada de bonito ali.

Logo, um velho com uma pá nos ombros entrou pela porta que dava para o segundo jardim. A princípio pareceu surpreso ao ver Mary, e em seguida tocou seu boné. Seu rosto velho e carrancudo não parecia nada satisfeito em vê-la, mas ela também não estava nada contente com aquele jardim e exibia sua expressão “totalmente irritada”, nada satisfeita em vê-lo.

— O que é este lugar? — ela perguntou.

— Uma das horta — respondeu ele.

— O que é aquilo? — disse Mary, apontando para a outra porta verde.

— Outra horta — disse, pontualmente. — Tem outra do outro lado do muro e tem um pomar mais pra lá.

— Posso entrar neles? — perguntou Mary.

— Se quiser. Mas num tem nada pra ver.

Mary não respondeu. Continuou pela calçada até a segunda porta verde. Lá encontrou mais muros, vegetais de inverno e estufas, mas no segundo muro havia outra porta verde, e esta não estava aberta. Talvez levasse ao jardim que ninguém via há dez anos. Como não era uma criança tímida e sempre fazia o que queria, Mary foi até a porta verde e girou a maçaneta. Ela não queria que a porta se abrisse, pois assim teria certeza de ter encontrado o jardim misterioso — mas a porta se abriu com bastante facilidade e ela a atravessou, chegando em um pomar. Também era cercado por muros nos quais a vegetação se apoiava e havia árvores frutíferas nuas sobre a grama acastanhada pelo inverno — mas não havia mais nenhuma porta verde à vista, em lugar algum. Mary procurou, mas ao entrar na parte mais alta do jardim, notou que o muro não parecia terminar no pomar, mas se estendia para além dele como se abrangesse algo mais, do outro lado. Ela podia ver a copa das árvores acima do muro e, quando parou, viu um pássaro com peito vermelho-vivo pousado no galho mais alto de uma delas. Sem aviso, ele explodiu em seu canto de inverno — parecia que a tinha avistado e tentava chamar sua atenção.

Ela parou e o ouviu, e de alguma forma seu canto alegre e amigável deu a ela uma sensação de satisfação — até mesmo uma menina desagradável pode se sentir solitária. A grande casa fechada, a imensa charneca vazia e os vários jardins desfolhados davam a impressão de que não havia sobrado ninguém no mundo além dela. Se fosse uma criança afetuosa, acostumada a ser amada, seu coração estaria em pedaços, e mesmo sendo “Dona Mary, sempre irritada”, ela estava desolada. O passarinho de peito ruivo olhou para o seu rostinho azedo que quase sorria e ela o escutou até que ele voou. Mary gostou dele por ser diferente de um pássaro indiano, e se perguntou se alguma vez o veria novamente. Talvez ele vivesse no jardim misterioso e conhecesse bem o lugar.

Talvez fosse por não ter absolutamente nada para fazer que ela pensava tanto no tal jardim deserto. Estava curiosa e queria descobrir como ele era. Por que o sr. Archibald Craven enterrara a chave? Se gostava tanto da esposa, por que odiava o jardim dela? Ela se perguntou se um dia o conheceria, mas sabia que, quando o visse, não gostaria dele e ele não gostaria dela, e que ela deveria apenas ficar parada e olhar para ele sem dizer nada, mas ao mesmo tempo estaria terrivelmente tentada a perguntar por que fazer uma coisa tão estranha assim.

“As pessoas nunca gostam de mim e eu nunca gosto de pessoas”, pensou ela. “E eu nunca consigo falar como as

crianças Crawford falavam. Elas estavam sempre conversando, rindo e fazendo bagunça.”

Ela pensou no passarinho e em como ele parecia cantar para ela, e ao se lembrar do topo da árvore em que ele se empoleirou, estancou de repente.

— Acho que aquela árvore estava no jardim secreto. Tenho certeza de que estava — disse ela. — Havia um muro em volta, mas nenhuma porta.

Ela voltou para a primeira horta em que havia entrado e encontrou o velho cavando ali. Ela se aproximou e ficou ao lado dele, observando por alguns momentos com seu jeitinho frio. Ele não a notou e, por fim, ela disse:

— Visitei os outros jardins.

— Não tinha nada que te impedisse — o velho respondeu asperamente.

— Fui até o pomar.

— Não tinha nenhum cachorro na porta pra te morder — respondeu ele.

— Não havia porta para o outro jardim — observou Mary.

— Qual jardim? — ele disse com sua voz ríspida, parando de cavar por um momento.

— Aquele do outro lado do muro — respondeu a dona Mary. — Tem árvores lá, eu vi a copa delas. Um pássaro com o peito vermelho estava pousado em uma delas e cantou.

Para sua surpresa, o velho rosto maltratado pelo tempo mudou de expressão. Um sorriso lento se espalhou sobre ele e o jardineiro agora parecia bem diferente. Aquilo a fez pensar como era curioso o fato de uma pessoa ficar mais bonita quando sorria. Ela nunca havia pensado nisso.

Ele se virou para os lados do pomar e começou a assobiar um silvo baixo e suave. Ela não conseguia entender como um homem tão rude era capaz de fazer um som tão agradável. Quase no momento seguinte algo maravilhoso aconteceu. Ela ouviu um voo leve e rápido no ar. Era o pássaro de peito vermelho que vinha na direção deles, e pousou em um grande torrão de terra bem perto do pé do jardineiro.

— Olha ele aqui — sorriu o velho, e então falou com o pássaro como se falasse com uma criança. — Onde cê tava, seu safado atrevido? Num te vi antes, hoje. Cê começou a bajular mais cedo desta vez? Tá mais afoito, é?

O pássaro colocou sua pequena cabeça de lado e olhou para o velho com seus olhos brilhantes e delicados que eram como gotas negras de orvalho. Parecia bastante tranquilo, sem medo algum. Então saltou e bicou a terra rapidamente, procurando sementes e insetos. Na verdade, aquilo despertou um sentimento estranho no coração de Mary, pois ele era tão bonito e alegre que se parecia com uma pessoa. Seu corpo era minúsculo e redondo, com um bico delicado e pernas delgadas e perfeitas.

— Ele sempre vem quando você o chama? — ela perguntou quase em um sussurro.

— Vem, sim. Eu conheço ele desde pequenininho. Ele saiu do ninho no outro jardim e quando voou sobre o muro da primeira vez, ainda tava fraco demais para voar de volta e daí, em poucos dia ficamos amigo. Quando ele conseguiu voar por cima do muro de novo, o resto da ninhada já tinha ido embora e ele ficou sozinho, e daí voltou para mim.

— Que tipo de pássaro ele é? — Mary perguntou.

— Cê num sabe? Ele é um pisco, um pintarroxo, e é o passarinho mais amigo e curioso que existe. São quase tão amigo igual os cachorro, se ocê souber como lidar com eles. Olha ele ciscano e olhano para nós, sem parar. Ele sabe que tamo falano dele.

Aquele velho parecia a coisa mais estranha do mundo. Ele mirava o pequeno pássaro rechonchudo de peito escarlate como se estivesse orgulhoso e apaixonado por ele.

— Ele é muito vaidoso — riu. — Gosta de ouvir as pessoa falano dele. É um xereta, meu Deus, não tem ninguém mais curioso e intrometido. Sempre vem ver o que tô plantano. Ele sabe de coisa que nem o seu Craven desconfia. Ele que é o jardineiro-chefe daqui.

O pisco-de-peito-ruivo saltitava e bicava a terra, e de vez em quando parava e olhava rapidamente para eles. Mary pensou que seus olhos negros de gotas de orvalho a fitavam com grande curiosidade. Realmente parecia que

ele estava descobrindo tudo sobre ela. A sensação estranha em seu coração aumentou.

— Para onde foi o resto da ninhada? — ela perguntou.

— Num dá pra saber. Os pai tira eles do ninho e fazem eles voar, e eles se espalha sem a gente nem perceber. Este aqui já era meu conhecido e ele sabia que tinha ficado pra trás.

Dona Mary deu um passo adiante e olhou muito atenta para o pisco.

— Estou sozinha — disse ela.

Foi a primeira vez que ela entendeu um dos motivos que a deixavam amarga e irritada. Descobriu essa verdade quando o pisco olhou para ela e ela retribuiu o olhar.

O velho jardineiro empurrou o boné para trás na cabeça calva e a observou por um minuto.

— Cê é aquela menininha da Índia? — perguntou.

Mary confirmou com um aceno.

— Então, não é de admirar que ocê se sinta sozinha. Vai se sentir ainda mais sozinha aqui — ele disse.

E voltou a cavar, cravando a pá profundamente no fértil solo negro do jardim enquanto o pisco saltava, bastante ocupado.

— Qual é o seu nome? — Mary perguntou.

Ele se levantou para responder:

— Ben Weatherstaff — e então acrescentou com uma risada carrancuda: — Eu fico sozinho comigo mesmo,

menos quando ele tá comigo — e apontou o polegar na direção do pisco. — Ele é o único amigo que eu tenho.

— Eu não tenho amigos — disse Mary. — Nunca tive. Minha ama não gostava de mim e eu nunca brinquei com ninguém.

É um costume de Yorkshire dizer o que se pensa com franqueza, e o velho Ben Weatherstaff havia nascido e crescido na charneca de Yorkshire:

— A gente é meio parecido — observou. — Farinha do mesmo saco. A gente não é bonito e somo azedo por dentro. A gente tem esse jeito de poucos amigo, nós dois, isso eu te garanto.

Aquela fora uma fala sem rodeios, e Mary Lennox nunca tinha ouvido sequer uma verdade sobre si mesma em toda sua vida. Os servos nativos sempre a saudavam e se submetiam em todas as situações. Ela nunca havia pensado muito sobre sua aparência, mas se perguntou se era tão feia quanto Ben Weatherstaff e se parecia tão azeda quanto ele antes do pisco pousar. Na verdade, começou a se perguntar se era mesmo “azeda” e se sentiu desconfortável.

De repente, um ruflar irrompeu próximo a ela e a fez se virar. Estava a poucos metros de uma jovem macieira. O pisco voara para um de seus galhos, iniciando uma canção. Ben Weatherstaff riu com gosto.

— Por que ele fez isso? — perguntou Mary.

— Ele quer fazer amizade com ocê — respondeu Ben.
— Pode me dar uma pedrada se ele não gostou mesmo de ocê.

— De mim? — exclamou Mary, que se moveu lentamente em direção à pequena árvore e olhou para cima.

— Você gostaria de ser meu amigo? — perguntou ao pisco como se falasse com uma pessoa. — Gostaria? — E Mary não falou com sua vizinha dura ou sua imperiosa voz indiana, mas usou um tom suave, ansioso e persuasivo. Ben Weatherstaff ficou tão surpreso quanto ela quando o ouviu cantar.

— Ora! — ele exclamou. — Cê foi tão gentil e humana que pareceu até uma criança de verdade, em vez de uma velha chata. Cê falou quase do jeito que o Dickon fala com seus bichinho selvagem na charneca.

— Você conhece Dickon? — perguntou Mary, virando-se depressa.

— Todo mundo conhece. O Dickon fica andando por todo lado. Até as amora e as urze-roxa conhece ele. Aposto que as raposa mostra pra ele onde tão seus filhote e as cotovia não esconde seus ninho dele.

Mary gostaria de fazer mais algumas perguntas. Estava quase tão curiosa sobre Dickon quanto sobre o jardim deserto. Mas, naquele exato momento, o pisco, que havia encerrado sua música, agitou levemente suas asas e

voou para longe. Ele havia feito sua visita e agora tinha outras coisas para fazer.

— Ele voou por cima do muro! — Mary gritou, observando-o. — Foi para o pomar. Voou por sobre o outro muro, para o jardim sem porta!

— Ele mora lá — disse o velho Ben. — Foi lá que ele saiu do ovo. Deve tá fazeno corte, arrumano as coisa para alguma passarinha que vive nas velha roseira de lá.

— Roseiras — repetiu Mary. — Tem roseiras lá?

Ben Weatherstaff pegou sua pá e voltou a cavar.

— Tinha, dez ano atrás — murmurou.

— Eu adoraria vê-las — disse Mary. — Onde fica a porta? Deve haver uma porta em algum lugar.

Ben enfiou a pá fundo e parecia tão distante como da primeira vez.

— Tinha, dez ano atrás, mas agora não — respondeu ele.

— Como não tem porta? — gritou Mary. — Tem que ter.

— Não tem nenhuma que dê pra ver, nenhuma que seja da conta de ninguém. Não seja intrometida e não meta o nariz onde num é chamada. Olha, eu preciso trabalhar. Vai brincar pra lá. Tô ocupado.

Parou de cavar, colocou o cabo da pá sobre o ombro e se foi, sem nem mesmo olhar para ela ou se despedir.

CAPÍTULO 5.

GRITOS NO CORREDOR

No início, todos os dias eram exatamente iguais para Mary Lennox. Todas as manhãs ela acordava em seu quarto forrado de tapeçarias com Martha ajoelhada na lareira alimentando o fogo. Todas as manhãs ela tomava seu café no quarto ao lado — que de infantil não tinha nada —, e depois de cada desjejum ela olhava pela janela e via a imensa charneca que parecia se espalhar por todos os lados e subir até o céu. E depois de olhar por algum tempo ela percebia que, se não saísse, teria de ficar ali sem fazer nada — e então saía. Ela não percebia que aquilo era o melhor a se fazer, e também não sabia que, quando começava a andar mais rapidamente ou quando corria pelas calçadas e pela alameda, seu sangue lento se agitava e se fortalecia ao enfrentar o vento que soprava da charneca. Ela corria apenas para se aquecer e odiava o vento que rugia, batia em seu rosto e a segurava como um gigante invisível. Mas as grandes e brutais lufadas de ar fresco sopravam sobre as urzes e enchiam seus pulmões com algo bom para o seu corpo magro, espalhavam um tom rosado em suas bochechas e iluminavam seus olhos opacos sem que ela notasse.

Depois de passar alguns dias quase inteiros ao ar livre, ela acordou certa manhã sabendo o que era estar com

fome. Quando se sentou para tomar seu café da manhã, não empurrou o mingau com desdém, mas pegou a colher e a afundou nele, e comeu até esvaziar a tigela.

— Cê mandou ver hoje, né, não? — observou Martha.

— Está com gosto bom hoje — disse Mary, um tanto surpresa consigo mesma.

— É o ar da charneca que dá espaço no seu estômago pros alimento — continuou Martha. — Pra sua sorte, cê agora tem comida e apetite. Tem uma dúzia lá em casa com estômago, mas nada para colocar neles. Continua brincando lá fora todos os dia e cê vai botar um pouco de carne nesses seus osso pontudo.

— Eu não brinco — disse Mary. — Não tem nada para brincar lá.

— Nada pra brincar! — exclamou Martha. — Nossas criança brinca com pau e pedra. Eles corre e grita e olha as coisa.

Mary não gritou, mas olhou para as coisas. Não havia mais nada a fazer. Deu voltas e mais voltas nos jardins e vagou pelos caminhos do bosque. Às vezes procurava por Ben Weatherstaff, mas embora o visse trabalhando, ele estava sempre ocupado demais para olhar para ela, ou de muito mau humor. Uma vez, quando ela caminhava em sua direção, ele pegou sua pá e foi embora como se quisesse se afastar.

Havia um lugar que ela frequentava mais que qualquer outro. Era a longa calçada ao lado dos jardins cercados de

muros. Havia canteiros secos de ambos os lados e a hera crescia densa contra os muros. Em uma parte da parede, as folhas verde-escuro ficavam mais densas do que no resto. Parecia que aquela parte estava abandonada há muito tempo. Tudo o mais havia sido podado e aparado, mas aquela parte mais afastada da calçada não demonstrava cuidados.

Mary percebeu esse fato alguns dias depois de falar com Ben Weatherstaff, e se perguntou o motivo. Ela acabara de fazer uma pausa e olhava para um longo galho de hera que balançava ao vento quando viu um brilho escarlata e ouviu um chilrear efusivo. No topo do muro, empoleirou-se o pisco-de-peito-ruivo de Ben Weatherstaff, inclinando-se para frente e torcendo o pescoço para olhar para ela.

— Oh! — ela exclamou. — É você! É você? — E não lhe pareceu nada estranho falar como se estivesse certa de que ele a entenderia e responderia.

E ele respondeu. Gorjeou, cantarolou e pulou ao longo do muro como se contasse a ela uma série de coisas. Pareceu à dona Mary que ela também o entendia, embora ele não falasse com palavras. Era como se ele dissesse:

— Bom dia! O vento não está incrível? O sol não está incrível? Não está tudo incrível? Vamos cantar e pular e piar. Vamos! Venha!

Mary começou a rir e, enquanto ele pulava e dava pequenos voos ao longo do muro, ela correu atrás dele.

Pobrezinha da Mary, magra, pálida e feia — na verdade, ela ficou quase bonita por um momento.

— Eu gosto de você! Eu gosto de você! — ela gritava, sapateando pela calçada.

E ela gorjeou e tentou assobiar o melhor que conseguia. O pisco pareceu bastante satisfeito e gorjeou e assobiou de volta para ela. Por fim, abriu as asas e voou rapidamente para o topo de uma árvore, onde se empoleirou e cantou alto. Aquilo lembrou Mary da primeira vez em que o vira. Ele se balançava no topo de uma árvore e ela estava no pomar. Agora ela estava do outro lado do pomar, parada na calçada junto à parede — muito mais adiante — e ali dentro estava a mesma árvore.

— Está no jardim onde ninguém pode entrar — disse para si mesma. — É o jardim sem porta. Ele mora lá. Como eu gostaria de ver como é!

Ela correu até a porta verde pela qual havia entrado na primeira manhã. Depois correu pela calçada, através da outra porta, e depois para o pomar. Quando parou e olhou para cima, lá estava a árvore do outro lado do muro, e lá estava o pisco terminando sua canção e começando a ajeitar suas penas com o bico.

— É o jardim — exclamou. — Tenho certeza que é.

Deu a volta e olhou atentamente para aquele lado do muro do pomar, mas só viu o que já sabia antes — que não havia porta. Em seguida, atravessou a horta novamente e saiu para a calçada paralela ao longo do muro coberto de

hera. Caminhou até o final dele e o observou, mas não havia porta. Então caminhou até a outra extremidade, sempre atenta, mas nada de porta.

— É muito estranho — disse ela. — Ben Weatherstaff disse que não havia porta e não há mesmo. Mas dez anos atrás devia haver, porque o sr. Craven enterrou uma chave.

Isso deu a ela muito em que pensar, tanto que começou a ficar bastante empolgada e a sentir que não lamentava mais ter vindo para a Mansão Misselthwaite. Na Índia, ela sempre se sentia com calor e preguiçosa demais para se preocupar com alguma coisa. O fato é que o vento fresco da charneca havia começado a soprar as teias de aranha de seu jovem cérebro e a despertá-la lentamente.

Ela passou quase o dia todo fora de casa e, quando se sentou para jantar à noite, estava faminta, cansada e satisfeita. Não se irritou com a tagarelice de Martha, pois percebeu que gostava de ouvi-la e, por fim, pensou em fazer uma pergunta. Depois de terminar o jantar e se sentar no tapete diante do fogo, disse:

— Por que o sr. Craven odiava o jardim?

Ela havia pedido que Martha ficasse com ela, ao que Martha não se opôs. A criada era muito jovem e estava cansada da sua cabana lotada de irmãos e irmãs, e achava chato ficar no grande salão dos criados no andar de baixo, onde o carregador e os serviçais ficavam cochichando entre si e zombando de seu sotaque de Yorkshire. Martha gostava de falar, e a criança estranha que vivera na Índia e

fora servida por “pretos” era uma novidade interessante para ela.

Martha também se acomodou sentada diante da lareira, mesmo sem ser convidada.

— Cê ainda tá pensano naquele jardim? — perguntou.

— Eu sabia. Também fiquei assim quando ouvi essa história da primeira vez.

— Por que ele o odiava? — Mary persistiu.

Martha sentou-se sobre os pés, bastante confortável.

— Ouve só o vento uivano em volta da casa — disse ela. — Cê mal conseguiria ficar em pé na charneca se tivesse lá agora de noite.

Antes, Mary não sabia o significado de “uivando”, mas ao ouvir o vento logo deduziu. Devia ser aquela espécie de rugido surdo e ameaçador que cercava a casa, como se um gigante invisível esbofeteasse as paredes e janelas tentando entrar. Mas estava claro que ele não conseguiria entrar, e de alguma forma, ela se sentia segura e aquecida dentro de um quarto com uma lareira de carvão em brasa.

— Mas por que ele odiava tanto o jardim? — insistiu, depois de ouvir o vento. Ela queria saber se Martha sabia.

Então Martha desistiu de sonegar informações.

— Cuidado — disse ela —, a sra. Medlock fala pra ninguém comentar sobre isso. Tem muita coisa aqui que num se pode comentar. São as ordem do sr. Craven, que diz que os problema dele não são da conta dos empregado. Ele ficou assim por causa do jardim. Era o jardim da sra.

Craven, que ela fez quando se casaram e ela adorava aquilo. Eles costumava cuidar das flor eles mesmo. Nenhum jardineiro podia entrar lá. Os dois costumava entrar e fechar a porta, e ficavam lá horas e hora, eles lia e conversava. Ela era bem menina ainda e tinha uma velha árvore com um galho torcido e um balanço onde ela gostava de sentar. Mas um dia ela estava balançano e o galho quebrou. E ela caiu no chão e se machucou tanto que morreu no dia seguinte. Os médico acharam que ele ia ficar louco da cabeça e que também ia morrer. É por isso que ele odeia aquilo. Ninguém nunca mais entrou lá, e ele não deixa ninguém falar disso.

Mary não fez mais perguntas. Olhou para o fogo e ouviu o vento “uivando”. Parecia uivar mais alto do que nunca. Naquele momento, uma coisa muito boa acontecia com ela. Na verdade, quatro coisas boas aconteceram com ela desde que viera para a Mansão Misselthwaite. Parecia que ela e um pisco haviam conversado; ela correra contra o vento até seu sangue esquentar; sentira uma fome saudável pela primeira vez na vida; e descobrira o que era sentir pena de alguém.

Mas, ao ouvir o vento, também ouvia outra coisa. Não sabia o que era, porque a princípio mal conseguia diferenciar do próprio vento. Era um som curioso, quase como se uma criança estivesse chorando em algum lugar. Às vezes, o vento soava como o choro de uma criança, mas agora dona Mary tinha certeza de que vinha de dentro da

casa, não de fora. Estava longe, mas dentro. Ela se virou e olhou para Martha.

— Você ouviu alguém chorando? — perguntou.

Martha pareceu confusa de repente.

— Não — respondeu ela. — É o vento. Às vezes parece que tem alguém uivando perdido na charneca. Tem som de todo jeito.

— Mas ouça — insistiu Mary. — Vem daqui de dentro, de um daqueles longos corredores.

E naquele exato momento uma porta deve ter sido aberta em algum lugar, pois uma forte corrente de ar soprou ao longo do corredor e a porta do quarto em que estavam se abriu com um estrondo. Quando ambas se levantaram, a luz se apagou e o choro ressoou por todo o longo corredor, mais nítido que antes.

— Ouviu? — disse Mary. — Eu disse a você! Tem alguém gritando, e não é um adulto.

Martha correu fechar a porta com a chave, mas antes que ela o fizesse as duas ouviram o estrondo de outra porta se fechando em algum cômodo distante, e então tudo ficou quieto, pois até o vento parou seu uivo por alguns momentos.

— Foi o vento — repetiu Martha teimosamente. — E, se não foi, era a pobre Betty Butterworth, a copeira. Ela teve dor de dente o dia todo.

Mas algo em Martha pareceu esquisito e suspeito, e dona Mary a olhou fixamente. Ela não acreditava que a moça falava a verdade.

CAPÍTULO 6.

“TINHA ALGUÉM CHORANDO. EU OUVI!”

No dia seguinte, voltou a chover torrencialmente, e quando Mary olhou pela janela a charneca havia quase desaparecido por trás da névoa cinzenta e das nuvens. Era impossível pensar em sair.

— O que vocês fazem na sua cabana quando chove assim? — ela perguntou a Martha.

— Tentamos não ficar um debaixo dos pé do outro, principalmente — respondeu Martha. — Eita! Somos em muitos lá, por isso. A mãe é uma mulher bem-humorada, mas fica bastante irritada. Os mais velho vão pro estábulo brincar. Dickon não se importa em se molhar. Ele sai como se o sol tivesse brilhado. Ele fala que algumas coisa só pode ser vista em dia de chuva. Uma vez ele encontrou um filhote de raposa quase afogado na toca e trouxe ele pra casa, dentro da camisa para ficar aquecido. A mãe do bichinho tinha morrido ali perto e ele tinha nadado para fora, mas o resto da ninhada morreu. Agora ele mora lá em casa. Ele também encontrou um filhote de corvo quase afogado, trouxe ele pra casa e domesticou ele. Seu nome é Fuligem porque é muito preto e pula e voa para todo lado.

Havia chegado a hora em que Mary não mais se irritava com o tom íntimo de Martha. Começou até a achar interessante e a querer ouvir mais quando ela parava ou ia embora. As histórias que sua aia contava quando morava na Índia eram bem diferentes daquelas de Martha, sobre a cabana na charneca onde moravam quatorze pessoas em quatro quartos pequenos e que nunca tinham o suficiente para comer. As crianças pareciam se embolar e se divertir como uma ninhada de filhotes de collie bem-humorados e bagunceiros. Mary se interessava mais pela mãe e por Dickon. Quando Martha contava histórias do que a “mãe” dizia ou fazia, eram sempre reconfortantes.

— Se eu tivesse um corvo ou um filhote de raposa, poderia brincar com ele — disse Mary. — Mas eu não tenho nada.

Martha pareceu perplexa.

— Cê sabe tricotar? — perguntou a criada.

— Não — respondeu Mary.

— Sabe costurar?

— Não.

— Sabe ler?

— Sei.

— Então por que ocê não lê alguma coisa, ou treina soletrar? Já tá mais que na hora de ocê terminar de ler o seu livro.

— Eu não tenho livro nenhum — lamentou Mary. — Os meus ficaram na Índia.

— Que pena — disse Martha. — Se a sra. Medlock deixasse ocê entrar na biblioteca, tem um monte de livro lá.

Mary não perguntou onde ficava a biblioteca, pois de repente foi inspirada por uma nova ideia. Decidiu encontrá-la sozinha. A sra. Medlock não a preocupava, pois parecia nunca sair de sua confortável sala de estar no andar de baixo. Quase não se via ninguém naquele lugar esquisito. Na verdade, não havia ninguém para ver além dos criados, e quando o patrão estava fora, eles levavam uma vida luxuosa no andar de baixo, onde havia uma enorme cozinha decorada com latão e peltre polidos, e um grande salão para a criadagem onde serviam quatro ou cinco refeições abundantes todos os dias e faziam muitas brincadeiras animadas durante as ausências da sra. Medlock.

As refeições de Mary eram servidas regularmente por Martha, mas ninguém mais se importava nem um pouco com ela. A sra. Medlock vinha dar uma olhada dia sim, dia não, mas ninguém perguntava o que ela havia feito ou o que gostaria de fazer. Ela supôs que talvez essa fosse a maneira inglesa de tratar crianças. Na Índia, era sempre atendida por sua aia, que a seguia e esperava por ela, integralmente. Mary costumava se cansar de sua companhia. Agora não era seguida por ninguém e estava aprendendo a se vestir sozinha porque Martha a olhava

como se fosse lerda e burra quando pedia para lhe passar algo ou que a vestisse.

— Cê não é muito certa da cabeça, né? — disse certa vez a criada, quando Mary aguardava que colocasse as luvas nela. — Nossa Susan Ann é duas vez mais esperta que ocê e tem só quatro ano. Às vez seus miolo parece meio mole.

Mary ficou carrancuda por uma hora depois daquilo, mas passou a pensar em várias coisas inteiramente novas.

Ela ficou parada na janela por cerca de dez minutos naquela manhã depois que Martha terminou de limpar a lareira e desceu as escadas. Mary refletia sobre a ideia que teve quando ouviu falar da biblioteca. Não se importava muito com a biblioteca em si, pois não havia lido muitos livros ainda, mas saber que ela existia trouxe de volta à sua mente os cem quartos e suas portas fechadas. Imaginou se todos estariam realmente trancados e o que encontraria se pudesse entrar em algum deles. Havia realmente cem? Por que não ir contar quantas portas havia? Seria algo para se fazer numa manhã como aquela, quando era impossível sair. Nunca a ensinaram a pedir permissão para fazer coisas, e ela não sabia absolutamente nada sobre autoridade, então achou desnecessário pedir permissão à sra. Medlock para andar pela casa, mesmo se a tivesse visto.

Abriu a porta do quarto e saiu para o corredor, e então começou suas andanças. O corredor era longo e se

ramificava em outros corredores, e a conduzia por curtos lances de escada que então subiam para outros novamente. Havia portas e mais portas e quadros nas paredes. Às vezes, eram paisagens escuras e curiosas, mas a maioria eram retratos de homens e mulheres em trajes esquisitos e exagerados feitos de cetim e veludo. Ela se viu em uma longa galeria cujas paredes eram forradas por esses retratos. Nunca havia lhe passado pela cabeça que poderia haver tantos em uma única casa. Caminhou lentamente pelo lugar e olhou para os rostos que pareciam olhar de volta para ela. Sentiu-se como se perguntassem o que uma garotinha da Índia fazia em sua casa. Algumas eram imagens de crianças — meninas com pesados vestidos que as cobriam inteiras, e meninos com mangas bufantes, golas de renda e cabelos longos, ou com grandes babados em volta do pescoço. Ela sempre parava para olhar as crianças e se perguntava quais seriam seus nomes, onde estariam agora e por que usavam roupas assim. Havia uma garotinha empertigada e simplória, bastante parecida com ela, com um vestido de brocado verde e um papagaio empoleirado em seu dedo. Seus olhos tinham uma aparência aguda e curiosa.

— Onde você mora agora? — perguntou Mary em voz alta. — Querida que você estivesse aqui.

Certamente nenhuma outra menina passou uma manhã tão estranha. Parecia não haver ninguém em toda a enorme casa além dela própria, vagando sem rumo escada

acima e abaixo, por passagens estreitas e largas, onde parecia que ninguém havia caminhado antes. Se tantos quartos foram construídos, pessoas deviam ter vivido neles, mas tudo parecia tão vazio que era impossível acreditar nisso.

Somente quando subiu ao segundo andar é que pensou em girar a maçaneta de uma porta. A sra. Medlock havia avisado que todas as portas estavam fechadas, mas por fim tentou abrir uma delas. Mary quase se assustou ao sentir que a maçaneta girava sem dificuldade e que, ao empurrá-la, a porta se abriu lenta e pesadamente. Era uma porta enorme que dava para um grande quarto. Havia cortinas bordadas nas paredes e móveis entalhados, como os que ela vira na Índia, por todo o cômodo. Uma ampla janela com painéis cor de chumbo dava para a charneca, e sobre a lareira havia outro retrato da garotinha rígida e simples que parecia fitá-la com mais curiosidade do que nunca.

— Talvez ela tenha dormido aqui uma vez — disse Mary. — Ela me encara tanto que me faz sentir esquisita.

Depois disso, abriu mais e mais portas. Viu tantos quartos que se cansou e pensou que deviam mesmo ser cem, embora não os tivesse contado. Em todos eles havia quadros ou tapeçarias antigas com cenas estranhas. Havia móveis e ornamentos curiosos em quase todos eles.

Em um deles, que parecia a sala de estar de uma senhora, as cortinas eram todas de veludo bordado, e em

um gabinete havia cerca de cem pequenos elefantes de marfim. Eram de tamanhos diferentes, e alguns tinham seus mahouts ou palanquins nas costas. Uns eram bem maiores e outros eram tão pequenos que pareciam ser filhotes. Mary vira muito marfim esculpido na Índia e sabia tudo sobre elefantes. Abriu a porta do armário, subiu em um banquinho e brincou com eles por um bom tempo. Quando se cansou, pôs os elefantes em ordem e fechou a porta.

Em todas as suas andanças pelos longos corredores e quartos vazios, não viu nada vivo; até chegar a esta sala. Logo depois de fechar a porta do armário, ouviu um suave farfalhar. Aquilo a fez pular e olhar para o sofá perto da lareira de onde parecia vir o ruído. No canto do sofá havia uma almofada, e no veludo que a cobria havia um buraco. Do buraco apareceu uma cabecinha com um par de olhos assustados.

Mary rastejou pela sala até lá. Os olhos brilhantes pertenciam a uma ratinha cinza, que havia aberto um buraco na almofada e feito um ninho confortável ali. Seis camundongos bebês dormiam aninhados perto dela. Mesmo que não houvesse mais ninguém vivo nos cem quartos, havia sete ratos que não pareciam nem um pouco solitários.

— Se não tivessem tanto medo, eu os levaria comigo — disse Mary.

Ela já havia vagado por tempo suficiente e se sentia cansada para ir mais longe, então resolveu voltar. Ela se perdeu duas ou três vezes ao tomar o corredor errado e foi obrigada a andar para cima e para baixo até encontrar o certo. Finalmente chegou ao seu próprio andar, embora ainda longe de seu quarto e sem saber exatamente onde estava.

— Acho que peguei o caminho errado de novo — disse ela, parando no que parecia o final de um estreito corredor com uma tapeçaria na parede. — Não sei que caminho seguir. Está tudo muito quieto!

Logo em seguida o silêncio foi quebrado. Era outro grito, mas não exatamente igual ao que ouvira na noite anterior. Apenas um breve lamento infantil, irritado e abafado pelas paredes.

— Está mais perto do que antes — disse Mary, com seu coração acelerado. — E está chorando.

Apoiou a mão sobre a tapeçaria perto dela e então saltou para trás, assustada. A tapeçaria era a cobertura de uma porta que se abriu e revelou uma outra parte do corredor atrás dela. A sra. Medlock subia com seu molho de chaves na mão e uma expressão muito zangada no rosto.

— O que faz aqui? — inquiriu ela, puxando Mary pelo braço para longe. — O que eu lhe disse?

— Virei no corredor errado — explicou Mary. — Eu não sabia para onde ir e ouvi alguém chorando. — Naquele

momento odiou a sra. Medlock, mas a odiaria ainda mais a seguir.

— Você não ouviu nada — esbravejou a governanta. — Volte para o seu quarto ou vai ficar com as orelhas quentes.

Agarrou a menina pelo braço, empurrando e puxando ao mesmo tempo. Subiram por uma passagem e desceram por outra até que a sra. Medlock a forçou pela porta de seu quarto.

— Agora — disse a governanta —, você fica onde eu disser para ficar ou será trancada. É melhor o patrão arranjar uma tutora para você, como ele disse que faria. Você é do tipo que precisa de alguém para cuidar. Eu já tenho o suficiente para fazer.

Saiu do cômodo e bateu a porta atrás de si. Mary foi sentar-se no tapete da lareira, pálida de raiva. Não chorou, mas cerrou os dentes.

— Tinha alguém chorando. Eu ouvi! — disse para si mesma.

Já ouvira aquilo duas vezes, e algum dia descobriria do que se tratava. Mas havia descoberto muita coisa naquela manhã, e sentiu como se chegasse de uma longa jornada. De qualquer forma, agora tinha algo para diverti-la o tempo todo; havia brincado com os elefantes de marfim e vira a ratinha cinza e seus bebês no ninho de veludo na almofada.

CAPÍTULO 7.

A CHAVE PARA O JARDIM

Dois dias depois, quando Mary abriu os olhos, sentou-se imediatamente na cama e chamou Martha.

— Olhe para a charneca! Olhe para a charneca!

A tempestade se fora, a névoa cinzenta e as nuvens foram varridas pelo vento durante a noite. O próprio vento cessara e um céu de azul profundo se erguia sobre a charneca. Nunca, nunca Mary sonhou com um céu tão azul. Na Índia, o céu era quente e fulgurante; aqui, era de um azul definido e frio que quase parecia cintilar como as águas de um lindo lago sem fim, e aqui e ali, no alto da abóbada azul, flutuavam pequenas nuvens de lâ branca como a neve. O vasto mundo da charneca em si parecia suavemente azulado em vez do sombrio preto-púrpura ou terrivelmente cinza-escuro.

— Sim — disse Martha com um sorriso alegre. — A tempestade amainou um pouco. É assim nesta época do ano. Ela some durante a noite como se fosse de mentira e parece que nunca mais vai voltar. Isso é porque a primavera tá chegando. Ainda tá muito longe, mas tá chegando.

— Achei que na Inglaterra o céu sempre ficava nublado ou que sempre chovesse — observou Mary.

— Eita! Não! — exclamou Martha, sentando-se nos calcanhares entre as escovas de chumbo pretas. — Num é ansim, nadica!

— O que isso significa? — perguntou Mary seriamente. Na Índia, os nativos falavam dialetos diferentes que apenas algumas pessoas entendiam, então ela não se surpreendeu quando Martha usava palavras desconhecidas.

Martha riu como na primeira manhã.

— Eita! — disse ela. — Eu falei em Yorkshire de boca cheia de novo como a sra. Medlock disse que num devo. “Num é ansim, nadica” significa que “não é nada disso” — repetiu com mais cuidado. — Mas leva muito tempo para falar direitinho. Yorkshire é o lugar mais ensolarado da terra quando faz sol. Eu te disse que logo ocê ia gostar da charneca. Espera até ver o tojo-dourado desabrochano e a piaçava, e as flor de urze, os sino-roxo, e as centena de borboleta e abelha zumbino e as cotovia voano e cantano. Cê vai querer sair com o nascer do sol e viver nisso o dia inteiro igual o Dickon.

— Como eu posso chegar lá? — perguntou Mary melancolicamente, olhando o azul distante pela janela. Era tudo tão novo, amplo e maravilhoso, colorido com uma cor celestial.

— Num sei — respondeu Martha. — Cê nunca usou suas perna desde que nasceu, parece. Não vai conseguir

andar oito quilômetro. São oito quilômetro até a nossa casa.

— Eu gostaria de conhecer a sua casa.

Martha a olhou com curiosidade por um momento, antes de pegar a escova de polir e começar a esfregar a grade novamente. Pensou que aquele rosto pequeno e simples não parecia mais tão azedo como na primeira manhã em que o vira. Parecia um pouco com o da pequena Susan Ann quando ela queria muito algo.

— Vou perguntar pra mãe se pode — respondeu. — Ela é daquelas que sempre vê um jeito de fazer as coisa. Hoje é meu dia de folga e eu vou para casa. Eita! Tô feliz. A sra. Medlock gosta muito da mãe. Quem sabe pede pra ela?

— Gosto da sua mãe — disse Mary.

— Imagino que sim — concordou Martha, limpando.

— Eu nunca a vi — disse Mary.

— Não, nunca viu — respondeu Martha.

Sentou-se sobre os calcanhares novamente e esfregou a ponta do nariz com as costas da mão como se estivesse confusa por um momento, mas logo se alegrou.

— Bom, ela é tão simples, trabalhadora, boa e limpa que ninguém poderia não gostar dela, conheceno ou não. Quando tô ino pra casa ficar com ela no meu dia de folga, até pulo de alegria quando cruzo a charneca.

— Eu gosto de Dickon — acrescentou Mary. — Mas não o conheço.

— Bom — disse Martha com firmeza —, eu já te disse que os próprio pássaro gosta dele e os coelho, as ovelha selvagem e os pônei, e as própria raposa. Eu queria saber — disse, olhando para ela pensativa —, o que o Dickon vai achar de ocê.

— Ele não vai gostar de mim — respondeu Mary com seu jeito duro e frio. — Ninguém gosta.

Martha ficou pensativa novamente.

— Nem ocê gosta de ocê? — perguntou, realmente curiosa.

Mary hesitou por um momento e pensou a respeito.

— Nem eu, realmente — respondeu. — Mas nunca havia pensado nisso antes.

Martha sorriu de lado como se recordasse de algo familiar.

— Uma vez a mãe disse assim... — começou ela. — Ela tava na banheira e eu tava de mau humor, falando mal do povo, e ela se virou pra mim e disse: “Que pequena megera, ocê é! Fica falano que não gosta deste e que não gosta daquele. Como é ocê pode gostar de ocê mesma?” Aquilo me fez rir e entendi tudo na hora.

Martha foi embora animada depois de servir o desjejum a Mary. Andaria ainda oito quilômetros pela charneca até a cabana e ajudaria a mãe a lavar, assar os pratos da semana e se divertiria muito.

Mary sentiu-se mais sozinha do que nunca quando Martha já não estava mais na casa. Saiu para o jardim o

mais rápido que pôde, e a primeira coisa que fez foi correr dez vezes em volta do jardim da fonte. Contou as vezes cuidadosamente e quando terminou sentiu-se melhor. O sol fazia tudo parecer diferente. O céu alto, profundo e azul se arqueava sobre Misselthwaite, bem como sobre a charneca, e ela erguia o rosto e olhava para ele, tentando imaginar como seria se deitar em uma das pequenas nuvens brancas como a neve e flutuar. Foi até a primeira horta e encontrou Ben Weatherstaff trabalhando com outros dois jardineiros. A mudança no tempo parecia ter feito bem a ele. Ele falou com ela por conta própria.

— A primavera tá chegando. Já dá pra sentir o cheiro. Mary inspirou e achou que também sentia.

— Sinto um cheiro agradável, fresco e úmido — disse ela.

— É o cheiro da terra fértil e boa — respondeu ele, cavando. — Dá um bom humor preparar a terra para cultivar as coisa. Eu fico feliz quando chega a hora de plantar. É uma chateação no inverno, num tem nada pra fazer. Nos jardim de flor lá fora, as coisa já vão se agitando debaixo da terra, no escuro. O sol tá aquecendo tudo. Cê vai ver os broto de ponta verde saindo da terra preta já, já.

— De que plantas? — perguntou Mary.

— Açafraão, floco-de-neve e narciso. Cê nunca viu?

— Não. Tudo fica quente, úmido e verde depois das chuvas na Índia — disse Mary. — E acho que as coisas crescem da noite para o dia.

— Aqui não cresce em uma noite — afirmou Weatherstaff. — Tem que esperar por eles. Eles vão despontar um pouco, depois aparece uma ponta que desenrola uma folha num dia, depois outra noutro dia. Cê vai ver.

— Vou mesmo — respondeu Mary.

Logo ela ouviu novamente o suave farfalhar de asas e soube de pronto que o pisco havia chegado. Ele era muito atrevido e animado, e saltava próximo dos pés dela. Inclinou a cabeça para o lado e a olhou com tanta astúcia que Mary fez uma pergunta a Ben Weatherstaff:

— Você acha que ele se lembra de mim?

— Claro que lembra! — disse Weatherstaff indignado. — Se ele conhece cada cepa de repolho do jardim, imagina as pessoas. Ele nunca viu uma menininha por aqui antes, e agora quer descobrir tudo sobre ocê. Nem tenta esconder nada dele.

— As coisas estão se agitando lá embaixo, no escuro, naquele jardim onde ele mora? — Mary perguntou.

— Que jardim? — grunhiu Weatherstaff, tornando-se ranzinza novamente.

— Aquele onde estão as velhas roseiras. — Ela não se conteve, porque queria muito saber. — Todas as flores estão mortas ou algumas delas voltam no verão? E as roseiras?

— Pergunta pra ele — disse Ben Weatherstaff, curvando os ombros na direção do pisco. — Só ele que sabe. Ninguém mais viu lá dentro já faz dez anos.

Dez anos era muito tempo, pensou Mary. Ela mesma nascera há dez anos.

Mary se afastou devagar, pensativa. Havia começado a gostar do jardim da mesma forma que começara a gostar do pisco, de Dickon e da mãe de Martha. E começava a gostar de Martha também. Parecia uma boa quantidade de pessoas para se gostar — quando não se está acostumado. Para ela, o pisco era como uma dessas pessoas. Então saiu para caminhar ladeando o longo muro coberto de hera, acima do qual podia ver as copas das árvores. Na segunda vez que ela subiu e desceu, aconteceu algo impressionante, e foi tudo por culpa do pisco de Ben Weatherstaff.

Ela ouviu um chilrear e um pio, e quando olhou para o canteiro de flores vazio à sua esquerda, ele pulava e bicava a terra para fingir que não a seguira. Mas ela sabia que ele a havia seguido e a surpresa a encheu de uma alegria quase incontrolável.

— Você se lembra de mim! — ela exclamou. — Você se lembra! Você é mais bonito do que qualquer coisa no mundo!

Ela gorjeou, falou, elogiou e o pássaro saltou, sacudiu sua cauda e gorjeou também. Era como se pudesse falar. Seu colete vermelho era como cetim e ele estufava o peito minúsculo e delicado, tão grandioso e bonito que era como

se realmente quisesse mostrar a ela como era importante e parecido com uma pessoa. Dona Mary se esqueceu de qualquer irritação na vida quando ele permitiu que se aproximasse cada vez mais, e que se abaixasse, falasse e tentasse imitar seu canto.

Ah! E pensar que ele a deixou chegar tão perto assim! Ele sabia que por nada no mundo ela lhe faria mal ou lhe assustaria, nem da maneira mais ínfima. Ele sabia disso pois era uma pessoa real — apenas mais gentil do que qualquer outra pessoa. Ela estava tão feliz que mal ousava respirar.

O canteiro de flores não estava totalmente vazio. Não havia flores porque as plantas perenes haviam sido cortadas para o descanso de inverno, mas arbustos altos e baixos cresciam na parte de trás do canteiro, e quando o pisco saltou sob eles, ela o viu pular sobre uma pequena pilha de terra recém-revolvida. O pássaro parou para cutucar uma minhoca. A terra fora revirada por um cachorro escavou uma toca de toupeira e deixou um buraco bem fundo.

Mary olhou tentando entender o motivo daquele buraco estar ali, e quando observou com atenção, viu algo parcialmente desenterrado. Era como um anel enferrujado de ferro ou de latão, e quando o pisco voou para uma árvore próxima, ela estendeu a mão e apanhou o objeto. Não era um anel, entretanto; era uma antiga chave que parecia estar enterrada há muito tempo.

Dona Mary levantou-se e olhou surpresa para o pisco,
com a chave pendurada em seu dedo.

— Talvez tenha sido enterrada dez anos atrás —
sussurrou. —Talvez seja a chave do jardim!

CAPÍTULO 8.

O PISCO MOSTROU O CAMINHO

Mary ficou olhando para a chave por um longo tempo. Olhou-a por todos os lados e pensou muito. Como não era uma criança treinada a pedir permissão ou consultar os mais velhos sobre as coisas, tudo o que pensou foi que aquela era a chave do jardim fechado. Se pudesse descobrir onde ficava a porta, talvez pudesse abri-la e ver o que havia atrás dos muros, e o que acontecera às velhas roseiras. O fato de estar fechado há tanto tempo era o que a atraía. Imaginava que devia ser diferente de outros lugares e que algo estranho poderia ter acontecido ali nos últimos dez anos. Além disso, se gostasse, poderia entrar nele todos os dias e fechar a porta atrás de si, e poderia inventar uma nova brincadeira e brincar sozinha, porque ninguém jamais saberia onde ela estava, e pensariam que a porta ainda estava trancada e a chave enterrada. Pensar nisso a deixou muito feliz.

Viver sozinha, por assim dizer, em uma casa com uma centena de quartos misteriosamente fechados, mas sem nada para se divertir, havia colocado seu cérebro inativo para funcionar. Sua imaginação finalmente despertava. Não há dúvida de que o ar fresco, forte e puro da charneca teve muito a ver com isso. Assim como haviam despertado seu apetite e sua vontade de lutar contra o vento que

agitava seu sangue, essas mesmas coisas agora agitavam sua mente. Na Índia, ela estava sempre com muito calor, preguiçosa e fraca para se preocupar com qualquer outra coisa, mas naquele lugar começava a se importar e a querer fazer coisas novas. Ela já se sentia menos “irritada”, embora não soubesse por quê.

Guardou a chave no bolso e caminhou para cima e para baixo da calçada. Ninguém além dela parecia ir lá, então podia andar devagar e olhar para o muro, ou melhor, para a hera que crescia sobre ele. A planta era muito intrigante. Por mais que olhasse atentamente, não conseguia ver nada além de folhas verdes, escuras, sedosas e densas. Era desapontador. Algo de irritação voltou à sua mente enquanto caminhava e olhava para as copas das árvores lá dentro. Parecia tão bobo, disse a si mesma, estar tão perto e não poder entrar. Ela tirou a chave do bolso quando voltou para casa e decidiu que sempre a carregaria quando saísse, para estar pronta caso encontrasse a porta escondida.

A sra. Medlock havia permitido que Martha dormisse a noite toda na cabana, mas a criada estava de volta ao trabalho pela manhã com as bochechas mais vermelhas do que nunca e no melhor dos ânimos.

— Levantei às quatro hora — disse ela. — Eita! Tava lindo na charneca com os pássaro levantano e os coelho correno na alvorada. Eu não andei o caminho todo. Um homem de carroça me deu uma carona e me diverti muito.

Ela tinha muitas histórias das delícias de seu dia de folga. Sua mãe ficara feliz em vê-la e fizeram logo os assados e a faxina. Ela até fez bolos com um pouco de açúcar mascavo para cada uma das crianças.

— Eu tava com tudo quentinho quando eles voltaram de brincar na charneca. E a cabana toda tinha cheiro de assadeira quente no fogo, e eles gritaram de alegria. Nosso Dickon disse que nossa casa era boa até para um rei.

À noite, todos se sentaram ao redor do fogo, e Martha e sua mãe remendaram roupas e meias velhas. Martha contou a eles sobre a menina que viera da Índia e que fora servida por toda a vida pelo que ela chamava de “pretos”, até se esquecer de como calçar as próprias meias.

— Eita! Eles gostaram de ouvir de ocê — disse Martha.
— Queriam saber tudo sobre os preto e do navio que trouxe ocê. Eles não me deixava parar de falar.

Mary refletiu um pouco.

— Vou contar muito mais antes do seu próximo dia de folga — prometeu ela —, assim você vai ter mais sobre o que conversar. Aposto que eles gostariam de ouvir sobre passeios em elefantes e camelos e sobre os oficiais caçando tigres.

— Minha nossa! — exclamou Martha, encantada. — Isso vai mexer cos miolo dele! Cê faria isso, senhorita? Seria o mesmo que um circo com as fera, como dizem que veio pra York uma vez.

— A Índia é bem diferente de Yorkshire — disse Mary lentamente, enquanto refletia sobre o assunto. — Nunca pensei nisso. Dickon e sua mãe gostam de ouvir você falar de mim?

— Ora, os olhos do nosso Dickon quase pularam fora, eles ficaram redondo — respondeu Martha. — Mas a mãe, ela ficou chateada porque ocê é tão sozinha. Ela disse: “O sr. Craven não tem tutora pra ela, nem babá?” E eu disse: “Não, não tem, mas a sra. Medlock disse que ele vai resolver isso, mas ela disse que ele pode não pensar nisso por dois ou três ano”.

— Eu não quero uma tutora — exclamou Mary rispivamente.

— Mas a mãe disse que ocê já devia aprender com os livros a essa altura e que devia ter uma mulher para cuidar de ocê. Ela disse: “Olha, Martha, só pensa em como se sentiria, num lugar grande como aquele, vagando por aí sozinha e sem mãe. Cê faça o possível para animar essa menina”, ela disse. E eu disse que sim.

Mary a olhou longa e firmemente.

— Você me anima — disse. — Eu gosto de ouvir você falar.

Em seguida, Martha saiu do quarto e voltou com algo nas mãos sob o avental.

— Olha só isso... — Martha sorriu alegremente. — Eu trouxe um presente pra ocê.

— Um presente! — exclamou dona Mary. Como uma cabana lotada com quatorze pessoas famintas poderia dar um presente para alguém?

— Um mascate tava passano na charneca — explicou Martha. — Ele parou o carrinho na nossa porta. Tinha panela, frigideira, tudo que é miudeza, mas a mãe não tinha dinheiro pra comprar nada. Quando ele tava indo embora, nossa Lizabeth Ellen gritou: “Mãe, ele tem corda de pular com alças vermelha e azul”. E a mãe, gritou de repente: “Oi, espere, meu senhor! Quanto custa?” E ele disse: “Dois pences”, e a mãe começou a mexer nos bolso e disse: “A Martha, ela me trouxe o salário como uma boa moça, e eu tenho uso para cada centavo, mas só vou pegar dois centavo para comprar uma corda de pular praquela criança”. E ela comprou e aqui está ela.

Tirou a corda de baixo do avental e a exibiu com muito orgulho. Era uma corda forte e fina com alças listradas de vermelho e azul nas extremidades, e Mary Lennox nunca tinha visto uma corda de pular antes. Ela olhou para aquilo com uma expressão perplexa.

— Para que serve? — perguntou, curiosa.

— Pra quê? — exclamou Martha. — Tá falano que eles num têm corda de pular na Índia, mas tem elefante, tigre e camelo? É para isso que ela serve, olha só.

E correu para o meio da sala com uma alça em cada mão e começou a pular, e pular, e pular. Mary se virou para olhar de sua cadeira, e os rostos estranhos nos velhos

retratos também pareceram olhar para ela, perguntando-se como diabos aquela miserável moradora de cabana se atrevia a fazer aquilo debaixo de seus narizes. Mas Martha nem notou. O interesse e a curiosidade no rosto de dona Mary a encantaram, e ela continuou pulando e contando até chegar aos cem.

— Consigo pular muito mais que isso — disse quando parou. — Já saltei quinhentos quando tinha doze ano, mas não era tão gorda como sou agora e praticava muito.

Mary levantou-se da cadeira um pouco mais animada.

— Parece bom — disse ela. — Sua mãe é uma mulher gentil. Você acha que eu consigo pular assim?

— Experimenta — insistiu Martha, entregando-lhe a corda. — Cê pode não pular cem no começo, mas se treinar, vai conseguir. Foi o que a mãe disse. Ela disse: “Nada vai fazer mais bem pra ela do que pular corda. É o melhor brinquedo que uma criança pode ter. Deixa ela pular no ar fresco e isso vai esticar suas perna e os braço e dar a um pouco de força neles”.

Estava claro que Mary não tinha muita força nos braços ou nas pernas, quando começou a pular. Ela não era muito esperta para aquilo, mas gostou tanto que não conseguia parar.

— Coloca uma roupa e vai lá pra fora — sugeriu Martha. — A mãe disse pra eu te mandar pra fora da casa o máximo que puder, mesmo se chover um pouco, para ocê se esquentar.

Mary vestiu o casaco e o chapéu e colocou a corda de pular sob o braço. Abriu a porta para sair e, de repente, lembrou-se de algo e voltou bem devagar.

— Martha — disse ela —, era o seu salário. Os dois pences eram seus. Obrigada. — Ela disse isso com firmeza pois não estava acostumada a agradecer às pessoas ou perceber quando faziam coisas por ela. — Obrigada — repetiu e estendeu a mão, porque não sabia mais o que fazer.

Martha deu uma pequena sacudida desajeitada em sua mão, como se também não estivesse acostumada com esse tipo de coisa. Então riu.

— Eita! Que coisa mais esquisita e antiga — brincou ela. — Se fosse a nossa Lizabeth Ellen, me dava um beijo.

Mary pareceu mais rígida do que nunca.

— Você quer que eu te beije?

Martha riu novamente.

— Não, eu não — respondeu. — Se ocê fosse diferente, talvez ocê é que quisesse me beijar. Mas cê não é. Corre lá pra fora brincar com a sua corda.

Dona Mary sentiu-se um pouco estranha ao sair do quarto. As pessoas de Yorkshire pareciam estranhas, e Martha sempre fora um enigma para ela. No início ela não lhe agradava muito, mas agora era diferente. A corda de pular foi uma coisa maravilhosa. Ela contou e pulou, e pulou e contou, até que suas bochechas ficaram bem vermelhas, e ela mais empolgada do que nunca. O sol

brilhava e uma brisa soprava — não um vento forte, mas pequenas rajadas deliciosas que traziam consigo um cheiro fresco de terra recém-mexida. Ela deu a volta no jardim da fonte, subiu por uma calçada e desceu por outra, sempre pulando com a corda. Finalmente saltou até a horta e viu Ben Weatherstaff cavando e conversando com seu pisco, que saltitava por ali. Ela pulou em sua direção e ele ergueu a cabeça com uma expressão curiosa. Ficou em dúvida se ele a notaria. Ela queria que ele a visse pular.

— Rapaz! — exclamou o velho. — Te juro! Talvez cê seja mesmo uma criança, e talvez tenha sangue de criança nas suas veia em vez de manteiga rançosa. Suas bochecha tão vermelha ou meu nome não é Ben Weatherstaff. Eu não acreditava que isso fosse acontecer.

— Eu nunca pulei corda antes — disse Mary. — Estou apenas começando. Só consigo até o vinte.

— Então num para — aconselhou Ben. — Isso faz muito bem pra uma criança que viveu com os pagão. Olha como ele te observa. — E balançou a cabeça em direção ao pisco. — Ele foi atrás de ocê ontem. E vai hoje também. Ele vai descobrir o que é esse negócio de pular corda. Ele nunca viu uma. Eita! Essa sua curiosidade vai te matar um dia se não tomar cuidado.

Mary deu uma volta por todos os jardins e ao redor do pomar, descansando de pouco em pouco. Por fim, foi para sua calçada especial e decidiu tentar pular por toda a sua extensão. Foram muitos saltos e ela começou devagar, mas

antes de chegar na metade do caminho estava com tanto calor e sem fôlego que foi obrigada a parar. Não se importou muito, pois já havia contado até trinta. Quando parou com uma risadinha de prazer, lá estava o pisco empoleirado em um longo galho de hera. Ele a seguiu e a cumprimentou com um chilreio. Quando Mary saltou em sua direção, sentiu algo pesado batendo em seu bolso a cada salto, e quando viu o pisco, riu novamente.

— Ontem você me mostrou onde estava — disse ela. — Hoje você deveria me mostrar a porta, mas acho que você não sabe!

O pisco voou de seu galho até o topo do muro. Abriu o bico e cantou um trinado alto e adorável, apenas para se exibir. Nada no mundo é tão adorável quanto um pisco quando ele se exhibe — e eles fazem isso o tempo todo.

Mary Lennox tinha ouvido muito sobre magia nas histórias de sua aia, e ela sempre diria que o que aconteceu naquele momento foi mágico.

Uma das refrescantes rajadas de vento varreu a calçada, mais forte do que as outras. Foi forte o suficiente para sacudir os galhos das árvores, e ainda mais para balançar os longos ramos de hera que pendiam do muro. Mary se aproximou do pisco e, de repente, outra rajada de vento afastou para o lado alguns dos ramos soltos, que ela prontamente agarrou em um salto. Fez isso porque notou algo escondido ali, uma protuberância redonda coberta pelas folhas. Era a maçaneta de uma porta.

Mary enfiou as mãos sob as folhas e começou a puxá-las e empurrá-las para o lado. Por mais abundante que fosse a hera, quase tudo era uma cortina solta e oscilante, embora alguns ramos tivessem se fixado sobre as ferragens e a madeira. O coração de Mary começou a bater forte e suas mãos tremiam de alegria e entusiasmo. O pisco continuou a cantar, piando e inclinando a cabeça para o lado, como se estivesse tão animado quanto ela. O que era aquilo sob suas mãos, um quadrado de ferro no qual seus dedos encontraram uma fenda?

Era a fechadura da porta fechada há dez anos e ela meteu a mão no bolso, tirou a chave e descobriu que se encaixava perfeitamente. Inseriu a chave e a girou. Precisou usar as duas mãos, mas conseguiu.

E então respirou fundo e olhou para trás, para ver se alguém vinha pela longa calçada. Ninguém. Ao que parecia, ninguém nunca vinha e ela não pôde conter um longo suspiro. Afastou a cortina oscilante de hera e empurrou a porta, que se abriu lentamente — muito lentamente.

Então ela entrou, fechou a porta atrás de si e apoiou suas costas nela, olhando em volta, ofegante de excitação, admiração e deleite.

Ela estava dentro do jardim secreto.

CAPÍTULO 9.

A CASA MAIS ESTRANHA QUE ALGUÉM JÁ MOROU

Aquele era o lugar mais encantador e misterioso que alguém poderia imaginar. Os muros altos que o cercavam eram recobertos por galhos desfolhados de roseiras, grossos e emaranhados. Mary Lennox sabia que eram roseiras pois vira muitas delas na Índia. Todo o terreno estava coberto por uma grama de um marrom invernal e dela cresciam moitas de arbustos secos que certamente seriam roseiras se estivessem vivas. Havia um grande número de roseiras comuns com galhos tão longos que se pareciam com pequenas árvores. Havia outras árvores no jardim, e uma das coisas que faziam o lugar parecer mais estranho e adorável era que as roseiras haviam se espalhado por tudo, suas longas gavinhas criavam cortinas finas e ondulantes. Aqui e ali elas se enroscavam umas às outras deixando longas hastes penduradas, que se ligavam em lindas pontes de si mesmas ao alcance das mãos. Não havia folhas nem rosas nelas agora e Mary não sabia se estavam vivas ou mortas, mas seus galhos e raminhos finos, cinzas ou marrons, formavam uma espécie de manto indistinto que se espalhava por tudo, paredes e árvores, e até mesmo sobre a

grama acastanhada, onde haviam despencado de suas escoras e se espalhado pelo chão. Era esse confuso emaranhado de árvores e mais árvores que fazia tudo parecer muito misterioso. Mary pensou que devia ser diferente de outros jardins que não haviam sido abandonados por tanto tempo; e de fato era diferente de qualquer outro lugar que ela já vira em toda sua vida.

— Como aqui é quieto! — ela sussurrou. — Muito quieto!

Então se calou por um momento e ouviu o silêncio. O pisco, que voou para o topo da árvore, estava imóvel como todo o resto. Ele nem mesmo bateu as asas; acomodou-se para observar Mary.

— Não admira que seja quieto — sussurrou novamente. — Sou a primeira pessoa que fala aqui dentro em dez anos.

Ela se afastou da porta, pisando tão suavemente como se temesse acordar alguém. Estava feliz por ter grama sob seus pés para abafar seus passos. Caminhou sob um dos encantadores arcos cinzentos entre as árvores e olhou para os ramos e gavinhas que o formavam.

— Será que estão todos mortos? É um jardim morto? Gostaria que não fosse.

Se ela fosse Ben Weatherstaff, saberia se a madeira ainda vivia só de olhar para ela, mas Mary encontrava ramos e mais ramos cinzentos ou marrons e nenhum

apresentava qualquer sinal de vida, sequer uma pequenina folha.

Mas agora que estava dentro do jardim maravilhoso e poderia entrar pela porta sob a hera quando quisesse, sentia-se como se tivesse encontrado um mundo só seu.

O sol brilhava dentro dos quatro muros e o alto arco do céu azul sobre aquele pedaço específico de Misselthwaite parecia ainda mais claro e suave do que sobre a charneca. O pisco desceu do topo de sua árvore e pulava e voava atrás dela, de um arbusto para outro. Ele gorjeava com um ar bem ocupado, como se estivesse mostrando coisas para ela. Tudo era estranho e silencioso e ela parecia estar a centenas de quilômetros de qualquer pessoa, mas de alguma forma não se sentia nem um pouco solitária. Tudo o que a perturbava era o desejo de saber se todas as rosas estavam mortas ou se alguma delas havia sobrevivido para lançar folhas e botões quando o tempo esquentasse. Ela não queria que fosse um jardim completamente morto. Se fosse um jardim vivo, que maravilhoso seria, pois milhares de rosas nasceriam por todos os lados!

A corda de pular estava pendurada em seu braço quando ela entrou, e depois de caminhar um pouco, pensou em pular pelo jardim todo, parando quando quisesse observar algum detalhe. Parecia haver trilhas na grama aqui e ali, e em um ou dois cantos havia nichos de

sempre-vivas com bancos de pedra ou altas urnas de flores cobertas de musgo.

Quando chegou perto da segunda dessas alcovas, parou de pular. Antigamente havia ali um canteiro de flores, e ela pensou ter visto algo saindo da terra negra — alguns pontinhos verdes-claros e pontiagudos. Ela se lembrou do que Ben Weatherstaff havia dito e se ajoelhou para olhar mais de perto.

— Sim, são as pequenas coisas que crescem e podem ser açafrões, flocos-de-neve ou narcisos — sussurrou.

Bastante curvada sobre eles, sentiu o cheiro fresco da terra úmida. E gostou muito.

— Talvez haja alguns outros brotando em outros lugares — disse ela. — Vou dar uma olhada no jardim todo.

Desta vez não saltou, caminhou. Andou devagar mantendo os olhos no chão. Examinou os antigos canteiros e entre o mato e, depois de dar a volta, tentando não perder nada, encontrou muitas outras pontas de um verde suave e se empolgou novamente.

— Não é um jardim totalmente morto — exclamou baixinho. — Mesmo que as roseiras tenham morrido, há outras coisas vivas.

Ela não sabia nada sobre jardinagem, mas a grama parecia tão espessa em alguns dos lugares onde os pontos verdes abriam caminho que imaginou que lhes faltava espaço para crescer. Procurou até encontrar um pedaço de madeira bastante pontudo, ajoelhou-se e cavou,

arrancando ervas daninhas até abrir pequenas clareiras ao redor deles.

— Agora parece que podem respirar — disse ela, depois de terminar com os primeiros. — Vou fazer muitos mais. Farei tudo o que puder. Se não der tempo hoje, posso voltar amanhã.

Foi de um canto a outro, cavou e capinou, e se divertiu tanto que foi de canteiro em canteiro e até o gramado sob as árvores, sem perceber. O exercício a deixou com tanto calor que primeiro tirou o casaco e depois o chapéu e, sem saber, sorria para a grama e para os brotos verdes-claros o tempo todo.

O pisco continuava extremamente ocupado. Ele ficou muito satisfeito ao ver a jardinagem iniciada em sua propriedade. Costumava sempre observar Ben Weatherstaff, pois onde a jardinagem é feita, todos os tipos de coisas deliciosas são revolvidas com o solo. Agora, ali estava aquela nova criatura que não tinha nem a metade do tamanho de Ben, mas que tinha o bom senso de entrar em seu jardim e colocar as mãos à obra.

Dona Mary trabalhou no jardim até a hora de ir almoçar. Na verdade, ela demorou a se lembrar e, ao vestir o casaco e o chapéu, e pegar a corda, não pôde acreditar que trabalhara por duas ou três horas. Havia estado realmente feliz durante todo o tempo; e dezenas e dezenas de pequenos pontos verdes agora podiam ser vistos em

lugares arejados, parecendo duas vezes mais alegres do que antes, quando a grama e o mato os sufocavam.

— Voltarei esta tarde — disse ela, olhando para seu novo reino e falando com as árvores e as roseiras como se a ouvissem.

Então ela correu suavemente pela grama, empurrou a velha porta lentamente e deslizou por baixo da hera. Com as bochechas muito coradas e olhos brilhantes, devorou seu almoço a ponto de Martha ficar encantada.

— Dois pedaço de carne e dois pote de arroz doce! — ela exclamou. — Eita! A mãe vai ficar feliz quando eu contar o que a corda de pular fez com ocê.

No curso de sua escavação com a vara pontiaguda, dona Mary desenterrara uma espécie de raiz branca, parecida com uma cebola. Colocou-a de volta no lugar e afagou cuidadosamente a terra sobre ela. Agora, perguntava se Martha saberia dizer o que era.

— Martha — perguntou ela —, o que são umas raízes brancas que se parecem com cebolas?

— São os bulbo — respondeu Martha. — Muitas flor da primavera cresce deles. Os pequenino são de floco-de-neve e açafão e os grande são narciso, junquilha e nambuê. Os maior de todos são os lírio e as bandeira-roxa. Eita! Eles são lindo. Dickon tem um monte deles plantado no nosso quintal.

— Dickon sabe muito sobre eles? — perguntou Mary com uma nova ideia tomando conta dela.

— Nosso Dickon pode fazer uma flor nascer num tijolo. A mãe fala que ele faz elas brotar do chão com a voz.

— Os bulbos vivem por muito tempo? Eles viveriam anos e anos se ninguém cuidasse deles? — perguntou Mary ansiosa.

— Eles mesmo que se cuida — explicou Martha. — É por isso que os pobre pode se dar ao luxo de ter eles também. Se ocê não incomoda eles, a maioria trabalha debaixo da terra a vida toda e se espalham e vão brotano. Tem um lugar no bosque aqui perto com um monte de floco-de-neve. É a paisagem mais bonita de Yorkshire quando a primavera chega. Ninguém sabe quando foram plantado lá.

— Queria que a primavera já tivesse chegado — disse Mary. — Quero ver todas as coisas que crescem na Inglaterra.

Ela havia terminado seu almoço e se sentou em seu lugar favorito no tapete da lareira.

— Eu gostaria... eu gostaria de ter uma pá de mão — disse ela.

— Pra que ocê quer uma pá? — perguntou Martha, rindo. — Vai começar a cavar? Posso contar isso pra mãe também?

Mary olhou para o fogo e ponderou um pouco. Ela precisava ter cautela se pretendia manter seu reino em segredo. Embora não estivesse fazendo nada de errado, se o sr. Craven descobrisse sobre a porta, ficaria terrivelmente

bravo e pegaria uma nova chave e a trancaria para sempre. Ela realmente não podia deixar que isso acontecesse.

— Este lugar é tão grande e solitário — disse ela lentamente, como se ruminasse o assunto. — A casa é solitária, o bosque é solitário e os jardins são solitários. Muitos lugares estão fechados. Nunca fiz muitas coisas na Índia, mas havia mais pessoas para eu observar... nativos e soldados marchando e às vezes bandas tocando. E minha aia me contava histórias. Não há ninguém com quem conversar aqui, exceto você e Ben Weatherstaff. E você tem que fazer seu trabalho e Ben Weatherstaff não fala muito comigo. Pensei que se eu tivesse uma pá de cabo curto eu poderia cavar em algum lugar, e poderia fazer um pequeno jardim se ele me desse algumas sementes.

O rosto de Martha se iluminou.

— Olha só! — exclamou. — Se essa não foi uma das coisas que a mãe disse. Ela disse: “Tem tanto espaço naquele lugar, por que eles num dão um pouco de terra pra ela, mesmo que ela só plante umas salsinha e uns rabanete? Ela ia cavar e carpir e ia ficar feliz”. Foram essas as palavras que ela disse.

— Foram mesmo? — desconfiou Mary. — Quantas coisas ela sabe, não é?

— Eita! — exclamou Martha. — É como ela diz: “Uma mulher com doze filhos aprende mais do que as letras do alfabeto. Filho é bom igual matemática pra fazer a gente descobrir as coisas”.

— Quanto custaria uma pá... uma pequena? — Mary perguntou.

— Bom — Martha pensou um pouco —, no vilarejo de Thwaite tem uma lojinha onde eu vi uns conjuntinho de jardim com pá, ancinho e garfo, tudo amarrado, por dois xelim. E eles era forte o bastante pra trabalhar de verdade.

— Tenho mais do que isso na minha bolsa — disse Mary. — A sra. Morrison me deu cinco xelins e a sra. Medlock me deu algum dinheiro do Sr. Craven.

— Ele lembrou tanto assim de ocê? — admirou-se Martha.

— A sra. Medlock disse que eu teria um xelim por semana para gastar. Ela me dá um todo sábado. Eu não sabia no que gastar.

— Minha nossa! Isso que é riqueza — disse Martha. — Com isso dá pra comprar qualquer coisa no mundo que ocê quiser. O aluguel da nossa casa é só um e três pence e pagar isso é igual arrancar os olho com os dente. Olha, acabei de pensar numa coisa. — E colocou as mãos nos quadris.

— O quê? — perguntou Mary ansiosamente.

— Na lojinha de Thwaite, eles vende uns pacote de semente de flor por um centavo cada, e o nosso Dickon sabe quais são as mais bonita e como cuida delas. Ele sempre vai pra Thwaite só para passear. Cê sabe escrever carta com letra de forma? — disparou.

— Eu sei escrever — respondeu Mary.

Martha balançou a cabeça.

— Nosso Dickon só lê se for de forma. Se conseguir, a gente escreve uma carta pra ele e pede pra ir comprar as ferramenta e as semente tudo junto.

— Oh! Você é uma boa menina! — Mary se emocionou. — Você é, de verdade! Não sabia que você era tão boa. Sei que posso escrever a carta se tentar. Vamos pedir à sra. Medlock uma caneta, tinta e algumas folhas de papel.

— Eu tenho umas — disse Martha. — Comprei pra escrever uma carta pra mãe. Vou lá buscar. — Saiu correndo do quarto e Mary parou perto do fogo, torcendo suas mãozinhas finas com puro prazer.

— Se eu tiver uma pá — ela sussurrou —, posso afogar a terra e carpir as ervas daninhas. Se eu tiver sementes e elas florescerem, o jardim não estará morto. Ele ganhará vida.

Mary não saiu de novo naquela tarde, pois quando Martha voltou com sua caneta, tinta e papel, teve de tirar a mesa e levar os pratos e travessas para baixo. Quando a criada entrou na cozinha, a sra. Medlock estava lá e lhe deu outra tarefa, então Mary esperou pelo que lhe pareceu muito tempo antes de ela voltar. Escrever para Dickon foi um trabalho duro. Mary aprendera muito pouco porque, como suas tutoras não gostavam muito dela, não perdiam muito tempo ensinando. Ela não conseguia soletrar muito bem, mas descobriu que podia escrever se tentasse. Esta foi a carta que Martha ditou a ela:

Meu caro Dickon:

Envio esta na esperança de encontrá-lo bem, como estou neste momento. A dona Mary tem muito dinheiro, você poderia ir a Thwaite comprar algumas sementes de flores e um conjunto de ferramentas de jardim para que faça um canteiro de flores? Escolha as mais bonitas e fáceis de cultivar porque ela nunca fez isso antes e morou na Índia que é bem diferente. Mando meu amor à mãe e a cada um de vocês. A dona Mary vai me contar muito mais, para que eu fale a vocês sobre elefantes e camelos e cavalheiros caçando leões e tigres.

*Sua querida irmã,
Martha Phoebe Sowerby.*

— Vamos colocar o dinheiro no envelope e eu peço pro açougueiro levar ela no carrinho. Ele é um grande amigo do Dickon — propôs Martha.

— Como vou pegar as coisas quando Dickon as comprar?

— Ele mesmo vai trazer pra você. Ele vai gostar de andar até aqui.

— Ah! — exclamou Mary. — Então eu o conhecerei! Nunca pensei que veria Dickon.

— Cê quer ver ele? — perguntou Martha de repente, pois Mary parecia muito empolgada.

— Sim, quero. Nunca conheci um menino amado por raposas e corvos. Quero muito conhecê-lo.

Martha estremeceu discretamente, como se algo lhe viesse à mente.

— Agora que lembrei — ela irrompeu. — Lembrei que tava esquecendo daquilo; e pensei que ia contar para você logo de manhã. Eu perguntei pra mãe, e ela disse que vai pedir pra sra. Medlock ela mesma.

— Você quer dizer... — Mary começou.

— O que eu disse na terça-feira. Perguntar pra ela se você podia ir um dia na nossa cabana e comer um pouco do bolo de aveia quente da mãe, com manteiga e um copo de leite.

Parecia que todas as coisas interessantes estavam acontecendo naquele mesmo dia. Pensar em atravessar a charneca à luz do dia e com o céu azul?! Pensar em entrar na cabana que abrigava doze crianças?!

— Ela acha que a sra. Medlock me deixaria ir? — perguntou, bastante ansiosa.

— Ela acha, sim. Ela sabe como a mãe é uma mulher arrumada e como nossa casa é limpa.

— Se eu fosse, conheceria sua mãe, assim como Dickon — disse Mary, pensando a respeito e gostando muito da ideia. — Ela não parece ser como as mães da Índia.

Seu trabalho no jardim e a agitação da tarde acabaram fazendo com que ela se sentisse tranquila e contemplativa. Martha ficou com ela até a hora do chá, e ambas se sentaram confortavelmente em silêncio e depois

conversaram um pouco. Logo antes de Martha descer para pegar a bandeja de chá, Mary lhe fez uma pergunta:

— Martha, a copeira voltou a ter dor de dente hoje?

Martha se surpreendeu um pouco.

— Que pergunta é essa? — disse.

— É que enquanto fiquei esperando você voltar, abri a porta e fui pelo corredor ver se você estava a caminho. Então ouvi aquele choro abafado de novo, como ouvimos na outra noite. Como não está ventando hoje, não poderia ter sido o vento.

— Eita! — inquietou-se Martha. — Cê num pode ficar andano nos corredor ouvindo coisa. O sr. Craven pode ficar tão zangado que nem sei o que faria.

— Eu não estava bisbilhotando — justificou Mary. — Estava apenas esperando por você... e ouvi. Foram três vezes.

— Menina! Ouviu só a campainha da sra. Medlock? — disse Martha, e saiu quase correndo do quarto.

— É a casa mais estranha em que alguém já morou — disse Mary sonolenta, ao deitar a cabeça no assento almofadado da poltrona. Ar fresco, cavar e pular corda lhe deram um cansaço tão agradável que logo adormeceu.

CAPÍTULO 10.

DICKON

O sol brilhou por quase uma semana sobre o jardim secreto. “O Jardim Secreto” era como Mary o chamava quando pensava nele. Ela gostou do nome e gostava ainda mais da sensação de estar protegida por seus belos muros antigos, sem ninguém saber onde estava. O jardim parecia existir em um mundo de contos de fadas. Os poucos livros que ela havia lido e gostado eram de contos de fadas, e em algumas das histórias havia jardins secretos. Às vezes, as pessoas dormiam neles por mais de cem anos, o que ela achava bastante estúpido. Ela não tinha intenção de dormir e, na verdade, estava cada vez mais desperta a cada dia em Misselthwaite. Ela começou a gostar do ar livre. Não odiava mais o vento — agora gostava dele. Já corria mais rápido e por mais tempo, e conseguia pular corda até cem.

Os bulbos do jardim secreto devem ter ficado surpresos. Espaços tão belos e limpos foram abertos ao redor deles que agora podiam respirar o quanto quisessem e, na verdade, mesmo sem que dona Mary soubesse, eles começaram a se animar debaixo da terra escura e a trabalhar com mais afinco. O calor do sol agora podia aquecê-los, e quando a chuva caísse os alcançaria imediatamente, então começaram a se sentir mais vivos.

Mary era uma pessoinha estranha e determinada que agora tinha algo interessante a que se dedicar. Estava realmente absorta. Trabalhava, cavava e arrancava ervas daninhas diligentemente, mais e mais satisfeita com seu trabalho a cada minuto, em vez de se cansar dele. Aquilo era como um jogo fascinante. Ela encontrou muitos mais pontos verdes-claros brotando do que imaginava. Pareciam despontar em todos os lugares e a cada dia ela tinha a certeza de encontrar outros novos, alguns tão pequenos que mal apareciam acima da terra. Eram tantos que ela se lembrava do que Martha havia dito sobre os “milhares de flocos-de-neve” e sobre os bulbos que se espalhavam e geravam outros. Eles haviam sido abandonados há dez anos e talvez tivessem se espalhado, como os flocos-de-neve, aos milhares. Ela se perguntou quanto tempo demoraria para revelarem que flores eram. Às vezes, parava de cavar para olhar o jardim e imaginar como seria quando estivesse coberto de infinitas coisas lindas em flor. Durante aquela semana de sol, ela se tornou mais íntima de Ben Weatherstaff. Ela o surpreendeu várias vezes, aparecendo ao seu lado como se tivesse brotado do chão. A verdade é que ela temia que, caso a visse chegando, ele recolhesse suas ferramentas e fosse embora, então sempre caminhava em sua direção o mais silenciosamente possível. Mas, na verdade, ele não a rejeitava com a mesma intensidade do início. Talvez estivesse secretamente lisonjeado com o evidente desejo

da menina por sua companhia idosa. Além disso, ela estava muito mais simpática do que antes. Ben Weatherstaff não sabia que, quando ela o viu pela primeira vez, o tratou como a um nativo, imaginando que um velho zangado e forte de Yorkshire também estivesse acostumado a dar salaam para seus patrões e simplesmente obedecer às suas ordens sem pensar.

— Cê parece um pisco — disse a ela certa manhã, ao erguer a cabeça e vê-la parada ao seu lado. — Nunca sei de que lado ocê vai aparecer.

— Ele agora é meu amigo — afirmou Mary.

— É bem do feitio dele — retrucou Ben Weatherstaff.
— Ele agrada as mulher só pra se mostrar. Ele faz de tudo pra se exhibir e desfilas a pena da cauda. Ele é tão orgulhoso que parece um pavão.

Ben Weatherstaff raramente falava muito e às vezes nem respondia às perguntas de Mary, exceto com grunhidos, mas naquela manhã estava mais falante do que de costume. Levantou-se e apoiou sua bota de cravos no topo de sua pá enquanto a examinava.

— Faz quanto tempo que ocê já tá aqui? — ele disparou.

— Acho que mais ou menos um mês — respondeu ela.

— Já começou a dar orgulho pra Misselthwaite — disse ele. — Já tá um pouco mais gorda e não fala mais daquele jeito irritante. Cê parecia um corvinho depenado quando

apareceu da primeira vez aqui nos jardim. Acho que nunca botei os olho numa menina mais feia e encardida.

Mary não era vaidosa e como nunca pensava em sua aparência, não se perturbou.

— Sei que estou mais gorda — confirmou ela. —
Minhas meias ficaram apertadas. Antes, costumavam ficar folgadas. Lá vem o pisco, Ben Weatherstaff.

E realmente ali estava o pisco, e ela o achou mais bonito do que nunca. Seu colete vermelho estava lustroso como cetim e ele sacudia suas asas e cauda, inclinava a cabeça e saltitava com todos os tipos de gracejos. Parecia determinado a fazer Ben Weatherstaff admirá-lo. Mas Ben foi sarcástico.

— Eita, olha só procê! — disse o velho. — Cê pode se mostrar um pouco pra mim quando não tiver ninguém melhor. Cê tá alisano seu colete e polino suas pena já faz duas semana. Eu sei por quê. Cê tá cortejano uma dona moça bem fornida em outro lugar, contano umas mentira para ela, que ocê é o melhor pisco da charneca de Missel e que vai brigar com os outro pisco.

— Oh! Olhe para ele! — exclamou Mary.

O pisco estava fascinante e bastante ousado. Aproximava-se mais e olhava para Ben Weatherstaff de maneira cada vez mais envolvente. Voou até o arbusto de groselha mais próximo, inclinou a cabeça e cantou uma musiquinha para ele.

— Cê acha que é mió que eu só porque ocê canta assim? — disse Ben, franzindo o rosto de tal forma que Mary teve certeza de que ele tentava fingir estar bravo. — Cê pensa que ninguém pode com ocê, é?

O pisco abriu as asas e Mary mal pôde acreditar: ele voou direto para o cabo da pá de Ben Weatherstaff e pousou sobre ela. Então o rosto do velho se enrugou lentamente em uma nova expressão. Ficou parado como se estivesse com medo de respirar, como se temesse que qualquer movimento seu pudesse fazer o pisco fugir. Então falou quase num sussurro:

— Bom, eu desisto! — disse tão suavemente que parecia outra pessoa. — Cê sabe como conquistar as pessoa, sabe mesmo! Parece até coisa do outro mundo.

E ficou ali, sem se mexer — quase sem respirar —, até que o pisco deu outra ruflada de asas e voou para longe. Então Ben ficou olhando para o cabo da pá como se houvesse alguma magia nela, e voltou a cavar sem dizer nada por vários minutos.

Mas como ele ficava sorrindo de quando em quando, Mary não teve medo de falar com ele.

— Você tem seu próprio jardim? — ela perguntou.

— Não. Sou solteiro e moro no porão com o Martin.

— Se você tivesse um — inquiriu Mary —, o que plantaria nele?

— Repolho, batata e cebola.

— Mas e se fosse um jardim de flores? — insistiu Mary.
— O que plantaria?

— Bulbos e coisas perfumada, mas principalmente rosa.

O rosto de Mary se iluminou.

— Você gosta de rosas?

Ben Weatherstaff arrancou uma erva daninha e a jogou de lado antes de responder.

— Olha, eu gosto, sim. Apreendi a gostar com uma moça quando eu era jardineiro dela. Ela tinha muita roseira em um lugar que ela gostava, e ela amava as roseiras como se fossem criança... ou pisco. Ela até beijava as roseiras. — Puxou outra erva daninha e fez uma careta para ela. — Mas isso já faz uns dez ano.

— E onde ela está agora? — perguntou Mary, muito interessada.

— No céu — respondeu ele, e cravou sua pá profundamente no solo. — Foi o que o padre disse.

— E o que aconteceu com as roseiras dela? — tornou a perguntar, mais interessada do que nunca.

— Largaram elas lá, sozinha.

Mary se animava cada vez mais.

— Acha que todas elas já morreram? As roseiras morrem de verdade quando são deixadas sozinhas? — ela arriscou.

— Bom, eu gostava tanto delas, e também gostava da menina, e ela gostava tanto delas — admitiu Ben

Weatherstaff com relutância —, que uma ou duas vez por ano eu ia trabalhar nelas um pouco, podava e cuidava das suas raiz. Tavam tudo abandonada, mas com o solo fértil, então algumas dela viveram.

— Quando elas não têm folhas e estão cinzentas, marrons e secas, como saber se estão vivas ou mortas? — perguntou Mary.

— Tem que esperar a primavera chegar nelas. Espera o sol brilhar na chuva e a chuva cair quando tá sol e daí cê vai descobrir.

— Como... como? — exclamou Mary, descuidando-se.

— Olha os ramo e os galho e se tiver uns caroço marrom inchando aqui e ali, cê fica de olho depois da chuva quente pra ver o que acontece. — De repente ele parou e olhou com curiosidade para o rosto ansioso dela. — Agora ocê de repente se preocupa tanto com as roseira e essas coisa? — disparou.

Dona Mary sentiu seu rosto corar. Quase teve medo de responder.

— Eu... eu queria brincar disso... de fingir que tenho um jardim só meu — gaguejou. — Eu... não tenho nada para fazer. Eu não tenho nada... e nem ninguém.

— Bom — disse Ben Weatherstaff lentamente, enquanto a observava —, isso é verdade. Cê num tem mesmo.

Ele pronunciou aquilo de maneira tão estranha que Mary se perguntou se ele realmente sentia um pouco de

pena por ela. Ela nunca sentira pena de si mesma; apenas se sentia cansada e zangada, pois não gostava tanto assim das pessoas e das coisas. Mas agora o mundo parecia estar mudando e se tornando mais agradável. Se ninguém descobrisse sobre o jardim secreto, ela poderia se divertir para sempre.

Ficou ali por mais dez ou quinze minutos e arriscou fazer todas as perguntas que quis. Ben Weatherstaff respondeu a cada uma delas com seu jeito esquisito e resmungão, mas não parecia zangado, pois não pegou sua pá e sumiu dali. Ele contou algo sobre roseiras quando ela já estava de partida, o que a lembrou daquelas mencionadas antes.

— Você vai ver aquelas outras roseiras agora? — ela perguntou.

— Não fui este ano. Meu reumatismo deixou as articulação muito dura.

Disse isso com sua voz resmungona e, de repente, pareceu ficar zangado, embora ela não entendesse o motivo.

— Olha aqui! — ele disse bruscamente. — Chega de tanta pergunta. Cê é a menina mais perguntadeira que eu já conheci. Vai brincar pra lá. Acabou a minha cota de falação por hoje.

Pareceu tão irritado que ela entendeu que não adiantava ficar ali nem mais um minuto. Ela pulou corda pela calçada externa pensando sobre ele e dizendo a si

mesma que, por mais estranho que fosse, ali estava outra pessoa de quem ela gostava, apesar do mau humor. Ela gostava do velho Ben Weatherstaff. Sim, gostava dele. Sempre tentava fazê-lo conversar. Além do mais, ela começava a acreditar que ele sabia tudo sobre flores.

Havia uma calçada cercada de loureiros que contornava o jardim secreto e terminava em um portão que se abria em um bosque, no parque. Ela pensou em dar a volta por aquele caminho e ver se encontrava algum coelho pulando pela mata. Ela gostava muito de pular e, quando chegou ao pequeno portão e o abriu, ouviu um assobio baixo e peculiar e decidiu descobrir o que era.

Na verdade, era uma coisa muito estranha. Ela prendeu a respiração quando parou para olhar. Um menino estava sentado com as costas apoiadas em uma árvore, brincando com uma flauta rústica. Era um garoto esquisito de cerca de doze anos. Parecia muito limpo, com seu nariz empinado e suas bochechas avermelhadas como papoulas. Dona Mary nunca vira olhos tão redondos e azuis no rosto de um menino. E no tronco da árvore em que se encostava, um esquilo castanho se agarrava e olhava para ele, e por trás de um arbusto próximo um faisão delicadamente esticava seu pescoço para espiar, e bem perto dele havia dois coelhos sentados farejando com seus focinhos trêmulos. Na verdade, parecia que todos se aproximavam para observá-lo, atraídos pelo estranho chamado que sua flauta produzia.

Quando ele viu Mary, ergueu sua mão e falou em uma voz quase tão baixa como o seu assobio:

— Num se mexe — disse ele. — Senão eles foge.

Mary permaneceu imóvel. Ele parou de soprar a flauta e começou a se levantar. Seus movimentos eram tão lentos que mal parecia se mover, mas finalmente se pôs de pé e então o esquilo voltou a subir nos galhos de sua árvore, o faisão encolheu a cabeça e os coelhos caíram de quatro e saltaram para longe, embora nenhum deles demonstrasse medo.

— Meu nome é Dickon — disse o menino. — Eu sei que ocê é a dona Mary.

Então Mary percebeu que misteriosamente já sabia que ele era Dickon assim que o vira. Quem mais poderia encantar coelhos e faisões como os nativos da Índia encantam serpentes? Ele tinha uma boca larga, vermelha e curvada e seu sorriso se espalhava por todo o rosto.

— Levantei devagar — explicou ele —, porque se ocê faz um movimento rápido, eles se assusta. Quando tem coisas selvagem por perto, tem que mexer o corpo devagar e falar bem baixinho.

Falava com ela como se a conhecesse muito bem, e não como se nunca tivessem se visto. Mary não sabia nada sobre meninos e falava com ele um pouco rígida, pois se sentia um tanto tímida.

— Você recebeu a carta de Martha? — ela perguntou.

Ele acenou sua cabeça, coberta de cachos cor de ferrugem.

— Foi por isso que eu vim.

Ele se abaixou para pegar algo no chão.

— Trouxe as ferramenta de jardim. Tem uma pá de mão, um ancinho, um garfo e uma enxadinha. Eita! Eles são bom. Tem uma espátula também. E a mulher da loja colocou um pacote de papoula branca e um de esporinha azul quando comprei as outra semente.

— Me deixa ver as sementes? — pediu Mary.

Ela desejou ser capaz de falar como ele, que tinha um discurso tão rápido e fácil. Parecia que ele gostava dela e que não tinha o mínimo medo de que ela não gostasse dele, embora fosse apenas um simples menino da charneca, com roupas remendadas, rosto engraçado e uma cabeça ruiva despenteada. Quando ela se aproximou, percebeu um aroma fresco e límpido de urze, grama e folhas, quase como se ele fosse feito dessas coisas. Aquilo a agradou e quando olhou para seu rosto esquisito de bochechas vermelhas e olhos azuis redondos, esqueceu-se de sua timidez.

— Vamos sentar neste tronco para olhar as sementes — sugeriu ela.

Sentaram-se e ele tirou um desajeitado embrulho de papel pardo do bolso do casaco. Desamarrou o barbante e ali dentro havia outros pacotes menores e mais

organizados, com imagens de flores diferentes em cada um deles.

— Tem um monte de minhonetes e papoulas — ele avisou. — Minhonete é a coisa com o cheiro mais doce que ocê já viu, e vai crescer em qualquer lugar que ocê espalhar elas, igual às papoula. Elas vão brotar e desabrochar só de assobiar para elas, e são as mais bonita de todas. — Ele parou e virou a cabeça rapidamente, seu rosto com bochechas de papoula se iluminou. — De onde esse pisco tá chamano a gente?

O chilrear vinha de um espesso arbusto de azevinho, cujas bagas vermelhas brilhavam, e Mary achou que sabia de quem era o canto.

— Ele está realmente nos chamando? — ela perguntou.

— Tá, sim — disse Dickon, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Ele tá chamando algum amigo dele. É o mesmo que dizer: “Tô aqui. Olha para mim. Quero conversar um pouco”. Olha ele lá, no mato. Ele é de quem?

— Ele é de Ben Weatherstaff, mas acho que ele me conhece um pouco — respondeu Mary.

— Ah, ele te conhece — disse Dickon baixando a voz novamente. — E ele gosta de ocê. Ele acha que é seu amigo. E vai me contar tudo sobre ocê num minutinho.

Dickon aproximou-se bastante do arbusto, com o movimento lento que Mary já notara antes, e então emitiu um gorjeio quase igual ao do próprio pisco. O pássaro o

ouviu atentamente por alguns segundos, e então respondeu como se soubesse falar.

— É, ele é seu amigo, sim — riu Dickon.

— Você acha que ele é? — exclamou Mary ansiosamente. Ela queria muito saber. — Você acha que ele realmente gosta de mim?

— Ele não chegaria perto de ocê se não achasse — respondeu Dickon. — Os pássaro são arisco e os pisco pode ser mais arredio que gente. Olha, ele tá quereno te agradar agora. Ele tá dizeno: “Não tá me veno, menina?”.

E realmente parecia ser verdade. Ele se moveu para o lado, gorjeou e se inclinou ao pular em seu arbusto.

— Você entende tudo o que os pássaros dizem? — perguntou Mary.

O sorriso de Dickon cresceu para os lados de sua boca grande, vermelha e curvada, e ele esfregou os cabelos bagunçados.

— Acho que sim, e eles também acha que sim — disse ele. — Eu já moro na charneca com eles faz tempo. Eu vi eles quebrar a casca, piar e saltar e aprender a voar e começar a cantar tão de perto que comecei a achar que eu era um deles. Às vez eu penso que sou um pássaro, uma raposa, um coelho, um esquilo, ou até um besouro. Eu sei lá.

Ele riu e voltou para o tronco, falando novamente sobre as sementes de flores. Dickon explicou a ela como

seriam quando crescessem; e explicou como plantá-las, observá-las, adubá-las e regá-las.

— Já sei — disse ele de repente, virando-se para ela. — Vou plantar elas agora mesmo. Onde fica o jardim?

As mãos finas de Mary se engancharam e pousaram em seu colo. Ela não sabia o que dizer, então por um minuto inteiro ficou em silêncio. Ela não havia pensado nisso e se sentiu acuada. Sentiu seu rosto corar e depois empalideceu.

— Cê tem algum jardinzinho, num tem? — Dickon perguntou.

Ela passou de corada para pálida. Dickon notou isso e, como ela ainda não dizia nada, ficou confuso.

— Eles num te dariam um pedacinho de terra pra plantar? — ele perguntou. — Cê ainda num tem?

Ela apertou as mãos com ainda mais força e voltou os olhos para ele.

— Eu não sei nada sobre meninos — disse ela lentamente. — Você guardaria um segredo, se eu lhe contasse? É um grande segredo. Não sei o que faria se alguém o descobrisse. Acho que morreria! — disse a última frase com bastante veemência.

Dickon pareceu mais confuso ainda e até esfregou a mão na cabeleira áspera outra vez, mas respondeu com muito bom humor:

— Eu guardo segredo o tempo todo — disse ele. — Se eu não guardasse os segredo dos outro, segredo sobre os

filhote de raposa, os ninho dos pássaro, e das toca das coisa selvagem, nada ficaria seguro na charneca. Então, sim, eu sei guardar segredo.

Dona Mary não pretendia estender a mão e agarrar sua manga, mas o fez.

— Eu roubei um jardim — confessou ela, muito rápido.
— Não é meu. Não é de ninguém. Ninguém o quer, ninguém se importa com ele, ninguém nunca entra lá. Talvez já esteja tudo morto nele. Eu não sei.

Ela começou a sentir calor e ficou irritada como nunca antes em sua vida.

— Eu não me importo, não me importo! Ninguém tem o direito de tirar ele de mim pois eu cuido dele e eles não. Estão deixando aquilo morrer, trancado e sozinho — concluiu apaixonadamente e levou as mãos ao rosto, desatando a chorar, pobre e pequena dona Mary.

Os curiosos olhos azuis de Dickon se arregalaram ainda mais.

— E-ei-eita! — ele disse, deixando escapar sua exclamação devagar, e a maneira como fez isso demonstrou tanto admiração quanto simpatia.

— Não tenho nada para fazer — disse Mary. — Nada me pertence. Eu mesmo o descobri e entrei sozinha. Sou exatamente como o pisco, e eles não tiraram o jardim do pisco.

— Onde fica? — perguntou Dickon em voz baixa.

Dona Mary levantou-se imediatamente do tronco. Ela sabia que estava irritada outra vez — e obstinada — e não se importou nem um pouco com isso. Estava arrogante e indiana novamente, e ao mesmo tempo sentia calor e tristeza.

— Venha comigo e eu lhe mostro — disse ela.

Ela o conduziu ao redor do caminho dos loureiros e até a calçada onde a hera crescia tão densa. Dickon a seguiu com uma expressão esquisita, quase de pena. Sentia como se estivesse sendo levado para ver o ninho de algum pássaro estranho e que deveria se mover suavemente. Quando ela foi até o muro e ergueu a cortina de hera, ele se surpreendeu. Havia uma porta e Mary a empurrou lentamente para que entrassem. Então Mary parou e acenou corajosamente com a mão.

— É aqui — disse ela. — É um jardim secreto e eu sou a única no mundo todo que deseja que ele viva.

Dickon caminhou em círculos pelo jardim, e depois deu voltas e mais voltas.

— Eita — disse quase em um sussurro —, é um lugar estranho de bonito! Parece até que a gente tá num sonho.

CAPÍTULO 11.

O NINHO DOS PISCOS

Mary observou Dickon olhar em volta por dois ou três minutos. Então ele começou a andar, ainda mais levemente do que Mary havia caminhado da primeira vez em que se viu dentro dos quatro muros. Seus olhos pareciam absorver tudo: as árvores cinzentas com suas trepadeiras ressecadas e penduradas em seus galhos, emaranhadas nos muros e entre a grama, as alcovas verdes com assentos de pedra e as altas urnas de flores.

— Nunca achei que veria este lugar — disse ele por fim, em um sussurro.

— Você sabia sobre ele? — perguntou Mary.

Ela havia falado em voz alta e ele fez um sinal de silêncio.

— É melhor falar baixo — sugeriu ele —, ou alguém vai ouvir e perguntar o que a gente veio fazer aqui.

— Oh, eu me esqueci! — exclamou Mary, assustando-se e colocando a mão rapidamente sobre a boca. — Você sabia sobre o jardim? — repetiu a pergunta quando se recuperou. Dickon concordou com a cabeça.

— A Martha me disse que tinha um jardim que ninguém nunca entrava — respondeu ele. — A gente costumava perguntar como ele era.

Ele parou e olhou para o adorável emaranhado cinza à sua volta, e seus olhos redondos irradiavam uma felicidade genuína.

— Eita! Vai ter muito ninho aqui na primavera — observou. — Vai ser o lugar mais seguro para se aninhar em toda Inglaterra, sem ninguém por perto e tanto emaranhado de árvore e roseira pra construir. Eu acho que todos os pássaro da charneca vão construir aqui.

Dona Mary colocou a mão em seu braço novamente sem perceber.

— Acha que as roseiras vão brotar? — sussurrou. — Sabe? Talvez estejam mortas.

— Eita! Não! Não tão. Nem todas! — ele respondeu. — Olha aqui!

Ele caminhou até a árvore mais próxima, uma velha — muito velha — com musgo cinza por toda a casca, que ostentava uma cortina de ramos densos. Tirou um canivete largo do bolso e abriu uma de suas lâminas.

— Tem muita madeira morta que precisa cortar — disse ele. — E tem muita madeira velha, mas vieram algumas nova no ano passado. Esta é uma parte nova — e tocou um broto de um verde acastanhado em vez de cinza, duro e seco. Mary o tocou em seguida de maneira ansiosa e solene.

— E aquele? — perguntou ela. — Aquele está vivo?

Dickon arqueou sua boca larga e sorridente.

— Tá tão aceso como nós dois — disse ele. E Mary lembrou-se de que Martha havia explicado que “aceso” significava “vivo” ou “intenso”.

— Estou feliz que esteja aceso! — exclamou em seu sussurro. — Quero que todos se acendam. Vamos dar a volta no jardim e contar quantos estão acesos.

Ela ofegava de ansiedade, e Dickon estava tão ansioso quanto ela. Foram de árvore em árvore e de arbusto em arbusto. Dickon carregava o canivete na mão e mostrava coisas com as quais ela se maravilhava.

— Elas voltaram a ser selvagem — explicou ele —, mas as melhor acabaram ficando mais forte por isso. Os mais delicado morreram, mas os outro cresceram e cresceram, e se espalharam até que viraram esta maravilha. Olha aqui! — e puxou para baixo um grosso galho cinza de aparência seca. — Cê pensa que isto aqui é madeira morta, mas acho que a raiz tá viva. Vou cortar bem baixo para ver.

Ajoelhou-se e com sua lâmina cortou o galho que parecia sem vida, não muito acima da terra.

— Olha lá! — disse exultante. — Num disse? Ainda tem verde nesta madeira. Olha só isto.

Mary caiu de joelhos antes que ele continuasse, olhando com toda atenção.

— Quando parece um pouco esverdeado e suculento assim, tá aceso — explicou ele. — Quando o interior tá seco e quebra fácil, como este galho que cortei, tá morto. Tem uma grande raiz aqui de onde toda esta madeira viva

brotou, e se a madeira velha for cortada e abrímos em volta com cuidado, vai brotar de novo. — Ele parou e ergueu o rosto para olhar os ramos que subiam e pendiam acima dele. — Vai ter um mar de rosa aqui neste verão.

Continuaram de arbusto em arbusto e de árvore em árvore. Ele era muito forte e hábil com seu canivete e sabia como cortar a madeira seca e morta. E também sabia dizer quando um galho ou graveto pouco promissor ainda preservava vida verde dentro de si. Ao longo de meia hora, Mary achou que também sabia, e quando ele cortou um galho aparentemente sem vida, ela gritou de alegria ao avistar o tímido tom de verde úmido. A pá, a enxada e o ancinho foram muito úteis. Ele mostrou a ela como usar o ancinho enquanto cavava as raízes com a pá, mexia a terra e deixava o frescor tomar conta.

Trabalhavam diligentemente em torno de uma das maiores roseiras quando ele avistou algo que o fez exclamar de surpresa.

— Ora! — gritou, apontando para a grama a alguns metros de distância. — Quem fez isso aí?

Era uma das pequenas clareiras de Mary em volta dos pontos verdes-claros.

— Fui eu — disse Mary.

— Mas eu pensei que ocê num sabia nada de jardinagem — exclamou.

— Não sei mesmo — respondeu ela —, mas eles eram tão pequenos, e a grama era tão densa e viçosa, que

parecia que não tinham espaço para respirar. Então eu abri um espaço em volta. Eu não sei o que são.

Dickon se ajoelhou ao lado deles, com seu largo sorriso.

— Cê fez certo — disse ele. — Um jardineiro não teria te ensinado melhor. Eles vão crescer agora como o talo de feijão do João. Estes são açafraão e floco-de-neve, e estes aqui são narciso — e, virando-se para outro canteiro —, aqui tem mais narciso branco. Vão ficar lindo.

Ele corria de uma clareira para outra.

— Cê trabalhou muito pra uma menina — elogiou ele, olhando para ela.

— Estou engordando — disse Mary — e mais forte. Eu costumava ficar cansada. Quando escavo, não me canso mais. Gosto de sentir o cheiro da terra quando ela aparece.

— Que bom pra ocê — disse ele, acenando com a cabeça. — Não tem nada tão bom igual o cheiro de terra limpa e boa, só perde pro cheiro de coisas fresca cresceno depois que a chuva cai. Eu saio na charneca muitos dia quando tá choveno e fico debaixo de um arbusto ouvino as gota deslizar nas urze e fico cheirano sem parar. A mãe fala que meu nariz treme igual ao de um coelho.

— Você nunca pega resfriado? — perguntou Mary, olhando para ele com admiração. Ela nunca tinha visto um menino tão engraçado, ou tão gentil.

— Eu não — respondeu ele, sorrindo. — Nunca peguei resfriado desde que nasci. Não fui criado cercado. Eu

exploro a charneca em todos os clima igual os coelho faz. A mãe fala que eu cheirei muito ar fresco esses doze ano para pegar um resfriado. Sou resistente igual um pau de espinheiro-branco.

Ele trabalhava o tempo todo enquanto conversava e Mary o seguia e o ajudava com o ancinho ou a espátula.

— Tem muito trabalho pra fazer aqui! — observou, olhando em volta exultante.

— Você viria me ajudar? — Mary implorou. — Tenho certeza de que posso ajudar também. Posso cavar e arrancar o mato e tudo o que você me pedir. Oh, venha, Dickon!

— Vou vir todos os dia se ocê quiser, com chuva ou com sol — respondeu ele com firmeza. — Vai ser a coisa mais divertida que já fiz na vida, trancado aqui acordano este jardim.

— Se você vier — disse Mary —, se você me ajudar a fazê-lo renascer, eu... eu nem sei o que farei — calou-se, sem saber como continuar. O que se poderia fazer por um menino assim?

— Vou te contar o que ocê vai fazer — começou Dickon, com seu sorriso feliz. — Cê vai engordar e ficar com tanta fome igual um filhote de raposa e vai aprender a falar com os pisco igual eu. Eita! A gente vai se divertir muito.

Ele começou a andar, olhando pensativo para as árvores, para os muros e arbustos.

— Eu não gostaria que fosse igual a um jardim de jardineiro, todo aparado e podado. E ocê? — ele ponderou.
— É melhor assim, com as coisa correno livre, pendurada e agarrada umas nas outra.

— Não precisamos deixar tudo certinho — concordou Mary ansiosamente. — Não pareceria um jardim secreto se fosse todo arrumado.

Dickon esfregou os cabelos ferrugem com um olhar perplexo.

— Tô veno que é um jardim secreto — disse ele —, mas parece que alguém além do pisco teve aqui desde que foi fechado dez ano atrás.

— Mas a porta estava trancada e a chave enterrada — observou Mary. — Ninguém poderia entrar.

— Isso é verdade — respondeu ele. — É um lugar esquisito. Parece que teve um pouco de poda aqui e ali nos último dez ano.

— Mas como isso poderia ter sido feito? — perguntou Mary.

Ele examinava um galho de roseira e balançou a cabeça.

— Ah, mas foi! — ele murmurou. — Mesmo com a porta trancada e a chave enterrada.

Dona Mary sempre sentiu que, por mais anos que vivesse, nunca se esqueceria daquela primeira manhã em que seu jardim começou a crescer. Obviamente ele parecia ter começado a crescer para ela naquela manhã. Quando

Dickon começou a abrir espaços para plantar as sementes, ela se lembrou do que Basil cantava para ela quando queria provocá-la.

— Há alguma flor que se pareça com sinos? — ela perguntou.

— Tem os lírio-do-vale — respondeu ele, cavando com a espátula — e tem os sino-de-canterbury e as campânula.

— Vamos plantar alguns — propôs Mary.

— Já tem lírio-do-vale por aqui, eu vi. Eles deve ter crescido muito perto e tem que separar eles, mas tem muito. Os outro levam dois ano para nascer das semente, mas posso trazer pra ocê algumas muda do jardim da nossa casa. Por que ocê quer eles?

Então Mary contou a ele sobre Basil e seus irmãos e irmãs na Índia, e de como ela os odiava e de como a chamavam de “Dona Mary, que só se irrita”.

— Eles costumavam dançar e cantar para mim. Assim:

*Dona Mary, sempre tão irritada,
Em seu jardim não cresce nada,
Só flores-de-sino despetaladas
E flores-de-defunto enfileiradas.*

— Acabei de me lembrar disso e fiquei em dúvida se realmente existem flores que se parecem com sinos — continuou ela, franzindo a testa e golpeando a terra com certa raiva. — Eu não era tão irritada como eles diziam.

Mas Dickon riu.

— Eita — disse ele, e enquanto esmigalhava o rico solo negro, ela notou que ele também sentia o cheiro da terra.

— Ninguém fica irritado quando tem flor e coisas assim, e tanta coisa selvagem e amiga por aí fazendo suas casa ou construindo ninho e cantano e assobiano, né?

Mary, que segurava as sementes ajoelhada ao seu lado, olhou para ele e sua expressão se suavizou.

— Dickon — disse ela —, você é tão bom quanto Martha disse que era. Agora você é a quinta pessoa de que eu gosto. Nunca pensei que gostaria de cinco pessoas.

Dickon sentou-se nos calcanhares como Martha fazia quando polia a grade. Ele parecia mesmo engraçado e encantador, pensou Mary, com aqueles olhos azuis redondos, bochechas coradas e seu nariz arrebicado de aparência feliz.

— Só gosta de cinco pessoa? — perguntou ele. — Quem são os outro quatro?

— Sua mãe e Martha — Mary contou nos dedos —, e o pisco e Ben Weatherstaff.

Dickon riu tanto que teve de colocar o braço sobre a boca para abafar o som.

— Eu sei que ocê pensa que eu sou um menino esquisito — disse ele —, mas acho que é ocê a mocinha mais esquisita que eu já vi.

Então Mary fez algo estranho. Inclinou-se para frente e fez uma pergunta que nunca sonhara em fazer antes. E ainda tentou falar com sotaque de Yorkshire porque essa

era a língua dele, e na Índia um nativo sempre ficava satisfeito quando alguém conhecia sua língua.

— Cê gosta de mim? — perguntou ela.

— Eita! — ele respondeu cordialmente. — Eu gosto, sim. Eu gosto de ocê de monte, e o pisco também, certeza!

— Já são dois, então — alegrou-se Mary. — Dois que gostam de mim.

E então voltaram a trabalhar mais duro do que nunca e com ainda mais alegria. Mary ficou surpresa e triste quando ouviu o grande relógio do pátio bater meio-dia, hora da sua refeição.

— Preciso ir — disse ela tristemente. — E você terá de ir também, não é?

Dickon sorriu.

— É fácil de carregar meu almoço comigo — respondeu ele. — A mãe sempre me deixa trazer alguma coisa nos bolso.

Pegou seu casaco na grama e tirou de um bolso um pacotinho irregular, amarrado por um grosso lenço azul e branco, bastante limpo. Continha dois largos pedaços de pão com uma fatia de alguma coisa entre eles.

— Geralmente não é nada além de pão — explicou ele —, mas hoje veio uma boa lasca de bacon no meio.

Mary achou que era um almoço esquisito, mas ele parecia satisfeito em apreciá-lo.

— Corre lá comer sua comida — disse ele. — Vou terminar o meu primeiro. Daí trabalho mais um pouco antes de voltar pra casa.

E sentou-se com as costas apoiadas em uma árvore.

— Vou chamar o pisco — avisou — e dar uma casca do bacon para ele bicar. Eles gosta de monte de um pouco de gordura.

Mary mal conseguiu deixá-lo. De repente, era como se ele fosse uma espécie de fauno da floresta, e que teria desaparecido para sempre quando ela voltasse ao jardim. Ele parecia bom demais para ser verdade. Ela chegou na metade do caminho para a porta no muro, então parou e voltou.

— Aconteça o que acontecer, você... você nunca vai contar? — perguntou.

Suas bochechas cor de papoula estavam dilatadas com sua primeira grande mordida no pão com bacon, mas Dickon conseguiu sorrir, encorajando-a.

— Se ocê fosse um pisco e me mostrasse onde ficava o seu ninho, acha que eu ia contar pra alguém? Eu não — disse ele. — Cê tá segura como um pisco comigo.

E ela teve a certeza de que estava.

CAPÍTULO 12.

“POSSO TER UM PEDAÇO DE TERRA?”

Mary correu tão rápido que quase ficou sem fôlego ao chegar em seu quarto. Seu cabelo estava grudado na testa e suas bochechas estavam rosadas. A refeição a esperava na mesa e Martha estava perto dela.

— Cê tá um pouco atrasada — disse Martha. — Onde cê tava?

— Estava com Dickon! — respondeu Mary. — Eu conheci Dickon!

— Eu sabia que ele viria — afirmou Martha exultante. — O que cê achou dele?

— Eu achei... achei ele lindo! — confessou Mary com uma voz determinada.

Martha pareceu bastante surpresa, mas também satisfeita.

— Bom — disse ela —, ele é o melhor menino que existe, mas a gente nunca achou ele bonito. Aquele nariz é empinado demais.

— Gosto dele empinado — disse Mary.

— E os olhos dele são muito redondo — continuou Martha, um tanto duvidosa. — Mas a cor é bonita.

— Eu gosto deles redondos — insistiu Mary. — Eles são exatamente da cor do céu sobre a charneca.

Martha sorriu de satisfação.

— A mãe diz que eles ficaram daquela cor porque ele olha muito pros pássaro e pras nuvem. Mas ele tem uma boca grande, né?

— Eu adoro sua boca grande — disse Mary, obstinada.
— Eu queria ser como ele.

Martha deu uma risadinha deliciada.

— Sua cara ia ficar esquisita e engraçada — brincou. — Mas eu sabia que ia ser assim quando ocê o visse. O que cê achou das semente e das ferramenta de jardim?

— Como você sabe que ele as trouxe? — perguntou Mary.

— Eita! Eu nunca pensei que ele num ia trazer. Ele certamente ia, se encontrasse em Yorkshire. Ele é um menino de confiança.

Mary temeu que ela começasse a fazer perguntas difíceis, mas não o fez. Martha estava muito interessada nas sementes e ferramentas de jardinagem, e houve apenas um momento em que Mary ficou com medo. Foi quando ela começou a perguntar onde as flores seriam plantadas.

— Pra quem ocê pediu? — perguntou Martha.

— Ainda não pedi a ninguém — respondeu Mary, hesitante.

— Bom, eu que num ia pedir pro jardineiro-chefe. Ele é muito vaidoso, o sr. Roach. É sim.

— Nunca o vi — disse Mary. — Só vi os ajudantes e Ben Weatherstaff.

— Se eu fosse ocê, perguntava pro Ben Weatherstaff — aconselhou Martha. — Ele não é tão ruim quanto parece, apesar de ser muito ranzinza. O sr. Craven deixa ele fazer o que quiser porque ele tava aqui quando a sra. Craven era viva e fazia ela dar risada. Ela gostava dele. Quem sabe ele encontra um canto pra ocê em algum lugar que não atrapalhe.

— Se não atrapalhar e ninguém quisesse o lugar, ninguém se importaria, não é? — disse Mary ansiosa.

— Não vejo por quê — respondeu Martha. — Cê não taria fazeno mal nenhum.

Mary comeu o mais rápido que pôde e, quando se levantou da mesa, ia correr para o quarto vestir o chapéu, mas Martha a impediu.

— Tenho que te contar uma coisa — disse ela. — Achei melhor deixar ocê almoçar primeiro. O sr. Craven voltou hoje cedo e acho que ele quer ver ocê.

Mary ficou bastante pálida.

— Oh! Por quê? Por quê? Ele não queria me ver quando eu cheguei. Ouvi Pitcher dizer que não.

— Bom — explicou Martha —, a sra. Medlock disse que é por causa da mãe. Ela tava indo pra a vila de Thwaite e encontrou ele. Ela nunca tinha falado com ele antes, mas a sra. Craven tinha ido no nosso chalé umas duas ou três vez. Ele tinha esquecido, mas a mãe não, e ela se atreveu e falou com ele. Não sei o que ela disse sobre ocê, mas disse

alguma coisa e agora ele quer ver ocê antes de ir embora de novo, amanhã.

— Oh! — exclamou Mary —, ele vai embora amanhã? Fico muito feliz!

— Vai ficar fora um bom tempo. Só vai voltar no outono ou no inverno. Vai viajar para uns lugar no estrangeiro. Ele tá sempre fazeno isso.

— Oh! Estou tão feliz! Tão feliz! — Mary sentiu-se aliviada.

Se ele não voltasse antes do inverno ou mesmo do outono, haveria tempo para ver o jardim secreto ganhar vida. Mesmo se então ele descobrisse e o tirasse dela, pelo menos ela o teria por algum tempo.

— Quando você acha que ele vai querer...?

Não terminou a frase, pois a porta se abriu e a sra. Medlock entrou. Ela estava com seu melhor vestido preto e boina, e sua gola estava presa por um grande broche com a foto do rosto de um homem. Era uma fotografia colorida do sr. Medlock, que morrera anos antes, e ela sempre o usava quando se arrumava. Parecia nervosa e animada.

— Seu cabelo está despenteado — disse a governanta rapidamente. — Vá escová-lo. Martha, ajude-a a colocar seu melhor vestido. O sr. Craven me mandou levá-la ao seu escritório.

Todo o rosa desapareceu das bochechas de Mary. Seu coração começou a bater forte e ela se sentiu transformada em uma criança rígida, sem graça e silenciosa novamente.

Nem mesmo respondeu à sra. Medlock, apenas se virou e entrou em seu quarto, seguida por Martha. Não disse nada enquanto seu vestido era trocado e seu cabelo penteado, e depois que estava bem arrumada, seguiu a sra. Medlock pelos corredores, em silêncio. O que havia para se dizer? Ela era obrigada a ir ver o sr. Craven. Ele não gostava dela, e ela não gostava dele. Ela sabia o que ele pensaria dela.

Mary foi levada para uma parte da casa que ainda desconhecia. Por fim, a sra. Medlock bateu em uma porta e, quando alguém disse “Entre”, entraram juntas na sala. Um homem estava sentado em uma poltrona diante do fogo e a sra. Medlock falou com ele:

— Esta é a srta. Mary, senhor.

— Pode ir e deixá-la aqui. Chamarei quando quiser que a leve embora — ordenou o sr. Craven.

Quando ela saiu e fechou a porta, Mary só pôde esperar. Era uma coisinha singela, torcendo suas mãos finas. Podia ver que o homem na cadeira não era tão corcunda, mas tinha ombros altos e bastante tortos, e mechas brancas nos cabelos negros. Ele virou a cabeça sobre os ombros e falou com ela.

— Venha cá!

Mary foi até ele.

Ele não era feio. Seu rosto seria até bonito, não fosse a expressão sofrida. Parecia que a visão dela o preocupava e o aborrecia, como se não soubesse o que fazer com ela.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Sim — respondeu Mary.

— Estão cuidando bem de você?

— Sim.

Ele esfregou a testa nervosamente enquanto a olhava.

— Você está muito magra — disse.

— Estou engordando — respondeu Mary no que ela sabia ser sua maneira mais rígida.

Que rosto infeliz ele tinha! Parecia que seus olhos negros mal a enxergavam, como se olhassem outra coisa, e era como se ele se esforçasse para prestar atenção nela.

— Eu me esqueci de você — disse ele. — Como eu poderia me lembrar de você? Eu pretendia chamar uma tutora ou uma babá, ou algo assim, mas me esqueci.

— Por favor — começou Mary. — Eu... — Então o nó em sua garganta a sufocou.

— O que você quer dizer? — perguntou ele.

— Eu sou... eu sou grande demais para uma babá — disse Mary. — E, por favor, por favor, não me faça ter uma tutora ainda.

Ele esfregou a testa novamente e olhou para ela.

— Isso foi o que a tal Sowerby disse — murmurou distraidamente.

Então Mary reuniu um pouco de coragem.

— Ela é... ela é a mãe da Martha? — gaguejou.

— Sim, acho que é — respondeu ele.

— Ela é boa com crianças — disse Mary. — Ela tem doze. Ela sabe.

Ele pareceu despertar.

— O que você quer fazer?

— Eu quero brincar lá fora — respondeu Mary, esperando que sua voz não tremesse. — Nunca gostei de fazer isso na Índia, mas aqui me dá fome e estou engordando.

Ele continuava a olhar para ela.

— A sra. Sowerby disse que isso faria bem a você. Talvez faça mesmo — afirmou ele. — Ela achou melhor você ficar mais forte antes de ter uma tutora.

— Sinto-me mais forte quando brinco e o vento sopra da charneca — disse Mary.

— Onde você brinca? — ele perguntou em seguida.

— Em todo lugar — suspirou Mary. — A mãe de Martha me mandou uma corda de pular. Eu pulo e corro... e tento descobrir se as coisas estão começando a sair da terra. Não faço mal nenhum.

— Não fique tão assustada — disse ele com uma voz preocupada. — Uma criança como você não poderia fazer mal a ninguém! Você pode fazer o que quiser.

Mary levou a mão à garganta porque temia que ele visse o nó de excitação que sentia subir por ali. Deu um passo em sua direção.

— Posso? — ela disse, trêmula.

Seu rostinho ansioso parecia preocupá-lo mais do que nunca.

— Não fique tão assustada — exclamou. — Claro que você pode. Eu sou seu mentor, embora eu seja um fracasso com crianças. Não posso lhe dedicar tempo ou atenção. Estou muito doente, infeliz e distraído; mas desejo que você seja feliz e que fique confortável. Eu não sei nada sobre crianças, mas a sra. Medlock deve providenciar para que você tenha tudo o que precisa. Mande chamá-la hoje porque a sra. Sowerby disse que eu deveria vê-la. A filha dela havia comentado sobre você. Ela pensou que você precisava de ar fresco, liberdade e andar por aí.

— Ela sabe tudo sobre crianças — disse Mary novamente, em sua defesa.

— Deve saber mesmo — concordou o sr. Craven. — Achei que ela foi bastante ousada ao me parar na charneca, mas ela disse... que a sra. Craven sempre havia sido gentil com ela. — Parecia ter dificuldade em falar o nome de sua falecida esposa. — Ela é uma mulher respeitável. Agora que vi você, acho que ela foi sensata. Brinque lá fora o quanto quiser. É um lugar grande e você pode ir aonde quiser e se divertir como quiser. Há algo você queira? — disparou, como se um pensamento repentino o atingisse. — Você quer brinquedos, livros, bonecas?

— Posso... — tremeu Mary — posso ter um pedacinho de terra?

Em sua ansiedade, ela não percebeu como as palavras soariam estranhas e que não eram as que pretendia dizer. O sr. Craven pareceu bastante surpreso.

— Terra! — ele repetiu. — O que você quer dizer?

— Para plantar sementes... para fazer as coisas crescerem... para vê-las ganhar vida — Mary hesitou.

Ele olhou para ela e então passou a mão rapidamente sobre os olhos.

— Você... gosta tanto assim de jardins? — perguntou ele lentamente.

— Eu não sabia nada sobre eles na Índia — disse Mary. — Eu vivia doente e cansada e fazia muito calor lá. Às vezes eu fazia pequenos canteiros de areia e colocava flores neles. Mas aqui é diferente.

O sr. Craven se levantou e passou a caminhar vagarosamente pela sala.

— Um pedacinho de terra — murmurou para si mesmo, e Mary pensou que de alguma forma ela o fizera se lembrar de alguma coisa. Quando ele parou e se voltou para ela, seus olhos escuros pareciam quase suaves e gentis.

— Você pode ter quanta terra quiser — disse ele. — Você me lembra alguém que amava a terra e as coisas que crescem nela. Quando encontrar o pedaço de terra que deseja — e algo como um sorriso se formou em seu rosto —, fique com ele, criança, e dê vida a ele.

— Posso pegar de qualquer lugar... se ninguém estiver usando?

— De qualquer lugar — assegurou ele. — Pronto! Agora você precisa ir, estou cansado. — E tocou a

campainha para chamar a sra. Medlock. — Adeus. Ficarei fora o verão todo.

A sra. Medlock veio tão rápido que Mary pensou que ela devia ter ficado esperando no corredor.

— Sra. Medlock — o sr. Craven disse —, agora que vi a criança, entendo o que a sra. Sowerby quis dizer. Ela deve estar menos frágil antes de começar a ter aulas. Dê a ela comida simples e saudável. Deixe-a correr solta pelos jardins. Não a vigie demais. Ela precisa de liberdade, ar fresco e brincadeiras. A sra. Sowerby pode vir vê-la de vez em quando e ela pode ir algumas vezes para a cabana.

A sra. Medlock pareceu satisfeita. Ficou aliviada ao saber que não precisaria “vigiar” Mary “demais”. Sentiu como se uma carga fosse tirada de suas costas, embora já a visse o mínimo possível. Além disso, ela gostava da mãe de Martha.

— Obrigada, senhor — disse ela. — Susan Sowerby e eu fomos para a escola juntas e ela é a mulher mais sensata e de bom coração que conheço. Eu nunca tive filhos e ela teve doze, e nunca vi crianças mais saudáveis e educados. A srta. Mary estará segura com eles. Eu sempre seguiria o conselho de Susan Sowerby sobre crianças. Ela é o que se pode chamar de uma mente lúcida, se é que me entende.

— Entendo sim — respondeu o Sr. Craven. — Leve a srta. Mary agora e chame Pitcher para mim.

Quando a sra. Medlock a deixou no final de seu próprio corredor, Mary voou de volta para seu quarto.

Martha a esperava lá. Na verdade, Martha voltou correndo depois de retirar a louça do almoço.

— Eu posso ter meu jardim! — gritou Mary. — Posso tê-lo onde eu quiser! Não terei tutora por algum tempo! Sua mãe pode vir me ver e eu posso ir para a sua cabana! Ele disse que uma garotinha como eu não poderia fazer mal e que posso fazer o que eu quiser... em qualquer lugar!

— Eita! — exclamou Martha encantada. — Isso foi bondoso da parte dele, né?

— Martha — disse Mary solenemente —, ele é um homem realmente bom, mas seu rosto está muito cansado e sua testa toda enrugada.

Ela correu o mais rápido que pôde para o jardim. Esteve ausente muito mais tempo do que achava que deveria e sabia que Dickon teria de partir logo em sua caminhada de oito quilômetros. Quando ela deslizou pela porta sob a hera, viu que ele não estava trabalhando onde o havia deixado. As ferramentas de jardinagem estavam arrumadas juntas sob uma árvore. Ela correu para elas, olhando em volta, mas Dickon não estava à vista. Ele havia partido e o jardim secreto estava vazio... exceto pelo pisco, que acabara de voar por sobre o muro e pousar em uma roseira, observando-a.

— Ele se foi — disse ela tristemente. — Oh! Ele era... ele era... ele era apenas um ser da floresta?

Algo branco preso à roseira chamou sua atenção. Era um pedaço de papel — na verdade, era um pedaço da carta

que Martha enviara a ele. Estava preso no arbusto em um espinho comprido e, em um lampejo, ela soube que Dickon o havia deixado ali. Algumas letras de forma escritas grosseiramente criavam uma espécie de imagem. A princípio ela não sabia o que significavam. Então percebeu que era o desenho de um pássaro em seu ninho. Embaixo estavam as letras de forma que diziam:

— Eu vou voltar.

CAPÍTULO 13.

“ME CHAMO COLIN”

Mary levou o desenho para casa quando foi jantar e o mostrou a Martha.

— Eita! — exclamou Martha com muito orgulho. — Eu nunca imaginei que o nosso Dickon era tão inteligente. Ele fez o desenho de um pisco no ninho, mais perfeito e duas vez mais natural.

Então Mary entendeu que o desenho de Dickon era uma mensagem. Dizia que ela poderia ter certeza de que ele manteria seu segredo. Seu jardim era seu ninho e ela era o pisco. Ah, como ela gostava daquele garoto esquisito e simples!

Esperava que ele voltasse no dia seguinte e foi dormir ansiosa pela alvorada.

Mas o clima de Yorkshire é imprevisível, especialmente na primavera. Mary foi acordada no meio da noite com o som de fortes gotas contra a janela. Chovia torrencialmente e o vento uivava nas calhas e chaminés da enorme e antiga casa. Mary sentou-se na cama e se sentiu infeliz e com raiva.

— Quem está me irritando agora é a chuva — disse. — Veio porque sabia que eu não a queria.

Ela se jogou de volta no travesseiro e enterrou o rosto. Não chorou, mas ficou deitada. Odiava o som da chuva

forte, odiava o vento e seu uivo. E não conseguia dormir novamente. O som triste a mantinha acordada, pois alimentava sua tristeza. Se ela estivesse feliz, provavelmente teria adormecido novamente. Ele uivou muito, arremessando incontáveis e grandes gotas de chuva contra o vidro.

— Parece com uma pessoa vagando e chorando, perdida na charneca — observou ela.

Já estava acordada revirando-se na cama por cerca de uma hora, quando de repente algo a fez se sentar e voltar a cabeça em direção à porta. Ela ouviu, atenta.

— Agora não é o vento — sussurrou um tanto alto. — Isso não é o vento. É diferente. É aquele choro que já ouvi antes.

A porta de seu quarto estava entreaberta e o som vinha pelo corredor: era um choro agitado, distante e fraco. Continuou ouvindo por alguns minutos e a cada minuto se tornava mais e mais decidida. Mary sentia que precisava descobrir o que era. Aquilo parecia ainda mais estranho do que o jardim secreto e a chave enterrada. Talvez o fato de ela estar com um humor péssimo tenha lhe dado coragem. Pôs o pé para fora e saiu da cama.

— Vou descobrir o que é — disse ela. — Todo mundo ainda está dormindo e eu não me importo com a sra. Medlock... não me importo!

Ela pegou a vela ao lado da cama e saiu do quarto em silêncio. O corredor parecia muito longo e escuro, mas ela

estava animada demais para notar. Pensou que se lembrava do caminho que deveria tomar até o corredor curto com a porta coberta pela tapeçaria... aquela onde encontrou com a sra. Medlock no dia em que se perdeu. O som havia vindo daquela passagem. Então ela continuou, com sua luz fraca, quase tateando, seu coração batendo tão forte que achou que poderiam ouvi-lo. O choro distante e fraco continuava e a conduzia. Às vezes, parava por um momento e então começava de novo. Seria este o corredor que deveria pegar? Parou e pensou. Sim, era. Desça por esta passagem e depois vire à esquerda, depois suba dois lances largos e então para a direita novamente. Sim, ali estava a porta com a tapeçaria.

Ela empurrou o tecido com muito cuidado e ele se fechou atrás dela. Mary parou no corredor e pôde ouvir o choro claramente, embora não fosse alto. Estava do outro lado da parede à sua esquerda e alguns metros adiante havia uma porta. Ela podia ver uma luz na fresta da porta. Alguém chorava naquele quarto, e era alguém bem jovem.

Então foi até a porta e a abriu, e lá estava ela em pé dentro do cômodo!

Era um grande quarto com móveis antigos e refinados. O fogo queimava débil na lareira e um abajur brilhava ao lado de uma cama de quatro colunas esculpidas, decoradas com brocado. Deitado na cama estava um menino que chorava agitado.

Mary teve dúvidas se aquele lugar era real ou se havia adormecido novamente e agora sonhava sem saber.

O menino tinha um rosto fino e delicado, da cor de marfim, e parecia ter olhos desproporcionalmente grandes. Seus cabelos também caíam sobre a testa em mechas pesadas e faziam seu rosto magro parecer ainda menor. Ele parecia doente, mas chorava mais como se estivesse cansado e zangado do que com dor.

Mary se manteve perto da porta com a vela na mão, com sua respiração suspensa. Então se esgueirou pelo quarto e, ao se aproximar, sua luz atraiu a atenção do menino, que virou a cabeça sobre o travesseiro e a olhou fixamente. Seus olhos cinzentos e arregalados agora pareciam ainda maiores.

— Quem é você? — disse ele finalmente, em um sussurro meio assustado. — Você é um fantasma?

— Não, não sou — respondeu Mary, e seu próprio sussurro também soava um tanto assustado. — E você, é?

Ele a fitou longamente. Mary não pôde deixar de notar seus olhos estranhos. Eram cinza-ágata e pareciam grandes demais para seu rosto, pois tinham longos cílios negros.

— Não — ele respondeu depois de mais alguns momentos. — Me chamo Colin.

— Quem é Colin? — ela vacilou.

— Eu sou Colin Craven. E quem é você?

— Eu sou Mary Lennox. O sr. Craven é meu tio.

— Ele é meu pai — disse o menino.

— Seu pai! — Mary engasgou. — Ninguém nunca me disse que ele tinha um filho! Por que não?

— Venha cá — pediu ele, ainda mantendo seus olhos estranhos fixos nela com uma expressão ansiosa.

Ela se aproximou da cama e ele estendeu a mão e a tocou.

— Você é real, não é? — ele perguntou. — Eu sempre tenho sonhos muito reais. Talvez você seja um deles.

Mary havia vestido um manto de lã ao sair do quarto e colocou uma das pontas entre os dedos dele.

— Toque nisto e veja como é quente e espesso — disse ela. — Posso te beliscar, se quiser, para provar que sou real. Por um minuto pensei que você também fosse um sonho.

— De onde você veio? — ele perguntou.

— Do meu quarto. Eu não conseguia dormir com o vento soprando e ouvi alguém chorando. Queria saber quem era. Por que você estava chorando?

— Porque eu também não conseguia dormir e minha cabeça doía. Diga-me seu nome de novo.

— Mary Lennox. Ninguém nunca lhe contou que eu vim morar aqui?

Ele ainda tocava a dobra de lã, mas começava a acreditar cada vez mais na realidade.

— Não — respondeu ele. — Eles não ousariam.

— Por quê? — perguntou Mary.

— Porque eu teria medo de que você me visse. Não deixo as pessoas me verem e conversarem comigo.

— Por quê? — Mary perguntou novamente, sentindo-se mais perplexa a cada momento.

— Porque estou sempre assim, doente e preso nesta cama. Meu pai também não deixa ninguém falar comigo. Os criados não podem falar de mim. Se eu sobreviver, talvez me torne um corcunda, mas eu não vou. Meu pai odeia pensar que posso ser como ele.

— Oh, que casa mais estranha! — espantou-se Mary.
— Que casa esquisita! Tudo aqui é envolto em segredos. Os quartos e os jardins estão trancados... e agora, você! Você foi trancado?

— Não. Eu fico neste quarto porque não quero ser tirado dele. Fico muito cansado.

— Seu pai vem ver você? — Mary arriscou.

— Às vezes. Geralmente quando estou dormindo. Ele não gosta de me ver.

— Por quê? — Mais uma vez, Mary não se conteve.

Uma espécie de sombra de ódio passou pelo rosto do menino.

— Minha mãe morreu quando eu nasci e ele fica triste só de olhar para mim. Ele acha que eu não sei, mas já ouvi gente falando. Ele quase me odeia.

— Ele odeia o jardim porque ela morreu — disse Mary meio que para si mesma.

— Que jardim? — o menino perguntou.

— Ah, nada... é só um jardim de que ela gostava — gaguejou Mary. — Você sempre esteve aqui?

— Quase sempre. Às vezes sou levado a lugares no litoral, mas não fico porque as pessoas me encaram. Eu costumava usar uma coisa de ferro para manter minhas costas retas, mas um grande médico veio de Londres para me ver e disse que era um absurdo. Disse a eles para tirarem aquilo daqui e me manterem ao ar livre. Odeio ar fresco e não quero sair.

— Eu também odiava quando cheguei aqui — disse Mary. — Por que continua me olhando assim?

— Por causa dos sonhos que são tão reais — respondeu ele um tanto irritado. — Às vezes, quando abro os olhos, não acredito que estou acordado.

— Estamos ambos acordados — disse Mary. Ela olhou ao redor do quarto, seu teto alto, cantos sombrios e a fraca luz do fogo. — Parece um sonho, e estamos no meio da noite. Todos na casa estão dormindo... todos, menos nós. Estamos bem acordados.

— Não quero que seja um sonho — disse o menino inquieto.

Mary logo conjecturou.

— Se você não gosta que as pessoas o vejam, prefere que eu vá embora?

Ele ainda segurava a dobra de seu manto e deu um pequeno puxão.

— Não — disse ele. — Eu queria ter certeza de que você não era um sonho. Se você for real, sente-se naquele banquinho estofado e converse comigo. Quero que me conte sobre você.

Mary pousou a vela na mesa próxima à cama e sentou-se no banquinho. Ela não queria ir embora de jeito nenhum. Queria ficar no soturno quarto secreto e falar com o garoto misterioso.

— O que você quer que eu conte? — ela perguntou.

Ele queria saber há quanto tempo ela estava em Misselthwaite; queria saber em qual corredor ficava o quarto dela; queria saber o que ela andava fazendo; se ela não gostava da charneca como ele também não gostava; onde morou antes de vir para Yorkshire. Ela respondeu a todas essas perguntas e muitas mais, e ele deitou-se no travesseiro e a ouviu. Ele pediu que contasse tudo sobre a Índia e sobre sua viagem cruzando o oceano. Ela descobriu que, por ser inválido, ele não aprendera as coisas como as outras crianças. Uma de suas babás o ensinou a ler quando ainda muito pequeno e ele sempre lia e olhava as figuras em livros extraordinários.

Embora seu pai raramente o visse quando estava acordado, ele recebia todos os tipos de coisas maravilhosas para se divertir. Porém, parecia que nunca se divertia. Ele poderia ter qualquer coisa que pedisse e nunca fora obrigado a fazer nada que não gostasse.

— Todos são obrigados a fazer o que me agrada — disse com indiferença. — Fico doente de raiva. Ninguém acredita que vou sobreviver e crescer.

Pronunciou isso como se estivesse tão acostumado com a ideia que já não se importava mais. Ele parecia gostar do som da voz de Mary. Enquanto ela falava, ele a ouvia com um ar sonolento e interessado. Uma ou duas vezes ela se perguntou se ele não estava caindo aos poucos no cochilo. Mas, por fim, ele fez uma pergunta que abriu um novo assunto.

— Quantos anos você tem?

— Tenho dez anos — respondeu Mary, esquecendo-se de si mesma por um momento — assim como você.

— Como sabe disso? — ele se surpreendeu.

— Porque quando você nasceu, a porta do jardim foi trancada e a chave enterrada. E está trancada há dez anos.

Colin ameaçou se sentar, virando-se para ela e apoiando-se nos cotovelos.

— Qual porta do jardim estava trancada? Quem fez isso? Onde a chave foi enterrada? — ele inquiriu como se de repente estivesse muito interessado.

— É... era o jardim que o sr. Craven odeia — disse Mary, acuada. — Ele trancou a porta. Ninguém... ninguém sabia onde tinha enterrado a chave.

— Que tipo de jardim é esse? — Colin persistiu, ansioso.

— Ninguém estava autorizado a entrar nele por dez anos. — Foi a cuidadosa resposta de Mary.

Mas era tarde demais para ter cuidado. Ele era muito parecido com ela. Também não tinha nada em que pensar e a ideia de um jardim trancado o atraía tanto quanto a ela. Ele fez pergunta após pergunta. Onde ficava? Ela nunca tinha procurado a porta? Ela nunca perguntou aos jardineiros?

— Eles não falam sobre isso — explicou Mary. — Acho que foram instruídos a não responder perguntas.

— Eu os faria falar — disse Colin.

— Você poderia? — vacilou Mary, começando a se sentir assustada. Se ele pudesse fazer as pessoas responderem, quem saberia o que poderia acontecer!

— Todos são obrigados a me agradar. Já disse isso — repetiu. — Se eu sobreviver, este lugar algum dia será meu. Todos eles sabem disso. Eu os obrigaria a me dizer.

Mary não sabia que ela mesma era uma menina mimada, mas via claramente que aquele menino misterioso era. Ele pensava que o mundo inteiro pertencia a ele. Era um menino muito peculiar e falava friamente sobre a morte.

— Você acha que não vai viver? — perguntou ela, em parte por curiosidade e em parte na esperança de distraí-lo do jardim.

— Acho que não — respondeu com a mesma indiferença de antes. — Desde a minha primeira

lembrança, tenho ouvido as pessoas dizerem que não. No início pensaram que eu era muito pequeno para entender e agora acham que não ouço. Mas eu ouço. Meu médico é primo do meu pai. Ele é bastante pobre e se eu morrer, ele herdará Misselthwaite quando meu pai morrer. Acho que ele não gostaria que eu vivesse.

— Você quer viver? — perguntou Mary.

— Não — respondeu ele, de uma maneira zangada e cansada. — Mas eu não quero morrer. Quando me sinto doente, fico aqui deitado pensando nisso e choro sem parar.

— Já ouvi você chorar três vezes — disse Mary —, mas não sabia quem era. Você estava chorando por causa disso?

— Ela queria muito que ele se esquecesse do jardim.

— Isso mesmo — respondeu ele. — Vamos falar de outra coisa. Fale sobre aquele jardim. Você não quer vê-lo?

— Quero — respondeu Mary, com a voz bastante baixa.

— Eu quero — ele emendou, persistente. — Acho que nunca quis ver nada antes, mas quero ver esse jardim. Quero que desenterrem a chave. Quero a porta destrancada. Eu os deixaria me levar lá na minha cadeira. Isso seria tomar ar fresco. Vou fazê-los abrir a porta.

Ele ficou muito animado e seus olhos estranhos começaram a brilhar como estrelas e pareciam maiores do que nunca.

— Eles têm de me agradecer — continuou ele. — Vou fazer com que me levem lá e vou deixar você ir também.

As mãos de Mary se engancharam. Tudo iria por água abaixo, tudo! Dickon nunca mais voltaria. Ela nunca mais se sentiria como um pisco em um ninho escondido e seguro.

— Oh, não... não... não... não faça isso! — ela se exaltou.

Ele a olhou como se ela tivesse enlouquecido!

— Por quê? — ele exclamou. — Você disse que queria ver.

— Sim — ela respondeu quase com um soluço na garganta —, mas se você os obrigar a abrir a porta e entrar nele, nunca mais será um segredo.

Ele se inclinou ainda mais para a frente.

— Um segredo — disse ele. — O que você quer dizer?

As palavras de Mary quase tropeçaram umas nas outras.

— Olha... olha — ela ofegou —, se ninguém souber além de nós... que existe uma porta escondida em algum lugar debaixo da hera... se houver... nós poderíamos encontrá-la; e se pudéssemos passar por ela juntos e fechá-la depois, ninguém saberia que alguém entrou, e o jardim seria só nosso e fingiríamos que somos piscos e que aquele é o nosso ninho, e se brincássemos lá quase todos os dias e cavássemos e plantássemos sementes e fizéssemos tudo voltar à vida...

— Ele morreu? — ele a interrompeu.

— Morrerá logo, se ninguém cuidar dele — ela continuou. — Os bulbos viverão, mas as roseiras...

Ele a parou novamente, tão excitado quanto ela.

— O que são bulbos? — ele disparou.

— São narcisos, lírios e flocos-de-neve. Eles estão trabalhando na terra agora... brotando em pontos verde-claros porque a primavera está chegando.

— A primavera está chegando? — perguntou ele. — Como ela é? De dentro do quarto não dá para vê-la.

— É o sol brilhando quando chove e a chuva caindo quando está sol, e as coisas vão trabalhando e saindo de sob a terra — disse Mary. — Se o jardim continuasse secreto e pudéssemos entrar nele, poderíamos ver as coisas crescerem a cada dia e ver quantas roseiras ainda estão vivas. Você não entende? Ah, você não entende como seria mais bonito se fosse um segredo?

Ele recostou-se no travesseiro com uma expressão estranha no rosto.

— Nunca tive um segredo — disse ele —, exceto aquele sobre morrer e não crescer. Eles não sabem que eu sei disso, então é como se fosse um segredo. Mas gosto mais desse outro.

— Se você não os obrigar a levá-lo ao jardim — suplicou Mary —, talvez... tenho quase certeza de que em algum momento vou descobrir como entrar lá. E então... se o médico quiser que você saia em sua cadeira, e se você

sempre puder fazer o que quiser, talvez... talvez a gente encontre algum menino que empurre a sua cadeira, e poderíamos ir sozinhos e ele continuaria sendo um jardim secreto para sempre.

— Eu acho... que... gostaria... — disse ele muito lentamente, seus olhos pareciam enxergar um sonho. — Eu adoraria isso. Não me importaria com o ar fresco em um jardim secreto.

Mary começou a recuperar o fôlego e a se sentir mais segura, pois a ideia de guardar um segredo parecia agradá-lo. Ela tinha quase certeza de que se continuasse falando e pudesse fazê-lo imaginar o jardim em sua mente como ela o vira, ele gostaria tanto que não suportaria pensar que qualquer um poderia entrar nele quando quisesse.

— Vou te dizer como acho que seria, se pudéssemos entrar nele — disse ela. — Ele está fechado há tanto tempo que as coisas se tornaram um emaranhado.

Ele ficou imóvel e a ouviu contar sobre as roseiras que podiam ter escalado de árvore em árvore e se enroscado; sobre os muitos pássaros que poderiam construir seus ninhos ali por ser tão seguro. E então ela contou a ele sobre o pisco e Ben Weatherstaff, e havia tanto a contar sobre o pisco — e era tão fácil e seguro falar sobre isso — que ela se esqueceu do medo. O pisco o agradou tanto que ele sorriu até ficar quase belo, e a princípio Mary pensou

que ele era ainda mais comum do que ela, com seus olhos grandes e pesadas mechas de cabelo.

— Eu não sabia que pássaros podiam ser assim — disse ele. — Mas quando você só fica em um quarto, nunca vê essas coisas. Quantas coisas você sabe. Sinto como se você já tivesse entrado naquele jardim.

Ela não sabia o que dizer, então não disse nada. Ele evidentemente não esperava uma resposta e no momento seguinte fez uma surpresa a ela.

— Vou deixar você ver uma coisa — disse ele. — Sabe aquela cortina de seda rosa na parede da lareira?

Mary não a notara antes, mas olhou para cima e a viu. Era uma cortina de seda leve pendurada sobre o que parecia uma pintura.

— Sim — ela respondeu.

— Há uma corda pendendo dela — disse Colin. — Vá até lá e puxe.

Mary se levantou, perplexa, e encontrou o cordão. Quando ela o puxou, os anéis da cortina de seda deslizaram no bastidor e revelaram uma imagem. Era a foto de uma menina com um rosto alegre. Ela tinha os cabelos brilhantes presos com uma fita azul e seus olhos fulgurantes e adoráveis eram exatamente como os infelizes de Colin, cinza-ágata, e pareciam duas vezes maiores do que realmente eram em razão dos cílios pretos ao redor deles.

— Ela é a minha mãe — disse Colin em um lamento. — Não entendo por que ela morreu. Às vezes eu a odeio por ter feito isso.

— Que estranho! — disse Mary.

— Se ela tivesse vivido, acho que eu não teria ficado tão doente — reclamou. — Até acho que eu também sobreviveria. E meu pai não odiaria olhar para mim. Ouso dizer que eu até teria as costas mais fortes. Agora pode fechar a cortina.

Mary obedeceu e voltou para o banquinho.

— Ela é muito mais bonita que você — observou ela —, mas seus olhos são iguais... pelo menos têm a mesma forma e cor. Por que tem uma cortina sobre ela?

Ele se moveu desconfortavelmente.

— Eu mandei fazerem isso — disse ele. — Às vezes não gosto que ela fique olhando para mim. Ela sorri demais quando estou doente e infeliz. Além disso, ela é minha mãe e não quero que ninguém a veja.

Depois de alguns momentos de silêncio, Mary perguntou:

— O que a sra. Medlock faria se descobrisse que eu estive aqui?

— Ela faria o que eu dissesse para fazer — respondeu ele. — E eu diria a ela que quero que você venha aqui e converse comigo todos os dias. Estou feliz que você tenha vindo.

— Eu também — disse Mary. — Virei sempre que puder, mas — hesitou — vou procurar a porta do jardim todos os dias.

— Sim, você precisa encontrar — Colin animou-se —, e depois venha me contar.

Ele refletiu por alguns minutos, como fizera antes, e então continuou:

— Acho que você também será um segredo. Não vou contar até que descubram. Sempre posso mandar a enfermeira sair do quarto e dizer que quero ficar sozinho. Você conhece a Martha?

— Sim, conheço muito bem — disse Mary. — Ela é minha criada.

Ele acenou com a cabeça em direção ao corredor externo.

— É ela quem está dormindo no outro quarto. A enfermeira foi embora ontem para ficar a noite toda com a irmã e sempre manda Martha me atender quando ela sai. Martha avisará quando você deve vir aqui.

Então Mary entendeu o olhar preocupado de Martha ao ouvir suas perguntas sobre o choro.

— Martha sabia de você o tempo todo? — ela quis saber.

— Sim, ela sempre cuida de mim. A enfermeira não gosta muito de ficar comigo e então chama Martha.

— Estou aqui há muito tempo — comentou Mary. — Devo ir embora agora? Seus olhos parecem sonolentos.

— Queria muito dormir antes de você ir embora — disse ele um tanto timidamente.

— Feche os olhos — pediu Mary, puxando o banquinho para mais perto —, e farei o que minha aia costumava fazer na Índia. Vou dar tapinhas e acariciar a sua mão, e cantar algo bem baixinho.

— Acho que será muito bom — disse ele sonolento.

De alguma forma, ela sentia pena dele e não queria que ficasse acordado, então encostou-se na cama e começou a acariciar e tamborilar sua mão, sussurrando uma cantilena em hindustâni.

— Isso é bom — disse ele ainda mais sonolento, e ela continuou cantando e acariciando-o. Quando olhou novamente para ele, seus cílios negros repousavam sobre suas bochechas, pois dormia profundamente. Então ela se levantou em silêncio, pegou sua vela e se afastou sem fazer nenhum ruído.

CAPÍTULO 14.

UM JOVEM RAJÁ

A charneca estava escondida pela névoa quando a manhã chegou e a chuva não parava de cair. Não havia como brincar lá fora. Martha estava tão ocupada que Mary sequer teve oportunidade de conversar com ela, mas à tarde pediu-lhe que se sentassem juntas no quarto de brincar. A criada veio trazendo a meia que sempre tricotava quando não tinha outras tarefas.

— Qual é o seu problema? — ela perguntou assim que se sentaram. — Parece que ocê quer me falar alguma coisa.

— Sim. Eu descobri o que era o choro — disse Mary.

Martha deixou o tricô cair sobre os joelhos e olhou para ela com olhos assustados.

— Ocê não! — ela exclamou. — Nunca!

— Eu o ouvi ontem à noite — continuou Mary. — Me levantei e fui ver de onde vinha. Era Colin. Eu o conheci.

O rosto de Martha ficou vermelho de medo.

— Eita! Dona Mary! — ela disse, quase chorando. — Cê num devia ter feito isso... num devia! Cê vai me deixar em apuro. Eu nunca te disse nada sobre ele... mas cê vai me deixar em apuro. Eu vou perder meu emprego, e aí o que a mãe vai fazer?

— Você não vai perder seu emprego — Mary a acalmou. — Ele ficou feliz por eu ter ido. Nós conversamos muito e ele ficou feliz por eu estar lá.

— Ele ficou feliz? — exclamou Martha. — Tem certeza? Cê num sabe como ele fica quando alguma coisa irrita ele. Já é um rapaz grande pra chorar como bebê, mas quando tá bravo grita só pra assustar a gente. Ele sabe que a gente num pode fazer nada.

— Ele não ficou irritado — disse Mary. — Eu perguntei se ele preferia que eu saísse, mas ele me pediu para ficar. E me fez perguntas e eu me sentei em um banquinho e conversei com ele sobre a Índia e sobre o pisco e os jardins. Ele não me deixou sair. Ele me mostrou a foto de sua mãe. Antes de deixá-lo, cantei para ele dormir.

Martha quase engasgou de espanto.

— Eu nem consigo acreditar em ocê! — protestou. — É como se tivesse entrado direto na cova de um leão. Se ele fizesse do jeito que sempre faz, teria um acesso de raiva e acordado a casa inteira. Ele não deixa os estranho olhar pra ele.

— Mas ele me deixou. Eu olhei para ele o tempo todo e ele olhava para mim. Nós nos encaramos! — disse Mary.

— Num sei nem o que fazer! — exclamou Martha, agitada. — Se a sra. Medlock descobrir, ela vai pensar que eu quebrei as ordem e contei pra ocê e aí vai me mandar de volta pra minha mãe.

— Ele ainda não vai contar nada sobre isso à sra. Medlock. Será uma espécie de segredo no começo — disse Mary com firmeza. — E ele disse que todos são obrigados a fazer o que ele bem entender.

— É, isso é bem verdade... ô menino ruim! — suspirou Martha, enxugando a testa com o avental.

— Ele disse que a sra. Medlock o obedecerá. E ele quer que eu vá conversar com ele todos os dias. E que você deve me dizer quando ele quiser que eu vá.

— Eu! — disse Martha. — Vou perder meu emprego... vou sim!

— Você não perderá se fizer o que ele quer que você faça e se todo mundo tem ordens para obedecê-lo — argumentou Mary.

— Cê tá querendo dizer... — exclamou Martha com os olhos arregalados — que ele foi gentil com ocê?

— Acho que ele quase gostou de mim — respondeu Mary.

— Então cê deve ter enfeitiçado ele! — julgou Martha, respirando fundo.

— Você quer dizer magia? — perguntou Mary. — Já ouvi falar dos feitiços na Índia, mas não tenho esse dom. Assim que entrei no quarto fiquei tão surpresa em vê-lo que paralicei. Então ele se virou e me encarou. E achou que eu era um fantasma ou um sonho e até pensei que talvez fosse mesmo. E foi muito estranho estarmos ali sozinhos no meio da noite, sem termos nos conhecido antes.

Começamos a fazer perguntas um ao outro. E quando perguntei se eu deveria ir embora, ele disse que não.

— Acabou-se o mundo! — Martha engasgou.

— Qual doença ele tem? — perguntou Mary.

— Ninguém sabe direito — disse Martha. — O sr.

Craven enlouqueceu quando ele nasceu. Os médicos acharam que teriam de colocar ele num hospício. Foi porque a sra. Craven morreu, como eu já contei pra ocê. Ele não queria nem olhar pro nenê. Ele gritava e dizia que seria outro corcunda igual ele e que seria melhor que morresse.

— O Colin é corcunda? — Mary perguntou. — Não me pareceu.

— Ele ainda não é — explicou Martha. — Mas nasceu já todo torto. A mãe fala que tem tanto problema e raiva nesta casa que deixa qualquer criança doente. Eles temia que as costas dele fosse fraca e sempre cuidaram disso... deixam ele sempre deitado e sem andar. Uma vez, obrigaram ele a usar uma cinta, mas ele ficou tão incomodado que caiu doente na hora. Então um médico famoso veio e mandou tirar. Ele conversou muito bravo com o outro médico, mas foi educado. Ele disse que estavam dando muito remédio ao menino e que deixavam ele fazer o que queria demais.

— Acho que ele é um menino muito mimado — disse Mary.

— Ele sempre foi ruim assim! — concordou Martha. — Não vou dizer que ele não é um pouco doente. Ele teve tosse e resfriado e quase morreu disso umas duas ou três vezes. Uma vez ele teve febre reumática e outra vez teve tifoide. Eita! A sra. Medlock quase teve um treco. Ele tava delirano de febre e ela falou com a enfermeira na frente dele, pensano que ele num tava ouvino, e ela disse: “Desta vez é certeza que ele vai morrer, e será melhor para ele e para todos nós”. Então ela olhou pra ele e ele tava com aqueles olho grande, olhano pra ela lúcido igual a uma coruja. Ela ficou sem saber o que fazer, mas ele só olhou para ela e falou: “Me dá um pouco de água e pare de falar”.

— Você acha que ele vai morrer? — perguntou Mary.

— A mãe fala que não tem motivo pra uma criança viver sem ar fresco e sem fazer nada além de deitar de costa e ler livro com foto e tomar remédio. Ele é fraco e não gosta da trabalhadeira que dá ser levado pra fora de casa, e ele pega resfriado tão fácil que fala que sair deixa ele doente.

Mary se sentou e olhou para o fogo.

— Queria saber — disse ela, pensativa —, se não faria bem a ele ir a um jardim e ver as coisas crescendo. Isso me fez muito bem.

— Um dos pior ataque que ele já teve — contou Martha —, foi uma vez que levaram ele pra um lugar onde as roseira cresce perto da fonte. Ele tinha lido num jornal que as pessoa pegavam um negócio que ele chamou de

“resfriado de roseira” e ele começou a espirrar e falou que tinha pegado e então um jardineiro novo que não conhecia as regra tava passano e olhou para ele curioso. Ele ficou louco e disse que o homem olhou para ele porque ele ia ser corcunda. Ele começou a chorar até ficar com febre e passou a noite doente.

— Se ele fizer isso comigo, nunca mais irei vê-lo — disse Mary.

— Se ele quiser, vai te obrigar — alertou Martha. — Melhor cê saber disso desde já.

Logo depois, uma sineta tocou e ela enrolou seu tricô.

— Aposto que a enfermeira quer que eu fique um pouco com ele — disse. — Espero que teja de bom humor.

Saiu do quarto e voltou dez minutos depois com uma expressão intrigada.

— Bom, cê enfeitiçou ele — comentou ela. — Ele tá de pé no sofá com seus livro de foto. Disse pra enfermeira sair até às seis hora. E eu tenho que esperar no quarto do lado. No minuto em que ela saiu, ele me chamou e falou: “Quero que Mary Lennox venha conversar comigo, e lembre-se de não contar a ninguém. Vá logo, sem perda de tempo”.

Mary estava bastante disposta a ir imediatamente. Ela não queria ver Colin tanto quanto queria ver Dickon, mas queria muito vê-lo.

Quando ela entrou no quarto, havia um fogo forte na lareira, e à luz do dia pôde perceber que era um cômodo muito bonito. Havia cores vivas nos tapetes, cortinas,

quadros e livros nas prateleiras, o que fazia o quarto parecer claro e confortável, mesmo com o céu cinza e a chuva. O próprio Colin parecia uma pintura. Estava enrolado em um roupão de veludo, sentado contra uma grande almofada de brocado. Tinha uma mancha vermelha em cada bochecha.

— Entre — convidou ele. — Fiquei pensando em você a manhã toda.

— Também tenho pensado em você — respondeu Mary. — Você não sabe o quanto Martha está assustada. Ela disse que a sra. Medlock vai pensar que foi ela quem me contou sobre você e a mandará embora.

Ele franziu a testa.

— Vá e diga para ela vir aqui — pediu ele. — Ela está no quarto ao lado.

Mary foi e voltou com ela. A pobre Martha tremia como vara verde. Colin ainda estava carrancudo.

— Você é obrigada a fazer o que eu quero ou não? — ele inquiriu.

— Tenho que fazer o que o senhor quiser — Martha titubeou, muito corada.

— Medlock tem que fazer o que eu quero?

— Todo mundo tem, senhor — confirmou Martha.

— Bem, então, se eu ordeno que você traga a sra.

Mary para mim, como Medlock poderia mandá-la embora se descobrisse?

— Por favor, não deixe, senhor — implorou Martha.

— Vou mandá-la embora se ela se atrever a dizer uma palavra sobre isso — afirmou o patrão Craven, arrogante.

— Ela também não gostaria nada disso, aposto.

— Obrigada, senhor — disse, com uma reverência. — Quero cumprir meu dever, senhor.

— O seu dever é fazer o que eu mando. — O tom de Colin foi ainda mais arrogante. — Você está protegida. Agora saia.

Quando a porta se fechou atrás de Martha, Mary olhava para Colin como se ele a tivesse feito raciocinar.

— Por que me olha assim? — perguntou ele. — O que você achou?

— Estou pensando em duas coisas.

— O quê? Sente-se e me conte.

— A primeira é que... — começou Mary, sentando-se no banquinho — uma vez, na Índia, vi um menino que era um rajá. Ele tinha rubis, esmeraldas e diamantes grudados nele. Ele falava com seu povo assim como você fala com Martha. Todos tinham de fazer tudo o que ele mandava... imediatamente. Eu acho que eles teriam sido mortos se não o fizessem.

— Vou pedir para você me contar mais sobre os rajás daqui a pouco — pediu Colin —, mas primeiro, me diga qual é a segunda coisa.

— Eu estava pensando — disse Mary —, como você é diferente de Dickon.

— Quem é Dickon? — perguntou. — Que nome esquisito!

Talvez ela pudesse contar a ele, pois achava possível falar de Dickon sem mencionar o jardim secreto. Ela gostava de ouvir Martha falar sobre Dickon. Além disso, queria muito falar dele. Era como se isso o trouxesse para mais perto.

— Ele é irmão da Martha. Tem doze anos — explicou ela. — Ele é diferente de todo mundo. Sabe encantar raposas, esquilos e pássaros, assim como os nativos da Índia encantam as cobras. Ele toca uma melodia muito suave em uma flauta e eles ouvem e vêm.

Havia alguns livros grandes em uma mesa ao seu lado e de repente ele puxou um em sua direção.

— Há uma foto de um encantador de serpentes neste — exclamou. — Venha ver.

O livro era lindo, com incríveis ilustrações coloridas, e ele apontou para uma delas.

— Ele pode fazer isto? — perguntou ansiosamente.

— Ele tocava sua flauta e eles ouviam — explicou Mary. — Mas ele não chama isso de feitiçaria. Ele diz que é porque ele fica muito na charneca e conhece os costumes deles. Diz que às vezes se sente como se fosse um pássaro ou um coelho, e tem um grande amor por eles. Acho ele fez perguntas ao pisco. Parecia que eles conversavam entre si com gorjeios.

Colin deitou-se na almofada e seus olhos ficaram cada vez maiores, assim como as manchas em suas bochechas.

— Conte-me um pouco mais sobre ele — pediu.

— Ele sabe tudo sobre ovos e ninhos — continuou Mary. — E sabe onde vivem as raposas, os texugos e as lontras. Não comenta nada sobre os animais, para que outros meninos não encontrem suas tocas e façam mal a eles. Dickon sabe de tudo o que cresce ou vive na charneca.

— Ele gosta da charneca? — Colin interessou-se. — Como ele pode gostar de um lugar tão grande, vazio e triste?

— É o lugar mais lindo que conheço — protestou Mary. — Há milhares de coisas adoráveis crescendo nela e milhares de criaturinhas ocupadas construindo ninhos, fazendo buracos e tocas e se mexendo, cantando ou falando uns com os outros. Eles estão sempre ocupados e se divertindo muito debaixo da terra ou nas árvores e urzes. É o mundo deles.

— Como você sabe disso tudo? — indagou Colin, virando-se sobre o cotovelo para olhar para ela.

— Eu nunca estive lá, é verdade — disse Mary, lembrando-se de repente. — Eu só passei por ali no escuro. Achei horrível. Martha me contou sobre essas coisas primeiro e depois Dickon. Quando Dickon fala sobre a charneca, você sente como se tivesse visto e ouvido as mesmas coisas e como se estivesse ao lado das urzes com o

sol brilhando e o tojo cheirando a mel... e todas aquelas abelhas e borboletas.

— Nunca se vê nada quando se está doente — disse Colin, inquieto. Parecia ouvir um novo som à distância e imaginava o que era.

— É impossível se você só ficar no quarto — apontou Mary.

— Eu não poderia ir à charneca — disse ele em um tom ressentido.

Mary ficou em silêncio por um minuto e então disse algo ousado:

— Você poderia... quem sabe?

Ele se moveu como se estivesse assustado.

— Ir na charneca! Como? Eu vou morrer.

— Como você sabe? — protestou Mary, antipática. Ela não gostou do jeito que ele falou sobre morrer e se sentiu muito solidária. Quase parecia que ele se gabava disso.

— Ah, eu ouço isso desde que me lembro — respondeu irritado. — Estão sempre sussurrando e acham que não percebo. Eles gostariam que eu morresse.

Dona Mary se sentiu totalmente irritada e apertou os lábios.

— Se alguém quisesse que eu morresse — disse ela —, eu não morreria, só de pirraça. Quem gostaria que você morresse?

— Os criados... e, é claro, o dr. Craven, porque ele herdaria Misselthwaite e ficaria rico, em vez de pobre como

é. Ele não se atreve a dizer isso, mas sempre parece mais alegre quando eu pioro. Quando eu tive febre tifoide, sua cara ficou até mais gorda. Acho que meu pai também gostaria.

— Eu não acredito que ele gostaria — retrucou Mary, bastante obstinada.

Aquilo fez Colin se virar e olhar para ela novamente.

— Acha que não? — ele disse.

Então ele se recostou na almofada e ficou imóvel, como se estivesse refletindo. Houve um longo silêncio. Talvez ambos estivessem pensando coisas estranhas que crianças geralmente não pensariam.

— Eu gosto do médico famoso de Londres porque ele mandou que tirassem a coisa de ferro — comentou Mary, finalmente. — Ele disse que você ia morrer?

— Não.

— O que ele disse?

— Ele não sussurrou — Colin respondeu. — Talvez ele soubesse que eu odeio sussurros. Ouvi ele dizer uma coisa bem alto. Ele disse: “O menino poderia viver se acreditasse nisso. Melhorem seu humor”. Ele parecia zangado.

— Eu vou te contar quem talvez pudesse melhorar o seu humor — disse Mary, pensativa. Ela gostaria que tudo fosse resolvido de uma forma ou de outra. — Acho que Dickon conseguiria. Ele está sempre falando sobre coisas vivas. Nunca fala sobre coisas mortas ou coisas que estão doentes. Está sempre olhando para os pássaros voando no

céu... ou olhando as coisas que crescem na terra. Ele tem olhos azuis muito redondos e atentos para olhar em volta. Ele ri uma gargalhada tão gostosa com sua boca larga... e suas bochechas são coradas... coradas como cerejas. — Ela puxou seu banquinho para mais perto do sofá e sua expressão mudou completamente com a lembrança da boca larga e curvada e dos olhos bem abertos.

— Olha — continuou ela. — Não vamos falar sobre morte; eu não gosto disso. Vamos falar sobre viver. Vamos falar mais sobre Dickon. E vamos ver esses desenhos.

Foi a melhor coisa que ela poderia ter dito. Falar sobre Dickon significava falar sobre a charneca e sobre a cabana e as quatorze pessoas que viviam nela com dezesseis xelins por semana... e sobre as crianças que engordavam com a grama da charneca como os pôneis selvagens. E sobre a mãe de Dickon... e a corda de pular... e o horizonte ensolarado... e sobre as pontas verde-claras projetando-se do gramado escuro. E era tudo tão vivo que Mary falava mais do que jamais havia falado antes. Colin falava e ouvia como nunca havia feito antes. E os dois começaram a rir do nada, como fazem as crianças quando estão juntas e felizes. E eles riram tanto, com tanto barulho, que pareciam duas criaturas normais e saudáveis de dez anos de idade — em vez de uma menina rígida, pequena e amarga e um menino doente que achava que iria morrer.

Eles se divertiram tanto que se esqueceram dos desenhos e da hora. Riram muito alto sobre Ben

Weatherstaff e seu pisco, e Colin sentou-se como se tivesse esquecido sua fraqueza nas costas, quando de repente lembrou-se de algo:

— Sabia que há uma coisa em que nunca pensamos? — disse ele. — Nós somos primos.

Parecia tão estranho que tivessem conversado tanto sem se lembrar desse simples fato que riram mais do que nunca, porque estavam com o humor para rir de tudo. E no meio da diversão a porta se abriu e entraram o dr. Craven e a sra. Medlock.

O dr. Craven ficou alarmado, e a sra. Medlock quase caiu para trás, porque ele acidentalmente esbarrou nela.

— Bom Deus! — exclamou a pobre sra. Medlock, com os olhos quase saltando das órbitas. — Bom Deus!

— O que é isto? — disse o dr. Craven, avançando. — O que significa isto?

Então Mary se lembrou do menino rajá novamente. Colin respondeu como se nem o sobressalto do médico nem o terror da sra. Medlock tivessem a menor importância. Ele estava tão pouco perturbado que parecia que uma mosca e um mosquito tivessem entrado no quarto.

— Esta é minha prima, Mary Lennox — afirmou ele. — Pedi que viesse conversar comigo. Gosto dela. Ela deve vir e conversar comigo sempre que eu mandar chamá-la.

O dr. Craven voltou-se com ar de reprovação para a sra. Medlock.

— Oh, senhor — ela ofegou. — Não sei como isto aconteceu. Nenhum criado aqui se atreveu a contar... todos eles têm suas ordens.

— Ninguém disse nada a ela — continuou Colin. — Ela me ouviu chorar e me encontrou. Estou feliz que tenha vindo. Não seja ridícula, Medlock.

Mary notou que o dr. Craven não parecia satisfeito, mas estava claro que ele não ousaria se opor ao paciente. O médico se sentou ao lado de Colin e sentiu seu pulso.

— Receio que tenha se agitado demais. Agitação não é bom para você, meu menino — declarou.

— Eu ficaria agitado se ela ficasse longe — respondeu Colin, seus olhos começando a brilhar perigosamente. — Estou melhor. Ela me faz melhorar. A enfermeira deve trazer o chá dela junto com o meu. Tomaremos chá juntos.

A sra. Medlock e o dr. Craven se entreolharam de maneira preocupada, mas evidentemente não havia nada a ser feito.

— Ele parece muito melhor, senhor — arriscou a sra. Medlock. — Mas, pensando no assunto, ele já parecia melhor hoje cedo, antes que ela viesse para o quarto.

— Ela veio aqui ontem à noite. Ficou comigo por muito tempo. Ela cantou uma canção em hindustâni para que eu dormisse — disse Colin. — Eu estava melhor quando acordei, queria meu café da manhã. Quero meu chá agora. Chame a enfermeira, Medlock.

O dr. Craven não ficou por muito tempo. Conversou com a enfermeira por alguns minutos quando ela entrou no quarto e disse algumas palavras de advertência a Colin. Que ele não devia falar muito; que não devia se esquecer de que estava doente; que não devia se esquecer de que se cansava facilmente. Mary entendeu que havia uma série de coisas desagradáveis das quais ele não deveria se esquecer.

Colin pareceu preocupado e manteve seus estranhos olhos de cílios pretos fixos no rosto do dr. Craven.

— Eu quero esquecer tudo isso — declarou finalmente.

— Ela me faz esquecer. É por isso que eu a quero aqui.

O dr. Craven não parecia feliz ao sair do quarto. Deixou um olhar perplexo para a menina sentada no banquinho almofadado. Ela havia voltado a ser uma criança rígida e silenciosa assim que entraram no quarto, e o médico não conseguia entender o motivo da atração. O menino realmente parecia mais empolgado, entretanto... Enfim suspirou pesadamente e seguiu pelo corredor.

— Eles estão sempre querendo que eu coma quando eu não quero — resmungou Colin, enquanto a enfermeira colocava o chá na mesa perto do sofá. — Agora, se você comer, eu também como. Estes bolinhos parecem muito gostosos e quentes. Fale mais sobre os rajás.

CAPÍTULO 15.

CONSTRUINDO NINHOS

Depois de mais de uma semana de chuva, o alto arco azul do céu apareceu novamente e o sol derramou seu calor. Mesmo sem ter podido ver o jardim secreto ou Dickon, dona Mary se divertiu muito. A semana não pareceu longa. Ela passava muitas horas do dia no quarto de Colin, falando sobre rajás, jardins, Dickon e sobre a cabana na charneca. Folhearam livros e viram fotos esplêndidas, e às vezes Mary lia coisas para Colin, outras vezes ele lia um pouco para ela. Quando ele se divertia e se animava, ela notava que mal se parecia com um inválido, exceto por seu rosto, que continuava muito pálido, e também porque ele não saía do sofá.

— Você é uma menininha enxerida para sair da cama e seguir as coisas como fez naquela noite — a sra. Medlock disse certa vez. — Mas não há como negar que foi uma espécie de bênção para todos nós. Ele não teve mais acessos de raiva ou fez suas choradeiras desde que vocês ficaram amigos. A enfermeira ia desistir do caso porque já estava cansada dele, mas agora diz que não se importa em ficar, já que você divide o serviço com ela. — E riu um pouco.

Em suas conversas com Colin, Mary tentava ser muito cautelosa sobre o jardim secreto. Havia certas coisas que

ela queria descobrir sobre ele, mas sentia que não deveria fazer perguntas diretas. Em primeiro lugar, quando começou a gostar de estar com ele, quis saber se ele era o tipo de menino para quem se poderia confiar um segredo. Ele não era nem um pouco parecido com Dickon, mas estava evidentemente tão satisfeito com a ideia de um jardim do qual ninguém soubesse que ela pensou que talvez fosse confiável. Ainda assim, ela não o conhecia há tempo suficiente para ter certeza. A segunda coisa que queria descobrir era: se ele fosse confiável — *de verdade* —, como seria possível levá-lo ao jardim sem que ninguém descobrisse? O famoso médico dissera que ele precisava de ar fresco e Colin disse que não se importaria com o ar fresco em um jardim secreto. Talvez se ele tomasse bastante ar fresco, se conhecesse Dickon e o pisco, e visse a vegetação brotando, deixaria de pensar tanto em morrer. Mary havia se olhado no espelho algumas vezes ultimamente, e se percebeu uma criatura bem diferente da criança que viera da Índia. Esta criança parecia mais interessante. Até Martha notou uma mudança nela.

— O ar da charneca já te fez bem — disse ela. — Cê num é mais aquela gritona magricela de antes. Até o seu cabelo não fica mais escorrido na cabeça. Tem um pouco de vida nele, então fica mais viçoso.

— Ele está como eu — alegrou-se Mary. — Está ficando mais forte e robusto. Tenho certeza de que vai melhorar mais.

— Parece mesmo — concordou Martha, enrugando um pouco o rosto. — Não tá nem metade tão feia e tem um pouco de vermelho nas bochecha.

Se jardins e ar fresco fossem bons para ela, talvez fossem bons para Colin também. No entanto, se ele odiava que as pessoas olhassem para ele, talvez não gostasse de ver Dickon.

— Por que você fica com raiva quando te olham? — ela perguntou um dia.

— Eu sempre odiei — ele respondeu —, desde bem pequeno. Aí quando me levavam para a praia e eu ficava na minha cadeira, todo mundo me olhava e as senhoras paravam e falavam com a minha babá, e então começavam a sussurrar e eu sabia que estavam dizendo que talvez eu não vivesse para me tornar adulto. Então, às vezes, as mulheres apertavam minhas bochechas e diziam “Pobre criança!”. Uma vez, quando uma mulher fez isso, eu gritei e mordi a mão dela. Ela ficou com tanto medo que fugiu.

— Ela achou que você tinha ficado louco como um cachorro — comentou Mary, nem um pouco admirada.

— Não me importo com o que ela pensou — esbravejou Colin, franzindo a testa.

— E por que será que você não gritou e me mordeu quando entrei no seu quarto? — brincou Mary, abrindo um sorriso.

— Achei que você fosse um fantasma ou um sonho — disse ele. — Não dá para morder fantasmas e sonhos, e se você gritar eles nem ligam.

— Você odiaria se... um menino olhasse para você? — Mary perguntou hesitante.

Ele deitou-se na almofada e ficou pensativo.

— Tem um menino... — disse bem devagar, como se escolhesse cada palavra — tem um menino que acho que eu não me importaria. É aquele menino que sabe onde vivem as raposas... o Dickon.

— Tenho certeza de que você não se importaria com ele — afirmou Mary.

— Os pássaros não se importam, e nem outros animais — continuou ele, ainda pensativo. — Talvez por isso eu não me importasse. Ele é uma espécie de encantador de animais e eu sou um menino-animal.

Então ele riu e ela também; na verdade, os dois riram muito e acharam engraçada a ideia de um menino-bicho saindo de uma toca.

Em seguida, Mary sentiu que não precisava temer por Dickon.

Naquela primeira manhã, quando o céu voltou a ser azul, Mary acordou muito cedo. O sol caía em raios oblíquos através das persianas e havia algo tão alegre na paisagem que ela pulou da cama e correu para a janela. Abriu as cortinas e uma grande lufada de ar fresco e perfumado soprou em seu rosto. A charneca estava azul e

parecia como se o mundo inteiro estivesse enfeitado. Ouvia-se sons discretos e suaves em toda parte, como se dezenas de pássaros estivessem começando a afinar suas vozes para um concerto. Mary colocou a mão para fora da janela e a deixou ao sol.

— Está quente... quente! — exclamou. — Isso fará com que os pontos verdes cresçam mais e mais, e fará com que os bulbos e as raízes trabalhem e lutem com todas as suas forças sob a terra.

Ela se ajoelhou e se inclinou para fora da janela o máximo que pôde, respirando fundo e farejando o ar, até que riu porque se lembrou do que a mãe de Dickon dizia sobre a ponta do nariz dele tremer como o focinho de um coelho.

— Ainda deve ser muito cedo — disse ela. — As nuvenzinhas estão todas rosadas e nunca vi o céu assim. Ninguém acordou ainda. Nem mesmo ouço os rapazes do estábulo.

Um pensamento repentino a fez ficar de pé.

— Mal posso esperar! Vou ver o jardim!

Ela já havia aprendido a se vestir sozinha e colocou suas roupas em cinco minutos. Conhecia uma pequena porta lateral que conseguia abrir, e voou escada abaixo ainda só de meias, parando para calçar os sapatos no corredor. Desacorrentou, desaferrrolhou e destrancou a porta, e logo saltou os degraus. Lá estava ela, em pé sobre a grama que agora parecia mais verde. O sol caía sobre ela

e sopros quentes e doces vibravam ao redor. O chilreio e o canto dos pássaros vinham de todos os arbustos e árvores. Juntou as mãos com pura alegria e olhou para o céu, que estava muito azul, rosa, perolado e branco, e inundado com a luz da primavera, parecendo convidá-la a dançar e a cantar como os piscos, tordos e cotovias que também não conseguiam se conter. Ela correu em volta dos arbustos e calçadas em direção ao jardim secreto.

— Já está tudo diferente — notou. — A grama está mais verde e as coisas estão despontando por toda parte, tudo está desabrochando e os brotos verdes das folhas estão crescendo. Tenho certeza de que Dickon virá esta tarde.

A demorada chuva quente havia feito coisas estranhas aos canteiros que delimitavam a calçada do primeiro muro. Havia plantas brotando e crescendo dos montes de raízes e, na verdade, havia aqui e ali vislumbres de cor violeta e amarela despontando entre os caules dos açafrões. Seis meses antes, dona Mary não teria enxergado esse mundo despertando, mas agora não perdia nada.

Quando alcançou o local onde a porta se escondia sob a hera, foi surpreendida por um curioso ruído. Era o crocitar de um corvo e vinha do topo do muro. Quando olhou para cima, lá estava um grande pássaro preto-azulado de plumagem brilhante, olhando para ela com muita sabedoria. Ela nunca tinha visto um corvo tão de perto, o que a deixou um pouco nervosa, mas no

momento seguinte ele abriu as asas e voou para o jardim. Ela torceu para que ele não ficasse por lá e empurrou a porta. Já dentro do jardim, percebeu que o corvo provavelmente pretendia ficar, pois havia pousado em uma macieira anã, sob a qual estava deitado um animalzinho avermelhado com uma cauda espessa. Os dois animais observavam o corpo curvado e a cabeça vermelho-ferrugem de Dickon, trabalhando duro ajoelhado no chão.

Mary voou pela grama até ele.

— Oh, Dickon! Dickon! — gritou. — Como conseguiu chegar aqui tão cedo? Como? O sol acabou de nascer!

Ele se levantou, rindo, suado e despenteado; seus olhos eram como um pedaço do céu.

— Eita! — admirou-se ele. — Eu tava acordado muito antes dele acordar. Não dava pra ficar na cama! A beleza do mundo começou de novo esta manhã, começou sim. E tá funcionano, zumbino, arranhano, pingano e construino os ninho e soltano os aroma. Então cê tem que ir lá fora, e não ficar deitado. Quando o sol brilhou, a charneca enlouqueceu de alegria, e eu tava no meio das urze, e também corri como louco, gritano e cantano. E vim direto pra cá. Não dava pra ficar longe. Ora, o jardim tava aqui me esperano!

Mary colocou as mãos no peito, ofegante, como se ela própria tivesse corrido.

— Oh, Dickon! Dickon! — exclamou. — Estou tão feliz que mal consigo respirar!

Ao ver Dickon conversar com uma estranha, o pequeno animal de cauda espessa se levantou de seu lugar sob a árvore e foi até ele, e o corvo, crocitando uma vez, voou de seu galho e pousou silenciosamente em seu ombro.

— Este é o filhote de raposa — disse Dickon, esfregando a cabeça do animalzinho avermelhado. — Seu nome é Capitão. E este aqui é o Fuligem. O Fuligem voou pela charneca comigo e o Capitão correu como se os cães tivesse atrás dele. Os dois sentiam o mesmo que eu.

Nenhuma das criaturas parecia ter o menor medo de Mary. Quando Dickon começou a andar, Fuligem permaneceu em seu ombro e Capitão trotou silenciosamente ao seu lado.

— Olha aqui! — apontou Dickon. — Veja como cresceu, e isto e isto! Eita! Olha isso aqui!

Ele se ajoelhou e Mary se abaixou ao seu lado. Haviam encontrado um aglomerado de açafrões explodindo em roxo, laranja e dourado. Mary baixou o rosto e os beijou repetidas vezes.

— Nunca beijei uma pessoa assim — disse ela ao levantar a cabeça. — As flores são muito diferentes.

Ele pareceu confuso, mas sorriu.

— Eita! Já beijei a mãe muitas vezes assim, quando cheguei da charneca depois de explorar um dia inteiro e ela

tava parada tomando sol na porta, parecendo muito feliz e satisfeita.

Correram de uma parte a outra do jardim e encontraram tantas maravilhas que às vezes se esqueciam de falar baixo. Ele mostrou as folhas verdejantes nos galhos das roseiras que antes pareciam mortas. Mostrou a ela dez mil novos pontos verdes atravessando o húmus. Colocaram seus narizes ansiosos perto da terra e cheiraram o hálito primaveril aquecido. Cavaram, revolveram e riram baixinho em êxtase até que o cabelo de dona Mary ficou tão despenteado quanto o de Dickon, e suas bochechas ficaram quase tão vermelhas quanto as dele.

Havia todas as alegrias da terra no jardim secreto naquela manhã, e no meio deles surgiu um deleite ainda mais inacreditável. Rapidamente, algo voou por cima do muro e disparou por entre as árvores até um canto próximo, um pequeno clarão de pássaro de peito vermelho com algo pendendo de seu bico. Dickon ficou imóvel e pôs a mão em Mary, quase como se de repente tivessem sido surpreendidos rindo em uma igreja.

— Num se mexe — ele sussurrou em um Yorkshire carregado. — Tenta nem respirar. Eu sabia que ele tava querendo acasalar quando vi ele da última vez. É o pisco do Ben Weatherstaff. Ele tá fazendo um ninho. Ele vai ficar aqui se a gente não assustar ele. — Ambos se acomodaram suavemente na grama e permaneceram sentados sem se mover.

— Num pode parecer que tamo olhano ele muito — disse Dickon. — Senão ele some se perceber que a gente tá meteno o bedelho. Ele vai ficar um pouco diferente até acabar de fazer. Ele tá construindo sua própria casa. E fica mais arisco e pode levar as coisa pro lado ruim. Ele não tem tempo pra visita ou fofoca. A gente tem que ficar um pouco quieto e tentar parecer que somos grama, árvore e arbusto. Então, quando ele acostumar a ver a gente, vou piar um pouco e ele vai saber que não vamo ficar no seu caminho.

Dona Mary não sabia ao certo como ficar parecida com grama, árvores e arbustos, como Dickon parecia saber. Mas ele disse aquela coisa esquisita como se fosse algo tão natural que ela sentiu que devia ser muito fácil. Observou-o com atenção por alguns minutos, imaginando se ele era capaz de ficar verde silenciosamente e fazer brotar galhos e folhas de si. Mas ele apenas ficou sentado incrivelmente imóvel e, quando falou, baixou a voz a tal ponto que era curioso que ela pudesse ouvi-lo, mas podia.

— Faz parte da primavera, essa construção de ninho — explicou ele. — Garanto que é sempre igual todos os ano, desde que o mundo é mundo. Eles têm seu jeito de pensar e de fazer as coisa e é melhor ninguém se intrometer. Perder um amigo na primavera é mais fácil do que em qualquer outra estação, se ocê for muito afoito.

— Se falarmos sobre ele, não consigo deixar de olhar para ele — disse Mary o mais suavemente possível. —

Vamos conversar sobre outra coisa. Há algo que quero lhe contar.

— Ele vai gostar mais se a gente falar de outra coisa — concordou Dickon. — O que cê quer me contar?

— Bem, você sabe sobre Colin? — ela sussurrou.

Ele virou a cabeça para olhar para ela.

— O que cê sabe dele? — perguntou.

— Eu o conheci. Tenho falado com ele todos os dias.

Ele pede para eu ir vê-lo. Diz que o estou fazendo esquecer que está doente e morrendo — respondeu Mary.

Dickon pareceu realmente aliviado assim que a surpresa desapareceu de seu rosto redondo.

— Fico feliz com isso — exclamou. — Fico muito feliz. Isso me deixa aliviado. Eu sabia que não podia falar nada dele e não gosto de esconder as coisa.

— Você não gosta de esconder o jardim? — preocupou-se Mary.

— Nunca vou contar nada — respondeu ele. — Mas eu falo pra mãe: “Mãe, eu tenho um segredo pra guardar. Não é um mau, cê sabe disso. Não é pior do que se esconder onde tá o ninho de um pássaro. Cê não se importa, né?”

Mary sempre queria ouvir sobre a mãe.

— O que ela responde? — ela perguntou, sem medo de ouvir.

Dickon sorriu docemente.

— O típico dela, o que ela responde — disse ele. — Ela esfregou um pouco a minha cabeça, riu e disse: “Eita,

rapaz, cê pode ter todos os segredo que quiser. Eu te conheço faz doze ano”.

— Como você soube de Colin? — indagou Mary.

— Todos que conhecem o patrão Craven sabem que tinha um menininho que parecia aleijado, e sabem que o patrão Craven não gosta que falem dele. O pessoal tem pena do patrão Craven porque a sra. Craven era muito jovem e bonita e eles gostavam muito um do outro. A sra. Medlock para em nossa casa sempre que vai pra Thwaite e não se importa de falar com a mãe na nossa frente, os filho, porque ela sabe que fomo criado pra ser de confiança. Como é que eu fiquei sabeno? A Martha tava aflita da última vez que voltou pra casa. Ela disse que ocê ouviu ele gritanno e que tava fazeno umas pergunta que ela não sabia como responder.

Mary contou a ele sobre os ventos uivantes da meia-noite que a acordaram e sobre os sons distantes e abafados da voz queixosa que a levou pelos corredores escuros com sua vela, até chegar à porta aberta do quarto mal iluminado com a cama de quatro colunas esculpida no canto. Quando ela descreveu o pequeno rosto branco como o marfim e os olhos estranhos com contornos pretos, Dickon balançou a cabeça.

— Eles são como os olho da mãe dele, só que os dela sempre riam, dizem — contou ele. — Dizem que o sr. Craven não suporta ver ele quando tá acordado e é por causa dos olho ser tão parecido com os da mãe e, mesmo

assim, parecem tão diferente naquele seu rosto desencantado.

— Você acha que ele quer morrer? — sussurrou Mary.

— Não, mas ele gostaria de nunca ter nascido. A mãe diz que é a pior coisa do mundo pra uma criança. Quando não são querido, quase nunca vingam. O patrão Craven compraria qualquer coisa que o dinheiro pode comprar pro pobrezinho, mas preferia se esquecer que ele está na terra. Para começar, ele tem medo de olhar pra ele um dia e ver que cresceu corcunda.

— O próprio Colin tem tanto medo que não quer nem se sentar — disse Mary. — Ele diz que está sempre pensando que, se sentir um caroço crescendo, vai ficar louco e gritar até morrer.

— Eita! Ele não devia ficar aí pensano coisas assim — exclamou Dickon. — Nenhum menino pode ficar bem se pensar nessas coisa.

A raposa deitada na grama perto dele erguia os olhos para pedir um afago de vez em quando, e Dickon se abaixou e acariciou seu pescoço suavemente. Pensou por alguns minutos em silêncio. Logo ergueu a cabeça e olhou em volta do jardim.

— Quando entramo aqui da primeira vez — disse ele —, parecia que era tudo cinza. Olha em volta agora e me diz se ocê num vê a diferença.

Mary olhou e prendeu um pouco a respiração.

— Nossa! — ela gritou. — O muro cinza está mudando. É como se uma névoa verde estivesse rastejando sobre ele. É quase como um véu verde.

— É — concordou Dickon. — E vai ficar cada vez mais verde até todo o cinza desaparecer. Cê consegue adivinhar o que eu tava pensano?

— Sei que foi algo bom — disse Mary ansiosamente. — Acho que era sobre Colin.

— Eu tava pensano que se ele viesse aqui, ele num ia ficar olhando se os caroço tão crescido nas costa; ele ia olhar pros botão desabrochando nas roseira, e quem sabe ficaria mais aceso — explicou Dickon. — Eu tava imaginando se a gente consegue convencer ele de vir aqui e ficar debaixo das árvore na sua cadeira.

— Eu mesma estive me perguntando isso. Pensei nisso quase todas as vezes em que falei com ele — disse Mary. — Eu me perguntei se ele poderia guardar um segredo e se poderíamos trazê-lo aqui sem que ninguém nos visse. Achei que talvez você pudesse empurrar a cadeira. O médico disse que ele precisa tomar ar fresco e se ele quiser vir com a gente, ninguém se atreverá a desobedecê-lo. Ele não quer sair com outras pessoas e talvez fiquem contentes se ele sair conosco. Ele pode ordenar que os jardineiros fiquem longe para que não descubram o jardim.

Dickon matutava muito enquanto coçava as costas do Capitão.

— Seria bom para ele, isso eu garanto — observou. — A gente num taria pensano que seria melhor que ele num tivesse nascido. A gente seria só duas criança veno um jardim crescer, e ele seria a outra. Dois rapaz e uma mocinha só olhano pra primavera. Garanto que seria melhor do que as coisa dos médico.

— Ele está deitado em seu quarto há tanto tempo, e sempre teve tanto medo das costas, que acabou ficando esquisito — disse Mary. — Ele sabe de muitas coisas dos livros, mas não sabe de mais nada. Diz que esteve muito doente para notar as coisas, odeia sair de casa e odeia jardins e jardineiros. Mas gosta de ouvir sobre este jardim porque é um segredo. Não me atrevo a contar muito, mas ele disse que queria vir.

— Vamo trazer ele aqui num dia, com certeza — propôs Dickon. — Eu posso muito bem empurrar a cadeira dele. Cê notou como o pisco e a companheira dele ficaram trabalhano enquanto a gente ficou aqui? Olha ele lá empoleirado naquele galho imaginano onde seria melhor colocar aquele graveto que tá no seu bico.

Dickon soltou um de seus assobios trinados e o pisco virou a cabeça para ele interrogativamente, ainda segurando seu graveto. Dickon falou com ele como Ben Weatherstaff, mas seu tom de era de um conselho amigável.

— Onde quer que ocê coloque — disse ele —, vai dar tudo certo. Cê já sabia construir ninho antes de sair do ovo. Anda logo, rapaz. Cê não tem tempo a perder.

— Oh, eu gosto de ouvir você falar com ele! — Mary riu encantada. — Ben Weatherstaff o repreende e zomba dele, e ele fica pulando e dando a impressão de ter entendido cada palavra, e eu sei que ele gosta. Ben Weatherstaff diz que ele é tão vaidoso que preferia que atirassem pedras nele a não ser notado.

Dickon também riu e continuou falando:

— Cê sabe que não vamo te incomodar — disse ele ao pisco. — A gente somo quase selvagem também. A gente também tá construindo um ninho, abençoado seja. Cuidado, não vai nos dedurar.

E embora o pisco não respondesse, porque seu bico estava ocupado, Mary entendeu que quando ele voou com seu graveto para o seu próprio canto do jardim, a escuridão de seus olhos brilhantes de orvalho significava que não contaria o segredo deles para o mundo.

CAPÍTULO 16.

“NÃO VOU!”, DISSE MARY

Eles encontraram muito o que fazer naquela manhã e Mary demorou a retornar para o almoço. Também estava com tanta pressa de voltar ao trabalho que se esqueceu de Colin até o último momento.

— Diga ao Colin que ainda não posso ir vê-lo — pediu a Martha. — Estou muito ocupada no jardim.

Martha pareceu bastante assustada.

— Eita! Srta. Mary, pode ser que ele fique descontrolado se eu falar isso.

Mas Mary não tinha tanto medo dele como as outras pessoas e também não era predisposta ao altruísmo.

— Não posso ficar nem um instante mais — insistiu. — Dickon já está esperando por mim. — E fugiu.

A tarde foi ainda mais agradável e atribulada do que a manhã. Quase todas as ervas daninhas foram removidas e a maioria das roseiras e árvores foram podadas ou escavadas. Dickon trouxera sua própria pá e ensinara Mary a usar todas as suas ferramentas. A essa altura, estava claro que, embora o adorável recanto selvagem provavelmente não se tornasse um “jardim de jardineiro”, seria uma selva de coisas vicejantes antes que a primavera terminasse.

— Vai ter flor nas macieira e nas cerejeira lá em cima — disse Dickon, trabalhando com todas as forças. — E vai ter pessegueiro e ameixeira em flor perto dos muro, e a grama vai ser um tapete de flor.

A raposinha e o corvo estavam tão felizes e ocupados quanto eles, e o pisco e sua companheira iam e vinham, voando como pequenos raios de luz. Às vezes, o corvo batia suas asas negras e voava por cima das copas no parque. A cada vez, voltava e se empoleirava perto de Dickon e crocitava várias vezes como se relatasse suas aventuras, e Dickon falava com ele da mesma forma que com o pisco. Uma vez, quando Dickon estava tão ocupado que demorou a responder, Fuligem voou para seus ombros e gentilmente beliscou sua orelha com o grande bico. Uma vez, quando Mary quis descansar um pouco, Dickon sentou-se ao seu lado debaixo de uma árvore, tirou sua flauta do bolso e tocou suas notas suaves e estranhas, e dois esquilos apareceram no muro para espiar e ouvir.

— Cê tá um pouco mais forte do que antes — comentou Dickon, olhando enquanto ela cavava. — Cê tá começano a ficar diferente, ô se tá.

Mary estava radiante de energia e bom humor.

— Estou ficando mais gorda a cada dia — disse ela, exultante. — A sra. Medlock vai ter que me arranjar vestidos maiores. Martha disse que meu cabelo está ficando mais grosso. Não é mais tão liso e embaraçado.

O sol já começava a se pôr e deitava longos raios dourados sob as árvores quando eles se despediram.

— Amanhã vai fazer tempo bom — observou Dickon.
— Já vou estar na lida quando o sol nascer.

— Eu também — disse Mary.

Ela correu de volta para casa o mais rápido que suas pernas conseguiram. Queria contar a Colin sobre os filhotes de raposa e de corvo de Dickon e sobre o que a primavera estava realizando. Tinha certeza de que ele gostaria de ouvir. No entanto, algo muito desagradável a aguardava ao abrir a porta de seu quarto. Martha estava lá parada, esperando por ela com uma cara triste.

— Qual é o problema? — perguntou. — O que Colin disse quando você contou a que eu não poderia ir?

— Eita! — começou Martha. — Queria que cê tivesse ido. Ele quase teve outro daqueles acesso de raiva. Deu uma trabalhadeira a tarde toda pra não ficar mais irritado. Ele num tirava os olhos do relógio por nada nesse mundo.

Os lábios de Mary se apertaram. Como Colin, não tinha o costume de levar outras pessoas em consideração, e não via razão para que um garoto irritadinho interferisse no que ela mais amava. Não entendia nada sobre a necessidade de algumas pessoas doentes e nervosas — que não sabem controlar seus temperamentos — deixarem outras pessoas tão doentes e nervosas quanto elas. Quando ela tinha uma dor de cabeça na Índia, fazia de tudo para saber se os outros também tinham dor de cabeça ou algo

tão ruim quanto. E achava que estava certa. Mas é claro que agora sentia que Colin estava completamente errado.

Ele não estava no sofá quando ela entrou em seu quarto. Estava deitado de costas na cama e não virou a cabeça quando ela entrou. Foi um mau começo e Mary marchou até ele com seus modos rígidos.

— Por que você não se levantou? — ela inquiriu.

— Eu me levantei esta manhã quando pensei que você estava vindo — respondeu, sem olhar para ela. — Mandei que me colocassem de volta na cama à tarde. Minhas costas e minha cabeça doíam e eu estava cansado. Por que você não veio?

— Eu estava trabalhando no jardim com Dickon — disse Mary.

Colin franziu a testa e lançou um olhar condescendente.

— Não vou deixar aquele menino vir aqui se você for ficar com ele em vez de vir conversar comigo — ameaçou.

Mary sentiu uma ponta de irritação. Suas emoções mudavam facilmente, e ela normalmente explodia sem se importar com as consequências.

— Se você mandar Dickon embora, nunca mais entrarei neste quarto! — esbravejou ela.

— Você entrará, se eu quiser — contestou Colin.

— Não vou! — teimou Mary.

— Eu obrigo você — disse Colin. — Eles vão te arrastar para cá.

— Que tentem, senhor rajá! — retrucou Mary ferozmente. — Eles podem me arrastar, mas não podem me fazer falar quando eu estiver aqui. Vou me sentar e cerrar os dentes e nunca dizer uma palavra. Nem mesmo vou olhar para você. Vou olhar para o chão!

Eles eram realmente parecidos quando se desafiavam. Se fossem dois meninos de rua, teriam se lançado um contra o outro em uma briga violenta. A seu modo, fizeram o mais próximo disso.

— Você é uma egoísta! — gritou Colin.

— E você, o que é? — devolveu Mary. — Gente egoísta sempre diz isso. Qualquer um é egoísta se não faz o que você quer. Você é mais egoísta que eu. Você é o garoto mais egoísta que já conheci.

— Não sou! — disparou Colin. — Não sou egoísta como o seu querido Dickon! Ele faz você brincar na terra quando sabe que estou sozinho. Ele sim é egoísta!

Os olhos de Mary faiscaram.

— Ele é mais gentil do que qualquer outro menino que existe! — exclamou. — Ele é... ele parece um anjo! — Aquilo podia parecer um tanto bobo, mas ela não se importou em dizer.

— Que anjinho! — Colin zombou ferozmente. — Ele é um menino comum da charneca!

— Melhor do que um rajá comum! — retorquiu Mary.
— Ele é mil vezes melhor!

Por ter a personalidade mais forte entre os dois, Mary começava a levar vantagem. A verdade é que ele nunca havia brigado com ninguém como ela na vida e, de modo geral, aquilo foi muito bom para ambos, embora nenhum dos dois percebessem. Ele virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Uma grande lágrima escorreu por sua bochecha. Começava a se sentir patético e com pena de si mesmo — e de mais ninguém.

— Não sou tão egoísta quanto você, porque estou sempre doente e tenho certeza de que há um caroço nas minhas costas — lamentou-se ele. — Além do mais, eu vou morrer.

— Você não vai! — contradisse Mary, sem piedade.

Ele arregalou os olhos, indignado. Nunca havia ouvido coisas assim antes. Estava ao mesmo tempo furioso e ligeiramente satisfeito, se é que uma pessoa podia sentir essas duas coisas ao mesmo tempo.

— Não vou? — ele gritou. — Vou sim! Você sabe que eu vou! Todo mundo diz isso.

— Eu não acredito! — disse Mary amargamente. — Você só diz isso para fazer as pessoas terem dó. Acho até que fica orgulhoso. Mas eu não acredito! Se você fosse um bom menino, poderia até ser verdade, mas você é terrível!

Apesar de suas costas inválidas, Colin sentou-se na cama com uma raiva saudável.

— Saia do quarto! — gritou, jogando seu travesseiro nela. Não conseguiu jogá-lo longe e o travesseiro apenas

caiu aos seus pés. O rosto de Mary se enrugou como uma noz.

— Estou indo — disse ela. — E não volto mais! —
Caminhou até a porta e então se virou e falou novamente:

— Eu ia te contar um monte de coisas boas. Dickon trouxe sua raposa e seu corvo e eu ia te contar tudo sobre eles. Agora não vou contar mais nada!

Ela marchou para fora e bateu a porta atrás de si e, para seu grande espanto, a enfermeira estava em pé como se tivesse ouvido tudo. E mais incrível ainda, ela estava rindo. Era uma jovem forte e bonita que não servia para ser enfermeira, pois não suportava inválidos e estava sempre dando desculpas para deixar Colin com Martha ou com qualquer outra pessoa. Mary nunca gostou dela e ficou ali, encarando a moça que ria sob seu lenço.

— Do que você está rindo? — indagou Mary.

— De vocês dois, crianças — disse a enfermeira. — Encontrar alguém tão mimado quanto ele para brigar foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. — E riu em seu lenço novamente. — Se ele tivesse uma irmãzinha megera para brigar sempre, seria a salvação dele.

— Ele vai morrer?

— Não sei e nem ligo — respondeu a enfermeira. — Histeria e temperamento são apenas metade do mal.

— O que é histeria? — perguntou Mary.

— Você vai descobrir se o fizer ter um acesso de raiva de novo. Mas, de qualquer maneira, você já deu a ele um motivo para ficar histérico, e estou feliz por isso.

Mary voltou para o seu quarto completamente diferente de quando chegou do jardim. Estava zangada e desapontada, mas nem um pouco triste por Colin. Ela ansiava contar a ele muitas coisas e pretendia decidir logo se seria confiaria seu grande segredo. Tinha achado que sim, mas agora já havia mudado de ideia. Nunca diria a ele e ele que ficasse em seu quarto sem nunca tomar ar fresco. E que morresse, se quisesse! Seria bem merecido! Ela se sentia tão irritada e impiedosa que por alguns minutos quase se esqueceu de Dickon e do véu verde que se espalhava sobre o mundo e do vento suave que soprava da charneca.

Martha esperava por ela e a preocupação em seu rosto fora temporariamente substituída por interesse e curiosidade. Havia uma caixa de madeira destampada sobre a mesa, revelando uma série de pacotes bem organizados.

— O sr. Craven mandou pra ocê — disse Martha. — Parece que tem uns livro de foto.

Mary se lembrou do que ele havia perguntado, no dia em que fora ao quarto dele: “Você quer alguma coisa? Bonecas, brinquedos, livros?”. Abriu o pacote imaginando se ele havia enviado uma boneca, e também o que ela deveria fazer se fosse o caso. Mas não era uma boneca.

Eram vários livros lindos como os de Colin, e dois deles eram sobre jardins, repletos de fotos. Havia dois ou três jogos e uma linda caixinha de penas com um monograma de ouro gravado. Dentro, havia uma caneta e um tinteiro de ouro.

Tudo era tão bonito que sua alegria expulsou a raiva de sua mente. Não esperava que ele se lembrasse dela e seu coraçãozinho duro se aqueceu.

— Vou poder escrever melhor assim — observou. — E a primeira coisa que escreverei com esta caneta será uma carta para dizer a ele que estou muito agradecida.

Se ainda fosse amiga de Colin, ela teria corrido imediatamente para lhe mostrar os presentes, e juntos olhariam as fotos e leriam alguns dos livros de jardinagem e talvez tentassem jogar os jogos. Ele se divertiria tanto que nunca mais pensaria em morte ou colocaria a mão nas costas para ver se havia um caroço crescendo. Mas ela não suportava aqueles seus modos. O episódio despertou nela uma desconfortável sensação de temor, porque ele sempre parecia muito assustado. Ele dissera que se algum dia sentisse um pequeno caroço, saberia que sua corcunda começaria a crescer. Algo que ele ouviu a sra. Medlock sussurrar para a enfermeira lhe deu essa ideia, e ele pensou tanto sobre isso em segredo que a ideia se fixou em sua mente. A sra. Medlock disse que as costas de seu pai começaram a se curvar daquele jeito quando ainda era criança. Ele nunca havia dito a ninguém, exceto a Mary,

que a maioria de seus “acessos de raiva”, como chamavam, surgia de seu medo histórico e oculto. Mary ficou com pena quando ele lhe contou.

— Ele sempre pensa nisso quando está zangado ou cansado — disse para si mesma. — Hoje ele está zangado. Talvez... talvez tenha pensado nisso a tarde toda.

Ficou parada, olhando para o tapete e pensando.

— Eu disse que nunca mais voltaria... — ela hesitou, franzindo as sobrancelhas —, mas talvez, apenas talvez, eu vá vê-lo, se ele quiser, de manhã. Talvez ele tente jogar o travesseiro em mim de novo, mas... acho... acho que eu vou.

CAPÍTULO 17.

ACESSO DE RAIVA

Mary havia se levantado bem cedo, trabalhado muito no jardim e estava cansada e com sono, então, assim que comeu o jantar que Martha trouxe, foi se deitar satisfeita. Ao repousar a cabeça no travesseiro, murmurou para si mesma:

— Vou sair antes do café da manhã e trabalhar com Dickon e depois acho que irei vê-lo.

Ela pensou que era madrugada quando foi acordada por sons tão terríveis que saltou da cama em um instante. O que seria aquilo? O quê? No minuto seguinte, teve certeza. Portas foram abertas e fechadas, passos apressados passavam pelos corredores e alguém chorava e gritava ao mesmo tempo, gritava e chorava de um jeito horrível.

— É Colin — disse ela. — Está tendo um daqueles ataques que a enfermeira chama de histeria. Que coisa horrível.

Ao ouvir os gritos e soluços, não se surpreendeu com o fato de as pessoas ficarem tão assustadas a ponto de fazerem tudo o que ele mandava, em vez de tentarem conversar. Ela tapou os ouvidos com as mãos e sentiu-se enjoada e com calafrios.

— Não sei o que fazer. Não sei o que fazer — dizia ela.
— Não consigo suportar isso.

Imaginou que ele talvez se acalmasse se ela ousasse ir até lá, mas então se lembrou de como ele a expulsara do quarto e achou que se a visse talvez ficasse ainda mais irritado. Mesmo quando pressionou as mãos com mais força sobre os ouvidos, não conseguiu evitar os terríveis sons. Ela os odiava e ficou tão incomodada com eles que de repente começaram a despertar sua raiva, e sentiu como se também pudesse ter um acesso de raiva e assustá-lo de volta. Ela não estava acostumada com outras pessoas de temperamento forte, além de si própria. Então tirou as mãos das orelhas, levantou-se de um salto e bateu o pé.

— Ele precisa parar! Alguém precisa fazê-lo parar!
Alguém devia dar uma surra nele! — ela gritou.

Só então ouviu passos quase correndo pelo corredor. Sua porta se abriu e a enfermeira entrou. Ela não estava mais rindo, nem de longe. Parecia até bastante pálida.

— Ele ficou histérico — apressou-se em dizer. — Ele vai se machucar. Ninguém pode fazer nada com ele. Venha e tente, como uma boa menina. Ele gosta de você.

— Ele me expulsou do quarto — retrucou Mary, batendo nervosamente o pé.

As batidas agradaram bastante à enfermeira. A verdade é que ela temia encontrar Mary chorando e se escondendo sob as cobertas.

— Isso mesmo — animou-se a enfermeira. — Você está no clima certo. Vá repreendê-lo. Dê a ele algo novo para pensar. Vá, menina, ande logo.

Só depois Mary perceberia como aquilo havia sido engraçado, além de terrível. Era ridículo que todos os adultos se assustassem tanto a ponto de procurar uma menina só por acreditarem que ela era quase tão ruim quanto o próprio Colin.

Ela voou pelo corredor, e quanto mais perto chegava dos gritos, mais sua raiva aumentava. Sentia-se extremamente malvada quando chegou à porta e a abriu. Então correu pelo quarto até a cama de quatro colunas.

— Pare com isso! — ela quase berrou. — Pare! Eu te odeio! Todo mundo te odeia! Eu queria que todos corresse para fora desta casa e deixassem você gritar até morrer! Vai é morrer de tanto gritar, e eu adoraria isso! — Uma boa criança não pensaria ou diria tais absurdos, mas o simples choque de ouvir aquelas palavras foi a melhor coisa para o menino histérico que ninguém jamais ousara conter ou contradizer.

Colin estava deitado de bruços socando o travesseiro e quase deu um pulo quando se virou ao ouvir o som da furiosa vozinha. Seu rosto estava horrível, desfigurado, vermelho e inchado, e ele ofegava e soluçava; mas a feroz e pequena Mary não se alarmou nem um pouco.

— Se der mais um grito — ameaçou ela —, também vou gritar... e consigo gritar mais alto que você. Você vai ter medo de mim! Medo de mim!

Ele realmente parou de gritar, tamanho o susto que tomou. Seu próximo grito estancou na garganta e quase o sufocou. As lágrimas escorriam por seu rosto e seu corpo todo tremia.

— Eu não consigo parar! — ele engasgou e soluçou. — Eu não posso, não consigo!

— Consegue! — gritou Mary. — Metade dos seus males é histeria e temperamento... só histeria... histeria... histeria! — E batia com os pés a cada palavra.

— Eu senti um carço... eu senti — soluçou Colin. — Eu sabia. Primeiro vou ficar corcunda e depois vou morrer. — E voltou a se contorcer. Virou o rosto, soluçou e gemeu, mas não gritou.

— Você não sentiu carço coisa nenhuma! — contradisse Mary ferozmente. — Se sentiu, foi só um carço de histeria. Histeria dá carço. Não tem nada de errado com suas costas horrorosas, nada além de histeria! Vire-se e deixe eu dar uma olhada!

Ela gostou da palavra “histeria” e sentiu que de alguma forma teve algum efeito sobre ele. Provavelmente ele nunca a ouvira antes, assim como ela.

— Enfermeira — ordenou Mary —, venha aqui e me mostre as costas dele agora mesmo!

A enfermeira, a sra. Medlock e Martha estavam amontoadas perto da porta, olhando para ela com suas bocas escancaradas. Todas as três engasgaram de tensão outra vez. A enfermeira avançou como se fosse a menos assustada. Colin ofegava entre soluços.

— Talvez ele... ele não deixe... — ela hesitou.

Contudo, Colin a ouviu e engasgou entre dois soluços:

— Mo-mostra pra ela! A-aí ela vai ver!

Eram costas frágeis e ossudas que agora estavam descobertas. Cada costela e cada vértebra podia ser contada, mas dona Mary não as contou, apenas se inclinou para examiná-las com seu rostinho solene e irritado. Ela parecia tão irritada e encarquilhada que a enfermeira virou a cabeça para o lado para esconder a contração de sua boca. Houve apenas um minuto de silêncio, pois até Colin tentou prender a respiração enquanto Mary examinava seu dorso milimetricamente, para cima e para baixo, tão atenta como o famoso médico de Londres.

— Não tem nenhum caroço aqui! — ela disse finalmente. — Não existe nem uma protuberância do tamanho de um alfinete... exceto as juntas da sua coluna, e você só pode senti-las porque está muito magro. Eu também tinha caroços nas costas, e eram tão protuberantes como os seus, até que comecei a engordar, e ainda não estou gorda o suficiente para escondê-los. Não tem um caroço nem do tamanho de um alfinete! Se você inventar isso de novo, vou dar risada!

Ninguém além do próprio Colin sabia o efeito que aquelas palavras infantis mal-humoradas tiveram sobre ele. Se alguma vez ele tivesse alguém com quem conversar sobre seus terrores secretos — se alguma vez ousassem duvidar, se tivesse amigos de infância e não ficasse eternamente deitado na enorme casa fechada, respirando uma atmosfera pesada com os medos de pessoas que eram, em sua maioria, ignorantes e estavam cansadas dele —, teria descoberto que a maior parte de seus medos e doenças haviam sido criados por ele mesmo. Mas ele havia se deitado e pensado demais sozinho, sobre suas dores e seu cansaço, por horas, dias, meses e anos. E agora que uma garotinha irritada e antipática insistia obstinadamente que ele não estava tão doente quanto pensava, realmente parecia que ela pudesse estar falando a verdade.

— Eu não sabia — arriscou a enfermeira — que ele achava que tinha um caroço nas costas. Suas costas ficaram fracas assim porque ele não quer se sentar. Eu mesma poderia ter dito a ele que não havia caroço algum. — Colin engoliu em seco e desviou um pouco o rosto para olhá-la.

— Vo-você poderia? — ele disse pateticamente.

— Sim, senhor.

— Pronto! — afirmou Mary, e também engoliu em seco.

Colin virou o rosto de novo e, exceto por suas longas respirações entrecortadas, que eram o final de sua tempestade de soluços, ficou imóvel por um minuto, embora grandes lágrimas ainda escorressem por seu rosto e molhassem o travesseiro. Na verdade, as lágrimas eram apenas reflexo do grande e curioso alívio que sentia. Em seguida, virou-se para a enfermeira e, estranhamente, não havia nada de rajá em seu tom de voz.

— Você acha... que eu poderia... viver e crescer? — ele perguntou.

A enfermeira não era inteligente nem tinha coração mole, mas podia repetir algumas das palavras do médico londrino.

— Provavelmente sim, se fizer o que lhe dizem, não ceder ao seu temperamento e ficar mais tempo ao ar livre.

O ataque de raiva de Colin havia passado e ele estava fraco e exausto de tanto chorar. Talvez aquilo o tivesse deixado tão gentil. Estendeu sua mão débil na direção de Mary que, como ele, havia superado seu ataque de raiva e também se acalmara. Sua mão alcançou a dele no meio do caminho, como se fizessem as pazes.

— Eu vou... eu vou sair com você, Mary — disse ele. — Não vou odiar o ar fresco se encontrarmos... — Ele se lembrou bem a tempo de não dizer “se encontrarmos o jardim secreto” e concluiu: — Gostaria de sair com você, se Dickon vier e empurrar minha cadeira. Quero muito conhecer Dickon, a raposa e o corvo.

A enfermeira refez a cama desarrumada, sacudiu e afofou os travesseiros. Então fez uma caneca de caldo de carne para Colin e outra para Mary, que ficou muito feliz em tomá-la depois de tanta emoção. A sra. Medlock e Martha escaparam alegremente e, depois que tudo estava arrumado, calmo e em ordem, a enfermeira pareceu que também iria embora com muito prazer. Ela era uma jovem que se ressentia de ser privada de seu sono e bocejou abertamente quando olhou para Mary, que havia empurrado seu banquinho para perto da cama de quatro colunas e segurava a mão de Colin.

— Você precisa voltar para a cama — aconselhou a enfermeira. — Ele vai dormir logo... se não estiver muito zangado. Depois vou dormir no quarto ao lado.

— Você gostaria que eu cantasse aquela música que aprendi com a minha aia? — Mary sussurrou para Colin.

Sua mão puxou a dela suavemente e ele a encarou com seus olhos cansados e suplicantes.

— Quero sim! — ele respondeu. — É uma música tão suave que eu talvez durma em um minuto.

— Farei ele dormir — disse Mary à enfermeira que bocejava. — Você pode ir, se quiser.

— Bem — tornou a enfermeira, em uma tentativa de relutância —, se ele não dormir em meia hora, pode me chamar.

— Está bem — respondeu Mary.

Assim que a enfermeira saiu do quarto, Colin puxou a mão de Mary.

— Quase contei — desculpou-se ele —, mas parei a tempo. Não vou falar e vou dormir, mas você disse que tinha um monte de coisas boas para me contar. Você... você acha que descobriu alguma coisa sobre como entrar no jardim secreto?

Mary olhou para o seu pobre rostinho de olhos inchados e seu coração cedeu.

— Sim — respondeu —, acho que sim. E se você dormir agora, conto tudo amanhã. — Sua mão tremia bastante.

— Oh, Mary! — ele disse. — Oh, Mary! Se eu pudesse entrar nele, acho que conseguiria viver para crescer! Você acha que, em vez de cantar a canção da aia, poderia apenas me contar baixinho, como naquele primeiro dia, como imagina o jardim por dentro? Tenho certeza de que vai me fazer dormir.

— Conto — respondeu Mary. — Feche seus olhos.

Ele fechou os olhos e ficou imóvel, e ela segurou sua mão e começou a falar muito devagar e em voz muito baixa.

— Acho que foi deixado sozinho por tanto tempo que cresceu ali um lindo emaranhado. Acho que as roseiras escalaram e subiram e se espalharam até ficarem penduradas nos galhos e nos muros e rastejarem pelo chão, quase como uma névoa estranha e cinzenta. Algumas delas morreram, mas muitas estão vivas e, quando o verão

chegar, haverá cortinas e fontes de rosas. Acho que a terra está cheia de narcisos, flocos-de-neve, lírios e íris abrindo caminho para fora da escuridão. A primavera chegou... quem sabe... quem sabe...

Ela percebeu que o tom suave de sua voz o deixava cada vez mais tranquilo e continuou.

— Quem sabe eles brotem pela grama, talvez nasçam moitas de açafão roxo e dourado... já deve haver. Talvez as folhas estejam começando a despontar e a se desenrolar e, quem sabe, o cinza mude para um véu verde se espalhando e tomando tudo. E os pássaros virão para olhar porque lá é... tão seguro e silencioso. E quem sabe... quem sabe... — continuou muito suave e devagar — o pisco encontre uma companheira e construa um ninho.

E Colin dormiu.

CAPÍTULO 18.

“NÃO PERCA TEMPO”

Obviamente Mary não acordou cedo na manhã seguinte. Cansada, dormiu até tarde, e quando Martha trouxe o café da manhã, deu a informação de que Colin estava muito quieto, doente e febril, resultado do esgotamento pelo acesso de raiva. Mary tomou seu café pensativa enquanto ouvia.

— Ele falou que queria que cê fosse lá assim que puder — disse Martha. — É estranho ele gostar tanto de ocê. Cê deu uma lição nele ontem à noite, num acha? Ninguém teria essa coragem. Eita! Pobre menino! Ficou tão mimado que nem sal grosso tira mais. A mãe fala que as duas pior coisa que pode acontecer com uma criança é nunca fazer o que quer... ou sempre fazer o que quer. Ela não sabe qual é pior. Cê tava de mau humor. Eu também. E ele me falou quando entrei no quarto: “Por favor, pergunte a srta. Mary se ela pode vir conversar comigo?” Imagina ele falano “por favor”! Cê pode ir, senhorita?

— Vou correr e ver Dickon primeiro — disse Mary. — Não, vou ver Colin agora e dizer a ele... eu sei o que vou dizer a ele — pensou com uma inspiração repentina.

Ela estava de chapéu quando chegou ao quarto de Colin e por um segundo ele pareceu desapontado. Ainda

estava na cama com seu rosto lamentavelmente branco e olheiras profundas.

— Fico feliz por ter vindo — cumprimentou ele. — Minha cabeça e o corpo todo doem porque estou muito cansado. Você vai a algum lugar?

Mary se aproximou da cama.

— Não vou demorar — disse ela. — Vou ver Dickon, mas voltarei. Colin, tem uma coisa sobre o jardim.

Todo o seu rosto se iluminou e um pouco de cor apareceu.

— Ah, é? — ele gritou. — Sonhei com ele a noite toda, ouvi você dizer algo sobre o cinza se tornar verde e sonhei que estava em um lugar cheio de pequenas folhas verdes e trêmulas... e havia pássaros e ninhos muito delicados e tranquilos por toda parte. Vou me deitar e pensar nisso até você voltar.

Em cinco minutos, Mary estava com Dickon em seu jardim. A raposa e o corvo continuavam com ele, que desta vez trouxe também dois esquilos domesticados.

— Hoje eu vim no pônei — disse ele. — Eita! Ele é um bom rapaz, o Jump! Eu trouxe esses dois nos meu bolso. Este aqui se chama Nut e este outro aqui se chama Shell.

Quando ele disse “Nut”, um dos esquilos escalou o seu ombro direito e, ao dizer “Shell”, o outro escalou o seu ombro esquerdo.

Os dois amigos se sentaram na grama com o Capitão enrolado a seus pés. Fuligem vigiava solenemente de uma

árvore e Nut e Shell farejavam por ali. Mary sentiu uma aflição quase insuportável ao pensar que aquela maravilha um dia poderia acabar. Mas quando começou a contar sua história, a expressão no rosto engraçado de Dickon a fez gradualmente mudar de ideia. Estava claro que ele sentia mais pena de Colin do que ela. Ele olhou para o céu e tudo ao seu redor.

— É só ouvir aqueles pássaro... o mundo tá cheio deles... todos assobiano e cantano — observou ele. — Olha eles correno, um chamano o outro. Chega a primavera e parece que todo o mundo tá se chamano. As folha se desenrola, então cê pode ver elas e, rapaz, é o melhor cheiro que existe! — disse, farejando com seu feliz nariz arrebitado. — E aquele pobre rapaz trancado e veno tão pouco disso que até começa a pensar nas coisa que perturba ele. Eita! Que coisa! Vamo trazer ele aqui... vamo fazer ele ver e ouvir, e cheirar o ar e ficar encharcado de sol. E a gente não pode perder tempo.

Quando estava muito compenetrado, geralmente falava em Yorkshire, embora em outras ocasiões tentasse modificar seu sotaque para que Mary o entendesse melhor. Mas ela amava seu Yorkshire puro e, na verdade, vinha tentando aprender a falar daquela maneira sozinha. Então tentou:

— Eita, nós num pode — começou ela (o que significava: “Sim, de fato, não devemos perder tempo”). — Vou te contar o que nós vamo fazer primeiro — continuou,

e Dickon sorriu, porque achou muito engraçado a pequena garota tentando torcer a língua para falar em Yorkshire. — Ele tá muito interessado em ocê. Ele quer ver ocê e o Fuligem e o Capitão. Quando eu voltar pra casa pra falar com ele, pergunto se não quer vir ver ocê amanhã cedo. Aí cê traz os bicho com ocê... e então... daqui a pouco, quando as folha tiver mais de fora, e uns botão desabrochar, nós faz ele sair com ocê empurrano a cadeira e traz ele aqui pra mostrar isso tudo.

Quando parou de falar, estava muito orgulhosa de si mesma. Nunca tinha feito um longo discurso em Yorkshire antes e disse ela se lembrava muito bem.

— Cê tem que falar um tico de Yorkshire assim com o patrão Colin — Dickon riu. — Cê vai fazer ele rir e não tem nada melhor pros doente que dar risada. A mãe fala que acha que foi meia hora de risada toda as manhã que sarou um sujeito que tava pra morrer de tifoide.

— Vou falar em Yorkshire com ele hoje mesmo — prometeu Mary, rindo também.

O jardim chegara a um momento em que todos os dias e todas as noites parecia que magos passavam por ele com suas varinhas despertando a beleza da terra e dos ramos. Foi difícil para Mary ir embora e deixar tudo para trás, especialmente quando Nut literalmente se refestelou em seu vestido e Shell desceu do tronco da macieira sob a qual estavam sentados e ficou lá olhando para ela com olhos curiosos. Mas ela voltou para casa e quando se sentou

perto da cama de Colin, ele começou a farejar como Dickon, embora não de maneira tão experiente.

— Você cheira a flores e... e coisas frescas — exclamou ele, bastante alegre. — Que cheiro é esse? É fresco, cálido e doce, tudo ao mesmo tempo.

— É o vento da charneca — disse Mary. — Ele se espalha nos gramado debaixo das árvore junto com o cheiro do Dickon, do Capitão, do Fuligem, do Nut e do Shell. É a primavera que chegou lá fora da casa e é o sol que faz esse cheiro tão gostoso.

Ela disse isso da maneira mais caprichada que pôde, e soou tão profundamente Yorkshire que Colin quase chegou a pensar que fosse alguém de lá falando, e começou a rir.

— O que você está fazendo? — perguntou ele. — Nunca ouvi você falar assim antes. Que engraçado!

— Tô falano um pouco de Yorkshire — respondeu Mary, triunfante. — Num consigo falar tão certinho igual o Dickon e a Martha, mas dá pra ocê ver que eu consigo imitar um poco. Cê entende um poco de Yorkshire quando escuta? E ocê mesmo num é um moço criado e nascido em Yorkshire? Eita! Cê num tem vergonha na cara, não?

Então ela também começou a rir e ambos riram até não poderem mais. A sra. Medlock chegou a abrir a porta, mas o eco das risadas a fez recuar, e ficou ouvindo maravilhada.

— Olha, te juro — continuou Mary, ainda falando um carregado Yorkshire com desenvoltura, pois não havia

ninguém ali para ouvi-la e estava muito empolgada — que quem ouve gosta! Qualquer um no mundo que ouve, gosta!

Havia muito o que contar. Parecia que Colin nunca ouvia o suficiente sobre Dickon, Capitão, Fuligem, Nut, Shell e o pônei Jump. Mary havia ido correndo para a mata com Dickon conhecer Jump. Era um pequenino pônei desgrenhado, com uma crina grossa caindo sobre os olhos, uma cara bonita e nariz aveludado. Era bem magro por viver do capim da charneca, mas resistente e forte como se os músculos de suas perninhas fossem feitos de molas de aço. Ele erguera a cabeça e relinchara baixinho no momento em que viu Dickon e trotou para encontrá-lo; pousou a cabeça em seu ombro e então Dickon falou em seu ouvido. Jump respondeu com estranhos relinchos, baforadas e bufadas. Dickon o fizera dar a Mary seu pequeno casco dianteiro e a beijou no rosto com seu focinho macio.

— Ele realmente entende tudo o que Dickon diz? — perguntou Colin.

— Parece que sim — respondeu Mary. — Dickon diz que qualquer coisa pode nos entender se formos amigos dela, mas tem que ser amigo de verdade.

Colin ficou em silêncio por um tempo e seus estranhos olhos cinzas pareciam mirar a parede, mas Mary entendeu que ele estava pensando.

— Queria muito ser amigo das coisas — disse ele por fim —, mas nunca serei. Nunca tive nada para ser amigo e não suporto as pessoas.

— Você não consegue me suportar? — perguntou Mary.

— Você, sim — respondeu ele. — É engraçado, mas eu até gosto de você.

— Ben Weatherstaff disse que eu era como ele — comentou Mary. — Ele me disse que tinha certeza de que nós dois temos o mesmo temperamento ruim. Acho que você também é como ele. Somos os três iguais... você, eu e Ben Weatherstaff. Ele disse que nenhum de nós é muito bonito e que só de olhar nossa cara dá para ver como somos azedos. Mas não me sinto mais tão azeda como antes de conhecer o pisco e Dickon.

— Era como se você odiasse as pessoas?

— Era — respondeu Mary sem qualquer afetação. — Acho que detestaria ter conhecido você antes de conhecer o pisco e Dickon.

Colin estendeu sua mão magra e a tocou.

— Mary — disse ele —, me arrependi de ter dito que queria mandar Dickon embora. Odiei você quando disse que ele parecia um anjo e ri de você, mas... mas talvez ele seja.

— Bem, é engraçado você dizer isso — ela admitiu com franqueza —, porque o nariz dele é empinado demais, sua boca é enorme e suas roupas são cheias de remendos e

manchas e ele fala Yorkshire, mas... se um anjo realmente viesse para Yorkshire morar na charneca... se houvesse um anjo de Yorkshire, acredito que ele conversaria com as criaturas e com as plantas, e saberia como fazê-las crescer como Dickon faz. Sei que teriam certeza de que ele seria amigo.

— Não vou me importar se Dickon olhar para mim — disse Colin. — Eu quero conhecê-lo.

— Fico feliz que tenha dito isso — respondeu Mary —, porque... porque...

De repente ela entendeu que aquele era o momento de contar tudo a ele. Colin sabia que algo novo estava por vir.

— Por que o quê? — ele perguntou ansiosamente.

Mary estava tão nervosa que se levantou de seu banquinho, caminhou até ele e segurou suas mãos.

— Posso confiar em você? Confiei em Dickon porque os pássaros confiavam nele. Posso confiar em você, de verdade verdadeira mesmo?

O rosto dela era tão solene que ele quase sussurrou sua resposta.

— Sim! Sim!

— Bem, Dickon virá ver você amanhã de manhã e trará seus bichinhos com ele.

— Oh! Oh! — Colin gritou de alegria.

— Mas tem mais — continuou Mary, pálida de entusiasmo e cautela. — O resto é melhor. Há uma porta

para o jardim. Eu a encontrei. Fica coberta pela hera do muro.

Se fosse um menino forte e saudável, Colin provavelmente teria gritado “Urra! Urra! Urra!”, mas era tão fraco e histérico que seus olhos só ficaram cada vez maiores e passou a ofegar.

— Oh! Mary! — ele gritou em meio a um soluço. — Posso ir ver? Posso entrar nele? Será que vou viver para entrar nele? — Agarrou as mãos dela e a puxou para si.

— Claro que você vai! — disse Mary indignada. — Claro que viverá para entrar nele! Não seja bobo!

E ela disse isso de maneira tão tranquila, infantil e natural que o trouxe de volta à razão e ele começou a rir de si mesmo. Alguns minutos depois ela estava novamente sentada em seu banquinho contando a ele não como imaginava ser o jardim secreto, mas como ele realmente era, e as dores e o cansaço de Colin iam sendo esquecidos enquanto ele a ouvia extasiado.

— É exatamente como você pensou que seria — disse ele por fim. — Parece até que você já tinha estado lá. Lembra que eu te disse isso da primeira vez?

Mary hesitou por quase dois minutos e então corajosamente disse a verdade:

— Eu já tinha visto... e entrado — revelou ela. — Eu encontrei a chave e entrei lá semanas atrás. Mas não me atrevi a contar... não arrisquei pois estava com muito medo de não poder confiar em você. Foi isso!

CAPÍTULO 19.

“CHEGOU!”

Obviamente o dr. Craven foi chamado na manhã seguinte ao ataque de Colin. Sempre era chamado quando algo assim acontecia e sempre encontrava, ao chegar, um menino pálido e abalado deitado em sua cama, mal-humorado e ainda tão nervoso que parecia pronto a voltar a soluçar à menor palavra. Na verdade, o dr. Craven temia e detestava os percalços dessas visitas. Nessa ocasião, chegou à Mansão Misselthwaite apenas à tarde.

— Como ele está? — perguntou à sra. Medlock, bastante agitado. — Um dia ele vai acabar estourando alguma veia com esses ataques. O menino está meio ensandecido de histeria e autoindulgência.

— Bem, senhor — respondeu a sra. Medlock —, dificilmente acreditará em seus olhos quando o vir. Aquela criança de rosto azedo que é quase tão má quanto ele acabou por enfeitiçá-lo. Como ela fez isso, não há como saber. Deus sabe que ela é insignificante e mal se ouve ela falar, mas conseguiu o que nenhum de nós ousaria fazer. Na noite passada, voou até ele como um gato, bateu os pés e ordenou que parasse de gritar, e de alguma forma o assustou tanto que ele realmente parou. Nesta tarde... vamos subir e ver, senhor. Já é mais do que hora.

A cena que o dr. Craven presenciou ao entrar no quarto de seu paciente de fato o surpreendeu. Quando a sra. Medlock abriu a porta, ele ouviu risadas e um falatório. Colin estava em seu sofá, de roupão, sentado bastante ereto, observando uma foto em um dos livros de jardinagem e conversando como uma criança comum — que naquele momento dificilmente poderia ser chamada de “comum”, pois seu rosto irradiava alegria.

— Estas longas hastes de flores azuis... vamos ter um monte delas — anunciava Colin. — São chamadas de Del-phin-iums.

— Dickon diz que se chamam esporas-de-bico e que ficam grandes e vistosas — exclamou dona Mary. — Já temos muitas delas lá.

Então eles viram o dr. Craven e paralisaram. Mary ficou muito quieta e Colin parecia irritado.

— Lamento saber que você esteve doente ontem à noite, meu rapaz — disse o dr. Craven um tanto tenso. Ele realmente era um homem bastante nervoso.

— Estou melhor agora, muito melhor — respondeu Colin, como um rajá. — Vou passear na minha cadeira em um ou dois dias, se estiver melhor. Quero um pouco de ar fresco.

O dr. Craven sentou-se ao lado dele, sentiu seu pulso e o examinou com curiosidade.

— Será um dia muito bom — disse ele —, e você deve ter muito cuidado para não se cansar.

— O ar fresco não me cansará — afirmou o jovem rajá.

Por conta das ocasiões em que esse mesmo jovem cavalheiro berrou de raiva e insistiu que o ar fresco iria resfriá-lo e matá-lo, não foi de se admirar que o médico ficasse um tanto alarmado.

— Achei que você não gostasse de ar fresco — disse ele.

— Não gosto quando estou sozinho — respondeu o rajá. — Mas minha prima me acompanhará.

— E a enfermeira, claro? — sugeriu o dr. Craven.

— Não, eu não quero a enfermeira — retrucou tão categoricamente que Mary se lembrou do jovem príncipe nativo com seus diamantes, esmeraldas e pérolas colados na pele e os grandes rubis na pequena mão escura com a qual ele acenava ordens para que seus servos se aproximassem com *salaams* e recebessem suas ordens.

— Minha prima sabe cuidar de mim. Sempre fico melhor quando ela está comigo. Ela me ajudou ontem à noite. Um menino muito forte que conheço vai empurrar minha cadeira.

O dr. Craven ficou bastante alarmado. Se o menino histérico e frágil tivesse a chance de sarar, ele próprio perderia todas as chances de herdar Misselthwaite; mas, embora fraco, não era um homem inescrupuloso e não pretendia deixá-lo correr um perigo real.

— Ele deve ser um menino forte e responsável — afirmou o médico. — Mas preciso saber algo sobre ele. Quem ele é? Qual é o seu nome?

— É Dickon — Mary falou apressadamente. Ela achava que de alguma forma todos que moravam na charneca conhecessem Dickon. E, na verdade, ela estava certa, pois em seguida o rosto sério do dr. Craven relaxou em um sorriso aliviado.

— Oh, Dickon — disse ele. — Se for Dickon, você estará seguro. Ele é forte como um pônei, esse Dickon.

— E ele é confiável — confirmou Mary. — Ele é o rapaz mais confiável dos arredor. — Ela estava falando em Yorkshire com Colin e se esqueceu de parar.

— Dickon te ensinou isso? — perguntou o dr. Craven, rindo abertamente.

— Estou aprendendo como se fosse francês — afirmou Mary friamente. — É como um dialeto local da Índia. Pessoas espertas tentam aprendê-los. Eu gosto, e Colin também.

— Bem, bem — disse ele. — Se vocês se divertem, talvez não faça mal. Você tomou seu brometo na noite passada, Colin?

— Não — Colin respondeu. — No começo eu não queria tomar e depois que Mary me acalmou, ela conversou comigo até eu dormir, falando em voz baixa sobre a primavera rastejando em um jardim.

— Isto me parece reconfortante — observou o dr. Craven, mais perplexo do que nunca e olhando de soslaio para dona Mary, que mirava silenciosamente o tapete do alto de seu banquinho. — Você está evidentemente melhor, mas deve se lembrar...

— Não quero me lembrar — interrompeu o rajá, que despertava novamente. — Quando me deito sozinho e lembro, começo a sentir dores por todo o corpo e penso em coisas que odeio tanto que me fazem gritar. Se existir um médico em algum lugar que possa me fazer esquecer da doença, em vez de me lembrar a toda hora, eu gostaria que ele fosse trazido até aqui. — E acenou com sua mão magra, que na verdade deveria estar coberta de anéis com insígnias reais feitas de rubis. — Eu melhoro porque minha prima me faz esquecer.

O dr. Craven nunca teve uma visita tão curta em Misselthwaite depois de um “acesso de raiva”. Geralmente ele era obrigado a permanecer por muito tempo e fazer muitas coisas. Naquela tarde não administrou remédios nem deixou novas ordens e foi poupado de cenas desagradáveis. Ele desceu as escadas com um ar muito pensativo, e ao falar com a sra. Medlock na biblioteca, sentia-se confuso.

— Bem, senhor — ela arriscou —, o senhor acreditaria sem ter visto?

— É certamente um novo estado das coisas — declarou o médico. — E não há como negar que é melhor do que o anterior.

— Acho que Susan Sowerby está certa — reconheceu a sra. Medlock. — Ontem fiz uma visita a ela a caminho de Thwaite e conversamos um pouco. E ela me disse: “Bom, Sarah Ann, ela pode num ser uma criança boa, e ela pode num ser bonita, mas ela é uma criança, e as criança precisa de criança”. Fomos para a escola juntos, Susan Sowerby e eu.

— Ela é a melhor enfermeira que conheço — disse o dr. Craven. — Quando eu a encontro em alguma das cabanas, sei que as chances de salvar meu paciente são maiores.

A sra. Medlock sorriu. Ela gostava de Susan Sowerby.

— A Susan tem um jeito todo dela — continuou ela, bastante loquaz. — Pensei a manhã toda em algo que ela me disse ontem: “Uma vez, quando eu tava dano um sermão nas criança, depois que elas se pegaram, contei que quando eu tava na escola, minha jografia ensinou que o mundo era igual a uma laranja e antes dos dez ano eu descobri que a tal laranja num tem dono. Ninguém é dono nem de um gomo dela e às vez a gente vê que num tem o suficiente pra todo mundo. Mas ocês... nenhum de ocês pode pensar que é dono da laranja inteira senão vai ver que está enganado, e só se descobre isso sozinho depois de se estrepar muito e dar com a cara no muro. O que as criança aprende com as outra criança”, ela continuou, “é não

querer chupar a laranja inteira sozinha e nem descascar ela inteira. Se ocê faz isso, certeza que num vai ficar nem com as semente, que são amarga demais pra comer”.

— Ela é uma mulher inteligente — disse o dr. Craven, vestindo o casaco.

— Bem, ela tem jeito para explicar as coisas — concluiu a sra. Medlock, muito satisfeita. — Às vezes eu digo a ela: “Eita! Susan, se ocê fosse uma mulher diferente e não falasse um Yorkshire tão carregado, diriam sempre que cê é inteligente”.

Naquela noite, Colin dormiu sem acordar uma só vez e, quando abriu os olhos pela manhã, ficou quieto e sorriu sem perceber — sorriu porque se sentia curiosamente confortável. Na verdade, gostou de estar acordado, e se virou e espreguiçou-se languidamente. Sentiu como se os cordões que o prendiam tivessem se afrouxado e estava livre. Não entendia, mas o dr. Craven diria que seus nervos haviam relaxado e descansado. Em vez de ficar deitado, olhando para a parede e desejando não ter acordado, sua mente estava repleta dos planos da noite anterior com Mary, das fotos dos jardins, de Dickon e suas criaturas selvagens. Era muito bom ter no que pensar. Não estava acordado há nem dez minutos quando ouviu passos rápidos no corredor e Mary chegou à sua porta. No momento seguinte, ela já estava dentro do quarto e corria para a cama dele, trazendo com ela uma lufada de ar fresco com o aroma da manhã.

— Você já saiu! Você já saiu! Está com aquele cheiro gostoso de folhas! — ele gritou.

Ela viera correndo. Mesmo de cabelos soltos e despenteados e bochechas rosadas, estava revigorada pelo ar fresco, embora ele não percebesse isso.

— Está tão bonito! — disse ela, um pouco sem fôlego em razão da carreira. — Você nunca viu nada tão bonito! Chegou! Pensei que tivesse vindo naquela outra manhã, mas estava apenas se aproximando. Agora ela está aqui! A primavera chegou! Dickon disse que chegou!

— Chegou? — gritou Colin. E embora ele realmente não soubesse nada sobre aquilo, sentiu seu coração bater mais forte. Então sentou-se na cama. — Abra a janela! — pediu, rindo entre entusiasmado e de si próprio. — Talvez possamos ouvir trombetas douradas!

E embora ele risse, Mary foi até a janela em um segundo e a abriu para que o frescor e a suavidade, os aromas e o canto dos pássaros invadissem o quarto.

— Isto sim é ar fresco — disse ela. — Deite-se de costas e inspire profundamente. É isso o que Dickon faz quando está deitado na charneca. Ele diz que sente em suas veias e isso o fortalece. Sente que poderia viver para todo o sempre. Respire, respire!

Ela apenas repetiu o que Dickon dissera, mas isso alimentou a fantasia de Colin.

— “Para todo o sempre!” Isso te faz se sentir assim? — perguntou ele, e fez o que ela mandou, respirando fundo e

continuamente até sentir que algo novo e encantador acontecia dentro dele.

Mary voltou para o lado da cama.

— As coisas estão crescendo e saindo do chão — ela continuou, apressada. — Há flores desabrochando e botões em tudo, e o véu verde cobriu quase todo o cinza e os pássaros estão apressados em fazer seus ninhos, com medo de que possa ser tarde demais, e alguns deles estão até brigando por lugares do jardim secreto. E as roseiras parecem tão acesas quanto poderiam, e há prímulas nas alamedas e bosques e as sementes que plantamos estão brotando, e Dickon trouxe a raposa, o corvo e os esquilos e um cordeiro recém-nascido.

Então parou para respirar. Dickon encontrara o cordeirinho três dias atrás, deitado ao lado da mãe, morta entre os arbustos de tojo na charneca. Não era o primeiro cordeiro sem mãe que ele encontrava e sabia muito bem o que fazer. Levou-o para a cabana embrulhado em seu casaco, colocou-o perto do fogo e deu-lhe uma tigela com leite morno. Era uma coisinha macia, com uma adorável carinha boba de bebê e pernas desproporcionalmente longas para o corpo. Dickon o trouxera no colo pela charneca desde a cabana. Trouxe também uma mamadeira no bolso, junto com um dos esquilos. Mary sentou-se sob uma árvore com aquele corpinho morno amontoado em seu colo e sentiu-se cheia de uma estranha alegria difícil

de descrever. Um cordeiro... um cordeirinho! Um cordeiro vivo estava deitado em seu colo como um bebê!

Ela descrevia sua grande alegria e Colin a ouvia apreensivo, quando a enfermeira entrou. A mulher chegou a estremecer ao ver a janela aberta. Passara muitos dias sufocantes naquele quarto, pois seu paciente tinha certeza de que janelas abertas deixavam as pessoas resfriadas.

— Tem certeza de que não está com frio, patrão Colin?
— ela perguntou.

— Tenho — foi a resposta. — Estou respirando profundamente. Isso me deixa mais forte. Vou tomar o café da manhã no sofá. Minha prima tomará café comigo.

A enfermeira afastou-se, disfarçando um sorriso, para pedir dois cafés da manhã. Ela achava o salão dos criados mais divertido do que o quarto do inválido, ainda mais agora que todos queriam saber notícias lá de cima. Faziam muitas piadas sobre o abominável jovem recluso que, como disse o cozinheiro, “havia encontrado seu mestre e que bom para ele”. Os criados já estavam cansados dos ataques de raiva, e o mordomo, que era um homem de família, mais de uma vez expressou sua opinião de que o inválido ficaria ainda melhor “com uma boa surra”.

Quando Colin se sentou em seu sofá e o desjejum para dois foi servido sobre a mesa, fez um anúncio à enfermeira com seu jeito de rajá.

— Um menino, uma raposa, um corvo, dois esquilos e um cordeirinho estão vindo me ver nesta manhã. Quero

que sejam conduzidos para cima assim que chegarem — ordenou. — Vocês não devem começar a brincar com os animais no salão dos criados e mantê-los lá. Eu os quero aqui imediatamente. — A enfermeira deu um leve suspiro, que tentou disfarçar com uma tosse.

— Sim, senhor — consentiu.

— Vou dizer o que você pode fazer — acrescentou Colin, acenando com a mão. — Você pode pedir que Martha os traga aqui. O menino é irmão dela. Seu nome é Dickon e ele é um encantador de animais.

— Espero que os animais não mordam, patrão Colin — preocupou-se a enfermeira.

— Eu disse que ele é um encantador — repetiu Colin austeramente. — Os animais dos encantadores nunca mordem.

— Há encantadores de serpentes na Índia — emendou Mary. — E eles até colocam a cabeça das cobras na boca.

— Misericórdia! — A enfermeira estremeceu.

Tomaram o café da manhã com o ar matutino soprando sobre eles. O café de Colin foi muito bom e Mary o observava com sério interesse.

— Você vai começar a engordar assim como eu — comentou ela. — Eu nunca queria meu café da manhã quando estava na Índia, mas agora sempre como.

— Hoje eu queria o meu — afirmou Colin. — Talvez seja o ar fresco. Quando você acha que Dickon chegará?

Ele não demorou a chegar. Em cerca de dez minutos, Mary ergueu a mão.

— Escute! — ela disse. — Você ouviu um crocitar?

Colin aguçou os ouvidos. Era o som mais estranho do mundo para se ouvir dentro de uma casa, um rouco *croc-croc*.

— Ouvi — respondeu ele.

— É o Fuligem — explicou Mary. — Ouça de novo. Você ouviu um balido... bem baixinho?

— Ah, ouço! — exclamou Colin, muito corado.

— Esse é o cordeirinho recém-nascido. Estão vindo.

As galochas de charneca de Dickon eram grossas e desajeitadas e, embora ele tentasse andar em silêncio, elas faziam um barulho pesado ao caminhar pelos longos corredores. Mary e Colin o ouviram marchar, marchar, até que ele passou pela porta de tapeçaria para o tapete macio da passagem para o quarto de Colin.

— Se me permite, senhor — anunciou Martha, abrindo a porta —, se me permite, aqui estão Dickon e suas criaturas.

Dickon entrou com seu sorriso largo ainda mais bonito. O cordeiro recém-nascido estava em seus braços e a raposinha vermelha trotava ao seu lado. Nut vinha sentado em seu ombro esquerdo e Fuligem em seu direito, e a cabeça e as patinhas de Shell espiavam para fora do bolso do casaco.

Colin sentou-se lentamente com seu olhar fixo, como fizera quando viu Mary pela primeira vez; mas agora seu olhar era de admiração e prazer. A verdade é que, apesar de tudo o que ouvira, não imaginava absolutamente como seria aquele menino e que sua raposa, seu corvo, seus esquilos e seu cordeirinho fossem tão próximos dele e tão simpáticos que pareciam fazer parte de seu próprio corpo. Colin nunca havia conversado com um menino em sua vida e estava tão tomado de êxtase e curiosidade que nem tentou falar.

Mas Dickon não se sentia nem um pouco tímido ou estranho. Não se sentiu envergonhado quando conheceu o corvo, que não falava a sua língua e apenas o encarou sem dizer nada na primeira vez em que se encontraram. As criaturas sempre faziam assim até descobrirem mais sobre a outra. Ele caminhou até o sofá de Colin e colocou o cordeiro recém-nascido em silêncio em seu colo, e imediatamente a criaturinha virou-se para o roupão de veludo quente e começou a acariciar suas dobras e a cutucar com uma leve impaciência o seu corpo. Obviamente, nenhum menino conseguiria evitar falar em uma ocasião dessas:

— O que ele está fazendo? — exclamou Colin. — O que ele quer?

— Ele quer a mãe dele — disse Dickon, sorrindo cada vez mais. — Trouxe ele aqui com um pouco de fome porque sabia que cê ia gostar de ver ele comeno.

Ele se ajoelhou ao lado do sofá e tirou a mamadeira do bolso.

— Vamo, pequenino — encorajou ele, virando a pequena e felpuda cabeça branca com sua suave mão morena. — É isso que ocê quer. Cê vai gostar mais disso do que dos casaco de veludo e de seda. Assim... — E empurrou a ponta de borracha da mamadeira na boca faminta e o cordeiro começou a mamar vorazmente.

Depois disso, não havia como pararem de falar. Quando o cordeirinho adormeceu, muitas perguntas surgiram e Dickon respondeu a todas. Contou como havia encontrado o cordeiro ao nascer do sol, três manhãs atrás. Estava parado na charneca ouvindo o canto de uma cotovia que voava cada vez mais alta no céu até que se tornou apenas um pontinho nas alturas azuis.

— Quase que num dava mais pra ver ela, mas ouvia ela cantando e eu me perguntava como dava pra ouvir ela se parecia que ela ia sair do mundo logo logo. Então eu ouvi uma coisa mais longe, embrenhada nos arbusto de tojo. Era um balido fraquinho e eu sabia que era um cordeiro novo, porque tava com fome e eu sabia que não taria com fome se não tivesse se perdido da mãe de algum jeito, então resolvi procurar. Eita! Fui dar uma olhada. Entrei e saí do meio dos arbusto de tojo e dei uma volta e depois outra e parecia que eu sempre pegava a direção errada. Mas, no fim, eu vi um pedacinho branco no alto de uma

pedra na charneca e escalei e encontrei o pequenino meio morto de frio e de sede.

Enquanto ele falava, Fuligem voava solenemente para dentro e para fora da janela aberta e crocitava comentários sobre a paisagem enquanto Nut e Shell faziam excursões pelas grandes árvores; subiam e desciam pelos troncos e exploravam seus galhos. Capitão ficou aninhado perto de Dickon, que estava no tapete da lareira.

Eles olharam as fotos nos livros de jardinagem. Dickon conhecia todas as flores pelos seus nomes comuns e sabia exatamente quais já estavam crescendo no jardim secreto.

— Eu num ia conseguir falar esses nome — disse ele, apontando para uma sob a qual estava escrito “Aquilégia”. — Mas nós chama de columbina, e aquela ali é uma boca-de-leão e os dois cresce selvagem nas sebe, mas estes são os de jardim e são maior e mais viçoso. Tem uns aglomerado grande de columbina no jardim. Eles vão parecer um canteiro azul e as borboleta branca vão chegar quando florescer.

— Vou vê-los — gritou Colin. — Eu vou vê-los!

— Cê vai vê sim — afirmou Mary, muito séria. — E cê num pode mais perder tempo.

CAPÍTULO 20.

“VOU VIVER PARA TODO O SEMPRE...E SEMPRE!”

Eles foram obrigados a esperar mais de uma semana, porque primeiro vieram alguns dias de muita ventania e, em seguida, Colin teve um ameaço de resfriado, duas coisas que sem dúvida o deixariam furioso, mas havia muitos planos e cuidados secretos a serem realizados — e Dickon vinha quase todos os dias, mesmo que apenas por alguns minutos, para dar as notícias da charneca, das margens e sebes nas várzeas dos riachos. As coisas que ele contava sobre as lontras, texugos e ratões-do-banhado, sem falar nos ninhos de pássaros, camundongos-do-campo e suas tocas, bastavam para fazer qualquer um tremer de empolgação com aquele encantador de animais. Entusiasmo e ansiedade legítimos ficavam à flor da pele com o submundo atribulado que não parava de trabalhar.

— Eles são que nem nós — observou Dickon —, só que todo ano eles precisa construir suas casa de novo. E isso deixa eles tão ocupado que nem brigam até terminar tudo.

A coisa mais envolvente, entretanto, eram os preparativos para que Colin pudesse ser transportado com sigilo até o jardim. Ninguém deveria ver sua cadeira,

Dickon ou Mary, depois que dobrassem uma certa curva dos arbustos e começassem a caminhada acompanhando os muros de hera. A cada dia, Colin ficava cada vez mais fascinado, o mistério em torno do jardim era sem dúvida um de seus maiores encantos. Nada deveria arruinar isso. Ninguém deveria suspeitar de que escondiam um segredo. As pessoas deveriam pensar que ele simplesmente sairia com Mary e Dickon porque gostava deles e não se opunha que o encarassem. Tiveram conversas longas e bastante agradáveis sobre o percurso a ser feito. Subiriam por tal caminho e desceriam aquele e cruzariam o outro e dariam a volta entre os canteiros da fonte como se estivessem olhando as “plantas de canteiro” que o jardineiro-chefe, o sr. Roach, havia semeado. Pareceria algo tão natural que ninguém acharia estranho. Contornariam as calçadas ladeando o bosque e desapareceriam até chegarem aos longos muros. Era tudo quase tão sério e elaborado quanto os planos de campanha de grandes generais em tempos de guerra.

Rumores sobre as novidades e curiosidades que ocorriam nos aposentos do inválido haviam, é claro, se espalhado do salão dos criados para os pátios do estábulo e para além, entre os jardineiros. Mas apesar disso, o sr. Roach ficou surpreso um dia, quando recebeu ordens vindas do quarto do patrão Colin para que se apresentasse naqueles aposentos que nenhum outro estranho jamais vira. O próprio inválido desejava falar com ele.

— Bem, bem — disse ele a si mesmo enquanto trocava apressadamente o casaco —, o que devo fazer? Sua Alteza Real, que nunca queria ser vista, agora chama um desconhecido para conversar.

O sr. Roach ficou um tanto curioso. Nunca havia tido sequer um vislumbre do menino e ouvira uma dúzia de histórias exageradas sobre sua aparência, seus trejeitos estranhos e seu temperamento descontrolado. O que ouvia com mais frequência era que ele poderia morrer a qualquer momento, além de inúmeras descrições fantasiosas sobre suas costas arqueadas e membros frágeis, contadas por pessoas que nunca o haviam visto.

— As coisas estão mudando nesta casa, sr. Roach — comentou a sra. Medlock ao conduzi-lo escada acima, para o corredor que levava ao cômodo até então misterioso.

— Vamos torcer para que estejam mudando para melhor, sra. Medlock — respondeu ele.

— Elas não poderiam mudar para pior — ela emendou —, e por mais estranho que seja, estão tornando nossos deveres muito mais fáceis de suportar. Não se surpreenda, sr. Roach, se der de cara com um zoológico ou com Dickon e Martha Sowerby se sentindo mais à vontade do que você ou eu jamais imaginaríamos.

Realmente havia uma espécie de magia em Dickon, como Mary sempre acreditou. Quando o sr. Roach ouviu seu nome, sorriu com bastante tolerância.

— Ele se sentiria em casa no Palácio de Buckingham ou nas profundezas de uma mina de carvão — disse. — Não que seja algum atrevimento, veja bem. Ele é um rapaz muito bom, aquele menino.

Talvez ele devesse ter se preparado melhor, para não se assustar. Quando a porta do quarto se abriu, um grande corvo, que parecia bastante íntimo, estava empoleirado no encosto alto de uma cadeira entalhada, e anunciou a entrada do visitante com um *crau-crau* bem alto. Apesar do aviso da sra. Medlock, o sr. Roach mal escapou da vergonha de saltar para trás.

O jovem rajá não estava na cama nem no sofá, mas sentado em uma poltrona com um cordeirinho em pé ao seu lado, balançando a cauda, enquanto Dickon, ajoelhado, o servia com a mamadeira. Um esquilo repousava sobre as costas curvadas de Dickon, mordiscando distraidamente uma noz. A garotinha da Índia estava sentada em um banquinho, observando.

— Aqui está o sr. Roach, patrão Colin — anunciou a sra. Medlock.

O jovem rajá se voltou e olhou para seu empregado... pelo menos foi isso o que o jardineiro-chefe deduziu.

— Ah, você é Roach, certo? — ele disse. — Mandei chamá-lo para lhe dar algumas instruções muito importantes.

— Muito bem, senhor — respondeu Roach, imaginando se receberia ordens para derrubar todos os

carvalhos do parque ou transformar os pomares em jardins aquáticos.

— Vou sair com minha cadeira esta tarde — afirmou Colin. — Se o ar fresco me agradar, sairei todos os dias. Quando eu sair, nenhum dos jardineiros deve estar sequer perto da longa calçada que acompanha os muros dos jardins. Ninguém deve estar lá. Devo sair por volta das duas horas e todos devem se manter longe até que eu avise que podem voltar ao trabalho.

— Muito bem, senhor — confirmou o sr. Roach, muito aliviado em saber que os carvalhos permaneceriam e que os pomares estavam seguros.

— Mary — Colin voltou-se para ela —, o que é aquela coisa que dizem na Índia quando terminamos de falar e queremos que as pessoas saiam?

— Dizem: “Você tem minha permissão para ir” — respondeu Mary.

O rajá acenou com a mão.

— Você tem minha permissão para ir, Roach — declarou ele. — Mas lembre-se de que isto é muito importante.

— *Crau-crau* — observou o corvo com sua voz rouca, mas nada indelicada.

— Muito bem, senhor. Obrigado, senhor — respondeu o sr. Roach, e a sra. Medlock o conduziu para fora da sala.

No corredor, como era um homem muito bem-humorado, sorriu até quase rir.

— Te juro! — disse ele. — Ele tem os trejeitos da nobreza, não é? Qualquer um acharia que ele é uma família real inteira reunida em um só... príncipe consorte e tudo o mais.

— Eita! — protestou a sra. Medlock. — Desde que ele tem pés fomos acostumados a ser pisados por ele, e ele acha que é para isso que as pessoas servem.

— Talvez ele supere isso, se sobreviver — sugeriu o sr. Roach.

— Bem, uma coisa é certa — disse a sra. Medlock. — Se ele viver e aquela criança indiana continuar aqui, garanto que ela lhe ensinará que a laranja inteira não pertence a ele, como diz Susan Sowerby. E é provável que ele descubra o tamanho do seu próprio gomo.

Dentro do quarto, Colin se recostou nas almofadas.

— Estamos seguros agora — afirmou ele. — E esta tarde irei lá e entrarei nele!

Dickon voltou para o jardim com suas criaturas e Mary ficou com Colin. Ele não parecia cansado, mas ficou muito quieto antes do almoço chegar e se manteve quieto enquanto comiam. Mary ficou curiosa e perguntou a ele:

— Que olhos grandes você tem, Colin. Quando você pensa eles ficam grandes como pires. No que está pensando agora?

— Não consigo deixar de pensar em como será — respondeu ele.

— O jardim? — perguntou Mary.

— A primavera. Eu estava pensando que realmente nunca a vi antes. Eu quase nunca saí, e quando saía, nunca olhava direito. Eu nem pensava nisso.

— Nunca vi a primavera na Índia porque isso não existe por lá — revelou Mary.

Enclausurado em sua morbidez a vida toda, Colin tinha mais imaginação do que ela e, pelo menos, passara muito tempo lendo livros com fotos maravilhosas.

— Naquela manhã, quando você entrou correndo e disse “Chegou! Chegou!”, me senti meio esquisito. Parecia que as coisas estavam chegando em uma grande procissão com uma música muito alta e rajadas de vento. Tenho uma foto em um dos meus livros com multidões de pessoas e lindas crianças enfeitadas com guirlandas e ramos de flores, todos rindo e dançando juntos ao som de uma flauta. Foi por isso que eu disse: “Talvez possamos ouvir trombetas douradas” quando pedi que abrisse a janela.

— Que engraçado! — divertiu-se Mary. — É exatamente como parece. E se todas as flores e folhas, coisas verdes, pássaros e criaturas selvagens passassem ao mesmo tempo, que linda multidão seria! Tenho certeza de que dançariam, cantariam e tocariam na flauta músicas bem altas.

Os dois riram, porque gostaram muito da ideia, e não por ser absurda.

Algum tempo depois, a enfermeira preparou Colin para sair. Ela ficou satisfeita pois, em vez de ficar deitado

como um tronco enquanto ela vestia suas roupas, ele se sentou e fez alguns esforços para ajudar, e conversava e ria com Mary o tempo todo.

— Está em um de seus bons dias, senhor — disse ela ao dr. Craven. — Estar com o humor tão bom o deixa mais forte.

— No final da tarde, depois que ele voltar, vou querer saber como foi — pediu o dr. Craven. — Quero ver o que a saída causará a ele. Gostaria — cochichou para ela — que ele deixasse você ir junto.

— Prefiro não insistir nisso, senhor, e ficar aqui como foi sugerido — respondeu a enfermeira com repentina firmeza.

— Não foi exatamente isso o que sugeri — justificou o médico, com seu ligeiro nervosismo. — Vamos tentar essa experiência. Dickon é um rapaz a quem eu confiaria meu filho recém-nascido.

O funcionário mais forte da casa carregou Colin escada abaixo e o colocou em sua cadeira de rodas do lado de fora, onde Dickon o esperava. Depois que o criado ajeitou seus cobertores e almofadas, o rajá acenou com a mão para ele e para a enfermeira.

— Vocês têm minha permissão para ir — declarou ele, e os dois desapareceram rapidamente. É preciso registrar que riram muito quando chegaram em segurança dentro da casa.

Dickon começou a empurrar a cadeira de rodas lenta e firmemente. Dona Mary caminhava ao seu lado e Colin se recostou e ergueu o rosto para o céu. A abóbada estava muito alta e as pequenas nuvens pareciam pássaros brancos flutuando de asas abertas sob seu azul cristalino. O vento soprava em grandes e suaves respirações da charneca, com uma estranha doçura de cheiro forte e definido. Colin inflava seu peito magro para inspirá-lo, e seus grandes olhos pareciam estar ouvindo... eles ouviam, em vez de seus ouvidos.

— Há tantos sons de cantos, zuniados e chamados — observou ele. — O que é esse cheiro que as rajadas de vento trazem?

— É o tojo na charneca que tá se abrindo — respondeu Dickon. — Eita! As abelha tão maravilhosa hoje.

Nenhuma criatura humana foi avistada no caminho que tomaram. Na verdade, todos os jardineiros e seus ajudantes pareciam ter sido afugentados por algum feitiço. Mesmo assim, entraram e saíram de entre os arbustos e contornaram os canteiros das fontes, seguindo sua rota cuidadosamente planejada pelo simples e misterioso prazer de concretizá-la. Mas quando por fim entraram na longa calçada dos muros cobertos de hera, a sensação de antecipação que se aproximava os fez, por alguma curiosa razão que não poderiam explicar, começar a falar em sussurros.

— Foi aqui — ofegou Mary. — Este é o lugar onde eu costumava andar para lá e para cá e me maravilhar cada vez mais.

— É mesmo? — exclamou Colin, e seus olhos começaram a vasculhar a hera com ávida curiosidade. — Mas não consigo ver nada — sussurrou. — Não há porta.

— Era o que eu pensava também — disse Mary.

Então um delicado silêncio recaiu sobre eles e a cadeira continuou adiante.

— Este é o jardim onde Ben Weatherstaff trabalha — apontou Mary.

— É mesmo? — disse Colin.

Mais alguns metros e Mary sussurrou novamente.

— Foi aqui que o pisco voou por cima do muro — comentou ela.

— É mesmo? — exclamou Colin. — Oh! Eu queria que ele viesse de novo!

— E ali — continuou Mary com alegria solene, apontando para uma grande touceira de lilases — é onde ele se empoleirou sobre o montinho de terra e me mostrou a chave.

Então Colin se sentou mais ereto.

— Onde? Onde? Ali? — ele exclamou, e seus olhos ficaram tão grandes quanto os do lobo da Chapeuzinho Vermelho quando ele a convidou a observá-los mais de perto. Dickon parou e a cadeira de rodas.

— E aqui — disse Mary, pisando no canteiro perto da hera — é onde fui falar com ele quando gorjeou para mim do alto do muro. E esta é a hera que o vento soprou para o lado. — E suspendeu a cortina verde pendente.

— Oh! É ele... é ele! — engasgou-se Colin.

— E aqui está a maçaneta e aqui está a porta. Dickon empurre-o... empurre-o logo para dentro!

E Dickon a obedeceu com um forte empurrão, firme e decidido.

Colin caiu para trás contra as almofadas, ofegante de animação, cobriu os olhos com as mãos e as manteve assim até que estivessem dentro do jardim e a cadeira parasse como por mágica. A porta foi fechada atrás deles. Só então ele afastou suas mãos e olhou em volta, como Dickon e Mary haviam feito antes. Sobre os muros, no chão e nas árvores, nos ramos e gavinhas pendentes, se espalhava o véu verde-claro de pequeninas e tenras folhas, e na grama sob as árvores e nas urnas cinzentas nas alcovas e aqui e ali, em todos os lugares, havia pontos e salpicos de dourado, roxo e o branco, e as árvores se apresentavam em rosa e branco-neve acima de suas cabeças e asas batiam, gorjeios soavam e zumbiam e havia aromas e cheiros. O sol bateu quente em seu rosto como o carinho de uma mão amiga. E, maravilhados, Mary e Dickon ficaram olhando para ele. Ele parecia tão estranho e diferente com aquele brilho rosado sobre si, sobre seu rosto, sua cabeça, mãos e todo o resto.

— Vou sarar! Eu vou sarar! — ele gritou. — Mary!
Dickon! Eu vou ficar bom! E vou viver para todo o sempre!

CAPÍTULO 21.

BEN WEATHERSTAFF

Uma das coisas engraçadas de se estar vivo é que só de vez em quando temos certeza de que vamos viver para todo o sempre. Às vezes pensamos isso quando nos levantamos na terna e solene alvorada e saímos de casa, sozinhos, com a cabeça para trás e o olhar para cima, bem alto, observando o céu pálido clarear e se aquecer lentamente. Então maravilhas inéditas acontecem até que o nascente nos faz gritar e nosso coração para diante da insólita majestade imutável do amanhecer — que já vem acontecendo todas as manhãs por milhares e milhares de anos. Temos essa realização por um momento ou dois. E às vezes sabemos disso quando, sozinhos em uma floresta ao pôr do sol, a misteriosa quietude dourada e profunda que se inclina através e sob os galhos parece dizer lenta e repetidamente algo que não conseguimos ouvir, por maior que seja o esforço. Às vezes, acontece na imensa quietude do escuro azul da noite, com milhões de estrelas esperando, observando e nos dando essa certeza; e às vezes é o som de música distante que torna isso verdade; ou, ainda, um simples olhar nos olhos de outra pessoa.

E assim aconteceu com Colin quando ele viu, ouviu e sentiu pela primeira vez a primavera dentro dos quatro

altos muros de um jardim escondido. Naquela tarde, o mundo inteiro parecia se dedicar a ser perfeito, radiante, lindo e gentil com aquele menino. Talvez por pura bondade celestial a primavera veio e coroou tudo o que era possível naquele lugar. Mais de uma vez, Dickon parou o que estava fazendo e ficou plácido, com uma espécie de admiração crescente em seus olhos, balançando a cabeça suavemente.

— Eita! Que lindeza — disse ele. — Tenho doze ano, quase treze e vivi muitas tarde nesses ano, mas acho que nunca vi uma assim tão linda.

— Eita, é uma lindeza mesmo — concordou Mary, e suspirou com pura alegria. — Garanto que é a mais linda que já existiu neste mundo.

— Cês acha — disse Colin com uma cautela sonhadora — que tudo isso é por causa de mim?

— Te juro! — exclamou Mary com admiração. — Cê tem um pouco do bom Yorkshire. Cê vai ficar bão demais nisso... ô se vai.

E a maravilha reinou. Puxaram a cadeira para debaixo da ameixeira, que estava branca como a neve por suas flores e musical pelas abelhas. Era como o dossel de um rei, o rei das fadas. Perto havia cerejeiras em flor e macieiras cujos botões eram rosados e brancos, e aqui e ali alguns já haviam desabrochado completamente. Entre os galhos floridos do dossel, pedaços de céu azul pareciam maravilhosos olhos observando a tudo.

Mary e Dickon trabalharam um pouco e Colin os observou. Mostraram-lhe muitas coisas: botões florindo, botões ainda bem fechados, galhos cujas folhas começavam a ficar verdes, a pena de um pica-pau caída na relva, uma casca de ovo vazia de uma ave que já nascera. Dickon empurrava a cadeira lentamente, dando voltas e mais voltas pelo jardim, parando a toda hora para mostrar as maravilhas que brotavam da terra ou que pendiam das árvores. Era como ser transportado a todos os estados de um reino mágico e conhecer cada riqueza misteriosa que possuía.

— Será que vamos ver o pisco? — quis saber Colin.

— Cê vai ver ele bastante depois de um tempo — respondeu Dickon. — Quando os filhotinho sair dos ovo, ele vai ficar tão agitado que cê vai ficar com dor no pescoço. Cê vai ver ele voano pra lá e pra cá, carregano umas minhoca do tamanho dele e vai ter tanta algazarra no ninho quando ele chegar lá que vai ficar até bravo, porque ele num vai saber em qual das boca colocar a bichinha. Os bico tudo escancarado e piano pra todo lado. A mãe fala que quando ela vê o trabalho que um pisco tem para manter os bico escancarado cheio, ela se sente igual a uma velhinha aposentada. Ela conta que já viu até pingar suor da testa dos bichinho, mas nenhuma pessoa nunca viu isso.

Aquilo os fez rir com tanta alegria que foram obrigados a cobrir a boca com as mãos, lembrando de que

não deveriam ser ouvidos. Colin havia recebido instruções sobre a regra dos sussurros há vários dias. Ele gostou do mistério e fez o melhor que pôde, mas em meio a uma alegria sem precedentes é bastante difícil rir sussurrando.

Cada momento da tarde foi repleto de coisas novas e a cada hora o sol ficava mais dourado. A cadeira de rodas foi empurrada para baixo do dossel e Dickon sentou-se na grama. Ele acabara de sacar sua flauta quando Colin viu algo que não tivera tempo de notar antes.

— Aquela árvore ali é bem velha, não é? — apontou. Dickon e Mary olharam para o outro lado do gramado e seguiu-se um breve momento de silêncio.

— É — respondeu Dickon, com uma voz baixa e muito suave.

Mary olhou pensativa para a árvore.

— Os galhos estão bastante cinzentos e não há uma única folha nela — Colin continuou. — Está meio morta, não é?

— É — admitiu Dickon. — Mas aquelas roseira que se enrolaram nela toda vão esconder cada pedacinho da madeira morta quando as folha e as flor vier. Não vai parecer morta mais. Será a mais bonita de todas.

Mary ainda olhava para a árvore pensativa.

— Parece que um grande galho dela foi quebrado — disse Colin. — Quem será que fez isso?

— Quebrou muitos ano atrás — respondeu Dickon. — Eita! — deu um repentino sobressalto e tocou Colin. —

Olha aquele pisco! Olha ele lá! Ele tá procurando a sua companheira.

Colin quase não teve tempo de vê-lo, mas viu o vulto de um pássaro de peito vermelho com algo em seu bico. Voou como um dardo por entre os galhos e sumiu perto do canto mais próximo. Colin recostou-se na almofada novamente, rindo:

— Ele está levando o chá da tarde para ela. Talvez sejam cinco horas. Acho que eu também gostaria de um chá.

E assim estavam todos seguros.

— Foi a magia que enviou o pisco — disse Mary secretamente a Dickon posteriormente. — Eu sei que foi.

Tanto ela como Dickon temiam que Colin perguntasse algo sobre o galho da árvore, quebrado dez anos antes, e já haviam conversado sobre isso. Dickon se levantou e esfregou a cabeça um tanto perturbado.

— A gente tem que olhar pra ela como se fosse igual à outra árvore — disse ele. — A gente nunca vai poder contar como o galho quebrou, pobre rapaz. Se ele disser alguma coisa sobre ela, a gente... a gente tenta parecer alegre.

— Eita, combinado — concordou Mary.

Mas ela não se sentiu alegre quando olhou para a árvore. Durante alguns momentos, pensou seriamente se havia alguma realidade naquilo que Dickon havia dito. Ele continuou esfregando seu cabelo vermelho-ferrugem de

uma forma intrigada, mas uma bela expressão de conforto começou a tomar seus olhos azuis.

— A sra. Craven era uma moça muito querida — ele continuou, um tanto hesitante. — E a mãe acha que ela continua em Misselthwaite cuidando do patrão Colin, como todas as mães fazem quando vão embora deste mundo. Ela precisa voltar, sabe? Acontece que ela mora no jardim e foi ela que botou nós pra trabalhar e mandou trazer ele aqui.

Mary achou que ele diria algo sobre magia. Ela acreditava muito nisso. Secretamente, acreditava que Dickon era um feiticeiro, obviamente da boa magia, pois tudo girava em torno dele e por isso era tão amado pelas pessoas e criaturas selvagens. Imaginou se, de fato, não teria sido esse seu dom que trouxera o pisco no momento exato em que Colin fez aquela pergunta perigosa. Ela sentiu o feitiço dele funcionando a tarde toda, como se tentasse transformar Colin em um garoto totalmente diferente. Ele não parecia em nada com a criatura descontrolada que gritava, batia e mordia seu travesseiro. Até sua palidez de marfim parecia diferente. O leve toque de cor que apareceu em seu rosto, testa e mãos, assim que ele entrou no jardim, parecia que nunca mais o abandonaria. Ele agora aparentava ser feito de carne em vez de marfim ou cera.

Observaram o pisco levar comida para sua companheira duas ou três vezes, e a sugestão do chá da

tarde era tão incitante que Colin achou que deveriam comer.

— Vá e mande um dos criados deixar uma cesta na calçada dos rododendros —pediu ele. — E então você e Dickon podem trazê-la aqui.

Foi uma ideia agradável e facilmente realizada. Quando a toalha branca foi estendida na grama, com chá quente, torradas com manteiga e bolinhos, a deliciosa refeição foi devorada. Vários pássaros, em suas tarefas cotidianas, pararam para observar o que acontecia e investigavam as migalhas com grande atenção. Nut e Shell subiram nas árvores com seus pedaços de bolo, e Fuligem pegou a metade de um bolinho com manteiga com a ponta do bico, examinou-o e fez comentários roucos até que decidiu engolir de uma só vez.

A tarde já chegava em sua hora mais amena. O sol aprofundava o dourado de seus raios afiados, as abelhas voltavam para suas colmeias e os pássaros voavam com menos diligência. Dickon e Mary estavam sentados na grama, a cesta de chá fora reembalada para ser levada de volta, e Colin estava deitado contra suas almofadas com seus pesados cachos penteados para trás. Seu rosto tinha uma cor bastante saudável.

— Não quero que esta tarde acabe — disse ele. — Mas voltarei amanhã e depois de amanhã e depois de depois de amanhã.

— Você vai tomar bastante ar fresco, não é? —
incentivou Mary.

— Não farei nada além disso — respondeu ele. —
Agora que já vi a primavera chegar, quero ver o verão.
Quero ver tudo crescer aqui. Eu mesmo vou crescer aqui.

— Ô se vai — disse Dickon. — Nós vamo deixar cê
andar por aqui tudo e cavar igual às outra pessoa, logo
logo.

Colin corou tremendamente.

— Andar! — ele exclamou. — Cavar! Será?

O olhar de Dickon para ele foi delicado e cauteloso.
Nem ele nem Mary jamais haviam perguntado se havia
alguma coisa errada com suas pernas.

— Certeza que vai — continuou com firmeza. — Cê...
cê tem suas própria perna, igual a todo mundo!

Mary ficou bastante apreensiva até ouvir a resposta de
Colin.

— Elas não têm problema nenhum — explicou Colin
—, mas são muito finas e fracas. Elas tremem tanto que
tenho medo de ficar em pé.

Mary e Dickon respiraram aliviados.

— Quando cê parar de ter medo, vai ficar em pé —
encorajou Dickon, com alegria renovada. — E já já cê vai
parar de ter medo.

— Vou? — disse Colin, e ficou imóvel como se
pensasse sobre o assunto.

Ficaram quietos por algum tempo. O sol já ia se pondo. Era aquela hora em que tudo se acalma, e a tarde realmente fora agitada e emocionante. Colin descansava confortavelmente. Até as criaturas pararam de se agitar e se recolheram, algumas brincando perto deles. Fuligem se empoleirou em um galho baixo, levantou uma das pernas e deixou a película cinza sobre seus olhos se fechar, sonolento. Mary, em silêncio, achou que ele parecia prestes a roncar.

Em meio a essa tranquilidade, foi surpreendente quando Colin ergueu a cabeça e exclamou em um sussurro alto e repentinamente alarmado:

— Quem é aquele homem? — Dickon e Mary se levantaram aos tropeços.

— Um homem! — ambos exclamaram em voz baixa e apressada.

Colin apontou para o muro alto:

— Vejam! — ele sussurrou, agitado. — Olhem lá!

Mary e Dickon se viraram e o viram. Lá estava o rosto indignado de Ben Weatherstaff olhando para eles por cima do muro, do topo de uma escada! Na verdade, ele balançava seu punho para Mary.

— Se eu não fosse solteiro e ocê fosse minha filha — gritou ele —, te daria uma coça!

Ele fez mais um movimento ameaçador, como se tivesse o impulso de pular e brigar com ela; mas quando ela se aproximou, ele evidentemente pensou melhor e

estancou no último degrau de sua escada, ainda sacudindo o punho.

— Nunca gostei muito de ocê! — esbravejou. — Eu não fui com a sua cara no começo quando a gente se conheceu. Uma menina magricela com cara de manteiga branca e cabelo piaçava que só fazia pergunta e metia o nariz onde não era chamada. Como é que cê entrou aqui sem eu saber, é um mistério. O pisco, aquele safado...

— Ben Weatherstaff — gritou Mary, recuperando o fôlego. Foi para debaixo dele e o chamou com uma espécie de suspiro. — Ben Weatherstaff, foi o próprio pisco quem me mostrou o caminho!

Então pareceu que Ben realmente pularia de cima do muro, tamanha a sua indignação

— Ocê é uma menina ruim! — gritou. — Cê coloca a culpa num pisco que num tem nem a chance de se defender. Ele te mostrou o caminho? Foi ele? Eita! Aquele exibido... — Ela pôde prever suas próximas palavras, prontas para explodir, pois sabia que estava tomado pela curiosidade. — E como é que cê conseguiu entrar?

— O pisco me mostrou o caminho — ela insistiu obstinadamente. — Ele não sabia o que estava fazendo, mas fez. E eu não vou conversar com você assim, com esse punho fechado para mim.

Ele parou de sacudir o punho naquele exato momento e seu queixo caiu, ao olhar por sobre a cabeça dela algo que vinha pelo gramado em sua direção.

Ao primeiro som de sua torrente de palavras, Colin ficou tão surpreso que apenas se sentou e ouviu, fascinado. Mas no meio da discussão ele se recompôs e acenou imperiosamente para Dickon.

— Me leve até lá! — ele comandou. — Bem próximo do muro e pare na frente dele!

E foi isso o que Ben Weatherstaff viu e que o fez ficar de queixo caído. Uma cadeira de rodas com almofadas e mantos luxuosos vinha em sua direção como uma espécie de diligência oficial, com um jovem rajá sentado nela, majestoso com seus grandes olhos de contornos pretos e uma mão branca e fina estendida com altivez. Pararam bem debaixo do nariz de Ben Weatherstaff. Realmente, não era de se admirar que seu queixo caísse.

— Você sabe quem eu sou? — demandou o rajá.

Ben Weatherstaff estava pasmo! Seus velhos olhos vermelhos fixaram-se no que estava diante dele como se fosse um fantasma. Ele olhou e olhou e engoliu um nó de sua garganta sem dizer uma palavra.

— Você sabe quem eu sou? — repetiu Colin, ainda mais imperiosamente. — Responda!

Ben Weatherstaff ergueu sua mão nodosa e passou-a sobre os olhos e testa, e então respondeu com uma voz estranhamente trêmula:

— Quem é ocê? Eu sei sim, porque ocê me olha com os olho da sua mãe. Só Deus sabe como é que ocê veio parar aqui. Cê é o menino aleijado.

Colin se esqueceu de suas costas frágeis. Seu rosto ficou vermelho e ele se sentou ereto.

— Eu não sou aleijado! — gritou furiosamente. — Não sou!

— Ele não é! — exclamou Mary, quase gritando contra o muro, indignada. — O maior caroço dele é menor que um alfinete! Eu olhei e não tem caroço nenhum!

Ben Weatherstaff passou a mão pela testa novamente e olhou como se nunca pudesse olhar o suficiente. Sua mão, sua boca e sua voz tremiam. Ele era um velho ignorante e sem tato e mal podia entender o que ouvira.

— Cê num tem as costa torta? — perguntou ele com voz rouca.

— Não! — gritou Colin.

— Cê num tem as perna torta? — Ben tremia e ficava ainda mais rouco. Aquilo era demais para ele. A força que Colin normalmente colocava em seus acessos de raiva agora corria por ele de uma maneira diferente. Ele nunca havia sido acusado de ter pernas tortas, nem mesmo nos cochichos. Mas a constatação de que era uma crença compartilhada por todos, revelada pela voz de Ben Weatherstaff, era mais do que a carne e o sangue do rajá poderiam suportar. Com raiva e seu orgulho ferido, esqueceu-se de tudo e sentiu-se poderoso como nunca, com uma força quase sobrenatural.

— Venha aqui! — gritou para Dickon, e começou a jogar as cobertas de suas pernas para o lado e a se

desembaraçar. — Venha aqui! Venha aqui! Venha agora!

Dickon chegou ao seu lado em um segundo. Mary prendeu a respiração em um curto suspiro e sentiu que empalidecia.

— Ele consegue! Ele consegue! Ele consegue! Ele vai!
— ela murmurou baixinho e apressadamente.

Houve um breve e feroz esforço, os cobertores foram jogados no chão, Dickon segurou o braço de Colin e as pernas finas já estavam para fora. Seus pés magros pisaram na grama. Colin ficou de pé, ereto e reto como uma flecha, e parecia estranhamente alto. Jogou sua cabeça para trás e seus olhos estranhos faiscavam raios.

— Olhe para mim! — disparou para Ben Weatherstaff.
— Olhe para mim, homem! Olhe!

— Ele tá reto igual eu! — exclamou Dickon. — Ele é reto igual a todo mundo em Yorkshire!

O que Ben Weatherstaff fez, então, Mary achou exageradamente estranho. O velho engasgou e engoliu em seco, e de repente lágrimas correram por suas bochechas enrugadas enquanto batia palmas com suas velhas mãos.

— Eita! — ele explodiu. — As mentira que as pessoa conta! Cê é fino que nem um sarrafo e branco que nem um espírito, mas num tem caroço nenhum em ocê. Cê vai virá um homão. Deus te abençoe!

Dickon segurava o braço de Colin com força, mas o menino não vacilou. Ele olhava firme para Ben Weatherstaff e ficava cada vez mais ereto.

— Quando meu pai está fora, sou seu patrão — declarou ele. — E você deve me obedecer. Este é o meu jardim. Não se atreva a dizer uma palavra sobre isto! Desça dessa escada e venha pela longa calçada. Dona Mary vai te encontrar e te trazer aqui. Quero falar com você. Nós não te queríamos aqui, mas agora você terá de manter nosso segredo. Ande logo!

O rosto velho e enrugado de Ben Weatherstaff ainda estava úmido com a surpreendente torrente de lágrimas. Parecia não conseguir tirar os olhos do menino raquítico, agora em pé e com o queixo erguido.

— Eita! Rapaz — ele quase sussurrou. — Eita! Meu rapaz! — E então, voltando a si, tocou em seu chapéu de jardineiro e disse: — Sim, senhor! Sim, senhor! — E obedientemente desapareceu ao descer da escada.

CAPÍTULO 22.

QUANDO O SOL SE PÔS

Assim que a cabeça de Ben Weatherstaff sumiu de vista, Colin voltou-se para Mary.

— Vá encontrá-lo — ordenou.

Mary voou pela grama até a porta sob a hera.

Dickon o observava com um olhar profundo. Havia manchas vermelhas nas bochechas de Colin e sua postura era inacreditável. Não havia sinais de que cairia.

— Eu consigo ficar de pé — disse ele, com sua cabeça ainda erguida de forma desafiadora.

— Eu disse que ocê conseguia se parasse de ter medo — observou Dickon. — E ocê parou.

— Parei mesmo — tornou Colin.

Então, de repente, ele se lembrou de algo que Mary havia dito.

— Você está fazendo feitiçaria? — perguntou bruscamente.

A boca curvada de Dickon se abriu em um sorriso alegre.

— Quem tá fazendo feitiçaria aqui é ocê — retrucou ele. — É o mesmo feitiço que fez ocês trabalhar na terra. — E tocou com sua bota rústica uma moita de açafrões na grama. Colin olhou para a moita.

— Sim — disse lentamente —, não há magia maior do que isto... não existe.

E se endireitou ainda mais.

— Vou caminhar até aquela árvore — declarou, apontando para uma a poucos metros. — Vou estar em pé quando Weatherstaff entrar. Posso descansar contra a árvore, se quiser. Quando quiser, posso me sentar, mas não antes. Traga um tapete da cadeira.

Ele caminhou até a árvore e, embora Dickon segurasse seu braço, manteve-se maravilhosamente firme. Quando parou contra o tronco da árvore, não ficou claro se estava apoiado nele, mas continuou ereto e parecia alto.

Quando Ben Weatherstaff entrou pela porta no muro, viu Colin parado ali e Mary resmungou algo baixinho.

— Que ocê disse? — perguntou o velho, um tanto irritado pois não queria desviar sua atenção do menino magro e de rosto orgulhoso.

Mas ela não havia dito nada a ele. O que ela resmungou foi o seguinte:

— Você pode! Você pode! Eu disse que você podia! Você pode! Você pode! — Dissera isso a Colin porque queria que sua magia o mantivesse em pé. Não queria que ele cedesse antes que Ben Weatherstaff o visse. Ele não cedeu. Ela se animou com a constatação repentina de que estava muito bonito, apesar de sua magreza. Colin fixou os olhos em Ben Weatherstaff com seu jeito engraçado e mandão.

— Olhe para mim! — comandou. — Olhe só para mim! Sou corcunda? Minhas pernas são tortas?

Ben Weatherstaff ainda não havia superado o choque, mas conseguiu responder quase sem sobressaltos:

— Não são, não. Nem um pouco. O que cê tem aprontado, se escondendo desse jeito? As pessoa pensava que cê era aleijado e retardado.

— Retardado! — contestou Colin, com raiva. — Quem achava isso?

— Os tonto — respondeu Ben. — Este mundo tá cheio de burro relinchano e só zurram mentira. Por que ocê se trancou lá?

— Todos achavam que eu iria morrer — disse Colin brevemente. — Mas eu não vou!

Disse isso tão resoluto que Ben Weatherstaff o olhou de cima a baixo e de baixo para cima.

— Ocê, morrer? — o velho se exaltou. — De jeito maneira! Cê tá é cheio de vida. Quando eu vi cê botar as perna no chão com tanta força, já notei que cê tava bom. Pode se sentar no tapete pra me dar as ordem, meu patrãozinho.

Havia uma mistura estranha de ternura e compreensão em suas palavras. Mary havia lhe contado algumas coisas ao descerem pela longa calçada. A principal que explicou a ele era que Colin estava melhorando a cada dia, e que o jardim era responsável por isso. Nada deveria lembrá-lo de corcundas ou morte.

O rajá condescendeu em sentar-se no tapete sob a árvore.

— Que trabalho você faz nos jardins, Weatherstaff? — ele perguntou.

— Qualquer coisa que me mandam fazer — respondeu o velho Ben. — Continuo aqui de favor... porque ela gostava de mim.

— Ela quem? — inquiriu Colin.

— A sua mãe — respondeu Ben Weatherstaff.

— Minha mãe? — repetiu Colin, e olhou em volta em silêncio. — Este era o jardim dela, não era?

— Era sim! — Ben Weatherstaff também olhou em volta. — Ela gostava muito daqui.

— É meu jardim agora. E eu gosto muito dele. Virei aqui todos os dias — anunciou Colin. — Mas devemos manter o segredo. Minhas ordens são para que ninguém saiba que viemos aqui. Dickon e minha prima trabalharam duro e deram vida a ele. Vou mandar chamá-lo às vezes para ajudar, mas quando vier ninguém poderá saber.

O rosto de Ben Weatherstaff se contorceu em um sorriso enrugado.

— Já vim aqui antes, e ninguém me viu — confessou ele.

— O quê? — espantou-se Colin. — Quando?

— A última vez que vim aqui — disse, coçando o queixo e olhando em volta — já faz uns dois ano.

— Mas ninguém esteve aqui nos últimos dez anos! — exclamou Colin. — Não havia porta!

— Pois eu fui esse ninguém — disse o velho Ben secamente. — E eu não entrei pela porta. Pulei o muro. O reumatismo não me deixou mais nos último dois ano.

— Cê veio e fez um pouco de poda! — Dickon interveio. — Eu não conseguia mesmo entender essa parte.

— Ela gostava tanto disso, como gostava! — continuou Ben Weatherstaff lentamente. — E ela era uma moça muito bonita. Uma vez ela me disse, sorrindo: “Ben, se eu ficar doente ou for embora, cê vai cuidar das minha roseira”. Quando ela foi embora, as ordem era que ninguém podia chegar perto daqui. Mas eu vinha — contou com uma obstinação mal-humorada. — Eu pulava o muro, até que o reumatismo não deixou mais... e eu trabalhava um pouco, uma vez por ano. Ela deu a sua ordem primeiro.

— O jardim taria ainda pior se ocê num tivesse vino — observou Dickon. — Eu bem que notei.

— Estou feliz que tenha feito isso, Weatherstaff — disse Colin. — Você saberá guardar segredo.

— Sim, pode deixar, senhor — respondeu Ben. — E vai ser mais fácil um homem com reumatismo entrar pela porta.

Mary deixou cair a espátula na grama perto da árvore. Colin estendeu a mão e a pegou. Uma expressão estranha surgiu em seu rosto e ele começou a cavoucar a terra. Sua mão magra estava fraca e Mary observou com interesse,

quase sem fôlego, quando ele enfiou a ponta da ferramenta no solo e a torceu para o lado.

— Você conseguiu! Você conseguiu! — disse Mary para si mesma. — Tenho certeza que sim!

Os olhos redondos de Dickon brilhavam com uma ávida curiosidade, mas ele não disse nada. Ben Weatherstaff observava com atenção.

Colin perseverou. Depois de revirar algumas colheradas de terra, comentou exultante com Dickon, em seu melhor Yorkshire.

— Cê disse que me faria andar por aqui igual às outra pessoa, e disse que eu ia cavar. Eu achava que cê só tava mentindo para me agradar. Hoje é só o primeiro dia e eu já andei. Agora olha só eu cavando.

O queixo de Ben Weatherstaff caiu novamente ao ouvir aquilo, mas logo disparou uma gargalhada.

— Eita! — divertiu-se. — Cê parece que tá em sã consciência agora. Cê é um rapaz de Yorkshire, te juro! E tá cavando, também. Que tal plantar um pouco de alguma coisa? Vou te dar uma roseira num vaso.

— Vá lá pegar! — pediu Colin, cavando com entusiasmo. — Rápido, rápido!

E, rapidamente, Ben Weatherstaff seguiu seu caminho, esquecendo-se do reumatismo. Dickon pegou sua pá e cavou um buraco mais fundo e mais largo do que o novo lavrador de mãos finas e brancas seria capaz. Mary foi correndo buscar um regador. Enquanto Dickon

aprofundava o buraco, Colin se manteve revirando a terra fofa. Olhou para o céu, corado e suado pelo novo esforço, por mais leve que fosse.

— Quero terminar antes que o sol se ponha — afirmou ele.

Mary pensou que talvez o sol se detivesse alguns minutos por bondade. Ben Weatherstaff trouxe uma roseira da estufa. Veio mancando sobre a grama apressado e animado. Então se ajoelhou perto do buraco e quebrou o vaso.

— Aqui, rapaz — disse ele, entregando a árvore para Colin. — Coloca na terra igual ao rei quando conquista uma terra nova.

As mãos finas e brancas tremeram um pouco, e o rubor de Colin ficou mais forte. O menino baixou a roseira e a segurou enquanto o velho Ben socava a terra na cova para que a muda de roseira fosse firmada. Mary estava inclinada para a frente, com as mãos sobre os joelhos. Fuligem desceu voando e marchou até perto deles. Nut e Shell conversavam sobre a cena do alto de uma cerejeira.

— Está plantada! — declarou Colin, finalmente. — E o sol ainda brilha. Ajude-me a levantar, Dickon. Quero estar de pé quando ele se for. Isto é parte da magia.

Dickon o ajudou, e o feitiço — ou seja lá o que for — lhe deu forças para que, mesmo após o sol desaparecer no horizonte e encerrar aquela tarde inusitada e adorável, ele continuasse em pé e sorrindo.

CAPÍTULO 23.

MAGIA

O dr. Craven já esperava há algum tempo quando eles chegaram na casa. Ele já ponderava se não seria sensato enviar alguém para procurá-los nos caminhos dos jardins. Quando Colin foi colocado de volta em seu quarto, o pobre homem olhou para ele seriamente.

— Você não deveria ter ficado tanto tempo — criticou ele. — Não pode se esforçar muito.

— Não estou nem um pouco cansado — retrucou Colin. — Me fez muito bem. Amanhã vou sair de manhã, e também à tarde.

— Não sei se posso permitir isso — advertiu o dr. Craven. — Acho que não seria muito sábio.

— Não seria sábio tentar me impedir — revidou Colin, muito sério. — Eu vou.

Até Mary descobrira que uma das principais peculiaridades de Colin era sua absoluta ignorância sobre a grosseria com que tratava as pessoas. Ele vivera toda a sua vida como o rei de uma espécie de ilha deserta, e desenvolvera modos próprios sem ninguém com quem pudesse se comparar. De fato, Mary era bastante parecida com ele, e desde que chegara a Misselthwaite descobrira aos poucos que seus próprios modos não eram comuns ou amigáveis. Ao fazer essa descoberta, ela naturalmente

pensou que fosse importante o suficiente para avisar Colin. Então, após o dr. Craven se retirar, ela se sentou e olhou para ele com curiosidade por alguns minutos. Queria que ele lhe perguntasse por que estava daquela maneira, e é claro que conseguiu.

— Por que está olhando para mim? — perguntou ele.

— Estou pensando que sinto pena do dr. Craven.

— Eu também — concordou Colin, calmamente, mas não sem um certo ar de satisfação. — Ele não vai mais herdar Misselthwaite, já que eu não vou mais morrer.

— Sinto por ele por causa disso, é claro — observou Mary —, mas eu estava pensando que deve ser terrível ter de ser gentil por dez anos com um menino sempre tão rude. Eu nunca aguentaria isso.

— Eu sou rude? — Colin perguntou, imperturbável.

— Se você fosse o filho dele e ele fosse o tipo de homem que bate em crianças — continuou Mary —, teria te dado um tapa.

— Mas ele não ousaria — revidou Colin.

— Não, ele não ousaria — respondeu dona Mary, refletindo sem se policiar. — Ninguém jamais se atreveu a fazer nada que você não gostasse, porque você ia morrer e coisas assim. Você era um coitadinho.

— Mas — anunciou Colin teimosamente — não serei mais um coitadinho. Não vou deixar que pensem isso de mim. Fiquei de pé sozinho hoje.

— É por fazer as coisas sempre do seu jeito que você é tão esquisito — concluiu Mary em voz alta.

Colin virou a cabeça, carrancudo.

— Eu sou esquisito? — disparou.

— É — respondeu Mary —, e muito. Mas você não precisa ficar zangado — continuou, com imparcialidade —, porque eu também sou... e Ben Weatherstaff também. Mas não sou mais tão esquisita como era antes de começar a gostar de pessoas e de encontrar o jardim.

— Não quero ser esquisito — disse Colin. — Não serei.
— E novamente franziu a testa com determinação.

Como era um menino muito orgulhoso, ficou pensando por um tempo, e então Mary viu seu lindo sorriso começar a mudar gradualmente todo o seu rosto.

— Vou parar de ser esquisito — anunciou ele —, se for todos os dias ao jardim. Há uma magia ali... um feitiço bom, sabe, Mary? Tenho certeza de que sim.

— Eu também — concordou Mary.

— Mesmo que não seja magia de verdade — disse Colin —, podemos fingir que é. Tem alguma coisa lá!

— É magia — insistiu Mary —, mas não negra. É branca como a neve.

Eles sempre chamaram a isso de magia e de fato parecia ser verdade nos meses que se seguiram, meses maravilhosos, radiantes e incríveis. As coisas que aconteceram naquele jardim! Quem nunca teve um jardim não pode entender, e mesmo quem já teve um precisaria de

um livro inteiro para descrever tudo o que aconteceu ali. A princípio, parecia que as coisas verdes nunca cessariam de abrir caminho na terra, na grama, nos canteiros e até mesmo nas fendas dos muros. Então elas começaram a mostrar seus botões, e os botões começaram a desabrochar e a mostrar suas cores, todos os tons de azul e de púrpura, todos os matizes e tons de carmesim. Em seus dias felizes, as flores eram vistas em cada centímetro, buraco e canto. Ben Weatherstaff notou aquilo e ele próprio raspou a argamassa de entre os tijolos dos muros e fez bolsões de terra para que os lindos ramos pendentes pudessem vicejar. Íris e lírios-brancos se erguiam da grama aos feixes, e as alcovas verdes se encheram de espantosos exércitos de lanças de flores azuis e brancas, de altos *delphiniums*, columbinas e campânulas.

— Ela gostava muito destes, gostava mesmo — contou Ben Weatherstaff. — Ela costumava dizer que gostava dessas coisa porque ficavam apontano pro céu azul. Não que ela não gostasse das coisa da terra... não, senhor. Ela amava tudo, mas dizia que os encanto do céu azul parecia mais alegre.

As sementes que Dickon e Mary plantaram cresceram como se cuidadas por fadas. Papoulas acetinadas de todos os matizes dançavam na brisa leve, desafiando alegremente as flores que viveram no jardim por anos e pareciam um tanto surpresas com a chegada de novas companheiras. E as roseiras, as rosas! Erguendo-se da

grama, emaranhadas em torno do relógio de sol, enroladas nos troncos das árvores e penduradas em seus galhos, subindo pelos muros, espalhavam-se como longas guirlandas em cascatas. Ganhavam ainda mais vida dia após dia, hora após hora. Lindas folhas frescas e botões e mais botões, minúsculos no início, mas inchando e realizando sua mágica até explodirem e se desenrolarem em copos, derramando perfume delicadamente de suas bordas e tomando o ar do jardim.

Colin olhava para tudo, observava cada nova mudança. Todas as manhãs, se não estivesse chovendo, ele era trazido para fora e passava todas as horas do dia no jardim. Mesmo os dias nublados o agradavam. Ele ficava deitado na grama “vendo as coisas crescerem”, como dizia. Se alguém observasse por tempo suficiente, declarava ele, era possível ver os botões se desembainhando. Além disso, era possível descobrir coisas estranhas, insetos ocupados em suas várias incumbências misteriosas, mas evidentemente sérias, às vezes carregando pequenos fiapos de palha, penas ou migalhas, ou escalando folhas de grama como se fossem árvores de cujos topos pudessem observar e mapear o território. Uma toupeira que escavava o montículo final de sua toca, finalmente abrindo caminho para fora com suas patas de unhas compridas que mais pareciam mãos de elfos, o absorvera por uma manhã inteira. As trilhas das formigas, dos besouros, das abelhas, dos sapos, dos pássaros, das plantas, deram-lhe um novo

mundo para explorar e então Dickon revelava outros mais, acrescentando as trilhas das raposas, das lontras, dos furões, dos esquilos, e os percursos das trutas, dos ratões-do-banhado e dos texugos. Não havia fim para assuntos e pensamentos.

E isto não era sequer a metade do feitiço. O fato de realmente ter se colocado em pé fez Colin pensar profundamente, e quando Mary lhe contou sobre o feitiço que ela havia entoado, ele ficou animado e o aprovou fervorosamente. Ele falava disso constantemente.

— É claro que deve haver muita magia no mundo — disse, sabiamente, certo dia —, mas as pessoas não sabem como ela é ou como fazê-la. Talvez o começo seja apenas dizer que coisas boas vão acontecer até que você as faça acontecer. Vou experimentar fazer isso.

Na manhã seguinte, quando foram ao jardim secreto, ele mandou chamar Ben Weatherstaff imediatamente. Ben veio o mais rápido que pôde e encontrou o rajá em pé sob uma árvore, muito imponente, mas também com um lindo sorriso.

— Bom dia, Ben Weatherstaff — cumprimentou. — Quero que você, Dickon e a srta. Mary se aproximem e me escutem, porque vou lhes contar algo muito importante.

— Sim, sim, senhor! — respondeu Ben Weatherstaff, tocando sua testa. (Um dos encantos há muito ocultos de Ben Weatherstaff era que, em sua infância, uma vez fugira

para fazer viagens ao mar. Portanto, às vezes ele respondia como um marujo.)

— Vou tentar um experimento científico — anunciou o rajá. — Quando eu crescer, farei grandes descobertas e vou começar agora com essa experiência.

— Sim, sim, senhor! — disse Ben Weatherstaff, de prontidão, embora aquela fosse a primeira vez em que ouvia falar de grandes experimentos científicos.

Também foi a primeira vez que Mary ouviu falar sobre aquilo, mas ainda assim percebeu que, mesmo estranho como era, Colin havia lido muito sobre coisas singulares e, de alguma forma, era um garoto muito convincente. Quando ele erguia a cabeça e fixava aqueles olhos estranhos nas pessoas, era impossível não acreditar nele, quase a despeito de si mesmo — embora ele tivesse apenas dez anos, quase onze. Naquele momento ele foi especialmente convincente pois sentia o fascínio de discursar como uma pessoa adulta.

— As grandes descobertas científicas que farei — continuou ele — serão sobre a magia. A magia é algo muito interessante, mas poucos sabem algo concreto sobre ela, exceto alguns autores de livros antigos... e Mary, um pouco, porque ela nasceu na Índia, onde moram os faquires. Acredito que Dickon saiba um pouco sobre feitiços, mas talvez não saiba que sabe. Ele encanta animais e pessoas. Eu nunca o teria deixado vir me ver se não fosse um encantador de animais... embora também

seja um menino encantador, porque um menino é um animal. Tenho certeza de que existe magia em tudo, só que não temos conhecimento suficiente para controlá-la e fazer com que ela faça coisas por nós, como a eletricidade e os cavalos a vapor.

Aquilo soou tão imponente que Ben Weatherstaff ficou muito animado e realmente não conseguia ficar parado.

— Sim, sim, senhor — ele dizia e se apurava.

— Quando Mary encontrou este jardim, ele parecia morto — prosseguiu o orador. — Então algo começou a empurrar plantas para fora do solo e criar coisas do nada. Um dia as coisas não estavam lá e em seguida estavam. Eu nunca tinha visto nada assim antes e fiquei muito curioso. Pessoas científicas são sempre muito curiosas e eu serei científico. Fico dizendo a mim mesmo: “Será mesmo? Será mesmo?”. Tem de significar alguma coisa. Não pode ser nada! Não sei qual é o nome, por isso chamarei de magia. Nunca vi o sol nascer, mas Mary e Dickon viram e, pelo que me disseram, tenho a certeza de que também é mágico. Algo o empurra e ele aparece. Às vezes, desde que vim para o jardim, olho para o céu por entre as árvores e tenho a estranha sensação de estar feliz, como se algo empurrasse e puxasse meu peito, fazendo minha respiração acelerar. A magia está sempre empurrando, puxando e fazendo coisas do nada. Tudo é feito de magia, folhas e árvores, flores e pássaros, texugos e raposas, esquilos e pessoas. Portanto,

ela deve estar ao nosso redor, neste jardim e em todos os lugares. A magia deste jardim me fez levantar e saber que vou viver para me tornar um homem. Vou fazer a experiência científica de tentar obter um pouco de magia e colocá-la dentro de mim mesmo e fazê-la me empurrar, me puxar e me fortalecer. Não sei como fazer, mas acho que quando nos concentramos e a invocamos, ela aparece. Talvez seja o melhor atalho até ela. Quando tentei ficar em pé pela primeira vez, Mary repetia para si mesma o mais rápido que podia: “Você consegue! Você pode!”, e eu consegui. Tive de me esforçar, é claro, mas a magia dela me ajudou, e a de Dickon também. Todas as manhãs e noites e sempre que me lembrar ao longo do dia, direi: “A magia vive em mim! A magia me faz bem! Serei forte como Dickon, forte como Dickon!”. E todos vocês devem fazer isso também. Esta será a minha experiência. Você me ajuda, Ben Weatherstaff?

— Sim, sim, senhor! — aceitou Ben Weatherstaff. — Sim, sim!

Mary interveio:

— Se fizer isso diariamente, como se fosse um soldado em treinamento, logo saberemos se o experimento teve sucesso. Nós aprendemos as coisas quando as repetimos e pensamos sobre elas até que fiquem gravadas em nossa mente para sempre. Acho que com a magia deve ser igual. Se ficarmos chamando e pedindo por sua ajuda, ela será parte de nós e fará as coisas acontecerem. Certa vez, ouvi

um oficial na Índia dizer à minha mãe que havia faquires que repetiam palavras infinitas vezes — revelou ela.

— Já ouvi a mulher de Jem Fettleworth repetir mil vez que seu marido era um bêbado e um bruto — disse Ben Weatherstaff secamente. — E aconteceu mesmo uma coisa. Ele deu uma boa surra nela e foi para a hospedaria Blue Lion beber como um gambá.

Colin franziu as sobrancelhas e pensou por alguns minutos. Então se animou.

— Bem — ele disse —, aconteceu algo mesmo. Ela usou o feitiço errado e acabou apanhando. Se ela tivesse usado o feitiço certo e dito algo bom, talvez ele não ficasse tão bêbado como um gambá e talvez... talvez ele comprasse um chapéu novo para ela.

Ben Weatherstaff deu uma risadinha, e havia uma admiração perspicaz em seus velhos olhos.

— Cê é um rapaz inteligente e direito igual às suas perna, patrão Colin — disse ele. — Da próxima vez que eu encontrar a Bess Fettleworth, vou dar essa dica de como usar a magia. Ela vai ficar feliz se o experimento cinetífico funcionar, e o Jem também.

Dickon ouviu o discurso todo, seus olhos brilhavam de curiosidade. Nut e Shell estavam em seus ombros e ele acariciava suavemente um coelho branco de orelhas compridas em seu colo. O animal encostava as orelhas nas costas, muito satisfeito.

— Você acha que a experiência vai funcionar? — Colin perguntou a ele, curioso para saber o que o amigo pensava. Muitas vezes ele se perguntava o que se passava pela cabeça de Dickon, quando o via olhando para ele ou para uma de suas criaturas com seu sorriso largo e feliz.

Dickon sorriu um sorriso mais largo que o normal.

— Acho — respondeu. — Acho mesmo. Vai funcionar igual às semente quando o sol bate nelas. Vai funcionar, sim. Vamos começar agora?

Colin ficou encantado e Mary também. Incentivado pela lembrança dos faquires e devotos religiosos das ilustrações, Colin sugeriu que todos se sentassem de pernas cruzadas sob a árvore que os protegia.

— Será como se sentar em uma espécie de templo — disse Colin. — Estou bastante cansado e quero me sentar.

— Eita! — repreendeu Dickon — Cê num pode começar dizem que tá cansado. Assim pode estragar a magia.

Colin se virou e encarou seus inocentes olhos redondos.

— Tem razão — disse ele lentamente. — Eu só devo pensar na magia.

Tudo pareceu ainda mais majestoso e misterioso quando eles se sentaram em círculo. Ben Weatherstaff sentiu-se como se de alguma forma tivesse sido levado a comparecer a um encontro da igreja. Normalmente, ele era bastante contrário ao que chamava de “reuniões de

oração”, mas neste caso, com o rajá, ele não se incomodou e parecia realmente satisfeito em participar. Dona Mary sentia-se em um êxtase solene. Dickon segurou seu coelho no braço, e talvez tenha feito algum encanto que ninguém ouviu, pois quando se sentou, de pernas cruzadas como o resto, o corvo, a raposa, os esquilos e o cordeiro lentamente se aproximaram para participar do círculo, cada em seu lugar sem a necessidade de comandos.

— As “criaturas” vieram — disse Colin gravemente. — Elas querem nos ajudar.

Colin estava realmente muito bonito, pensou Mary. Ele mantinha a cabeça erguida como uma espécie de sacerdote e seus olhos exóticos tinham uma aparência maravilhosa. A luz brilhou sobre ele através da copa das árvores.

— Agora vamos começar — anunciou. — Que tal balançarmos para a frente e para trás, Mary, como se fôssemos dervixes?

— Não posso balançar assim — disse Ben Weatherstaff. — Meu reumatismo.

— A magia levará isso embora — respondeu Colin em um tom de sumo sacerdote —, e não vamos balançar o tempo todo. Vamos apenas cantar.

— Não sei cantar — disse Ben Weatherstaff um tanto irritado. — Fui expulso do coro da igreja na única vez que tentei.

Ninguém riu. Estavam todos muito sérios. O rosto de Colin continuou impávido. Pensava apenas na magia.

— Então eu cantarei — disse ele. E começou, como o fantasma de um menino estranho. — O sol está brilhando, o sol está brilhando. Essa é a magia. As flores estão crescendo, as raízes se mexendo. Essa é a magia. Estar vivo é a magia, ser forte é a magia. A magia está em mim, a magia está em mim. Está em mim, está em mim. Está em cada um de nós. Está nas costas de Ben Weatherstaff. Magia! Magia! Venha nos ajudar!

Repetiu aquilo muitas vezes, se não mil vezes, perto disso. Mary ouvia em transe. Ela se sentia como se fosse ao mesmo tempo esquisita e bela e queria que o canto continuasse indefinidamente. Ben Weatherstaff começou a se sentir acalmado por uma espécie de sonho agradável. O zumbido das abelhas nas flores se misturou ao mantra de Colin e, sonolentamente, se transformou em um transe coletivo. Dickon estava sentado de pernas cruzadas com o coelho dormindo em seu braço e uma mão apoiada nas costas do cordeiro. Fuligem afastou um dos esquilos e se aninhou em seu ombro, a película cinza caiu sobre seus olhos. Por fim, Colin parou.

— Agora vou dar uma volta pelo jardim — anunciou.

A cabeça de Ben Weatherstaff acabara de cair para a frente e ele a ergueu com um solavanco.

— Você dormiu — disse Colin.

— Nada disso — murmurou Ben. — O sermão foi muito bom, mas quero escapar do díizimo.

Ele ainda não estava totalmente acordado.

— Você não está na igreja — disse Colin.

— Sei que não — Ben recompôs-se. — Quem disse que eu tava? Eu ouvi tudo direitinho. Cê disse que a magia tava nas minhas costa. O médico fala que é reumatismo.

O rajá acenou com a mão.

— Esse foi o feitiço errado — declarou ele. — Você vai melhorar. Você tem minha permissão para voltar ao seu trabalho. Mas venha de novo amanhã.

— Eu queria ver ocê andar pelo jardim — grunhiu Ben.

Não foi um grunhido hostil, mas ainda assim um grunhido. Na verdade, sendo um velho teimoso e completamente descrente na magia, decidiu que, se tivesse de ir embora, subiria na escada para espiar, para o caso de o menino cair e precisar de sua ajuda.

O rajá não se opôs à sua permanência e assim a procissão foi formada. Realmente parecia uma procissão. Colin ia à frente com Dickon de um lado e Mary do outro. Ben Weatherstaff caminhava atrás deles, e as criaturas os seguiam. O cordeiro e o filhote de raposa continuavam perto de Dickon, o coelho branco pulava ou parava para morder algo e Fuligem os seguia com a solenidade de um líder.

A procissão se moveu lenta, mas dignamente. A cada poucos metros, paravam para descansar. Colin apoiou-se

no braço de Dickon e Ben Weatherstaff manteve sua vigilância, mas de vez em quando Colin soltava a mão e dava alguns passos sozinho. Sua cabeça se manteve erguida o tempo todo e ele parecia muito imponente.

— A magia está em mim! — proferia ele. — A magia está me deixando forte! Eu posso sentir! Eu posso sentir!

Parecia muito certo que algo o sustentava e fortalecia. Sentou-se nos bancos das alcovas, e uma ou duas vezes sentou-se na grama e várias vezes parou no caminho e se apoiou em Dickon, mas não desistiu até dar uma volta completa no jardim. Quando voltou para a árvore costumeira, suas bochechas estavam rosadas e ele parecia triunfante.

— Eu consegui! A magia funcionou! — exclamou. — Esta é minha primeira descoberta científica.

— O que o dr. Craven vai dizer? — interrompeu Mary.

— Ele não vai dizer nada — Colin respondeu —, porque ele não vai saber. Este deve ser o maior segredo de todos. Ninguém deve saber nada sobre isso até que eu fique forte e possa andar e correr como um menino normal. Virei aqui todos os dias na minha cadeira e serei levado de volta nela. Não permitirei que as pessoas comentem e façam perguntas, e não deixarei meu pai saber sobre isso até que o experimento seja um sucesso completo. Então, algum dia, quando ele voltar para Misselthwaite, simplesmente entrarei em seu escritório e direi: “Aqui estou. Sou um menino como qualquer outro. Estou muito

bem e viverei para ser um homem. Tudo isso por causa de uma experiência científica”.

— Ele vai pensar que está sonhando — gritou Mary. — Ele não vai acreditar.

Colin corou, triunfante. Ele havia se convencido de que ficaria bom, o que era realmente mais da metade da batalha, se ele soubesse disso. E o pensamento que o estimulou mais do que qualquer outro foi imaginar como seria quando seu pai visse que tinha um filho tão forte e robusto como os filhos de outros pais. Um de seus sofrimentos mais sombrios, nos últimos dias de doença e morbidez, era seu ódio em ser um menino de dorso fraco cujo pai tinha medo até de olhar.

— Ele será obrigado a acreditar — disse ele. — Uma das coisas que vou fazer, depois que a magia funcionar e antes de começar a fazer descobertas científicas, é ser atleta.

— Vamo levar ocê no boxe daqui uma semana — brincou Ben Weatherstaff. — Cê vai ganhar o cinturão de campeão da Inglaterra inteira.

Colin fixou os olhos nele severamente.

— Weatherstaff — disse ele —, isto é desrespeitoso. Você não deve tomar liberdades porque estamos em segredo. Por mais que a magia funcione, não serei um boxeador premiado. Serei um explorador científico.

— Perdão, perdão, senhor — desculpou-se Ben, tocando a testa em saudação. — Eu devia saber que não era

motivo pra brincadeira. — Mas seus olhos brilharam demonstrando estar imensamente satisfeito. Ben realmente não se importava de ser repreendido, pois significava que o rapaz estava ganhando força e espírito.

CAPÍTULO 24.

“DEIXE QUE RIAM”

O jardim secreto não era o único em que Dickon trabalhava. Atrás da cabana, na charneca, havia um pedaço de terra cercado por um muro baixo de pedras rústicas. No início da manhã e no final do crepúsculo, e em todos os dias em que Colin e Mary não o viam, Dickon trabalhava lá plantando ou cuidando de batatas, repolhos, nabos, cenouras e hortaliças para sua mãe. Ele fazia maravilhas na companhia de suas criaturas e, aparentemente, nunca se cansava delas. Enquanto cavava ou capinava, assobiava e cantava trechos de canções de Yorkshire, conversava com Fuligem ou Capitão ou com os irmãos e irmãs que ensinara a ajudá-lo.

— A gente nunca teve uma fartura assim — observou a sra. Sowerby —, e tudo por causa do Dickon. Ele faz crescer qualquer coisa. Suas batata e repolho têm o dobro do tamanho normal e um sabor sem igual.

Quando ela tinha algum momento livre, gostava de sair e conversar com ele. Depois do jantar, ainda havia um longo e claro crepúsculo para se trabalhar e aquele era seu momento de silêncio. Ela se sentava na mureta rústica para observar e ouvir as histórias do dia e adorava cada momento. Não havia apenas vegetais naquele jardim. Às vezes Dickon comprava pacotes de sementes baratas e

cultivava flores acetinadas e perfumadas entre os arbustos de groselha e repolhos e, nas beiradas, minhonetes, rosas, amores-perfeitos e outras cujas sementes ele poderia guardar por anos, cujas raízes floresceriam a cada primavera e se espalhavam com o tempo em delicados tufos. A mureta era uma das coisas mais belas de Yorkshire, porque ele enfiara dedaleiras, samambaias, agrião e flor-de-sebe em todas as fendas até que apenas muito pouco das pedras nuas pudesse ser visto.

— Só o que tem de fazer pra eles prosperar, mãe — dizia ele —, é ser amigo deles, só isso. Eles são exatamente como as outra criatura. Se tiverem sede, a gente dá de beber e se tiverem fome, a gente dá um pouco de comida. Eles quer viver igual nós. Se eles morrem, eu me sinto como um menino mau que não tratou deles com amor.

Foi em uma dessas horas de crepúsculo que a sra. Sowerby se inteirou de tudo o que acontecia na Mansão Misselthwaite. A princípio, ela apenas fora informada de que o “patrão Colin” havia gostado de sair com a srta. Mary e que aquilo lhe fizera bem. Mas não demorou muito para que as duas crianças concordassem que a mãe de Dickon poderia “compartilhar do segredo”. De alguma forma, não havia dúvidas de que ela era “muito de confiança”.

Então, numa bela e tranquila noite, Dickon contou a história com todos os detalhes emocionantes, sobre a chave enterrada, o pisco e o véu cinzento que cobria o jardim e fazia tudo parecer morto, e o segredo que dona

Mary planejara nunca revelar, sobre como ela compartilhou seu segredo com Dickon, os receios do patrão Colin e o drama final de sua introdução ao território oculto, combinados com o incidente do rosto furioso de Ben Weatherstaff por cima do muro e a repentina força revoltada do patrão Colin... tudo isso fez o belo rosto da sra. Sowerby mudar de cor várias vezes.

— Te juro! — ela disse. — Aquela mocinha ter chegado na mansão foi uma coisa muito boa. Foi o que deixou ela melhor e o que salvou ele. Ficando em pé! E a gente aqui pensando que ele era um pobre coitado retardado sem nenhum osso reto.

Ela fez muitas perguntas e seus olhos azuis se enchiam de pensamentos profundos.

— O que eles acha disso na mansão, dele ter ficado tão bom e feliz que não reclama mais? — ela perguntou.

— Eles não sabe o que fazer — respondeu Dickon. — O rosto dele fica melhor a cada dia. Tá engordano e não parece mais tão ossudo. A cor de cera tá sumino. Mas ele precisa continuar reclamano um pouco — completou com um sorriso bastante distraído.

— Pra que isso, misericórdia? — espantou-se a sra. Sowerby.

Dickon deu uma risadinha.

— Pra ninguém adivinhar o que tá acontecendo. Se o médico descobre que agora ele fica de pé, vai escrever e contar pro patrão Craven. O patrão Colin tá guardano o

segredo pra ele mesmo contar. Ele vai praticar magia nas perna todos os dia até o pai voltar e então ele vai marchar até o quarto dele e mostrar que ele é reto igual aos outro rapaz. Ele e a srta. Mary acha que é melhor pro plano fingir um pouco de gemido e irritação por enquanto, pra despistar as pessoa.

A sra. Sowerby disfarçava uma risada baixa e divertida muito antes de ele terminar a última frase.

— Eita! — ela disse. — Aqueles dois tão se divertino, isso eu garanto. Eles vão se divertir muito ainda e num tem nada que criança goste mais do que faz-de-conta. Conta pra gente o que eles faz, Dickon, meu menino. — Dickon parou de arrancar ervas daninhas e sentou-se sobre os calcanhares para contar a ela. Seus olhos brilhavam de alegria.

— Nós leva o patrão Colin na sua cadeira toda vez que saímos — explicou ele. — E ele fica bravo com o John, o empregado, por não carregar ele com cuidado. Ele finge que tá muito frágil ainda e nunca levanta a cabeça até a gente ficar fora da vista dos criado. E ele grunhe e se irrita um pouco quando tá sentado na cadeira. Ele e a srta. Mary se diverte quando ele geme e reclama, ela fala: “Pobre Colin! Dói muito? Você é muito frágil, não é, Colin?”. Mas o problema é que às vez eles mal consegue segurar as gargalhada. Quando tamo seguro dentro do jardim, eles ri até ficar sem fôlego. E eles têm de enfiar os rosto nas

almofada do patrão Colin senão os jardineiro ouve, caso algum deles seja por lá.

— Quanto mais risada, melhor para eles! — comentou a sra. Sowerby, ainda rindo. — Criança boa e saudável rindo todo dia é melhor do que remédio uma vez por ano. Esses dois vão engordar, ô se vão.

— Eles tão engordano — disse Dickon. — Eles têm tanta fome que não sabe como conseguir mais comida sem ninguém descobrir. O patrão Colin fala que se ele ficar pedino mais comida, ninguém mais vai acreditar que é inválido. A srta. Mary fala que ela vai deixar ele comer a parte dela, mas ele fala que se ela passar fome vai emagrecer e que os dois precisa engordar junto.

A sra. Sowerby riu tanto com a revelação dessa dificuldade que se balançou para frente e para trás em seu manto azul, e Dickon riu com ela.

— Vou te contar uma coisa, rapaz — disse a sra. Sowerby, quando conseguiu falar. — Pensei num jeito de ajudar. Quando cê for lá de manhã, cê pega um bom balde de leite novo e eu vou assar um pão caseiro e uns bolinho de groselha, do jeito que cês gosta. Nada é melhor que leite fresco e pão. Então, eles pode matar a fome no jardim e a comida boa que eles come lá só vai encher mais as barriga deles.

— Eita! Mãe! — Dickon ficou exultante — Que maravilha que cê é! Cê sempre tem uma saída pras coisa. Eles tavam bastante incomodado ontem. Eles não sabia

como iam se virar pra pedir mais comida, porque eles tavam com aquele vazio por dentro.

— Eles são dois jovem crescono rápido, e a saúde tá voltano pros dois. Criança assim parece lobo filhote, e comida é carne e sangue pra eles — observou a sra. Sowerby. Então ela sorriu o mesmo sorriso curvo de Dickon. — Eita! Mas eles tão se divertino, com certeza — disse ela.

Ela estava muito certa — aquela maravilhosa e amável criatura-mãe — ao dizer que a brincadeira de faz-de-conta só aumentaria a felicidade. Para Colin e Mary, aquela era uma de suas fontes de diversão mais importantes. A ideia de se protegerem das suspeitas foi inconscientemente sugerida a eles primeiro pela intrigada enfermeira e depois pelo próprio dr. Craven.

— Seu apetite está muito melhor, patrão Colin — comentou a enfermeira um dia. — Você não comia nada e só reclamava de tudo.

— Agora não reclamo mais de nada — respondeu Colin. Ao notar a enfermeira encarando-o com curiosidade, lembrou-se de que talvez ele não devesse demonstrar estar tão bem ainda. — Pelo menos as coisas não me irritam mais tanto. É o ar fresco.

— Talvez seja — disse a enfermeira, ainda com uma expressão confusa. — Mas preciso falar com o dr. Craven sobre isso.

— Ela ficou te encarando! — disse Mary quando ela saiu. — Como se achasse que há algo para descobrir.

— Não vou deixar que ela descubra nada — afirmou Colin. — Ninguém vai descobrir nada ainda.

Quando o dr. Craven chegou naquela manhã, também parecia confuso. Fez uma série de perguntas, para grande aborrecimento de Colin.

— Você fica muito tempo no jardim — comentou ele.
— Onde você fica?

Colin assumiu seu ar favorito de completa indiferença à opinião alheia.

— Não quero que ninguém saiba aonde eu vou — respondeu ele. — Fico em um lugar que gosto muito. Todo mundo tem ordens para ficar longe. Não quero ser vigiado e encarado. Você sabe disso!

— Você fica fora o dia todo, mas não acho que isso fez mal a você, não mesmo. A enfermeira diz que você tem comido muito melhor do que antes.

— Talvez — disse Colin, movido por uma inspiração repentina —, mas talvez seja um apetite antinatural.

— Eu não acho. A comida parece agradar você — observou o dr. Craven. — Você está ganhando peso rapidamente e sua cor está melhor.

— Talvez... quem sabe não estou inchado de febre — sugeriu Colin, assumindo um ar desanimador e melancólico. — Pessoas que não vão viver muitas vezes ficam... diferentes. — O dr. Craven balançou a cabeça. Ele

segurava o pulso de Colin, então arregaçou a manga e apertou seu braço.

— Você não está febril — disse ele, pensativo —, e o peso que você ganhou é saudável. Se continuar assim, meu menino, não precisaremos mais falar em morte. Seu pai ficará feliz em saber dessa notável melhora.

— Não permito que ele saiba! — Colin irrompeu ferozmente. — Só vai desapontá-lo se eu piorar de novo... e posso piorar esta noite. Posso ficar com uma febre alta. Sinto como se ela já estivesse começando agora. Não quero nenhuma carta enviada ao meu pai! Não quero, não quero! Você está me deixando com raiva e sabe como isso é ruim para mim. Já estou até com calor. Odeio que escrevam e que falem sobre mim tanto quanto odeio ser observado!

— Shhh! Meu garoto — o dr. Craven o acalmou. — Nada será enviado sem a sua permissão. Você é muito sensível a respeito das coisas. Não desperdice o bem que já foi feito.

O médico não disse mais nada sobre escrever para o sr. Craven, e quando viu a enfermeira, advertiu-a em particular de que tal possibilidade não deveria ser mencionada ao paciente.

— O menino está extraordinariamente melhor — observou ele. — Seu avanço parece quase anormal. Está claro que agora faz por conta própria o que não podíamos obrigá-lo a fazer antes. Mesmo assim, ele ainda se irrita com muita facilidade e devemos evitar isso a qualquer

custo. — Mary e Colin ficaram muito alarmados e conversaram ansiosamente. Foi a partir desse acontecimento que iniciaram seu plano de faz-de-conta.

— Talvez fosse bom eu ter um acesso de raiva — disse Colin, com pesar. — Não quero e nem estou infeliz o suficiente para simular um. Acho que nem conseguiria. Aquele carço não aparece mais na minha garganta e só penso em coisas boas, em vez das terríveis. Mas se falarem sobre escrever ao meu pai, terei de fazer alguma coisa.

Decidiram comer menos, mas infelizmente não foi possível concretizar essa ideia brilhante, pois a mesa posta perto do seu sofá, todas as manhãs, os faziam acordar com um apetite insaciável: um desjejum de pão caseiro e manteiga fresca, ovos brancos como a neve, geleia de framboesa e creme de leite. Mary sempre tomava seu café da manhã com Colin e, quando se encontravam à mesa — principalmente se houvesse fatias de presunto fumegante exalando seu aroma debaixo da tampa de prata —, entreolhavam-se desesperados.

— Acho que teremos de comer tudo esta manhã, Mary — Colin sempre terminava dizendo. — Podemos deixar sobrar um pouco do almoço e uma parte maior do jantar.

Mas eles nunca conseguiam mandar nada de volta e os pratos eram devolvidos à copa tão vazios e limpos que despertavam muitos comentários.

— Eu gostaria — Colin dizia também — que as fatias de presunto fossem mais grossas, sem contar que apenas um muffin para cada um não é suficiente.

— É o suficiente para uma pessoa que vai morrer — respondeu Mary quando ouviu isso pela primeira vez —, mas não é o suficiente para uma pessoa que vai viver. Às vezes, sinto como se pudesse comer três deles, quando o aroma das urzes frescas e do tojo da chameca entram pela janela aberta.

Na manhã em que Dickon — depois de terem se divertido no jardim por cerca de duas horas — tirou de trás de uma grande roseira dois baldes de lata e revelou que um estava cheio de leite fresco coberto de nata, e o outro guardava pãezinhos de groselha feitos em casa, envolvidos cuidadosamente em um guardanapo azul e branco, e ainda quentes, houve um tumulto de alegria e surpresa. Que ideia maravilhosa a da sra. Sowerby! Que mulher gentil e inteligente ela devia ser! Como os pães eram gostosos! E que leite fresco delicioso!

— A magia vive nela assim como em Dickon — disse Colin. — Isso a faz pensar em maneiras de fazer coisas... coisas boas. Ela é uma pessoa mágica. Diga a ela que somos gratos, Dickon, extremamente gratos. — Ele costumava usar frases um tanto adultas, às vezes. E gostava delas. Gostava tanto que as praticava.

— Diga a ela que tem sido muito generosa e que nossa gratidão é extrema.

E então, esquecendo-se de sua altivez, se empanturrrou de pãezinhos e bebeu leite do balde aos goles, como qualquer menino faminto que se exercita e respira o ar da charneca e cujo café da manhã já havia sido consumido mais de duas horas atrás.

Aquele seria o primeiro de muitos outros agradáveis acontecimentos similares. Mas eles despertaram para o fato de que, como a sra. Sowerby tinha quatorze pessoas para alimentar, ela poderia não ter o suficiente para satisfazer outros dois apetites extras. Então, pediram a ela que os deixasse enviar alguns de seus xelins para comprar mais ingredientes.

Dickon fez a estimulante descoberta de que no bosque do parque fora do jardim, onde Mary o encontrara pela primeira vez cantando para as criaturas selvagens, havia um pequeno buraco profundo onde se poderia construir uma espécie de forno com pedras, e assar batatas e ovos. Ovos assados eram um luxo até então desconhecido e batatas quentes com sal e manteiga fresca eram adequadas para um rei da floresta — além de serem deliciosas. Assim, poderiam comprar batatas e ovos e comer o quanto quisessem, sem a sensação de estar tirando comida da boca de quatorze pessoas.

Em todas as belas manhãs, a magia era praticada pelo círculo místico sob a ameixeira, que fornecia uma copa de folhas verdes cada vez mais espessa após seu breve período de floração. Depois da cerimônia, Colin sempre fazia seus

exercícios de caminhada e, ao longo do dia, exercia de quando em quando seu poder recém-descoberto. Ele ficava mais forte, andava com mais firmeza e chegava mais longe. E a cada dia sua crença na magia se fortalecia, como era de se esperar. Ele fazia experiência após experiência e sentia que ganhava forças, mas foi Dickon quem lhe ensinou a melhor de todas elas.

— Ontem — disse ele certa manhã após uma ausência — fui até Thwaite pra mãe e perto da estalagem Blue Cow eu vi o Bob Haworth. Ele é o sujeito mais forte da charneca. Ele é campeão de luta livre, pula mais alto que qualquer um e joga o martelo mais longe. Ele até foi pra Escócia competir algumas vez. Ele me conhece desde pequeno e é um homem gentil. E eu enchi ele de pergunta. Os estudado chama ele de atleta e eu pensei em ocê, patrão Colin. Eu falei: “Como cê fez pros seus músculo ficar assim, Bob? Fez alguma coisa a mais pra eles ficar assim tão forte?” E ele falou: “Olha, sim, rapaz, eu fiz. Um homem forte em um circo que veio pra Thwaite uma vez me mostrou como exercitar os braço, as perna e todos os músculo do corpo”. E eu falei: “Um sujeito delicado fica mais forte fazeno isso, Bob?”. E ele riu e falou: “Ocê é o sujeito delicado?”. E eu falei: “Não, mas conheço um jovem cavalheiro que tá sarano de uma longa doença e queria aprender algum truque desses pra contar pra ele”. Eu não disse nenhum nome e ele num perguntou nada. Foi muito simpático, se

levantou e me mostrou de um jeito bem-humorado, e imitei o que ele fez até decorar.

Colin ouvia com entusiasmo.

— Você pode me mostrar? — pediu.

— Mostro sim — respondeu Dickon, levantando-se. — Mas ele falou pra começar devagar e ter cuidado para não cansar. Descansar entre os exercício, respirar fundo e não exagerar.

— Vou tomar cuidado — prometeu Colin. — Mostre! Mostre! Dickon, você é o menino mais mágico do mundo!

Dickon levantou-se no gramado e lentamente fez uma série de exercícios musculares cuidadosamente, todos muito simples. Colin observou com olhos arregalados. Alguns ele até poderia fazer sentado. Então, já sobre pés mais firmes, começou a treinar ao lado de Mary. Fuligem, que assistia à apresentação, ficou inquieto e voou de seu galho porque não conseguia imitá-los.

Desde então, os exercícios faziam parte das tarefas do dia assim como a magia. Colin e Mary ficavam melhores a cada sessão, e os resultados foram apetites tais que, sem a cesta que Dickon escondia atrás das moitas todas as manhãs, teriam sido descobertos. Mas o pequeno forno e os agrades da sra. Sowerby eram tão engenhosos que a sra. Medlock, a enfermeira e o dr. Craven novamente ficaram perplexos. É possível ficar sem tomar café da manhã e desdenhar do jantar quando se está cheio até as bordas

com ovos e batatas assadas, leite fresco, bolos de aveia, pãezinhos, mel de urze e creme de leite.

— Eles não estão comendo quase nada — disse a enfermeira. — Vão morrer de fome se não forem convencidos a ingerir um pouco de alimento. Mas mesmo assim, veja como estão.

— Veja! — exclamou a sra. Medlock, indignada. — Eita! Esses dois ainda vão acabar comigo. É um casal de jovens demônios. Nem cabem mais em seus casacos e ainda torcem o nariz para as melhores refeições que a cozinheira prepara. Sequer encostaram o garfo naquele delicioso frango com molho de ontem, e a pobre mulher inventou um pudim só para eles. Devolveram inteiro. Ela quase chorou. Ela tem medo de ser culpada se acabarem morrendo de fome.

O dr. Craven chegou e examinou Colin longa e cuidadosamente. Ele tinha uma expressão extremamente preocupada quando conversou com a enfermeira e ela lhe mostrou a bandeja do café da manhã quase intocada. Mas ficou ainda mais preocupado quando se sentou ao lado do sofá de Colin e o examinou. Ele havia viajado a negócios para Londres e não via o menino há quase duas semanas. Quando os jovens começam a ficar saudáveis, os resultados são muito rápidos. O tom de cera havia desaparecido e a pele de Colin deixava transparecer um leve tom rosado; seus belos olhos estavam claros e as cavidades sob eles e em suas bochechas e têmporas haviam sido preenchidas.

Seus cabelos, antes escuros e pesados, pareciam brotar macios e cheios de vida de sua testa. Seus lábios engrossaram e agora tinham uma cor mais normal. Na verdade, sua imitação de menino inválido era vergonhosa. O dr. Craven apoiou a mão em seu queixo e refletiu sobre ele.

— Lamento saber que você não come nada — disse ele.

— Não pode continuar assim. Você vai perder tudo o que ganhou, e você melhorou muito. Você comia tão bem até pouco tempo atrás.

— Eu avisei que era um apetite anormal — respondeu Colin.

De seu banquinho ali perto, Mary deixou escapar um som muito estranho que tentou reprimir e quase acabou engasgando.

— O que foi? — perguntou o dr. Craven, virando-se para ela.

Mary tornou-se bastante rígida em seus modos.

— Foi algo entre um espirro e uma tosse — respondeu ela com uma dignidade reprovadora — que acabei engolindo.

— Quase não consegui me conter — disse ela depois para Colin. — Só explodi porque de repente me lembrei daquela última batata enorme que você comeu e de como sua cara ficou para mastigar a deliciosa crosta com geleia e creme.

— Existe alguma maneira deles conseguirem comida secretamente? — o dr. Craven perguntou à sra. Medlock.

— Não tem jeito, a menos que escavem a terra ou comam árvores — respondeu ela. — Eles ficam no jardim o dia todo sozinhos. Se quisessem comer algo diferente do que é enviado, bastaria que pedissem.

— Bem — disse o dr. Craven —, contanto que ficar sem comida seja o desejo deles, não precisamos nos preocupar. O menino é uma nova criatura.

— A menina também — disse a sra. Medlock. — Ela está cada vez mais bonita desde que engordou e se livrou daquela sua aparência feia e azeda. Seu cabelo está grosso e saudável e sua pele agora é sedosa. Era a coisinha mais taciturna e mal-humorada que já vi e agora ela e o patrão Colin riem juntos como um casal de malucos. Talvez estejam engordando de rir.

— Talvez — disse o dr. Craven. — Deixe que riam.

CAPÍTULO 25.

A CORTINA

E o jardim secreto florescia sem parar, revelando novos milagres a cada manhã. No ninho do pisco havia ovos e sua companheira acomodou-se ali com seu peitinho emplumado e asas cuidadosas para mantê-los aquecidos. No início ela estava muito nervosa e o pisco vigiava de maneira ostensiva. Nem mesmo Dickon se aproximou daquele canto durante dias, esperando que algum feitiço misterioso e silencioso avisasse ao pequeno casal que não havia nada com que se preocupar naquele jardim, nada que não entendesse a maravilha do que estava acontecendo com eles — a imensa, terna, avassaladora, incrível beleza e importância que os ovos significavam. Não havia ninguém naquele jardim que não soubesse, em seu íntimo, que se um ovo fosse levado ou quebrado, o mundo inteiro se reviraria e acabaria em desgraça. Se houvesse alguém que não sentisse e agisse de acordo, não poderia haver felicidade naquela brisa dourada da primavera. Mas todos sabiam e sentiam o mesmo, e o pisco e sua companheira também.

A princípio, o pisco desconfiava bastante de Mary e Colin. Por alguma razão misteriosa, ele sabia que não precisava se preocupar com Dickon. No primeiro momento em que pôs seu olho negro e brilhante como orvalho em

Dickon, entendeu que não era um estranho, mas uma espécie de pisco sem bico nem penas. Ele sabia falar pisco (que é uma língua bastante distinta e não deve ser confundida com nenhuma outra). Falar pisco com um pisco é como falar francês com um francês. Dickon sempre falava pisco com o pássaro, então o estranho jargão que usava quando conversava com humanos não importava nada. O pisco-de-peito-ruivo achava que ele falava aquela língua com os outros porque não eram inteligentes o suficiente para entender o idioma emplumado. Seus movimentos também eram de pisco. Eles nunca se assustaram mutuamente, sendo estabados a ponto de parecerem perigosos ou ameaçadores. Qualquer pisco poderia entender Dickon, então sua presença não era nem mesmo incômoda.

Mas no início pareceu necessário ficar atento aos outros dois. Em primeiro lugar, o animal-menino não entrara no jardim com suas pernas. Ele fora empurrado até lá sobre uma coisa com rodas e estava coberto por peles de animais selvagens. Isso por si só seria digno de desconfiança. Então, quando ele começou a se levantar e a se mover de um modo estranho, os outros pareciam ter de ajudá-lo. O pisco costumava se camuflar em um arbusto e observar aquilo tudo ansiosamente, inclinando sua cabeça primeiro para um lado e depois para o outro. Ele pensou que os movimentos lentos significavam que ele se preparava para atacar, como fazem os gatos. Quando os

gatos vão atacar, eles rastejam pelo chão muito lentamente. O pisco conversou sobre isso com sua companheira por vários dias, mas depois decidiu não comentar mais nada, pois o terror dela era tão grande que podia ser prejudicial aos ovos.

Quando o menino começou a andar sozinho e cada vez mais rápido, foi um alívio imenso. Mas por muito tempo — ou pareceu muito tempo para o pisco — ele continuou sendo fonte de certa atenção. Ele não agia como os outros humanos. Parecia gostar muito de andar, mas tinha um jeito desengonçado de se sentar ou deitar e depois se levantava para começar de novo.

Um dia, o pisco se lembrou que, quando ele mesmo aprendera a voar, fazia quase a mesma coisa. Começou arriscando voos curtos de poucos metros e então era obrigado a descansar. Ocorreu a ele que o menino estava aprendendo a voar — ou melhor, a andar. Mencionou isso para sua companheira e quando disse a ela que os ovos provavelmente se comportariam da mesma maneira quando tivessem penas, ela ficou mais consolada e até mesmo interessada, e teve grande prazer em observar o menino por sobre a borda de seu ninho — embora pensasse que seus ovos seriam muito mais inteligentes e aprenderiam mais rápido. Mas então ela disse, compreensiva, que os humanos sempre foram mais desajeitados e lentos que ovos e a maioria deles

claramente nunca aprendera a voar. Nunca se viu um deles no ar ou no topo das árvores.

Depois de um tempo, o menino já se movia como os outros, mas as três crianças às vezes faziam coisas incomuns. Ficavam sob as árvores e moviam seus braços, pernas e cabeças de um modo que não era caminhar, nem correr, nem sentar. Faziam esses movimentos em intervalos, todos os dias, e o pisco nunca conseguia explicar aquilo à sua companheira. A única coisa de que tinha certeza era que seus ovos nunca se movimentariam daquela maneira; mas como o menino que falava pisco com tanta fluência os imitava, os pássaros deduziram que as ações não eram perigosas. É claro que nem o pisco nem sua companheira jamais ouviram falar do campeão Bob Haworth e de seus exercícios para fortalecer músculos. Piscos não são como seres humanos; seus músculos são exercitados desde o nascimento e se desenvolvem de maneira natural. Se alguém precisa voar para encontrar cada refeição, seus músculos nunca se atrofiarão (atrofiar significa ficar frágil por falta de uso).

Quando o menino passou a andar, correr, cavar e remover ervas daninhas como os outros, o ninho no canto do jardim foi tomado por grande paz e alegria. O medo pelos ovos tornou-se coisa do passado. Saber que seus ovos estavam tão seguros como se estivessem em um cofre de banco e o fato de poder assistir às coisas curiosas que aconteciam tornou o ambiente muito divertido. Nos dias

de chuva, a mãe dos ovos até se sentia um pouco entediada, sem as crianças no jardim.

Mas, mesmo em dias chuvosos, não se podia dizer que Mary e Colin ficavam entediados. Certa manhã, uma chuva caía sem parar e Colin estava um pouco inquieto, obrigado a permanecer no sofá sem se levantar ou caminhar. Então Mary teve uma inspiração.

— Agora que sou um menino de verdade — dissera Colin —, minhas pernas e braços e todo o meu corpo estão tão cheios de magia que não consigo mantê-los parados. Eles querem fazer coisas o tempo todo. Sabia que quando acordo de manhã, Mary, quando é bem cedo e os pássaros estão cantando lá fora e tudo parece gritar de alegria, até as árvores e coisas que não podemos realmente ouvir, sinto como se tivesse de pular da cama e gritar junto. Imagine o que aconteceria aqui se eu fizesse isso!

Mary deu uma gargalhada exagerada.

— A enfermeira viria correndo e a sra. Medlock também, e teriam certeza de que você enlouqueceu e chamariam o médico — divertiu-se ela.

Colin riu. Ele podia ver todos horrorizados com sua aparente loucura e surpresos por vê-lo em pé.

— Gostaria que meu pai voltasse para casa — disse. — Quero muito contar a ele. Não paro de pensar nisso, mas então muita coisa mudaria. Não consigo ficar parado, deitado e fingindo e, além disso, estou muito diferente. Gostaria que não estivesse chovendo hoje.

Foi então que dona Mary teve sua inspiração.

— Colin — ela começou, misteriosamente —, você sabe quantos quartos há nesta casa?

— Uns mil, eu acho — respondeu ele.

— Há cerca de cem onde ninguém entra — disse Mary.
— E num dia chuvoso como este eu entrei em vários deles. Ninguém nunca soube, embora a sra. Medlock quase tenha me pegado de surpresa. Eu me perdi na volta e parei no final do seu corredor. Foi a segunda vez em que ouvi você chorar.

Colin se endireitou no sofá.

— Cem quartos onde ninguém entra — repetiu ele. — Quase parece um jardim secreto. Que tal irmos dar uma olhada neles? Você me empurra na cadeira e ninguém saberá que fomos.

— Foi isso o que eu pensei — Mary animou-se. — Ninguém se atreveria a nos seguir. Você pode correr nas galerias. Podemos fazer nossos exercícios. Há uma pequena sala indiana com um armário cheio de elefantes de marfim. Há quartos de todo tipo.

— Toque a campainha — pediu Colin.

Quando a enfermeira entrou, ele deu suas ordens.

— Quero minha cadeira — ordenou ele. — A srta. Mary e eu vamos averiguar a parte da casa que não é usada. John pode me empurrar até a galeria de retratos porque há algumas escadas no caminho. Então ele deve ir embora e nos deixar em paz até que eu mande chamá-lo novamente.

Os dias chuvosos deixaram de ser odiados naquela manhã. Quando o empregado empurrou a cadeira até a galeria e lá deixou os dois, em obediência às ordens, Colin e Mary se entreolharam maravilhados. Assim que Mary se certificou de que John havia realmente descido para os cômodos dos criados, Colin se levantou da cadeira.

— Vou correr de uma ponta a outra da galeria — disse ele — e depois vou pular e então faremos os exercícios de Bob Haworth.

E fizeram essas coisas e muitas outras. Olharam para os retratos e encontraram a garotinha comum vestida de brocado verde com o papagaio em seu dedo.

— Todos eles — deduziu Colin — devem ser meus parentes. Eles viveram há muito tempo. Aquela do papagaio, eu acho, é uma das minhas tias-bisavós. Ela se parece muito com você, Mary. Não como você é agora, mas como parecia quando chegou aqui. Agora você está muito mais gorda e bonita.

— Você também — disse Mary, e ambos riram.

Eles foram para a sala indiana e se divertiram com os elefantes de marfim. Encontraram o *boudoir* de brocado rosa e o buraco roído na almofada, mas os filhotes já haviam deixando o ninho vazio. Eles viram mais quartos e fizeram mais descobertas do que Mary havia feito em sua primeira peregrinação. Encontraram novos corredores, cantos, lances de escada, novos retratos antigos de que gostaram e coisas velhas e estranhas que não sabiam para

que serviam. Foi uma manhã divertida e a sensação de perambular na mesma casa com outras pessoas — mas ao mesmo tempo sentir como se estivessem a quilômetros de distância — era algo fascinante.

— Estou feliz por termos vindo — comentou Colin. — Eu nunca soube que morava em um lugar tão antigo, grande e estranho. Eu gosto. Vamos perambular em todos os dias de chuva. Sempre encontraremos novos cantos e coisas esquisitas.

Naquela manhã, entre tantas coisas, também encontraram um apetite tão grande que, ao voltarem para o quarto de Colin, foi impossível mandar o almoço de volta intocado.

A enfermeira levou a bandeja escada abaixo e bateu com ela no balcão da copa para que a sra. Loomis, a cozinheira, visse os pratos e bandejas completamente vazios.

— Olhe só! — exclamou ela. — Esta casa é um mistério, e essas duas crianças são os dois maiores mistérios dela.

— Se fosse assim todos os dias — disse o jovem e forte John —, não seria de se admirar se pesassem hoje o dobro do que pesavam há um mês. Eu teria de pedir demissão, com medo de machucar as minhas costas.

Naquela tarde, Mary percebeu que algo havia mudado no quarto de Colin. Já havia notado no dia anterior, mas não disse nada, pois pensou que poderia ter sido sem

querer. Ainda sem dizer nada, sentou-se e olhou fixamente para a foto sobre a lareira — pois sua cortina estava aberta. Essa era a mudança.

— Eu sei que você quer que eu fale — disse Colin ao percebê-la olhando fixamente. — Eu sempre sei quando você quer que eu fale alguma coisa. Quer saber por que a cortina está aberta. Vou mantê-la assim.

— Por quê? — perguntou Mary.

— Porque o sorriso dela não me irrita mais. Há duas noites, acordei com o luar claro e senti como se a magia enchesse o quarto e tornasse tudo tão esplêndido que não conseguia ficar parado. Eu me levantei e olhei pela janela. O quarto estava iluminado e o brilho da lua na cortina me levou a puxar a corda. Ela olhou para mim como se estivesse rindo, feliz em me ver. Fiquei com vontade de olhar mais para ela. Quero vê-la sorrindo assim o tempo todo. Quem sabe ela não era uma espécie de maga?

— Você está tão parecido com ela agora — disse Mary — que até desconfio se você não é o fantasma dela transformado em menino.

Essa ideia pareceu impressionar Colin. Ele refletiu e respondeu lentamente:

— Se eu fosse o fantasma dela, meu pai gostaria de mim.

— Você quer que ele goste de você? — perguntou Mary.

— Eu o odiava por não gostar de mim. Se ele começar a gostar agora, acho que devo contar a ele sobre a magia. Isso talvez o deixe mais feliz.

CAPÍTULO 26.

“É A MÃE!”

A crença das crianças na magia não foi passageira. Depois dos rituais da manhã, Colin às vezes lhes dava aulas sobre o assunto:

— Gosto de fazer isso — explicou ele —, porque quando eu crescer e fizer minhas grandes descobertas científicas, serei obrigado a dar palestras e, assim, já vou praticando. Só consigo dar palestras curtas agora porque ainda sou muito jovem, e além disso Ben Weatherstaff se sentiria na igreja e acabaria dormindo.

— A melhor coisa das palestra — disse Ben —, é que só ocê fala o que quer e ninguém pode discordar. Assim até eu ia gostar de dar umas palestra.

Mas quando Colin se instalava sob sua árvore, o velho Ben fixava seus olhos atentos nele. Ele o examinava com um afeto crítico. Não era tanto as palestras que o interessavam, mas as pernas do menino, que pareciam mais retas e fortes a cada dia. A cabeça de Colin se equilibrava muito bem, o queixo antes pontudo e as bochechas encovadas agora estavam cheios e arredondados, e seu olhar começava a ter a mesma luz que se lembrava ter visto em um outro par de olhos. Às vezes, quando Colin sentia o olhar sério de Ben — o que significava que ele estava muito compenetrado —, se

perguntava sobre o que o velho estaria pensando. Uma vez, quando parecia muito extasiado, ele disparou:

— No que está pensando, Ben Weatherstaff?

— Tava pensano — respondeu Ben — que ocê ganhou uns dois quilo só esta semana, aposto. Tava olhando suas panturrilha e os ombro. Eu queria é pesar ocê.

— É o feitiço e... os pãezinhos, o leite e as guloseimas da sra. Sowerby — afirmou Colin. — Está claro que a experiência científica foi um sucesso.

Naquela manhã, Dickon chegou muito tarde para ouvir a palestra. Estava corado de tanto correr e seu rosto engraçado parecia mais cintilante que o normal. Começaram a trabalhar, pois sempre havia muito o que fazer depois de uma chuvarada quente e abundante. A umidade era boa para as flores, mas também era boa para as ervas daninhas, que lançavam suas pequeninas folhas e pontas e precisavam ser arrancadas antes que enraizassem. Agora, Colin era tão bom em arrancar o mato quanto qualquer um e podia dar sua aula enquanto o fazia.

— A magia funciona melhor quando trabalhamos — disse ele naquela manhã. — Você pode sentir em seus ossos e músculos. Vou ler livros sobre ossos e músculos, mas vou escrever um livro sobre magia. Estou criando-o neste momento. Não paro de descobrir coisas.

Pouco depois de dizer isso, largou a espátula e se pôs de pé. Ficou em silêncio por vários minutos e todos perceberam que ele pensava em mais palestras, como já

era costume. Mary e Dickon acharam que seu movimento brusco fora resultado de um pensamento forte e repentino. Ele se esticou todo e lançou os braços para cima. Seu rosto brilhava e seus olhos estranhos se arregalaram de alegria. De repente, ele tivera uma iluminação.

— Mary! Dickon! — ele gritou. — Olhem só para mim!

Eles pararam de carpir e olharam.

— Vocês se lembram da primeira manhã em que me trouxeram aqui? — perguntou.

Dickon olhava para ele com muita atenção. Sendo um encantador de animais, ele podia ver mais do que a maioria das pessoas, mas quase nunca falava dessas coisas. Ele via algo naquele menino.

— Sim, me lembro — respondeu.

Mary também olhou com atenção, mas não disse nada.

— Neste minuto — disse Colin — de repente me lembrei, quando olhei para minha mão cavando com a espátula. Tive de me levantar para ver se era real. E é real! Estou bem... estou muito bem!

— Cê tá mesmo! — concordou Dickon.

— Estou bem! Estou bem! — repetiu Colin, e seu rosto ficou todo vermelho.

De certa forma, ele já desconfiava, esperava, sentia e pensava sobre aquilo, mas naquele minuto algo mais se incorporou, uma espécie de crença e compreensão arrebatadoras, tão fortes que ele não conseguiu se conter.

— Eu viverei para todo o sempre e sempre! — gritou, empolgado. — Vou descobrir milhares e milhares de coisas. Vou aprender sobre pessoas e criaturas e tudo o que cresce, como Dickon. E nunca vou parar de fazer magia. Estou bem! Estou bem! Eu sinto... sinto como se quisesse gritar algo, um agradecimento, alegria!

Ben Weatherstaff, que trabalhava perto de uma roseira, olhou para ele.

— Cê pode cantar a doxologia — ele sugeriu em seu grunhido mais seco. Ele não tinha opinião formada sobre a doxologia e sua sugestão não continha nenhuma reverência em particular.

Colin tinha uma mente exploradora mas não sabia nada sobre doxologia.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Garanto que o Dickon pode cantar pra ocê — respondeu Ben Weatherstaff.

Dickon respondeu com seu sábio sorriso de encantador de animais.

— Eles cantam na igreja — explicou Dickon. — A mãe acha que é isso que as cotovia canta quando acorda de manhã.

— Se ela diz isso, deve ser uma bela música — observou Colin. — Nunca fui a uma igreja. Sempre estive muito doente. Cante, Dickon. Quero ouvir.

Dickon era bastante humilde e atento. Sabia o que Colin sentia melhor do que o próprio. Era uma espécie de

instinto natural que nem percebia possuir. Então tirou seu boné e olhou em volta, ainda sorrindo.

— Cê tem que tirar o boné — disse ele a Colin —, e ocê também, Ben. E cê tem de ficar de pé, sabe?

Colin tirou o boné e o sol aqueceu seu cabelo grosso enquanto observava Dickon atentamente. Ben Weatherstaff se levantou, tirando o chapéu com uma expressão confusa e desconfiada em seu rosto idoso, como se não soubesse exatamente por que estava fazendo aquela coisa fora do comum.

Dickon se colocou entre as árvores e roseiras e começou a cantar de uma maneira bastante calma e direta, e com uma voz forte e bela de menino:

*Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos
emanam,*

*Que seja louvado por todas as criaturas aqui
embaixo,*

Que seja louvado o nosso Anfitrião Celestial

Que sejam louvados o Pai, o Filho e o Espírito

Santo.

Amém.

Quando terminou, Ben Weatherstaff se manteve completamente estático, com a mandíbula obstinadamente cerrada, e o olhar perturbado fixo em Colin. O rosto de Colin estava contemplativo.

— É uma música muito boa — disse ele. — Gostei. Talvez signifique exatamente a mesma coisa quando grito

que sou grato à magia. — Ele parou e pensou, intrigado. — Talvez sejam a mesma coisa. Como podemos saber os nomes exatos de tudo? Cante de novo, Dickon. Vamos tentar, Mary. Eu quero cantar também. É a minha música. Como começa? “Louvado seja Deus, de quem todas as bênçãos emanam?”

E cantaram novamente. Mary e Colin ergueram suas vozes o mais alto que podiam e a de Dickon era muito afinada e bela. No segundo verso, Ben Weatherstaff limpou a garganta profundamente e no terceiro se juntou ao coro com tanto vigor que parecia quase um selvagem. E quando chegaram no “Amém” final, Mary observou que acontecia a mesma coisa de quando ele descobriu que Colin não era aleijado: seu queixo tremia, seus olhos piscavam e suas velhas bochechas enrugadas estavam molhadas.

— Eu num via sentido na doxologia antes — disse ele com a voz rouca —, mas acho que mudei de ideia. Acho que cê engordou uns três quilo esta semana, patrão Colin. Uns três quilo!

Colin desviou o olhar para algo que atraiu sua atenção e uma expressão de surpresa tomou seu rosto.

— Quem está entrando? — exclamou em seguida. — Quem é?

A porta do muro coberta de hera foi empurrada suavemente e uma mulher entrou. Havia entrado ainda no último verso da música e se manteve parada, ouvindo e apreciando a cena. Com a hera atrás dela, a luz do sol

filtrada por entre as árvores salpicava seu longo manto azul-céu, e seu rosto belo e vivaz sorria por entre a vegetação. Ela parecia uma ilustração lindamente colorida de um dos livros de Colin. Tinha olhos lindos e afetuosos que pareciam absorver tudo, todos, até mesmo Ben Weatherstaff e as criaturas, e todas as flores que desabrochavam. Mesmo com sua aparição tão inesperada, ninguém ali sentiu que era uma intrusa entre eles. Os olhos de Dickon brilharam como lâmpadas.

— É a mãe! É ela mesmo! — gritou e saiu correndo pela grama.

Colin começou a se mover em sua direção também, e Mary o acompanhou. Ambos sentiram seus corações acelerar.

— É a mãe! — Dickon disse novamente quando se encontraram no meio do caminho. — Ela queria conhecer ocês e contei pra ela onde ficava a porta.

Colin acenou, ruborizado de timidez, mas com os olhos fixos no rosto da mulher.

— Desde quando eu era doente já queria conhecer você — disse ele. — Você, Dickon e o jardim secreto. Eu nunca quis conhecer mais ninguém antes.

A visão de seu rosto provocou uma mudança repentina no dela. Ela corou, os cantos de sua boca tremeram e uma névoa pareceu cobrir seus olhos.

— Eita, rapaz! Meu amado! — ela não se conteve, trêmula. — Eita, meu amado rapaz! — Como se não

conseguisse se conter. Ela não disse “patrão Colin”, mas sim “amado rapaz”. As mesmas palavras caberiam a Dickon se ela visse algo em seu rosto que a tocasse. Colin gostou.

— Está surpresa por me ver tão bem? — ele perguntou. Ela colocou a mão em seu ombro e sorriu para dissipar a névoa de seus olhos.

— Isso eu tô sim! — exclamou ela — Mas cê tá tão parecido com a sua mãe que meu coração até deu um pulo.

— Você acha — disse Colin, um pouco sem jeito — que agora meu pai vai gostar de mim?

— Vai, sim, meu amado rapaz — ela respondeu com um tapinha em seu ombro. — Ele vai voltar pra casa, vai sim.

— Susan Sowerby — disse Ben Weatherstaff, aproximando-se dela. — Dá só uma olhada nas perna desse rapaz! Elas parecia uns pé de banquetta até dois mês atrás, e o povo falava que elas era arqueada e que os joelho só ficava dobrado. Olha pra ele agora!

Susan Sowerby deu uma risada satisfeita.

— Vão ser umas perna forte de um moço bom daqui a pouco — admirou-se ela. — Deixa ele continuar brincano e trabalhano no jardim, comeno e bebeno bastante leite doce e não vai ter melhor par de perna em Yorkshire, graças a Deus.

Ela pousou ambas as mãos nos ombros da srta. Mary e fitou seu rostinho de um modo maternal.

— Eocê também! — continuou a mulher. — Cê já tá quase tão viçosa como a nossa Lizabeth Ellen. Garanto que também é parecida com a sua mãe. A nossa Martha me contou que a sra. Medlock soube que ela era uma mulher muito bonita. Cê vai ser igual a uma rosa vermelha quando crescer, minha mocinha, Deus te abençoe.

Ela não mencionou que quando Martha chegou em casa naquele seu “dia de folga” e a descrevera como uma criança pálida e frágil, disse também que talvez a sra. Medlock tivesse entendido errado.

— Não tem lógica uma mulher bonita ser mãe de uma menina tão desgraçada — acrescentou ela rispidamente.

Mary não teve tempo de prestar muita atenção à mudança em seu rosto. Ela só sabia que parecia “diferente” e que agora seus cabelos estavam mais vistosos e cresciam mais rápido. Mas, lembrando-se de seu prazer em admirar Mem Sahib no passado, ela ficou feliz em saber que um dia ela talvez se parecesse com ela.

Apresentaram a Susan Sowerby cada arbusto e árvore que haviam trazido de volta à vida e a puseram a par de toda a história. Colin caminhava de um lado dela e Mary do outro. Não conseguiam deixar de olhar para o seu amigável rosto corado, secretamente curiosos sobre a sensação deliciosa que ela lhes causava — uma espécie de sentimento morno e perene. Parecia que ela os entendia como Dickon entendia suas criaturas. Ela curvou-se sobre as flores e falou com elas como se fossem crianças. Fuligem

a seguiu e uma ou duas vezes crocitou para ela sobre seu ombro, como se fosse o de Dickon. Quando lhe contaram sobre o pisco e o primeiro voo dos filhotes, ela deu uma risadinha maternal e doce.

— Acho que aprender a voar é igual a aprender a andar, mas acho que ficaria preocupada se os meus filho tivesse asa em vez de perna — brincou ela.

E porque ela era aquela mulher tão maravilhosa, moradora da charneca, eles finalmente lhe contaram sobre a magia.

— Você acredita em magia? — perguntou Colin, depois de explicar sobre os faquires indianos. — Aposto que sim.

— Acredito, rapaz — respondeu ela. — Nunca era esse nome que eu usava, mas o que é um nome, não é mesmo? Aposto que chamam ela de um nome diferente na França e de outro na Alemanha. É o que plantar as semente e o brilho do sol fizeram com ocê, que agora virou um rapaz saudável. Essa é a Coisa Boa. É diferente de nós, pobres diabo, que acredita que faz diferença sermo chamado pelos nosso nome. A Grande Coisa Boa nunca descansa, graças a Deus. Ela num para de fazer mundos novo, milhões deles, mundos como o nosso. Nunca deixe de acreditar na Grande Coisa Boa e de lembrar que o mundo está cheio dela... pode chamar do que quiser. Cê tava cantano pra ela quando eu entrei no jardim.

— Eu me senti tão feliz — disse Colin, abrindo seus lindos e estranhos olhos para ela. — De repente, senti

como eu fosse diferente... como se meus braços e pernas estivessem mais fortes, sabe? E eu podia cavar e ficar de pé, então pulei e quis gritar alto para que todos me ouvissem.

— A magia ouviu ocê cantano a doxologia. Mas ela ia ouvir qualquer outra coisa que ocê cantasse. O que importava era a sua alegria. Eita! Rapaz, meu rapaz... o criador da felicidade pode ter muitos nome diferente! — E novamente deu um tapinha suave em seus ombros.

Ela havia trazido uma cesta com o costumeiro banquete naquela manhã. Quando a hora da fome chegou e Dickon a tirou de seu esconderijo, a sra. Sowerby sentou-se com eles sob a árvore e os observou devorar sua comida, rindo orgulhosa de seus apetites. Ela era muito divertida e os fazia rir, contando todo tipo de coisas extravagantes. Contou a eles histórias em um Yorkshire carregado e eles aprenderam novas palavras. Ela riu como se não pudesse evitar quando lhe contaram sobre a crescente dificuldade em fingir que Colin ainda era um inválido irritadiço.

— Agora entende por que não conseguimos parar de rir quando estamos juntos? — explicou Colin. — E não é maldade. Nós tentamos segurar as risadas, mas elas escapam ainda mais altas.

— Há uma coisa que sempre me vem à mente — disse Mary —, e não consigo evitar de pensar nisso de repente. Fico pensando sobre quando o rosto de Colin ficar parecido

com uma lua cheia. Ainda não se parece, mas ele engorda um pouquinho a cada dia. E vai chegar o dia em que ele se parecerá com uma lua cheia... o que faremos?!

— Deus me livre, imagino o trabalho que cês tão teno pra esconder isso dos outro — disse Susan Sowerby. — Mas cês num vão ter que esperar muito mais tempo. O patrão Craven vai voltar pra casa.

— Você acha que ele vai voltar? — perguntou Colin. — Por quê?

Susan Sowerby riu baixinho.

— Acho que cê ficaria de coração partido se ele ficasse sabeno dessa história toda por outra pessoa que não ocê — disse ela. — Cê passou noites em claro planejano.

— Não suportaria se outra pessoa contasse a ele — concordou Colin. — Todos os dias eu penso em maneiras diferentes de contar. Agora, por exemplo, eu adoraria entrar correndo no quarto dele.

— Seria um bom começo — disse Susan Sowerby. — Eu adoraria ver o rosto dele, menino. Se gostaria! Ele vai voltar logo, vai sim.

Um dos principais assuntos foi a visita que fariam ao chalé dela. Eles planejaram tudo. Deveriam atravessar a charneca e almoçar ao ar livre entre as urzes. Conheceriam todas as doze crianças e o jardim de Dickon e não voltariam antes de estarem muito cansados.

Susan Sowerby finalmente se levantou para voltar à mansão onde a sra. Medlock a esperava. Era hora de Colin

ir embora também. Mas antes de se sentar em sua cadeira, ele ficou bem perto de Susan e fixou os olhos nela com uma idolatria perplexa, até que, repente, ele agarrou a borda de seu manto azul e o segurou com firmeza.

— Você é exatamente o que eu... o que eu queria — disse ele. — Queria que você fosse minha mãe, assim como de Dickon!

De repente, Susan Sowerby se abaixou e o puxou contra o peito, sob o manto, como se ele fosse mesmo irmão de Dickon. A névoa rápida varreu seus olhos.

— Eita! Meu rapaz amado! — enterneceu-se. — Eu acredito que a sua mãe mora neste jardim. Ela não conseguiria ficar longe. Seu pai vai voltar para você, vai sim!

CAPÍTULO 27.

NO JARDIM

Desde o início do mundo, coisas maravilhosas são descobertas a cada século. No último, as descobertas foram ainda mais surpreendentes que nos anteriores. Neste novo século, outras centenas, ainda mais inacreditáveis, serão trazidas à luz. No início, as pessoas se recusam a acreditar que uma coisa diferente possa ser realizada, depois começam a ter esperanças, e então veem que é possível. Quando algo assim é realizado, todos se perguntam por que não o fizeram séculos atrás. Uma das novidades que as pessoas começaram a descobrir no século passado foi que os pensamentos — meros pensamentos — são tão poderosos quanto baterias elétricas e tão bons às pessoas como a luz do sol — ou tão ruins como veneno. Deixar um pensamento triste ou ruim se fixar em sua mente é tão perigoso quanto deixar o germe da escarlatina habitar seu corpo. Se deixamos um pensamento entrar em nossa mente e permanecer nele, talvez nunca mais consigamos vencê-lo, até o final da vida.

Enquanto a mente de dona Mary estava cheia de pensamentos desagradáveis, de aversões e opiniões amargas sobre as pessoas — junto com sua determinação de não sentir prazer ou interesse em nada —, ela era uma criança de rosto amarelado, doente, entediada e miserável.

As circunstâncias, no entanto, foram muito gentis com ela, embora sequer tivesse consciência disso. Elas começaram a empurrá-la rumo ao seu próprio bem. Quando sua mente gradualmente se encheu de piscos e cabanas lotadas de crianças, com velhos jardineiros ranzinzas e donzelas comuns de Yorkshire, com a primavera e jardins secretos ganhando vida dia após dia, e também com um rapaz e suas criaturas, não havia mais lugar para pensamentos ruins que afetavam seu fígado e sua digestão e a deixavam pálida e cansada.

Enquanto Colin ficava trancado em seu quarto, sozinho com seus medos, fraquezas e sua repulsa pelas pessoas que olhavam para ele, refletia a todo momento sobre deformações e morte prematura. Ele era um pequeno hipocondríaco histérico, meio louco, que nada sabia sobre o sol ou a primavera e que também não sabia que poderia sarar e ficar em pé, se tentasse. Quando novos e belos pensamentos começaram a expulsar os antigos, a vida começou a voltar para ele, seu sangue se acelerou em suas veias e a força se espalhou como uma inundação. Sua experiência científica era bastante prática e simples e não havia nada de errado com ela. Coisas muito mais surpreendentes podem acontecer a qualquer pessoa que, ao ser tomada por um pensamento desagradável ou desanimador, simplesmente tem o bom senso de perceber a tempo e empurrá-lo para fora, substituindo-o por outro,

agradável e corajoso. Duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar.

*Se você cultivar uma roseira, meu menino,
Nunca crescerá um cardo.*

Enquanto o jardim secreto e duas crianças ganhavam vida, um homem vagava por lugares magníficos e longínquos, nos fiordes noruegueses e nos vales e montanhas da Suíça. Era um homem que por dez anos guardara em sua mente pensamentos sombrios de partir o coração. Não tinha sido corajoso, pois nunca tentara colocar algum outro tipo de pensamento no lugar daqueles. Pensava neles mesmo quando via lagos azuis; e também quando se deitava nas encostas das montanhas com lençóis de gencianas de um azul profundo florescendo ao seu redor e as emanações das flores que dominavam o ar. Uma terrível tristeza recaiu sobre ele em tempos felizes e ele deixou sua alma se encher de escuridão, proibindo obstinadamente que qualquer raio de luz a iluminasse. Ele havia se esquecido e abandonado sua casa e seus deveres. Quando viajava, sua escuridão o acompanhava e sua mera aparência fazia mal a outras pessoas, porque era como se o ar ao seu redor estivesse envenenado por sombras. A maioria dos estranhos julgava que devia ser meio louco ou alguém que esconde um grave crime no fundo da alma. Ele era um homem alto, de rosto tenso e ombros tortos, e o nome que sempre anotava nos registros dos hotéis era:

“Archibald Craven, Mansão Misselthwaite, Yorkshire, Inglaterra”.

Sua viagem já durava muito tempo, desde o dia em que vira dona Mary em seu escritório e dissera que ela poderia ter seu “pedaço de terra”. Estivera nos lugares mais belos da Europa, embora não tenha permanecido em nenhum deles por mais de poucos dias. Escolhia os locais mais silenciosos e remotos. Estivera em montanhas cujos cumes tocavam as nuvens, de onde olhava para outras montanhas sob o sol nascente que as iluminava, fazendo parecer que era o mundo todo que nascia.

Mas a luz nunca conseguia tocá-lo, até o dia em que percebeu que, pela primeira vez em dez anos, algo estranho ocorrera. Ele estava em um magnífico vale no Tirol austríaco, caminhando sozinho por uma beleza que poderia resgatar das sombras a alma de qualquer homem. Já caminhava há muito tempo, mas ainda não havia encontrado seu caminho. Então finalmente sentiu-se cansado e deitou-se sobre um tapete de musgo perto de um riacho. Era um riacho estreito e límpido que corria alegremente ao longo da estreita trilha por entre a luxuriante vegetação úmida. Às vezes, as águas soavam como uma risada muito baixa, ao borbulharem pelas pedras arredondadas. Ele viu pássaros pousarem e mergulharem suas cabeças para beber água, e depois batiam suas asas e voavam para longe. Tudo parecia estar

vivo, e aquele cochicho fazia a quietude parecer ainda mais profunda. O vale estava muito, muito silencioso.

Sentado ali, olhando para a corredeira de água transparente, Archibald Craven gradualmente sentiu sua mente e seu corpo se acalmarem, tão silenciosos quanto o próprio vale. Achou que cairia no sono, mas não dormiu. Ele se endireitou e olhou para os raios do sol reluzindo na água e seus olhos começaram a ver as coisas crescendo em suas margens. Havia um adorável grupo de miosótis azuis, tão próximos ao riacho que suas folhas ficavam submersas e ele se viu olhando para aquilo como costumava olhar para outras maravilhas, anos antes. Na verdade, via tudo com ternura e admirava o encantador azul daquelas centenas de pequenas flores. Não percebia que aquele simples pensamento lentamente tomava sua mente — preenchendo-a cada vez mais até que o resto fosse lentamente colocado de lado. Era como se uma fonte clara e doce começasse a brotar em um tanque estagnado, e vertia e se derramava até finalmente varrer a água escura. Mas é claro que ele mesmo não pensou em nada disso. Ele só sentia que o vale ficava cada vez mais silencioso enquanto se mantinha sentado, olhando para o azul delicado e cintilante. Não sabia há quanto tempo já estava ali ou o que se passava dentro dele, mas finalmente se moveu como se despertasse e se levantou devagar. Ficou de pé no tapete de musgo, respirando longa, profunda e suavemente e refletindo sobre si mesmo. Algo parecia ter

se revolvido e se desprendido em seu interior, sem o menor ruído.

— O que é isso? — disse ele, quase em um sussurro, e passou a mão pela testa. — Quase sinto como se eu... estivesse vivo!

Não conheço o suficiente sobre as maravilhas ainda ocultas para ser capaz de descrever como aquilo aconteceu. Mas ninguém mais seria capaz. Ele não entendeu nada, mas se lembraria desse estranho momento meses depois, quando, de volta a Misselthwaite, descobriria por acaso que naquele mesmo dia Colin gritara ao entrar no jardim secreto:

— Eu vou viver para todo o sempre e sempre!

A calma singular permaneceu com ele pelo resto da noite e ele dormiu um sono revigorante; mas não permaneceu por muito tempo além disso. Ele não sabia que a calma poderia ser preservada. Na noite seguinte, escancarou as portas para seus pensamentos sombrios e todos eles voltaram correndo. Ele deixou o vale e voltou ao seu caminho sem rumo. Mas, por mais estranho, houve minutos — às vezes horas — em que, sem saber por que, o fardo negro parecia aliviar suas costas e algo o fazia saber que era um homem vivo e não morto. Lentamente — muito lentamente —, sem nenhuma razão conhecida, ele estava “voltando à vida” junto com o jardim.

Conforme o dourado-claro do verão se transformava no dourado-escuro do outono, ele chegou ao lago de

Como. Lá encontrou a beleza de um sonho. Passou dias no azul cristalino do lago ou no verde macio e espesso das colinas e vagava até se cansar e dormir. Mas a essa altura já percebia que começara a dormir melhor e que seus sonhos haviam deixado de ser pesadelos.

— Talvez — pensou ele — meu corpo esteja ficando mais forte.

Estava ficando, mas — por causa das raras horas de paz em que seus pensamentos mudavam — sua alma também se fortalecia lentamente. Ele começou a pensar em Misselthwaite e a ponderar se não era hora de voltar para casa. De vez em quando, se perguntava vagamente sobre seu filho e o que deveria sentir quando estivesse ao lado da cama de quatro colunas, olhando para seu rosto branco-marfim enquanto ele dormia, seus impressionantes cílios negros costurando seus olhos fechados. Encolheu-se só de pensar.

Em outro dia maravilhoso, caminhou tanto que, quando voltou, a lua brilhava alta e cheia e tudo eram sombras roxas e raios prateados. A quietude do lago, da praia e da floresta eram tão maravilhosas que ele não entrou na vila em que se hospedava. Desceu até um pequeno terraço coberto à beira da água, sentou-se em um banco e respirou todos os aromas celestiais da noite. Sentiu uma estranha calma tomar conta de seu corpo, que foi ficando cada vez mais profunda até que ele adormeceu.

Sem perceber que dormia, começou a sonhar. Era um sonho extremamente real. Posteriormente ele se lembraria de como se sentia acordado e alerta enquanto sonhava. Sentado, respirando o perfume das rosas tardias e ouvindo o bater da água a seus pés, imaginou ouvir uma voz chamando. Era doce, clara, feliz e distante. Parecia vir de muito longe, mas era possível entendê-la perfeitamente, como se estivesse ao seu lado.

— Archie! Archie! Archie! — dizia a voz, e então novamente, mais doce e clara do que antes: — Archie! Archie!

Levantou-se assustado. Era uma voz tão real e parecia natural que ele a ouvisse.

— Lílias! Lílias! — ele respondeu. — Lílias! Onde você está?

— No jardim. — A voz soou como o som de uma flauta dourada. — No jardim!

E então o sonho terminou. Mas ele não acordou. Dormiu profunda e tranquilamente durante toda aquela noite adorável. Quando finalmente despertou na manhã ensolarada, um criado estava ao seu lado. Era um criado italiano já acostumado, como todos os criados da propriedade, a aceitar sem questionar qualquer coisa que seu patrão estrangeiro pudesse fazer. Ninguém jamais sabia quando ele sairia ou entraria, onde escolheria dormir, se vagaria pelo jardim ou se ficaria no barco a noite toda. O homem segurava uma bandeja com algumas cartas

e esperou em silêncio até que o sr. Craven as pegasse. Depois que o homem se foi, o sr. Craven sentou-se por alguns instantes com as cartas na mão e os olhos fixos no lago. A calma ainda pairava sobre ele, mas havia algo mais — uma leveza, como se o acontecimento cruel pelo qual sofria não tivesse ocorrido da forma como ele sempre pensara. Algo havia mudado. Ele se lembrava do sonho — muito, muito real.

— No jardim! — ele repetiu, confuso. — No jardim! Mas a porta está trancada e a chave enterrada.

Quando voltou a olhar para as cartas, notou que no topo delas havia uma em inglês enviada de Yorkshire. Tinha uma caligrafia comum de mulher, mas não era nenhuma que ele conhecesse. Abriu a carta, mal pensando em sua autora, mas as primeiras palavras chamaram sua atenção imediatamente:

Prezado Senhor,

Sou Susan Sowerby, que certa vez se atreveu a lhe dirigir a palavra na charranca. Falei sobre a srta. Mary. Agora, novamente me atrevo a falar. Por favor, senhor, se eu fosse o senhor, voltaria para casa. Acho que ficaria feliz se viesse e — se me permite, senhor — acho que sua esposa pediria o mesmo se estivesse aqui.

Sua eterna criada,

Susan Sowerby.

O sr. Craven leu a carta duas vezes antes de colocá-la de volta no envelope. O sonho não saía de sua cabeça.

— Vou voltar a Misselthwaite — disse ele. — Sim, partirei imediatamente.

Seguiu pelo jardim até a casa-sede e ordenou que Pitcher preparasse seu retorno à Inglaterra.

Em poucos dias ele chegava a Yorkshire e, em sua longa viagem de trem, percebera que pensava em seu filho como nunca nos últimos dez anos. Durante aqueles anos, desejava apenas esquecê-lo. Agora, embora não tivesse a intenção de pensar nele, memórias do menino habitavam sua mente sem trégua. Ele relembrava dos dias negros em que delirava como um louco porque a criança estava viva e a mãe morta. Recusava-se a vê-lo, e quando o via, era uma coisa tão fraca e miserável que todos tinham certeza de que morreria em breve. Mas para a surpresa de quem cuidava dele, os dias se passaram e ele sobreviveu, e então todos acreditaram que seria uma criatura deformada.

Ele não pretendia ser um mau pai, mas não se sentia como um. Havia providenciado médicos, enfermeiras e luxos, mas se encolhia só de pensar no menino e se enterrava em sua própria miséria. Da primeira vez em que se ausentou por quase um ano, ao retornar a Misselthwaite viu a pequena coisa de aparência miserável e lânguida indiferentemente erguer seus grandes olhos cinzentos com cílios negros para olhá-lo. Eram tão parecidos e, no entanto, tão horrivelmente diferentes dos olhos felizes que

ele adorava, que não suportou e desviou-se, pálido como um cadáver. Depois disso, quase não viu mais o menino, exceto quando dormia, e tudo o que sabia era que ele era um inválido de temperamento ruim, histérico e meio insano. Só era possível mantê-lo protegido de suas avassaladoras fúrias atendendo a cada um de seus mínimos desejos.

Nada disso era edificante de se lembrar, mas enquanto o trem o levava por cordilheiras e planícies, o homem que “ganhava vida” começou a pensar de uma nova maneira e ponderou longa, constante e profundamente.

— Talvez eu esteja errado há dez anos — disse para si mesmo. — Dez anos é muito tempo. Talvez já seja tarde demais para fazer alguma coisa, tarde demais. No que eu estive pensando?

Claro que esse era o feitiço errado — começar dizendo “tarde demais”. Até Colin poderia ter dito isso a ele. Mas ele não sabia nada sobre magia — nem da negra nem da branca. Era algo que ainda precisava aprender.

Perguntou-se se Susan Sowerby havia tomado coragem e escrito para ele apenas porque era uma criatura maternal e havia percebido que o menino piorara muito — que estava mortalmente doente. Se não estivesse sob o feitiço da curiosa calma que se apossara dele, estaria mais miserável do que nunca. Mas a calma trouxe consigo uma espécie de coragem e esperança. Em vez de ceder aos piores

pensamentos, percebeu que tentava acreditar em dias melhores.

“Será que ela acredita que posso cuidar melhor dele e controlá-lo?”, ele pensou. “Vou parar para vê-la no meu caminho para Misselthwaite.”

Mas quando, em seu caminho pela charneca, ele parou a carruagem na cabana, sete ou oito crianças que brincavam ali se reuniram e fizeram reverências cordiais e educadas. Disseram a ele que sua mãe havia ido para o outro lado da charneca no início da manhã, para ajudar uma mulher e seu novo bebê. “Nosso Dickon”, eles explicaram, estava na mansão trabalhando em um dos jardins, aonde ia vários dias por semana.

O sr. Craven olhou para aqueles corpinhos robustos e rostos redondos de bochechas vermelhas, cada um sorrindo com sua maneira peculiar, e constatou que eram saudáveis e felizes. Ele sorriu de volta, tirou uma libra de ouro do bolso e deu para “nossa Lizabeth Ellen”, a mais velha deles.

— Se dividir isto em oito, terá meia coroa¹³ para cada um de vocês — disse ele.

Então, em meio a sorrisos, risadas e reverências, ele deixou para trás a alegria plena, cotovelos se cutucando e pequenos pulos empolgados.

A viagem pelas maravilhas da charneca foi reconfortante. Dava a ele uma sensação de volta ao lar que tinha certeza de que nunca sentiria novamente — o

consolo da beleza da terra, do céu e da florada roxa à distância, e um calor no coração ao se aproximar do grande e velho casarão que abrigou os de seu sangue por seiscentos anos. Da última vez em que havia se afastado dali, tremia ao pensar em seus quartos fechados e no menino deitado na cama de quatro colunas com cortinas de brocado. Seria possível que talvez tivesse melhorado um pouco e que pudesse superar sua aversão a ele? Aquele sonho fora extremamente real, com a voz que o chamava de volta: “No jardim, no jardim!”

— Vou tentar encontrar a chave — disse ele. — Vou tentar abrir a porta. Preciso, mas não sei por quê.

Quando ele chegou à mansão, os criados que o receberam com a cerimônia habitual notaram que parecia melhor e que não se dirigiu para os quartos remotos onde costumava ser servido por Pitcher. Ele foi à biblioteca e mandou chamar a sra. Medlock. Ela chegou um tanto aflita, curiosa e nervosa.

— Como está o patrão Colin, Medlock? — ele perguntou.

— Bem, senhor — respondeu ela. — Ele... ele está diferente, por assim dizer.

— Piorou? — ele arriscou.

A sra. Medlock realmente estava corada.

— Bem, veja bem, senhor — ela tentou explicar —, nem o dr. Craven, nem a enfermeira e nem eu conseguimos entender exatamente.

— Como assim?

— Para dizer a verdade, senhor, o patrão Colin pode estar melhor, mas também pode ter piorado. Seu apetite, senhor, está além da compreensão... e seus modos...

— Ele se tornou mais... ainda mais peculiar? — o patrão perguntou, franzindo as sobrancelhas ansiosamente.

— É isso, senhor. Ficou ainda mais peculiar quando o comparamos com o que costumava ser. Ele não comia nada e de repente começou a comer como um lobo... e então parou de repente, e as refeições eram trazidas de volta intocadas, como antes. Talvez o senhor não soubesse, mas ele nunca se deixava levar para fora da casa. As coisas que passamos para fazê-lo sair em sua cadeira fariam qualquer um tremer como folha em tempestade. Seus ataques eram tão violentos que o dr. Craven dizia que não se responsabilizaria por forçá-lo. Bem, senhor, sem aviso algum, não muito depois de um de seus piores acessos de raiva, de repente ele passou a insistir em ser levado todos os dias pela srta. Mary e pelo filho de Susan Sowerby, Dickon, que era capaz de empurrar sua cadeira. Passou a gostar da srta. Mary e de Dickon, que trazia seus animais domesticados e, por incrível que pareça, senhor, agora ele fica ao ar livre de manhã até a noite.

— E a sua aparência? — Foi a próxima pergunta.

— Se ele estivesse comendo normalmente, senhor, acharia que ele está engordando, mas tememos que possa

ser uma espécie de inchaço. Ele às vezes ri de um jeito estranho quando está sozinho com a srta. Mary. Ele nunca ria de nada. O dr. Craven virá imediatamente, se o senhor permitir. Ele nunca ficou tão confuso em sua vida.

— Onde está o patrão Colin agora? — perguntou o sr. Craven.

— No jardim, senhor. Ele está sempre no jardim, embora nenhuma criatura humana tenha permissão para se aproximar, por medo de que olhem para ele.

O sr. Craven mal ouviu suas últimas palavras.

— No jardim — disse ele, e depois de dispensar a sra. Medlock, levantou-se e repetiu várias vezes. — No jardim!

O sr. Craven teve de se esforçar para voltar à realidade e quando sentiu seus pés novamente na terra, virou-se e saiu da sala. Seguiu pela calçada, assim como Mary havia feito, através da porta entre os arbustos e entre os pés de louro e os canteiros da fonte. A fonte agora funcionava e estava rodeada por canteiros de flores outonais acetinadas. Ele cruzou o gramado e entrou na longa calçada que acompanhava os muros de hera. Andava devagar e seus olhos se mantinham no chão. Sentia-se como que atraído de volta ao lugar que abandonara há tanto tempo, mas não sabia por quê. À medida em que se aproximava, seu passo tornou-se ainda mais lento. Sabia onde ficava a porta, embora a hera pendesse grossa sobre ela, mas não sabia exatamente onde havia enterrado a chave.

Então ele parou e ali ficou, olhando em volta, e quase em seguida começou a ouvir algo. Pensou se não vivia um sonho.

A hera pendia grossa sobre a porta, a chave estava enterrada sob os arbustos, nenhum ser humano havia passado por aquele portal em dez solitários anos — e ainda assim, dentro do jardim havia sons. Eram sons de passos correndo por entre as árvores, sons de vozes abafadas, exclamações e gritos contidos. Na verdade, parecia o riso de coisas jovens, o riso incontrolável de crianças que tentam não ser ouvidas, mas que em um momento ou outro — conforme sua empolgação foge do controle — escapam. O que, em nome dos céus, ele sonhava? O que, em nome dos céus, ele ouvia? Estaria ele perdendo a razão e ouvindo coisas que não eram adequadas a ouvidos humanos? Era isso o que a voz tentara lhe dizer?

E então chegou o momento em que os sons se esqueceram de se controlar. Os pés corriam cada vez mais rápido — para perto da porta do jardim. Ouviu-se uma respiração ofegante de jovens e uma explosão selvagem de risos. A porta no muro se escancarou, os ramos de hera se sacudiram para trás, e um menino passou por ela a toda velocidade, sem nem perceber o forasteiro e quase caindo em seus braços.

O sr. Craven o segurou bem a tempo de salvá-lo da queda que resultaria de sua investida cega contra ele e, ao segurá-lo, surpreso, quase engasgou.

Era um menino alto e bonito. Brilhava de vida e sua corrida colorira seu rosto de maneira esplêndida. Ele jogou o cabelo grosso para trás e ergueu um par de distintos olhos cinzentos — olhos cheios de alegria de menino, enfeitados com uma franja de cílios negros. Foram aqueles olhos que tiraram o fôlego do sr. Craven.

— Quem... o quê? Você! — ele gaguejou.

Não era isso o que Colin esperava, não era o que ele havia planejado. Nunca imaginou o encontro assim. E, no entanto, sair correndo e vencer uma corrida talvez fosse ainda melhor. Ele se ergueu em sua altura máxima. Mary, que o havia seguido porta afora, achou que até parecia alguns centímetros mais alto.

— Pai — disse ele —, sou eu, Colin. Você não vai acreditar. Eu mesmo mal posso acreditar. Sou Colin.

Assim como a sra. Medlock, Colin não entendeu o que seu pai queria dizer, repetindo sem parar:

— No jardim! No jardim!

— Sim — apressou-se Colin. — Foi o jardim que fez isso! E Mary, Dickon e as criaturas... e a magia. Ninguém sabe. Mantivemos o segredo até que você voltasse. Estou bem, posso vencer Mary em uma corrida. Serei um atleta.

Ele disse tudo aquilo como um menino plenamente saudável, com o rosto vermelho e as palavras tropeçando umas nas outras em sua ansiedade. A alma do sr. Craven estremeceu com uma alegria incrédula.

Colin estendeu a mão e pousou-a no braço do pai.

— Não ficou feliz, pai? — ele concluiu. — Não está feliz? Eu vou viver para todo o sempre!

O sr. Craven colocou as mãos nos ombros do menino e se manteve imóvel. Ele sabia que não deveria ousar falar por um momento.

— Leve-me para o jardim, meu menino — disse, finalmente. — E me conte tudo.

E então eles o conduziram.

O lugar fervilhava com o ouro outonal em tons de roxo, azul, violeta e escarlate flamejante, e por todos os lados havia feixes de lírios tardios brancos ou mesclados de rubi. Ele se lembrava bem de quando o primeiro deles fora plantado, para que justamente nesta estação do ano suas últimas glórias se revelassem. Roseiras temporãs subiam, pendiam e se enroscavam, e o sol aprofundava o matiz das folhas amareladas, transformando tudo em um templo dourado e ornamentado. O recém-chegado ficou em silêncio, assim como as crianças ficaram quando entraram ali pela primeira vez. Ele não parava de olhar à sua volta.

— Achei que estaria morto — murmurou.

— Mary também pensou assim no começo — disse Colin. — Mas ele ganhou vida.

Em seguida, sentaram-se sob a árvore — todos menos Colin, que preferiu ficar em pé para contar a história.

Aquela era a história mais inacreditável que já ouvira, pensou Archibald Craven, enquanto o empolgado jovem transbordava em palavras. Mistério, magia e criaturas

selvagens, o fantasmagórico encontro dos primos à meia-noite, a chegada da primavera, a força do orgulho ferido que levou o jovem rajá a se levantar e desafiar o velho Ben Weatherstaff. A inesperada amizade, toda a atuação dramática, o grande segredo guardado com tanto cuidado. O ouvinte riu até que lágrimas brotassem de seus olhos e outras vezes lágrimas brotaram, mas sem que ele risse. O atleta, conferencista e explorador científico era um jovem divertido, amado e saudável.

— Agora — disse ele ao encerrar a história —, o segredo pode ser revelado. Ouso dizer que talvez até se assustem quando me virem, mas nunca mais me sentarei na cadeira. Vamos voltar para casa caminhando juntos, pai.

As obrigações de Ben Weatherstaff raramente o tiravam dos jardins, mas nesta ocasião ele deu uma desculpa para levar alguns vegetais para a cozinha e ser convidado pela sra. Medlock para um copo de cerveja no salão dos criados. Ele estava ali, conforme planejava, quando o evento mais dramático que a Mansão Misselthwaite já presenciara aconteceu diante de seus olhos. Uma das janelas dava para o pátio gramado. A sra. Medlock, sabendo que Ben viera dos jardins, esperava que ele tivesse visto seu patrão e até mesmo, por acaso, o patrão Colin.

— Viu algum deles, Weatherstaff? — ela perguntou.

Ben tirou a caneca de cerveja da boca e enxugou os lábios com as costas da mão.

— Vi sim — ele respondeu com um ar bastante provocador.

— Os dois? — arriscou a sra. Medlock.

— Os dois — respondeu Ben Weatherstaff. — Muito obrigado, senhora. Eu até tomaria outra.

— Juntos? — insistiu ansiosa a sra. Medlock, enchendo apressadamente sua caneca de cerveja.

— Juntinhos, senhora. — E tomou metade de sua nova caneca de um só gole.

— Onde estava o patrão Colin? Ele estava bem? O que disseram um ao outro?

— Isso eu num ouvi, não — disse Ben. — Eu tava na escada olhando por cima do muro. Mas uma coisa eu vou falar. Tem umas coisa acontecendo lá fora que ninguém daqui desconfia. E você vai descobrir tudinho, logo, logo.

E em dois minutos ele virou o último gole de sua cerveja e apontou solenemente com sua caneca em direção à janela que dava para o gramado.

— Olha lá — disse ele —, se tiver curiosa. Olha lá o que tá acontecendo na grama.

Quando a sra. Medlock olhou, ergueu suas mãos e deu um grito agudo. Todos os criados que a ouviram, homens e mulheres, dispararam pelo salão para olhar pela janela. Seus olhos quase saltaram das órbitas.

Do outro lado do gramado vinha o patrão de Misselthwaite com um semblante que poucos deles já haviam visto. Ao seu lado, de cabeça erguida e olhos cheios

de luz, caminhava o patrão Colin, tão forte e firme quanto qualquer outro menino de Yorkshire.